

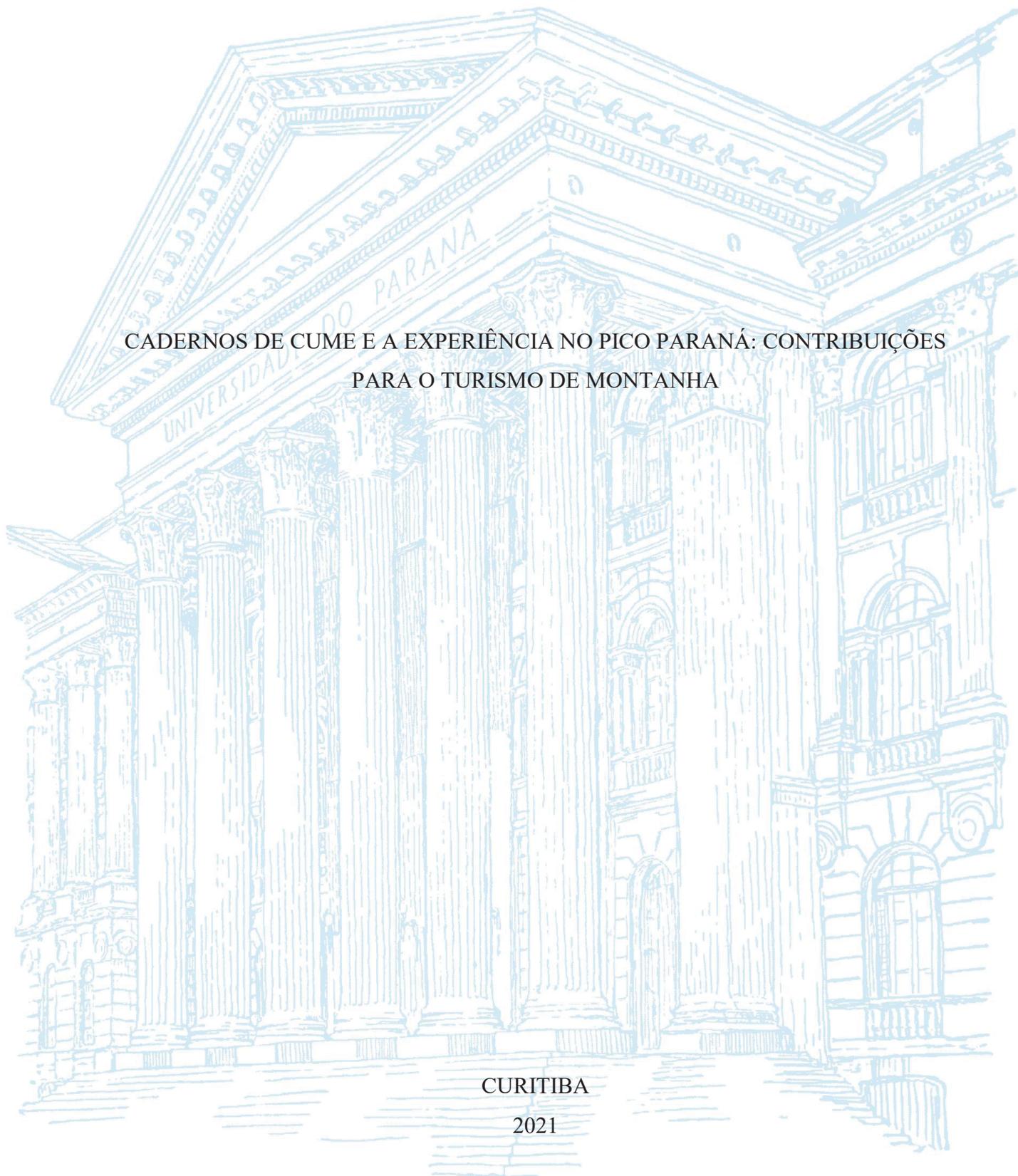
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUELEN MARQUARDT

CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA NO PICO PARANÁ: CONTRIBUIÇÕES
PARA O TURISMO DE MONTANHA

CURITIBA

2021



SUELEN MARQUARDT

CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA NO PICO PARANÁ: CONTRIBUIÇÕES
PARA O TURISMO DE MONTANHA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Chemin

CURITIBA

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças Epaminondas Mendes de Oliva, CRB 9/1765

Marquardt, Suelen.

Cadernos de Cume e a experiência no Pico Paraná: contribuições para o turismo de montanha / Suelen Marquardt. – Curitiba, 2021.
203 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Chemin.

1. Montanhismo . 2. Esportes radicais. 3. Turismo - Curitiba, Região Metropolitana de (PR). 4. Experiência. 5. Arquivos. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

ATA Nº10.21

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRA EM TURISMO

No dia sete de outubro de dois mil e vinte e um às 14:00 horas, na sala Ambiente virtual, Ambiente Virtual - Google Meet - link será enviado posteriormente, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestranda **SUELEN MARQUARDT**, intitulada: **CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA NO PICO PARANÁ: CONTRIBUIÇÕES PARA O TURISMO DE MONTANHA**, sob orientação do Prof. Dr. MARCELO CHEMIN. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARCELO CHEMIN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), VANDER VALDUGA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LUCIANE DE FATIMA NERI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestra está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARCELO CHEMIN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 07 de Outubro de 2021.

Assinatura Eletrônica

07/10/2021 21:51:01.0

MARCELO CHEMIN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

19/10/2021 10:40:17.0

VANDER VALDUGA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/10/2021 16:54:11.0

LUCIANE DE FATIMA NERI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6281 - E-mail: ppgturismo@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 117805

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 117805



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SUELEN MARQUARDT** intitulada: **CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA NO PICO PARANÁ: CONTRIBUIÇÕES PARA O TURISMO DE MONTANHA**, sob orientação do Prof. Dr. MARCELO CHEMIN, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 07 de Outubro de 2021.

Assinatura Eletrônica

07/10/2021 21:51:01.0

MARCELO CHEMIN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

19/10/2021 10:40:17.0

VANDER VALDUGA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/10/2021 16:54:11.0

LUCIANE DE FATIMA NERI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6281 - E-mail: ppgturismo@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 117805

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 117805

Dedico esta dissertação à minha família, marido, filhas de quatro patas, amigas de longa data, montanhistas e ao Pico Paraná.

AGRADECIMENTOS

Parece clichê, mas impossível não fazer um paralelo entre subir uma montanha e a construção de uma dissertação. Em ambos é necessário planejamento, execução e determinação para atingir o objetivo final. São caminhos que você deve superar a distância, o tempo, o desconhecido e o medo, com esforço e dedicação. Nos deparamos com encruzilhadas e adversidades no decorrer do caminho. Mas quando se alcança o cume, você é tomado por uma adrenalina de emoções e sensações... chora, dá risada, se redescobre e aprende. Foi atingido o ponto mais alto e o seu objetivo foi cumprido. Você vê o horizonte e a trilha que percorreu, e percebe, como é forte e como a natureza é grandiosa. Apesar do cansaço, a caminhada vale a pena e a superação é a melhor sensação da conquista. Agora é hora de voltar, descansar, refletir e planejar uma nova caminhada, um novo projeto.

Só tenho a agradecer e dedicar essa dissertação para as pessoas responsáveis por me ajudarem a alcançar esse cume:

À minha família: aos meus pais Vera (*in memoriam*) e Sencler, à minha tia Surley, aos meus irmãos Sinclair, Silmara e Júnior e todos os meus sobrinhos: Ana Carolina, Sencler Neto, Mariana, João, Felipe e Pedro! Obrigada por tudo!

Ao meu marido Harvey Schlenker, pelo incentivo, paciência e por tantas trocas sobre a pesquisa. Amo tu! À minha sogra Janske Niemann Schlenker pelo seu carinho.

Às minhas filhas de quatro patas: Pira, Joanhina, Nina e Naomi (*in memoriam*) por estarem sempre juntas comigo. Não fazem a ideia de como foram importantes nesse processo com sua alegria, carinho e companhia.

À Rose (Rosimara Camargo), que chegou em nossas vidas para cuidar da nossa família e por ser paciente nesse período.

Aos meus queridos orientadores Leticia Bartoszeck Nitsche e Marcelo Chemin, pela paciência, conselhos e contribuições durante esse percurso. Obrigada! Meu carinho, admiração e respeito por esse desafio de ser professor e orientador, principalmente em tempos tão difíceis!

Às minhas “hiper-mega” amigas que a faculdade de Turismo (2000-2005) me presenteou, que me acompanham desde então e se tornaram as minhas irmãs de coração: Ana Carolina Baggio, Camila Boulos, Pétala Wolski Meireles, Priscilla Machnicki Ferreira.

A minha amiga-irmã Natascha Kellermann Brauer, que desde a infância dividiu tantos momentos de alegria e de conquistas. Nesse momento, não poderia ser diferente!

Aos amigos que o Mestrado me apresentou e que deixou tudo ser mais leve: Mateus José, Alexandre Gosenheimer, Andressa Cavalheiro, Anne Pinheiro, Carla Holz, Fernanda

Maia, Jussara Trentini, Sérgio Barroso, Dayanny Feitoza, Ricardo Nunes. Não poderia deixar de mencionar a Daniella Barbosa e o Rodrigo Guissoni, pessoas incríveis e que admiro muito.

Ao amigo e companheiro de conversas e histórias do Pico Paraná, Henrique Paulo Schmidlin – mais conhecido como Vitamina, que abraçou o tema e contribuiu com tanto conhecimento prático e teórico para esta pesquisa.

Ao Clube Paranaense de Montanhismo, pelo acolhimento, aprendizados e confiança no repasse dos Cadernos de Cume. Vocês fazem um trabalho lindo pelas nossas montanhas! Agradecimento especial aos presidentes Alex (2019) e Ricardo Modesto (2020). Também ao Guga e todos colegas do Curso de Iniciação ao Montanhismo e demais montanhistas.

À UFPR pela oportunidade! Em tempo de pandemia ficou mais evidenciado o valor da ciência na nossa sociedade, do seu papel de mudança, melhoria e de transformação da vida.

Ao PPGTUR/UFPR, agradeço a coordenação e todos os professores que contribuíram durante esses dois anos para a construção da dissertação. À Angela Rodrigues, pelo carinho, paciência e tantas conversas regadas a café.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo recurso financeiro destinado à consecução dessa pesquisa de março de 2019 a março de 2021.

Ao Pico Paraná por ensinar tanto! Hoje te vejo com “outros olhos” além das suas curvas e imponência, mas como ambiente de transformação e reflexão. Lugar que merece respeito e proteção de todos!

“Um rápido olhar em volta e constatamos: não há pico mais alto do que este sobre o qual nos achamos! Alguma coisa parecia querer sair dos nossos peitos e aliviarmo-nos com uma gritaria louca. Deixamos no cume uma placa provisória com a data e os nomes Reinhard Maack, Rudolf Stamm, Alfredo Mysing, Josias Armstrong e Benedito Lopes de Castro. Tínhamos conquistado o mais alto pico do Estado: O Pico Paraná era nosso! Festejamos com uma caneca de vinho misturado com água.”

Rudolf Stamm, 1941 (registro da conquista do Pico Paraná)

RESUMO

O simbolismo das montanhas como natureza intocada estimula visitantes em busca de uma experiência autêntica. Trata-se, no entanto, de uma elaboração cultural, pois a montanha já foi considerada um ambiente que desfigurava a natureza, ameaçava a simetria da Terra e causava medo nas pessoas. A percepção sobre a montanha revela um percurso histórico e cultural cambiante, marcado por quebra de paradigmas, até vir a se transformar em um ambiente atraente, tanto para a prática de esporte de aventura, como também lugar alternativo ao ambiente densamente urbanizado, sendo reconhecida também como lócus de espiritualidade e autoconhecimento. Segundo a literatura, a montanha proporciona emoções diferenciadas, intensas, até mesmo antagônicas e memoráveis. No Paraná, o turismo de montanha tem como ícone o Parque Estadual Pico Paraná (PEPP), onde está localizado o ponto culminante da região sul do Brasil, com 1.922 metros de altura. No alto do Pico Paraná está instalada a “Caixa de Cume”, com um caderno à disposição dos visitantes para registros de presença ou relatos de suas experiências. Aos olhos desta investigação, que busca entender a experiência de montanha, esses registros, considerados tradição do montanhismo mundial, tornam-se documentos históricos com potencial de pesquisa. Nesse contexto, a investigação teve origem no seguinte questionamento: como se apresentam os registros nos Cadernos de Cume do Pico Paraná no que diz respeito à experiência de montanha? O objetivo geral da pesquisa é analisar a experiência de montanha no Pico Paraná a partir dos registros dos Cadernos de Cume. Dentre os objetivos específicos, a pesquisa buscou: 1) articular conceitualmente o turismo de montanha e experiência de montanha; 2) caracterizar as experiências de montanha por meio dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná; 3) refletir sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha. A metodologia adotou abordagem qualitativa e se desenvolveu mediante pesquisa documental dos registros dos Cadernos de Cume do Pico Paraná entre os anos de 2017 e 2020. A apreciação dos dados se deu por meio da análise de conteúdo, com o apoio do *software* MaxQDA. A análise dos dados, baseada em 1.455 relatos de Cadernos de Cume, possibilitou a interpretação de seis categorias ou atributos para a experiência de montanha: I) Triunfalismo; II) Agonia e Êxtase; III) Transcendentalismo; IV) Percepção do Sublime; V) Reconhecimento Social; VI) Itinerário e Recursividade. As investigações demonstram que o turismo de montanha é o resultado de uma dinâmica histórica, sociocultural e econômica de quebra de paradigmas na relação sociedade e a montanha. Os relatos de cume se configuram como uma importante forma de resgate das memórias individuais e coletivas sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e sua análise pode auxiliar gestores públicos e empresas do setor turístico a viabilizar experiências seguras, autênticas e memoráveis, que promovam o turismo como forma de proteger os ambientes de montanha e contribuir teoricamente sobre o turismo e a experiência de montanha.

Palavras-chaves: turismo de montanha; Cadernos de Cume; experiência de montanha; Parque Estadual Pico Paraná (Paraná – Brasil).

ABSTRACT

The symbolism of mountains as places untouched by nature encourages visitors who seek an authentic experience. However, this is a cultural elaboration since the mountain was once considered a place that disfigured nature, threatened the symmetry of the Earth, and caused fear in people. The perception of the mountain reveals a changing historical and cultural path, marked by the breaking of paradigms. The mountain became an attractive site for the practice of adventure sports and an alternative place to densely urbanized regions. It is also recognized as a locus of spirituality and self-knowledge. According to the literature, the mountain provides distinguished, intense, even antagonistic, and memorable emotions. The icon of mountain tourism in the state of Paraná (Brazil) is the Pico Paraná State Park (PEPP). The PEPP has the highest point in southern Brazil (1,922 meters of height). At the top of Pico Paraná visitors can find a "Summit Box" with a notebook, where they register their presence or report their experiences. In the eyes of this research, which seeks to understand the mountain experience, these records, considered a tradition of mountaineering worldwide, become historical documents with research potential. In this context, this research originated from the following question: how do the records in Pico Paraná's Summit Books present themselves regarding the mountain experience? The general objective of the research is to analyze the mountain experience in Pico Paraná from the records in the Summit Books. Among the specific objectives, the research sought: 1) to conceptually articulate mountain tourism and mountain experience; 2) to characterize mountain experiences through the accounts in Pico Paraná's Summit Books; 3) to reflect on mountain experience and mountain tourism in Pico Paraná. The methodology adopted a qualitative approach and was developed through documentary research of the records of Pico Paraná's Summit Books between the years of 2017 and 2020. The data were analyzed using content analysis, with the support of the MaxQDA software. The data analysis, based on 1,455 summit books accounts, enabled the interpretation of six categories or attributes for the mountain experience: I) Triumphalism; II) Agony and Ecstasy; III) Transcendentalism; IV) Perception of the Sublime; V) Social Recognition; VI) Itinerary and Recursiveness. The investigations show that mountain tourism is the result of a historical, sociocultural and economic dynamic of breaking paradigms in the relationship between society and the mountain. The summit accounts are configured as an important way to rescue individual and collective memories about the mountain experience in Pico Paraná. The analysis of summit books may assist tourism managers and companies to enable safe, authentic, and memorable experiences, promoting tourism as an activity to protect mountain environments. Finally, the books contribute theoretically to tourism and the mountain experience.

Keywords: mountain tourism; summit books; mountain experience, Pico Paraná State Park (Paraná – Brazil).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PICO PARANÁ VISTO DE ANTONINA (PR).....	20
FIGURA 2 – MAPA CONCEITUAL E TEÓRICO DA PESQUISA	30
FIGURA 3 – RETRATO DE FRANCESCO PETRARCA, POR ROB HART (1835).....	33
FIGURA 4 - RICHARD WILSON, CADER IDRIS (1774), ÓLEO SOBRE TELA (51,1 X 73 CM) - THE TATE GALLERY, LONDRES. WIKIMEDIA COMMONS.	39
FIGURA 5 - TENZING NORGAY (À DIREITA) E EDMUND HILLARY - MONTE EVEREST, 26/06/1953.	43
FIGURA 6 –VISTA DE RIO-JANEIRO POR RUGENDAS (1835).	45
FIGURA 7 – CAPA DO 1º LIVRO DE CUME DE ANETO (1857 – 1868).....	49
FIGURA 8 – ANTONIO ZINHER AO LADO DA CAIXA DE CUME DO MARUMBI.....	52
FIGURA 9 – CAIXA DE CUME NO ALTO DO PICO PARANÁ.....	52
FIGURA 10 – COMPONENTES DA EXPERIÊNCIA E SUA SEQUÊNCIA.....	55
FIGURA 11 – TURISMO DE AVENTURA E A MONTANHA	70
FIGURA 12 – TURISMO DE MONTANHA: ESTRUTURA CONCEITUAL	75
FIGURA 13 – PARADIGMA DA EXPERIÊNCIA DE AVENTURA.....	84
FIGURA 14 – FOTO DE MAACK NA EXPLORAÇÃO DO PICO PARANÁ (AO FUNDO, ENTRE OS DOIS MORROS, LADO DIREITO).	88
FIGURA 15 - IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO MOSAICO LAGAMAR.....	91
FIGURA 16 - LOCALIZAÇÃO DO PEPP.....	92
FIGURA 17 - FLORESTA ATLÂNTICA.....	94
FIGURA 18 - SERELEPE.....	94
FIGURA 19 - VISTA PARCIAL DA SERRA DO IBITIRAQUIRE, PARANÁ.	94
FIGURA 20 - VISTA DO PEPP PELA BR 116.....	95
FIGURA 21 - BASE DO IAT	95
FIGURA 22 - BASE DO IAT'.....	96
FIGURA 23 - ACESSO À TRILHA	96
FIGURA 24 - VOLUNTARIADO DO CPM.....	96
FIGURA 25 - VISTA DO PEPP	97
FIGURA 26 - ACESSO POR ANTONINA.....	97
FIGURA 27 - IDENTIFICAÇÃO DA TRILHA DE ACESSO AO PICO PARANÁ.....	100
FIGURA 28 - SINALIZAÇÃO NA TRILHA.....	101
FIGURA 29 - SINALIZAÇÃO NA ENTRADA	101

FIGURA 30 - VISTA PANORÂMICA NO MORRO DO GETÚLIO PEPP.....	101
FIGURA 31 - JARDIM ENCANTADO	102
FIGURA 32 - TRECHO FINAL DA TRILHA.....	102
FIGURA 33 - TRILHA PP (RETORNO PARA A2).....	102
FIGURA 34 - DEGRAUS E CORRENTE	102
FIGURA 35 - ACAMPAMENTO A2.....	103
FIGURA 36 - ACAMPAMENTO PP	103
FIGURA 37 - MAR DE NUENS	103
FIGURA 38 - VISTA PARA O PICO PARANÁ	103
FIGURA 39 – VISTA DO PICO PARANÁ	103
FIGURA 40 - VISTA DO PICO PARANÁ.....	103
FIGURA 41 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA	109
FIGURA 42 –CADERNOS DE CUME DO PICO PARANÁ.....	111
FIGURA 43 - EXEMPLO DE REGISTRO DE CUME DO PICO PARANÁ.....	116
FIGURA 44 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA TRIUNFALISMO	124
FIGURA 45 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA AGONIA E EXTASE	131
FIGURA 46 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA TRANSCENDENTALISMO	140
FIGURA 47 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA RECONHECIMENTO SOCIAL	148
FIGURA 48 – ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA PERCEPÇÃO DO SUBLIME	154
FIGURA 49 – ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE.....	161
FIGURA 50 - NUVEM DE PALAVRA PARA A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NO PICO PARANÁ.....	162
FIGURA 51 - RESUMO DOS ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ.....	168
FIGURA 52 – CRONOLOGIA DA PRÁTICA DE MONTANHA	171
FIGURA 53 - CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DAS MONTANHAS	173

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - BUSCA PELOS TERMOS TURISMO DE MONTANHA E “MOUNTAIN TOURISM” NOS PORTAIS PERIÓDICOS CAPES E DA USP	26
TABELA 2 - PERIÓDICOS CONSULTADOS, SUA CLASSIFICAÇÃO E NÚMERO DE PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS	26
TABELA 3 - PERIÓDICOS CONSULTADOS E NÚMERO DE PUBLICAÇÕES.....	27
TABELA 4 - INFORMAÇÕES BÁSICAS MUNICIPAIS	92
TABELA 5 - PERÍODO DOS CADERNOS DE CUME E NÚMEROS DE REGISTROS .	113
TABELA 6 - REGISTROS SEM EFEITO E REGISTROS CONSIDERADOS PARA ANÁLISE.....	117
TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS CONFORME OS CÓDIGOS.....	122
TABELA 8 - CATEGORIA TRIUNFALISMO	124
TABELA 9 - CATEGORIA AGONIA E ÊXTASE	130
TABELA 10 - CATEGORIA TRANSCENDENTALISMO	140
TABELA 11 - CATEGORIA RECONHECIMENTO SOCIAL	148
TABELA 12 - CATEGORIA PERCEPÇÃO DO SUBLIME	154
TABELA 13 - CATEGORIA ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE	160
TABELA 14 - FREQUÊNCIA E NÚMEROS DE RELATOS	161

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LISTAGEM DAS PUBLICAÇÕES CONSIDERADAS NA REVISÃO EXPLORATÓRIA	28
QUADRO 2 - PRINCIPAIS CONQUISTAS DE MONTANHAS NO MUNDO	42
QUADRO 3 – TIPOS DE EXPERIÊNCIAS E SEUS CONCEITOS	63
QUADRO 4 - CARACTERÍSTICAS DAS EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS	64
QUADRO 5 - CLASSIFICAÇÃO CONAMA (2002) E IBGE (2004).	66
QUADRO 6 - DETALHES SOBRE OS 10 PONTOS CULMINANTES DO BRASIL	67
QUADRO 7 –TURISMO DE AVENTURA.....	69
QUADRO 8 – PRINCIPAIS CONCEITOS DESENVOLVIDOS NO TURISMO DE MONTANHA.....	72
QUADRO 9 - CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DAS MONTANHAS.....	75
QUADRO 10 – ATRIBUTOS DO PICO PARANÁ IDENTIFICADOS NOS CADERNOS DE CUME.....	156
QUADRO 11 – CATEGORIAS E ATRIBUTOS DA EXPERIENCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ.....	166

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE PESSOAS NO PICO PARANÁ ENTRE 1941 E 1971.	90
GRÁFICO 2 – FLUXO DE VISITANTES NO PEPP (2019)	99
GRÁFICO 3 - SEGMENTOS ATRIBUÍDOS PARA CADA CÓDIGO (OU CATEGORIA)	122
GRÁFICO 4 – NÚMERO DE PESSOAS NO PICO PARANÁ A PARTIR DA ANÁLISE DOS CADERNOS DE CUME ENTRE 1941 À 1971.	176

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. MARCO CONCEITUAL E TEÓRICO	25
2.1 A MONTANHA: CONHECIMENTO, SIMBOLISMO E REPRESENTAÇÃO	30
2.1.1 Antecedentes	31
2.1.2 Séculos XV à XVIII: a montanha como atrativo	36
2.1.3 O alpinismo moderno e as principais conquistas	41
2.1.4 As montanhas e o montanhismo no Brasil	44
2.1.5 Cadernos de Cume: registros históricos do montanhismo	47
2.2 TURISMO, MONTANHA E EXPERIÊNCIA	53
2.2.1 O turismo como fenômeno e a experiência turística	53
2.2.2 O ambiente de montanha: definições e caracterização	64
2.2.3 Turismo de Montanha	68
2.2.4 Experiência em ambiente de montanha e as respostas emocionais.....	79
2.3 O PICO PARANÁ E SEU PARQUE	86
2.3.1 A conquista da “muralha”	86
2.3.2 O Parque Estadual Pico Paraná	90
2.3.3 Percurso: da base até o cume do Pico Paraná	100
3. O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO.....	105
3.1 AS MONTANHAS QUE ME FIZERAM CHEGAR ATÉ AQUI	105
3.2 ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS	108
3.2.1 Cadernos de Cume como fonte	111
3.2.2 Análise e interpretação	113
4. OS CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ.....	119
4.1 UM OLHAR SOBRE A EXPERIENCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ	119
4.1.1 Triunfalismo	123
4.1.2 Agonia e Êxtase.....	130
4.1.3 Transcendentalismo	139
4.1.4 Reconhecimento Social.....	147
4.1.5 Percepção do Sublime	153
4.1.6 Itinerário e Recursividade	160

4.2 REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ E O TURISMO DE MONTANHA	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE 1 – TESES E DISSERTAÇÕES DE INTERESSE DA BASE DE DADOS DA UFPR	196
APÊNDICE 2 – PESQUISA NO PORTAL CAPES E PUBLICAÇÕES EM TURISMO COM TERMOS DO PROJETO DE PESQUISA.....	197
APÊNDICE 3 – IDENTIFICAÇÃO DE TEMAS E AUTORES	198
APÊNDICE 4 - DEFINIÇÃO DAS EMOÇÕES SEGUNDO OS DICIONÁRIOS MICHAELIS E PRIBERAM.....	199
APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO E UTILIZAÇÃO DOS REGISTROS DOS CADERNOS DE CUME DO PICO PARANÁ.....	201
ANEXO 1 – CONTRIBUIÇÕES DE HENRIQUE PAULO SCHMIDLIN (VITAMINA) PARA A PESQUISA.....	202

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização das Nações Unidas (2020), as montanhas ocupam aproximadamente 27% da superfície da Terra e abrigam aproximadamente 15% da população mundial. Elas são consideradas essenciais para a vida humana, pois fornecem água, energia, madeira, produtos minerais e alimentos (FAO, 2020; UNEP, 2007). Por conta de suas características singulares, ao mesmo tempo ecologicamente vulneráveis, são consideradas atraentes como destinos turísticos (BEEDIE; HUDSON, 2003). Existe um crescimento na sua demanda comprovado pelos dados estatísticos que indicam que o turismo de montanha representa cerca de 15% a 20% do turismo mundial (FAO, 2020).

Apesar da sua importância e crescimento, pesquisas anteriores demonstram que o tema relacionado ao turismo de montanha é recente nas discussões políticas e acadêmicas. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 e, posteriormente, no ano de 2002, quando foi declarado o Ano Internacional das Montanhas pela ONU, foram eventos importantes que deram destaque às regiões montanhosas quanto à sua proteção e ao desenvolvimento sustentável.

No cenário internacional, as pesquisas científicas sobre o desenvolvimento turístico em ambientes de montanhas remetem à década de 1990, tais como: Singh (1991), Johnston e Edwards (1994) e Godde, Price e Zimmermann (1999). Já no contexto nacional, as pesquisas que utilizam o termo turismo de montanha encontram-se em estágio incipiente. Pode-se constatar que o montanhismo é trabalhado como uma prática realizada na natureza, com foco na aventura, e com consequências para o turismo. Nessa pesquisa se propõe o inverso, estudar o turismo de montanha, com destaque para o indivíduo e a experiência de montanha. A montanha não somente no contexto físico, mas também em seu entorno e na experiência do visitante. Destacam-se os estudos da historiadora Carvalho (2011, 2014 e 2015) e do geógrafo Brito (2008), além dos livros organizados por Marinho e Bruhns (2003, 2006) e Uvinha (2005).

Mu e Nepal (2016) apontam que as montanhas exercem um fascínio nas pessoas e que a sua demanda se intensifica cada vez mais, o que mostra que as regiões montanhosas não estão mais limitadas a montanhistas experientes e tornaram-se acessíveis a um público diverso. Essa procura se deve às características peculiares das montanhas, entre elas a diversidade e a estética (NEPAL; CHIPENIUK, 2005).

As motivações são variadas e podem ocorrer por fatores internos ou externos à pessoa, tais como: a) a vontade em vivenciar a natureza no seu estado mais puro (PFISTER, 2000); b) a busca pela sensação de renovação e bem-estar espiritual (GODDE; PRICE; ZIMMERMANN,

1999); c) a simples contemplação (URRY, 1996); d) a busca por experiência ao ar livre, topografia variada, beleza cênica e paisagens culturais (MARKOVIC; PETROVIC, 2013); e) o perigo, que atrai turistas corajosos para práticas esportivas e de lazer (SCHORNER, 2011).

Segundo o estudo de Beedie (2003), o crescimento do turismo de aventura acelerou o processo de turistificação das montanhas e a conseqüente melhoria e diversificação da infraestrutura básica e de turismo dessas regiões. Nesse processo, Pomfret (2006) sinaliza que a mudança de estilo de vida das pessoas influenciou os pacotes de turismo de aventura nas montanhas. Outros fatores contribuíram para a demanda nessas regiões: os avanços tecnológicos nos equipamentos de aventura (GODDE et al., 2009); a promoção e a publicidade (BEEDIE; HUDSON, 2003); e a utilização da internet para divulgar e promover essas regiões (POMFRET, 2006).

O Parque Estadual do Pico Paraná é o local escolhido para realizar essa pesquisa (FIGURA 1). Nele está localizado o Pico Paraná, ponto culminante do sul do Brasil, com 1.922 metros (IBGE, 2012). Sua história é singular e envolve desafios e surpresas. Schmidlin e Fiori (2021) contam que em 1940 o geólogo alemão Reinhard Maack, em seus incessantes estudos, estava no alto do Marumbi (considerada até então a montanha mais alta do Paraná) quando visualizou o Pico Paraná ao longe e percebeu que estava diante de uma descoberta: que existia outro ponto culminante do Estado. Foi ele mesmo que nomeou a montanha perante os órgãos de classe da época. Por conta das dificuldades de acesso, o Pico Paraná só foi conquistado em 13 de julho de 1941 por uma expedição organizada por Reinhard Maack.

FIGURA 1 – PICO PARANÁ VISTO DE ANTONINA (PR)



FONTE: acervo pessoal de SCHLENKER (2016).

Desde então, essa região despertou a curiosidade e o desejo dos montanhistas em conquistar as novas montanhas. Oitenta anos se passaram, os acessos foram facilitados, os meios de transportes aprimorados e foi instituído o Parque Estadual do Pico Paraná (2002). Para acesso ao cume é necessário de 6 à 8 horas de caminhada, exigindo preparo físico e emocional para ultrapassar os trechos difíceis. Do seu cume é possível visualizar o conjunto de serras, a Floresta Atlântica, uma porção do litoral, além de Curitiba e região.

Os dados de posse do Instituto Água e Terra, órgão público gestor do PEPP, demonstram uma visitação pública intensa nos últimos anos, refletida no avanço dos impactos negativos. Essa demanda se torna preocupante pelo fato da Unidade de Conservação ainda não possuir um Plano de Manejo que norteie as atividades, delimite as áreas de uso público e proponha a gestão adequada da área.

No topo do Pico Paraná está instalada a “Caixa de Cume” (uma caixa metálica fechada) que abriga o “Caderno de Cume”, documento em que os visitantes podem registrar, de forma livre, a sua presença ou então deixar algum relato sobre o momento vivido. Esses Cadernos de Cume são parte da tradição montanhista no mundo e estão espalhados por diversos cumes na Serra do Mar do Paraná. As informações ali inseridas podem ajudar no caso de buscas e resgates pelos órgãos competentes, mas também representam um arquivo da memória da experiência de montanha. Esses registros concebem um recurso documental passível de investigação, no intuito de se compreender a experiência, especialmente circunscrita ao momento conhecido como de singular emoção que é a chegada ao ponto culminante almejado.

É importante mencionar que, ao longo do curso do mestrado, houve um aprofundamento sobre o turismo e sua relação com a sociedade, no que tange aos aspectos econômicos, espaciais, socioculturais, políticos e ambientais. No projeto inicial se propunha analisar a imagem do destino turístico da Serra do Mar do Paraná através das fotografias dos visitantes, porém esse original passou por um processo de reformulação, especialmente em razão da pandemia.

Esse novo ângulo da investigação recebeu as seguintes contribuições: I) orientação da Profa. Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche e, na continuidade, do Prof. Marcelo Chemin; II) apresentação no Seminário da Dissertação e na banca de Qualificação com as sugestões e contribuições dos participantes; III) das disciplinas realizadas ao longo do curso, bem como das leituras e dos trabalhos desenvolvidos; IV) da participação em eventos, dentre eles a ANPTUR e o Curso de Inicialização do Montanhismo, pelo Clube Paranaense de Montanhismo; V) da pandemia de COVID-19, que influenciou o percurso metodológico da pesquisa em decorrência das medidas sanitárias.

O conjunto de significados que a montanha tem atualmente passou por um processo de quebra de paradigmas. Se antes as pessoas tinham medo das montanhas, pelas lendas e superstições, nos tempos mais recentes elas são consideradas locais de contato direto com a natureza ou com o sagrado. São locais para a prática de esportes, de busca de autoconhecimento e de superação de desafios. Nessa perspectiva, considera-se que as montanhas são atraentes como destinos turísticos, pois além do simples movimento do corpo (do caminhar), esses lugares são reconhecidos por estimularem experiências singulares nos seus visitantes, evocando sensações e sentidos excitantes, intensos e contraditórios (BEEDIE, HUDSON, 2003; MARINHO, 2006; DORAN, POMFRET, 2019; FAULLANT, MATZLER, MOORADIAN, 2011; POMFRET, 2006; SWARBROOKE et al., 2005).

Nesse contexto, esta investigação parte do seguinte questionamento: **Como se apresentam os registros nos Cadernos de Cume do Pico Paraná no que diz respeito à experiência de montanha?**

Para o entendimento sobre o tema turismo de montanha e a experiência turística no Pico Paraná, a questão da investigação é pautada no seguinte objetivo: **analisar a experiência de montanha no Pico Paraná a partir dos registros dos Cadernos de Cume**. Para alcançar o objetivo geral foram delineados três objetivos específicos:

1. Articular conceitualmente o turismo de montanha e a experiência de montanha;
2. Caracterizar as experiências de montanha por meio dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná;
3. Refletir sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha.

Entende-se que os registros dos Cadernos de Cume apresentam grande potencial de revelar significados sobre a experiência em montanha e o próprio turista/montanhista, e que esse conhecimento é estratégico para gestores públicos e empresas do setor turístico, cuja atuação se vale do estímulo de experiências autênticas e memoráveis, ao mesmo tempo seguras e sustentáveis, além de valorizar e conservar a montanha por meio do turismo.

O ambientalista Henrique Paulo Schmidlin (2021), conhecido como Vitamina, ao tomar conhecimento sobre o tema da pesquisa, apontou, em conversas pessoais sobre a sua percepção de ineditismo dessa investigação, a potencial contribuição para o “desenvolvimento e idealização de boas práticas montanheiras” assim como “um verdadeiro subsídio analítico desde o dealbar do montanhismo paranaense, iniciado em 1879” (ANEXO 1).

No que tange às escolhas metodológicas para responder ao problema de pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo. A pesquisa documental se baseia nos registros de seis Cadernos de Cume do Pico Paraná, entre os anos de 2017 e 2020. Esse material foi transcrito, o que resultou em 1.984 registros, que posteriormente foram filtrados para o objetivo da pesquisa. O acesso a esses cadernos se deu através do Clube Paranaense de Montanhismo, do qual a pesquisadora faz parte. As informações foram interpretadas através da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com o apoio do *software* MaxQDA para codificar e categorizar. Essa categorização ocorreu no decorrer das leituras realizadas pela perspectiva não-apriorística. Esse desenho metodológico se mostrou eficaz para a análise dos relatos quanto às relações que se dão entre o indivíduo e a montanha e seus significados.

A base teórica está fundamentada em três principais eixos: montanha, turismo e experiência. As investigações teóricas e conceituais realizadas nessa pesquisa demonstraram que o turismo de montanha é o resultado de um processo histórico, sociocultural e econômico de quebra de paradigmas na relação sociedade e a montanha. Teve influência pela literatura, artes, paisagismo, sistema econômico e, principalmente, pelo avanço da ciência (sobretudo das áreas naturais). O montanhismo como esporte, lazer e contato com a natureza estimulou o turismo de montanha.

A adoção dessas estratégias de pesquisa permitiu observar a existência de múltiplos olhares sobre a experiência vivenciada no Pico Paraná. A análise desses relatos resultou na definição de seis categorias ou atributos para essa experiência: I) Triunfalismo: representa a sensação de vitória e heroísmo demonstrado ao atingir o cume; II) Agonia e Êxtase: representam fortes e intensas emoções e sentimentos ambivalentes, até mesmo contraditórios; III) Transcendentalismo: a montanha proporciona autoconhecimento, ressignificação pessoal e espiritual; IV) Percepção do Sublime: decorre dos sentidos elaborados diante do contato com os aspectos físicos, geográficos e estéticos do lugar; V) Reconhecimento Social: indica o conjunto de manifestações sobre como se dá o pensar e o refletir no próximo na sociedade; VI) Itinerário e Recursividade: aglutina as manifestações relativas às práticas do montanhismo.

A análise permitiu definir a experiência de montanha do Pico Paraná como aquela em que é possível vivenciar e conhecer a “montanha”, o “eu” e o “outro”, mediante um forte apelo subjetivo, potencial expressão de algo puro – uma pureza relacionada à conexão íntima com a natureza – e intenso. A experiência de montanha retrata a convergência do físico, entremeado à dimensão emocional e espiritual.

Quanto à estrutura da dissertação, além dessa introdução, é seguida dos capítulos descritos a seguir:

No capítulo 2 é apresentado o marco conceitual e teórico da pesquisa [objetivo 1]. No primeiro momento é demonstrado como se deu a construção da revisão da literatura através das pesquisas em bancos de dados. No segundo momento é analisada a montanha no contexto histórico quanto às mudanças de percepções e de significado na sociedade e como o montanhismo contribuiu para esse processo de turistificação das montanhas. Em seguida será tratado, especificamente no campo das emoções, o turismo, a montanha e a experiência. Esse cenário dará embasamento para analisar os Cadernos de Cume. Por último será apresentada a contextualização do Pico Paraná e do Parque Estadual, com localização, acessos, aspectos ambientais e socioeconômicos municipais, histórico e uso público do Parque.

No capítulo 3 é descrito o percurso da investigação, com o objetivo de apresentar o tipo e as técnicas de pesquisa que serão utilizados, bem como descrever a construção dos instrumentos de coletas de dados e as estratégias de análise, tabulação e interpretação dos dados. Também é relatada a experiência pessoal da pesquisadora nesse contexto da montanha, em específico no Pico Paraná, para entender seu papel e posicionamento no campo da pesquisa.

No capítulo 4 será apresentado o resultado da análise de conteúdo dos Cadernos de Cume do Pico Paraná, quanto à identificação e à descrição das categorias ou atributos para caracterizar a experiência de montanha [objetivo 2]. Na sequência serão realizadas as reflexões sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha, considerando o referencial bibliográfico do capítulo 2, as análises dos Cadernos de Cume do Pico Paraná, a vivência da pesquisadora no local e o seu círculo social [objetivo 3].

Na sequência são apresentadas as considerações finais e as principais conclusões alcançadas com a realização da pesquisa, bem como suas limitações e recomendações para futuros trabalhos.

2. MARCO CONCEITUAL E TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os resultados dos estudos conceituais e teóricos que embasam a dissertação. No primeiro momento é descrito o processo de construção do conhecimento e posteriormente analisado cada tema especificamente. Em linhas gerais, esse trabalho está estruturado em três principais eixos (nessa ordem): montanha, turismo e experiência, tendo como objeto de estudo o Pico Paraná.

No primeiro momento, em outubro de 2019, foi realizada uma pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPR (UFPR, 2019) com o objetivo de levantar os trabalhos científicos relacionados com os temas no sentido de contribuir na construção do conhecimento. Os temas utilizados na pesquisa foram: turismo de aventura, montanha, Serra do Mar e Pico Paraná. Ao final, foram encontrados 18 trabalhos de interesse, de diferentes áreas do conhecimento, dentre eles: 09 dissertações e 09 teses publicados entre os anos de 1998 e 2015 (APÊNDICE 1).

Posteriormente, foi realizada uma busca por artigos científicos publicados em periódicos internacionais e nacionais. A pesquisa foi através do Portal de Periódicos da CAPES/MEC (2019), via Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), pela sua confiabilidade e representatividade no cenário acadêmico nacional. Em conjunto, foi utilizado o Portal Publicações em Turismo, página gerenciada pela USP/PPGTUR (2019), onde se concentram artigos publicados em periódicos científicos ibero-americanos de turismo. As pesquisas foram se afinando de acordo com as respostas obtidas. Os termos pesquisados foram: turismo, turismo de aventura, experiência, montanha e montanhismo. No APÊNDICE 2 é descrito como esses termos foram relacionados e pesquisados, bem como os resultados obtidos.

Sobre o tema turismo de aventura, foram encontradas duas revisões sistemáticas recentes sobre o assunto no contexto internacional (CHENG; et al., 2018; RENTALA; ROKENES; VALKONEN, 2018). Quanto à temática do turismo de experiência foi encontrada uma revisão sistemática (COELHO; GOSLING, 2019). Tendo em vista os três trabalhos, optou-se em direcionar e afinar mais a pesquisa.

A partir dessas buscas iniciais, foi identificado o termo “*mountain tourism*” como relevante no contexto acadêmico internacional e considerou-se pertinente prosseguir a pesquisa com foco nesse tema, buscando fundamentos para ser adotado nesta dissertação.

A primeira revisão exploratória sobre o tema turismo de montanha ocorreu em novembro de 2019 e repetida em março de 2020 após aprimoramento do uso das ferramentas *Mendeley* e *Rayyan* para a sistematização das informações. No Portal de Periódicos da

CAPES/MEC foi pesquisado o termo “*mountain tourism*”, em inglês e com aspas a fim de não separar o termo e, selecionada a busca por títulos, resumos e palavras-chaves. O resultado indicou 719 publicações com esse termo. Foram escolhidos somente as publicações revisadas por pares, diminuindo para 607 trabalhos. Destes, foram descartados 33 resenhas, 1 artigo de jornal e 1 ata de congresso. O resultado desse recorte foi de 571 publicações.

Em seguida, afim de entendimento sobre a temática no cenário brasileiro, sob as mesmas condições de busca, foi pesquisado no mesmo Portal o termo em português “turismo de montanha”, resultando uma publicação somente. Porém, em português estavam apenas o título e o resumo do artigo. Contudo, ele foi incorporado na pesquisa final. O mesmo termo em português foi pesquisado no Portal Publicações de Turismo (USP). O termo “turismo de montanha” apresentou como resultado 4 publicações, porém uma delas é repetida do portal da CAPES, portanto, foram consideradas 3 publicações (TABELA 1). Diante desse panorama das publicações, se considerou apropriado e relevante trazer para o contexto da pesquisa a temática do turismo de montanha.

TABELA 1 - BUSCA PELOS TERMOS TURISMO DE MONTANHA E “MOUNTAIN TOURISM” NOS PORTAIS PERIÓDICOS CAPES E DA USP

PORTAL	TERMO	RESULTADO DA BUSCA	RECORTE
CAPES/MEC	“ <i>mountain tourism</i> ”	719	571
CAPES/MEC	“turismo de montanha”	1	1
USP	“turismo de montanha”	4	3
TOTAL		724	576

FONTE: Organizado de CAPES/MEC e USP (2020).

Após análise prévia no Portal da CAPES e identificadas informações gerais dessas publicações, o próximo passo foi buscá-las diretamente nos cinco periódicos mais representativos. Foram selecionados 03 periódicos sobre a temática no turismo e 02 sobre montanha, respectivamente: *Tourism Management*; *Annals of Tourism Research*; *Journal of Sustainable Tourism*; *Mountain Research and Development* e *Journal Of Mountain Science* (TABELA 2). Os artigos foram revisados no *Mendeley* e exportados no *Rayyan* para análise.

TABELA 2 - PERIÓDICOS CONSULTADOS, SUA CLASSIFICAÇÃO E NÚMERO DE PUBLICAÇÕES ENCONTRADAS

PERIÓDICOS INDICADOS PELA PESQUISA CAPES/MEC	SELECIONADOS PARA A PESQUISA
<i>Tourism Management</i>	27 publicações
<i>Annals of Tourism Research</i>	19 publicações
<i>Journal of Sustainable Tourism</i>	23 publicações
<i>Mountain Research and Development</i>	57 publicações
<i>Journal Of Mountain Science</i>	29 publicações
TOTAL	155 publicações

FONTE: Organizado de TOURISM MANAGEMENT; ANNALS OF TOURISM RESEARCH; JOURNAL OF SUSTAINABLE TOURISM; MOUNTAIN RESEARCH AND DEVELOPMENT; JOURNAL OF MOUNTAIN SCIENCE (2020).

O mesmo processo foi realizado com as publicações com o termo “turismo de montanha” nos Portais da CAPES/MEC e da USP, descritos abaixo:

TABELA 3 - PERIÓDICOS CONSULTADOS E NÚMERO DE PUBLICAÇÕES

PERIÓDICOS COM O TERMO “TURISMO DE MONTANHA”	PUBLICAÇÕES SELECIONADAS
Anais Brasileiros de Estudos Turísticos	01
Revista Turismo & Desenvolvimento	02
<i>Tourism & Management Studies</i>	01
TOTAL	04

FONTE: Organizadora de ANAIS BRASILEIROS DE ESTUDOS TURÍSTICOS; REVISTA TURISMO & DESENVOLVIMENTO; TOURISM & MANAGEMENT STUDIES (2020).

No *software* do *Rayyan*, as 160 publicações foram analisadas levando em consideração o seguinte critério: possuir o termo “*mountain tourism*” ou “turismo de montanha” na íntegra no título, resumo ou palavras-chaves. O objetivo foi identificar a definição do termo, bem como a sua aplicabilidade em estudos específicos sobre o tema. O resultado final foram 25 publicações incluídas (15%) e 135 (85%) foram excluídas porque não atenderam os requisitos. No QUADRO 1 estão listadas as publicações analisadas:

QUADRO 1 - LISTAGEM DAS PUBLICAÇÕES CONSIDERADAS NA REVISÃO EXPLORATÓRIA

	TÍTULO PUBLICAÇÃO	AUTOR (ES)	PERIÓDICO	ANO
1	Tourism and Sherpas, Nepal: Reconstruction of reciprocity.	Adams, Vincanne	Annals of Tourism Research	1992
2	Emergence of mountain-based adventure tourism	Beedie, P.; Hudson, S.	Annals of Tourism Research	2003
3	How online reviews of destination responsibility influence tourists' evaluations: an exploratory study of mountain tourism.	Bigné, Enrique; Zanfardini, Marina; Andreu, Luisa	Journal of Sustainable Tourism	2020
4	Programa das Aldeias do Xisto: Caminhos para o Turismo de Montanha	Carvalho, Armando Ferrão de	Revista Turismo & Desenvolvimento	2006
5	Measuring the Ecological Footprint of a Himalayan Tourist Center.	Cole, V.; Sinclair, A. J.	Mountain Research and Development	2002
6	The role of a national park in classifying mountain tourism destinations: An exploratory study of the Italian Western Alps.	Duglio, S.; Letey, M.	Journal of Mountain Science	2019
7	Adaptation management of mountain tourism service: The case of the source regions of the Yangtze and Yellow River.	Fang, Y.; Qin, D.; Ding, Y.; Yang, J.	Journal of Mountain Science	2009
8	Managing growth in mountain tourism communities	Gill, Alison; Williams, Peter	Tourism Management	1994
9	Current Tourism Patterns in the Swedish Mountain Region.	Heberlein, T. A.; Fredman, P.; Vuorio, T.	Mountain Research and Development	2002
10	Resident Attitudes Towards Mountain Second-Home Tourism Development in Norway: The Effects of Environmental Attitudes	Kaltenborn, Bjorn P; Andersen, Oddgeir; Nellemann, Christian; Bjerke, Tore; Thrane, Christer	Journal of Sustainable Tourism	2008
11	Determining the Relative Annual Mountain Climbing Frequency on Colorado's 14,000-foot Peaks	Kedrowski, Jon J.	Mountain Research and Development	2009
12	Innovation, sustainable tourism and environments in mountain destination development: a comparative analysis of Austria, Slovenia and Switzerland.	KirKuscer, Tanja Mihalic; Harald Pechlauer	Journal of Sustainable Tourism	2017
13	A social representation approach to facilitating adaptive co-management in mountain destinations managed for conservation and recreation.	Lai, Po-Hsin; Hsu, Yi-Chung; Wearing, Stephen	Journal of Sustainable Tourism	2016
14	Regional Contrasts in Mountain Tourism Development in the Drakensberg, South Africa.	Linde, J.; Grab, S.	Mountain Research and Development	2008
15	Competing for Meadows	Marin-Yaseli, M. L.; Martinez, T. L.	Mountain Research and Development	2003
16	Challenges ahead for Bulgarian's competitiveness as a mountain tourism destination.	Stankova, Mariya	Tourism & Management Studies	2014
17	Mountain Ecotourism and Sustainable Development	Nepal, S. K.	Mountain Research and Development	2002
18	Climate Change Impacts on Ecosystem Services in High Mountain Areas: A Literature Review	Palomo, I.	Mountain Research and Development	2017
19	Impacts of Global Warming on Mountaineering: A Classification of Phenomena Affecting the Alpine Trail Network	Ritter, F.; Fiebig, M.; Muhar, A.	Mountain Research and Development	2012
20	Understanding environmentally significant behaviour among whitewater rafting and trekking guides in the Garhwal Himalaya, India	Serenari, Christopher; Leung, Yu-Fai; Attarian, Aram; Franck, Chris	Journal of Sustainable Tourism	2012
21	Community response to mountain tourism: A case in Bhyundar Valley, Indian Himalaya.	Singh, R. B.; Mal, S.; Kala, C. P.	Journal of Mountain Science	2009
22	Impacts of tourism development on the physical environment of Mussoorie, a hill station in the lower Himalayan range of India	Sundriyal, Sangeeta; Shridhar, Vijay; Madhwal, Sandeep; Pandey, Kamal; Sharma, Vikram	Journal of Mountain Science	2018
23	Ecosophy and tourism: Rethinking a mountain resort.	Varley, Peter; Medway, Dominic	Tourism Management	2011
24	Towards and Environmental management system for ski areas	Williams, Peter W.; Todd, Susan E.	Mountain Research and Development	1997
25	Residents' environmental conservation behaviour in the mountain tourism destinations in China: Case studies of Jiuzhaigou and Mount Qingcheng.	Zhang, Yu-ling; Zhang, Jie; Zhang, Hong-ou; Zhang, Ruo-yang; Wang, Yang; Guo, Yong-rui; Wei, Zong-cai	Journal of Mountain Science	2017

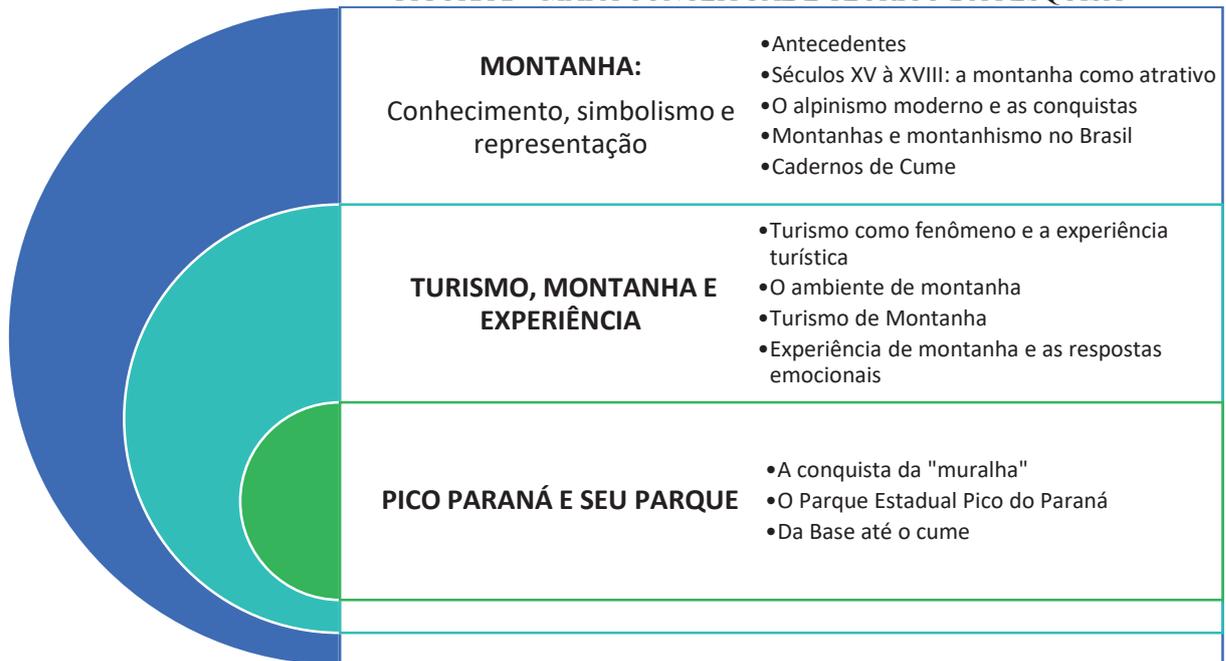
FONTE: Organizado pela autora (2020).

A análise das 25 publicações, permitiu observar:

- a) Os 03 principais periódicos em número de publicações (n): *Mountain Research and Development* (09); o *Journal Of Mountain Science* (05) e *Journal of Sustainable Tourism* (05);
- b) O conjunto de 25 pesquisas teve como período de publicação o intervalo entre os anos 1992 a 2020. Os anos de 2002, 2009 e 2017 foram os mais representativos, com 03 publicações cada;
- c) Esses 25 estudos foram desenvolvidos por 63 diferentes autores, de forma individual ou coletiva;
- d) Três deles são análises teóricas (BEEDIE; HUDSON, 2003; NEPAL, 2002; PALMONO, 2017) e o restante são estudos de casos, referentes aos seguintes países - Índia (3), China (4);
- e) Três publicações apresentam estudos comparativos: Argentina e Espanha; Áustria, Eslovênia e Suíça; e Estados Unidos e Canadá.

A partir dessas leituras, foram selecionadas as publicações com maior contribuição conceitual para a pesquisa. Foram identificados outros temas e autores, comumente utilizados entre eles e que também serão utilizados no referencial teórico (APÊNDICE 3). Isso posto, para a construção do marco conceitual e teórico, os conceitos foram organizados e encadeados de forma a desdobrar uma sequência lógica, para entendimento dos temas e suas articulações (FIGURA 2).

FIGURA 2 – MAPA CONCEITUAL E TEÓRICO DA PESQUISA



FONTE: a autora (2021).

A linha a ser adotada e defendida aqui, entende que a experiência de montanha está contida na relação entre a sociedade, a montanha e o próprio turismo. Para isso, será demonstrada a dinâmica histórica, cultural e social que contribuiu para a mudança de percepção das regiões montanhosas. A prática do montanhismo como esporte, lazer e contato com a natureza estimulou o desenvolvimento do turismo nessas regiões. Entende-se que o turismo em áreas naturais (ou turismo de natureza) é um termo guarda-chuva que abarca, entre outros segmentos, o turismo de aventura. E nesta perspectiva está o turismo de montanha. A experiência a ser analisada está focada nas vivências emocionais e afetivas nesse tipo de ambiente, com ênfase no Pico Paraná.

2.1 A MONTANHA: CONHECIMENTO, SIMBOLISMO E REPRESENTAÇÃO

A escritora americana Marjorie Hope Nicolson (1894-1981), em sua premiada obra publicada em 1959: “*Mountain Gloom and Mountain Glory*”, buscou entender as mudanças de atitudes na relação entre o homem e as montanhas na literatura e na cultura inglesa entre os séculos XVII e XVIII, reunindo para isso poesia, teologia e filosofia. Trata-se de um estudo que ainda é muito utilizado e de importância na história da paisagem, em estudos filosóficos da estética, na literatura e nos relatos de montanhismo (HOLLIS, 2019).

Nicolson (1959) explica que emoções que sentimos e que compartilhamos quando estamos na montanha não são universais e foram diferentes no decorrer do tempo. Para ela,

“vemos na natureza o que fomos ensinados a procurar, sentimos o que fomos preparados para sentir” (p. 01, tradução nossa). As montanhas consideradas “templos da natureza” ou “catedrais naturais”, antigamente eram vistas como “males da natureza” ou então de “saliências feias” que desfiguravam a natureza e ameaçavam a simetria da Terra.

Por muito tempo, os homens escalavam montanhas com medo, em raras ocasiões, sugerindo a mais leve gratificação estética. Foram poucos os poetas clássicos, medievais ou renascentistas que escreviam sobre situações e as emoções que as montanhas provocavam. Para Nicolson (1959), a montanha é um símbolo novo que ingressou na poesia e na experiência humana somente na modernidade.

Até o século XVII os poetas e escritores ingleses não percebiam o esplendor que a montanha proporcionava em seus observadores. Foi somente no século XIX que essa realidade mudou em decorrência não apenas da literatura, mas também como resultado de uma profunda revolução do pensamento e na mudança de atitudes básicas. Antes que essa mudança de pensamento ocorresse, foi necessária uma transformação nas ideias sobre a estrutura da Terra e do universo do qual a Terra é apenas uma parte. Grandes áreas da ciência proporcionaram essa mudança de paradigma, como a teologia, filosofia, geologia e a astronomia. Para Nicolson (1959) o renascimento intelectual no final do século XVII proporcionou a transformação da ‘escuridão da montanha’ para a ‘glória da montanha’.

Nesse sentido, entender o que representa uma montanha dentro de uma sociedade e como ela evoluiu é uma tarefa complexa e desafiadora. A partir dessa introdução baseada em Nicolson (1959), serão abordados alguns fatores que influenciaram essa mudança de paradigma demonstrados por meio de relatos de viagens, bem como, alguns eventos históricos dessa transformação e como o montanhismo ganhou adeptos no mundo e transformou locais antes isolados em grandes destinos de montanha procurados por milhares de pessoas anualmente.

2.1.1 Antecedentes

De acordo com Kiesinger e Smith (2020), a motivação inicial para subir as altas montanhas não era de cunho esportivo: era para levantar altares ou com objetivo espiritual; visualizar seu território ou um campo vizinho; fazer observações meteorológicas ou geológica. Até a Era Moderna, haviam poucos registros de ascensão a montanha sem ser por esses motivos acima descritos.

Renato Pompeo (2016) se refere as histórias mitológicas da Grécia antiga no Monte Olimpo, séculos antes de Cristo, considerada como a morada dos deuses, entre eles, Zeus – o

Deus do clima – por ser o mais alto e próximo do céu. Tais histórias influenciam até os tempos atuais, seja no “cotidiano, pensamento, nos hábitos e costumes, até na ciência” (2016, não paginado).

O geógrafo Altair Gomes Brito (2008), em seu estudo sobre as representações das montanhas através do tempo, afirma que as interpretações sobre as montanhas vão além do seu aspecto físico, e incluem também sua imagem simbólica, construída culturalmente ao longo do tempo. Ele cita os relatos da Bíblia, em que a montanha se encontra em vários momentos da história de Jesus e de outras figuras bíblicas como local de “peregrinações, sacrifícios, milagres ou revelações divinas” (p. 36). Entre eles o Sermão da Montanha e a crucificação de Cristo no alto de uma montanha. Tais passagens contribuem para o simbolismo da montanha como lugar sagrado. Para Brito (2008), “as representações tecidas no universo do chamado senso comum acompanham a transformação dos valores estéticos e religiosos da sociedade, sendo compostas também por outras dimensões, como a turística, a esportiva e a ambiental” (p. 02).

No campo religioso e espiritual, a historiadora Alessandra Izabel de Carvalho (2011) destaca que muito dos valores compartilhados durante a história evocam a imagem das montanhas como “lugares de poder divino, revelação e purificação” (p. 02). Esses simbolismos atribuídos às montanhas são consequência, em parte, do aspecto cultural da sociedade e que hoje passam a ser admiradas pela sua beleza, sublimidade ou por ser selvagem, contrapondo o ambiente urbanizado e caótico atual (CARVALHO, 2011).

Para o geógrafo e montanhista Pedro Hauck (2008), o montanhismo surge como uma atividade desligada desse pensamento religioso pelas transformações da maneira de se pensar, principalmente no século XVIII – considerado o século das luzes.

Segundo o Clube Paranaense de Montanhismo (CPM, 2017), o primeiro texto ou registro escrito de subida de uma montanha, com o simples objetivo da curiosidade, foi pelo italiano Francesco Petrarca (ou Petrarch), quando acompanhado de seu irmão Gherardo, alcançaram em 24 de abril de 1336 o monte Ventoux (na França), um pico pré-alpino com 1.912 m (CPM, 2017). É interessante notar que se trata da Idade Média “conhecida como um período sombrio e arcaico de dominação religiosa” (ROMERA, 2017, não paginado) ou período conhecido como “Idade das Trevas” (PRUITT, s.d).

Petrarca viveu entre os anos 1304-1374 (FIGURA 3), considerado um dos homens mais inteligentes da sua época, foi um importante poeta, filósofo, teólogo, gramático, numismata e precursor do “*Tour de France*”. Ele foi um dos fundadores do Renascimento Italiano e acreditava na conciliação da cultura clássica com o cristianismo (SILVEIRA, 2010).

FIGURA 3 – RETRATO DE FRANCESCO PETRARCA, POR ROB HART (1835)



FONTE: https://petrarch.petersadlon.com/pictures_petrarch.html?pic=petrarch%5f25%2ejpg

Esse primeiro registro de Petrarca foi em forma de carta para o seu amigo Dionisio da Borgo San Sepolcro. Para Assunção (2012), desde a Antiguidade as cartas eram consideradas uma forma de comunicação sobre acontecimentos, deslocamentos, aventuras e desventuras. Desde então, fazia parte da necessidade “humana de transmitir para outrem ensinamentos e conhecimentos da experiência e das descobertas realizadas” (2012, p. 26). A carta de Petrarca se inicia da seguinte maneira:

Hoje fiz a subida da montanha mais alta desta região (...). Meu único motivo era o desejo de ver o que uma elevação tão grande tinha a oferecer. Há muitos anos que tenho essa expedição em mente; pois, como você sabe, vivo nesta região desde a infância, tendo sido lançado aqui por aquele destino que determina os assuntos dos homens. Consequentemente, a montanha, que é visível de grande distância, sempre esteve diante dos meus olhos, e eu concebi o plano de algum tempo fazendo o que finalmente consegui hoje (PETRARCH, 1336, tradução nossa ¹).

É possível perceber que sua motivação a princípio era a ‘simples’ curiosidade pela vista daquela montanha, que fora ‘despertada’ pela leitura de Tito Livio (59 a.C. – 17), quando descreve a história de Felipe da Macedônia ao subir o Monte Haemus (Tessália) e pôde visualizar do seu cume o Mar Adriático e o Euxino. Petrarca dá continuidade à carta descrevendo como escolheu o seu companheiro de empreitada e relata a dificuldade em encontrar uma pessoa que mantivesse um equilíbrio emocional e físico para o desafio, ao

¹ The Ascent of Mount Ventoux. Disponível em: [Francesco Petrarch - Pai do Humanismo \(petersadlon.com\)](https://petrarch.petersadlon.com)

mesmo tempo que não atrapalhasse o prazer puro da experiência. Ao final das avaliações, ele convidou o seu irmão Gherardo.

A partir de então, Petrarca descreve o percurso até chegar ao cume, relatando como é a montanha e as dificuldades do corpo e do caminho, inclusive narrando a irritabilidade que o cansaço causou. Durante o trajeto ele se depara com um velho pastor que tenta convencê-los a não prosseguirem, discurso este que fez aumentar a sua curiosidade: “A montanha é uma massa de solo pedregoso muito íngreme e quase inacessível. Mas, como bem disse o poeta, a labuta implacável conquista tudo” (PETRARCH, 1336, tradução nossa).

Ao prosseguir, Petrarca descreve as dificuldades do acesso ao cume, nas tentativas de encontrar um caminho mais fácil, ele faz um paralelo da situação com a vida “abençoada” e com divagações relacionadas ao momento histórico vivido da Idade Média, principalmente com o poder que a Igreja Católica exercia no cenário religioso:

Depois de ser frequentemente enganado dessa maneira, finalmente me senti em um vale e transferi meus pensamentos alados das coisas corpóreas para as imateriais, dirigindo-me a mim mesmo da seguinte forma: - "O que você experimentou repetidamente hoje na subida desta montanha, acontece a ti, como a muitos, na jornada em direção à vida abençoada. Mas isso não é tão facilmente percebido pelos homens, uma vez que os movimentos do corpo são óbvios e externos, enquanto os da alma são invisíveis e ocultos. Sim, a vida que chamamos de bem-aventurada deve ser procurada em uma alta eminência, e estreito é o caminho que leva a ela. Muitas, também, são as colinas que se encontram entre elas, e devemos subir, por uma escada gloriosa, de força em força. O topo é, ao mesmo tempo, o fim de nossas lutas e a meta para a qual estamos destinados. (PETRARCH, 1336, tradução nossa)

Finalmente eles chegam ao pico mais alto, chamado pelos camponeses de “*Sonny*” (filho em inglês). Ali, encontram um lugar plano para descansar. Desse lugar, Petrarca descreve a emoção de “atordoamento” vivenciado pela paisagem descoberta:

(...) A princípio, devido à qualidade incomum do ar e ao efeito da grande visão que se estendia diante de mim, fiquei como se estivesse atordoado. Observei as nuvens sob nossos pés, e o que li sobre Athos e Olimpo parecia menos incrível, pois eu mesmo testemunhei as mesmas coisas de uma montanha de menos fama. Voltei meus olhos para a Itália, para onde meu coração mais se inclinava. Os Alpes, acidentados e cobertos de neve, pareciam se erguer próximos, embora estivessem realmente a uma grande distância; (...). Suspirei, devo confessar, pelos céus da Itália, que contemplava mais com a mente do que com os olhos. Um desejo inexprimível veio em mim para ver mais uma vez meu amigo e meu país (...) (PETRARCH, 1336, tradução nossa).

Em seguida, ele continua a carta divagando sobre a sua juventude, nas experiências e transformações que passou, principalmente sobre a relação de amor que teve com Laura de

Noves. Ao final desse trecho, ele retorna para o local onde estava e observa a paisagem em seus detalhes:

Essas e outras reflexões ocorreram a mim, meu pai. Regozijei-me com meu progresso, lamentei minhas fraquezas e me compadeci da instabilidade universal da conduta humana. Eu quase tinha esquecido onde estava e nosso objetivo em vir; mas afinal rejeitei minhas ansiedades, que eram mais adequadas a outros ambientes, e resolvi olhar ao meu redor e ver o que havíamos vindo ver. O sol poente e as sombras cada vez maiores da montanha já estavam nos avisando que o tempo estava próximo em que deveríamos partir (...) (PETRARCH, 1336, tradução nossa).

Então, ele pega o exemplar das Confissões de Santo Agostinho e abre numa página qualquer e, junto com o seu irmão, retira por coincidência a seguinte mensagem que o deixou surpreso: "E os homens se maravilham com as alturas das montanhas, e com as poderosas ondas do mar, e com os vastos rios, e o circuito do oceano, e a revolução das estrelas, mas eles próprios não se consideram" (PETRARCH, 1336, tradução nossa).

Petrarca fica reflexivo sobre o sentido da vida, da nobreza da alma, das coisas materiais e sobre Deus: "Quantas vezes, pense você, eu voltei atrás naquele dia, para olhar para o cume da montanha que parecia pouco alto em comparação com a gama da contemplação humana" (PETRARCH, 1336, tradução nossa). Petrarca e seu irmão retornam para a pousada já no anoitecer, com a lua cheia. Durante o preparo do jantar, Petrarca se isola para escrever esta carta antes mesmo que a emoção vivenciada fosse embora ou alterada:

O tempo durante o qual os criados estiveram ocupados em preparar nosso jantar, passei em uma parte isolada da casa, anotando apressadamente estas experiências no momento, para que, caso minha tarefa fosse adiada, meu humor não mudasse ao deixar o lugar, e assim meu interesse em escrever a folha. (PETRARCH, 1336, tradução nossa).

É interessante perceber como a subida à montanha reformulou conceitos e pensamentos de vida de Petrarca. Como as dificuldades do caminho e a vista do cume refletiram no plano espiritual do escritor e no seu autoconhecimento. Isso aconteceu no ano de 1336 e estimula pensar sobre a capacidade que a montanha pode exercer num indivíduo até os dias atuais, mesmo diante de mudanças nas esferas sociocultural, econômica e tecnológica.

Gastal (2013, p. 127) explica que na cidade medieval, murada, não existia escalar as montanhas, elas eram desconhecidas e estavam "fora do olhar e do universo sensorial dos artistas e das demais pessoas", elas eram consideradas "origem dos males tenebrosos". Com exceção desse relato icônico de Petrarca, no ano de 1336 – período da Idade Média –, as subidas

às montanhas não eram comuns por conta das estórias e teorias sobre dragões que habitavam essas regiões e sobre as baixas temperaturas dos cumes (SILVEIRA, 2010).

2.1.2 Séculos XV à XVIII: a montanha como atrativo

Um das histórias proeminentes dessa época remete ao médico e naturalista suíço Johann Jakob Scheuchzer (1672 - 1733). No início de 1700 ele foi à procura das lendas sobre dragões nos Alpes que resultou em uma importante investigação sobre a vida animal e vegetal dessa região (SEMPERE, s./d.). Em quase uma década nos Alpes, ele publicou o relato de sua viagem (em 1708) e sobre as superstições dos residentes suíços que acreditavam nas histórias de lagartos com caudas múltiplas e cobras com rostos humanos (MASTERS, 2016). Mesmo não tendo evidências reais, Scheuchzer acreditava existir em alguma rara espécie animal, como cobras deformadas, algumas com asas ou com membros (MASTERS, 2016).

Segundo Raimundo (2010) essa transição do feudalismo para a Idade Média, as cidades eram consideradas espaços sagrados e a natureza como lugares profanos, muitas vezes relacionados à religião ou ao medo. Para Hauck (2009), essa visão teocêntrica da Idade Média pode ter sido a época que mais afastou os aventureiros das montanhas.

Raimundo (2010) explica que no início da Era Moderna (século XV) essa visão foi se transformando por conta do acesso à natureza facilitado pelos meios de transportes, os avanços da ciência e das técnicas de navegação, o gosto pela jardinagem, paisagismo e outras formas de representar a natureza, entre eles nas artes e na literatura. Segundo este autor, o gosto pela contemplação da natureza acarreta a sensação de liberdade e o turismo desponta quando a sociedade recupera o gosto pela natureza e assim, os lugares são transformados em atrativos, se tornando um setor econômico lucrativo.

Em 1983, o historiador galês Keith Thomas publicou o livro *“Man and the Natural World Changing Attitudes in England, 1500-1800”*. Para ele, esse período foi de transformação na sociedade com relação a percepção da natureza, quanto aos animais, plantas e a paisagem, incluindo as regiões montanhosas. Essas mudanças de paradigmas iriam além do contexto da Inglaterra e se estenderiam à Europa e América do Norte (THOMAS, 1988).

Thomas (1988) explica que os adeptos da agricultura dos séculos XVI e XVII consideravam as charneças, pântanos e montanhas virgens como um símbolo que merecia ser condenado e transformado em solo cultivável. Em contrapartida, a paisagem domesticada, habitada e produtiva, era considerada bela e fértil, por isso, admirada por viajantes, que apreciavam como qualidades a simetria e a regularidade, que remetiam a uma concepção de

boa agricultura. Já as montanhas, eram consideradas improdutivas e vistas como desprovidas de atrativos físicos, consideradas pelos viajantes modernos como desagradáveis e arriscadas, por conseguinte, preteridas diante de paisagens mais amenas e férteis.

Essa preferência pelas paisagens domesticadas e controladas pelo homem mudou antes de terminar o século XVII. Ao invés do jardim formal e simétrico, foi sendo desenvolvido um estilo inglês de jardinagem paisagística caracterizada pela informalidade, tornando até mesmo difícil diferenciar de um campo não cultivado. Essa paisagem “agreste e estéril” que era objeto de aversão vai ganhando uma conotação como “fonte de renovação espiritual” e quanto mais selvagem a paisagem, maior seria o seu “poder de inspirar emoção” (THOMAS, 1988, p. 307):

As montanhas que em meados do século XVII eram odiadas como estéreis “deformidades”, “verrugas”, “furúnculos”, “monstruosas excrescências”, “refugio da terra”, “pudenda da natureza”, tinham-se transformado, cerca de um século depois, em objetos da mais elevada admiração estética (THOMAS, 1988, p. 307)

Outros fatores também contribuíram para essa mudança de percepção, dentre eles na discussão teológica. De um lado acreditavam que a Terra se degenerara desde a Criação e, do outro lado, acreditavam que as montanhas pudessem exercer algum propósito ou utilidade, como por exemplo, dar abrigo para os rios, prover divisas naturais ou dar refúgio para os animais (THOMAS, 1988).

No final do século XVII, a propagação do misticismo da natureza entre os teólogos e filósofos se juntou com a certeza de que as montanhas eram prazerosas porque proporcionavam o ar mais puro e as melhores vistas, inclusive como um lugar mais próximo do céu, o que lhe rende uma conotação cada vez mais estética (THOMAS, 1988).

Ainda durante o século XVIII as regiões montanhosas ganham a atenção e preferência dos viajantes. Mesmo aqueles que não tivessem condições de se locomover a grandes distâncias, adquiriam desenhos e gravuras de montanhas. Esse momento histórico, segundo Thomas (1988), se destaca pelo movimento pitoresco nas artes que ganhou notoriedade através do *Grand Tour*, que viria a fortalecer os guias de viagens.

Conforme Costa (2015), o termo pitoresco foi introduzido na segunda metade do século XVIII e se caracterizou como um tipo de composição que não se enquadrava ao ideal clássico de beleza (das paisagens formais e da simetria). Desde então, ele tomou implicações em diversos campos, como da cultura, dos jardins, da literatura, da moda, da política e das viagens. O termo é utilizado até hoje como algo que, por suas singularidades, merece ser pintado. Esse movimento contribuiu para a apreensão e compreensão do mundo baseado pela visualidade.

De acordo com Thomas (1988), a sociedade nessa época não era “educada” para sentir atração por vistas amplas e perspectivas abertas. Atribuía-se que a apreciação consciente desse tipo de ambiente dependia de um conhecimento incipiente da “tradição pictórica europeia”. Para ele, os cenários do campo se tornavam atrativos por conta das pinturas paisagísticas.

Através das publicações e guias das belezas da Inglaterra (retratadas por aquatintas ou gravuras em aço), os viajantes cultos, principalmente os artistas, eram levados aos locais de interesse e com os melhores pontos de observação da paisagem de acordo com pintores reconhecidos (DIENER, 2008; THOMAS, 1988). Assim, o pitoresco tinha o objetivo de ser um guia para entender essa nova experiência, “domesticando o desconhecido e reorganizando o desestruturado” (DIENER, 2008, p. 64).

A estética de pitoresco marcará a visualidade dos primeiros destinos turísticos de montanha e litoral, sendo reproduzida nos guias de turismo e se fazendo presente ao longo do século XX nas imagens turísticas (GASTAL, 2013, p. 123).

Para Salgueiro (2002), no século XVIII, o *Grand Tour* se torna um fenômeno social característico da Europa realizado inicialmente por aristocratas principalmente por Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles. Ao analisar os diários de viagens de três renomados *grand tourists*, a autora destaca o papel da arte e da arquitetura, o culto à ruína e a atração de valores estéticos sublimes. Eram pessoas que dispunham de recurso e tempo, que viajavam por puro prazer e amor a cultura.

Porém, esses deslocamentos em alguns pontos eram dificultados pelos acessos e perigos dos caminhos. Segundo Salgueiro (2002), após a estada em Paris os viajantes se deslocavam sentido a Itália. Porém, existiam duas opções de acesso: atravessar os Alpes até Turin ou enfrentar o Mar Mediterrâneo com risco de tempestades, ventos e a presença de piratas, além das condições precárias das embarcações. Então, a rota mais utilizada seguia pelos Alpes, passando pelo Monte Cenis (*França*). Entretanto, pelas condições dos caminhos, era necessário desmontar as carruagens, colocar toda a bagagem em lombo de mulas:

Enquanto o viajante era mais provável de ser carregado por robustos carregadores montanhesees em cadeiras de viagem do tipo de liteiras. Nesse caso, com um carregador na frente e outro atrás, o *grand tourist* viajava sentado, ... "contemplando" a sublime paisagem alpina (SALGUEIRO, 2002, p. 293).

Essa condição precária de viagem oferecia ao viajante desfrutar do cenário selvagem e grandioso das montanhas influenciando assim a mudança do olhar pois, tinham tempo de admirar alturas nunca vistas, experimentando novos sons e até mesmo o silêncio absoluto que

não encontravam mais em seu ambiente de origem (SALGUEIRO, 2002). Essa situação proporcionava novas emoções que eram descritas tanto nos relatos de viagens e bem como nos registros visuais:

O trajeto pelo Monte Cenis, por exemplo, conduzia o viajante ao contato com uma paisagem onde, pela altura das montanhas e precipícios, a visão de uma enorme distância, avalanches, o frio intenso e a neblina espessa, tudo impressionava segundo termos como “infinito”, “grandioso”, “interminável”, desconhecidos para descrever a paisagem pelos que nunca, até então, haviam deixado sua região de origem, na Inglaterra, França ou Alemanha (SALGUEIRO, 2002, p. 306).

Vários artistas retrataram as montanhas de diferentes perspectivas. Hoakley (2015) destaca pintor galês Richard Wilson (1714-1782) como sendo um dos pioneiros em retratar paisagens de montanhas:

FIGURA 4 - RICHARD WILSON, CADER IDRIS (1774), ÓLEO SOBRE TELA (51,1 X 73 CM) - THE TATE GALLERY, LONDRES. WIKIMEDIA COMMONS.



FONTE: HOAKLEY, 2015.

Nessa obra, o pintor Wilson retrata a montanha de Cader Idris (País de Gales). Para Hoakley (2015) o que chama atenção é o ângulo retratado, de cima, registrando a vista, e não o contrário, para destacar a altura e a ameaça da montanha. As pessoas integradas na obra, provavelmente “representam os primeiros exploradores das regiões montanhosas da Europa, em busca de sua experiência do sublime *burkeano*”².

² Segundo Rossetti (2014): “O tema do sublime vem sendo desenvolvido por estudiosos desde o século XVIII na tentativa de buscar uma teoria artística a respeito desta categoria estética. Em 1757, o irlandês Edmund Burke escreveu “Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo”. Dentro da tradição e da crítica de arte inglesas, o filósofo é o primeiro a formular a diferença entre o belo e o sublime. Para ele, o belo é calmo e o sublime é um choque”.

Segundo Thomas (1988, p. 309) é possível perceber que ao final do século XVIII a afeição pela natureza selvagem se converte como uma prática religiosa: entende-se que além de sua beleza, ela também é “moralmente benéfica” e desempenha um poder espiritual sobre a sociedade, ou seja, aqueles sentimentos de “pasma, terror e exultação” exclusivos à Deus, aos poucos foram sendo transferidos também ao cosmos, à medida que foram sendo desvendados pelos astrônomos, bem como as montanhas, oceanos, desertos e florestas foram sendo explorados.

Essa mudança de paradigma proporcionou a essas regiões montanhosas se tornassem cada vez mais atrativas. Desde então, as montanhas deixaram de ser repugnantes e se tornam a “forma mais elevada de beleza natural, sinal da sublimidade divina” e esses moradores locais considerados bárbaros até então, passaram a ser enaltecidos por sua ingenuidade e simplicidade (THOMAS, 1988, p. 309).

Essa devoção quase religiosa pela paisagem selvagem é considerada um fenômeno europeu. Porém, os ingleses foram mais longe no rumo da chamada “divinização da natureza” e podem ter sido eles que mais “mitificaram o alpinismo, representando-o como atividade semirreligiosa” (THOMAS, 1988, p. 310).

No século XVIII as viagens a esses locais se beneficiaram com esse novo olhar e gosto pela natureza selvagem, principalmente com a melhoria do setor de comunicação e com as facilidades de acesso à montanha, como a melhoria de vias, dos próprios cavalos e postes de sinalização. Essas facilidades fizeram da montanha menos proibitivas aos turistas, mais acessíveis e mais seguras de escalar e assim, refletiram no crescimento do turismo para essas localidades montanhosas (THOMAS, 1988). Para Gastal (2013), foi a partir de 1740, que os Alpes foram objeto de curiosidade e depois motivado pelas pesquisas científicas. Além dessas melhorias, houve também outra circunstância que contribuiu para essa procura por paisagens perigosas. Acredita-se que “o maior conforto na vida cotidiana tornava as provações mais árduas – desde que ocasionais –, mais atraentes para as classes médias em férias e um certo grau de risco entrava nos atrativos” (THOMAS, 1988, p. 310).

No século XIX, com o aumento populacional das cidades, a paisagem selvagem proporcionava uma fuga do “burburinho crescente das cidades e das fábricas”, um lugar possível para ficar sozinho (THOMAS, 1988). Gastal (2013, p. 131) conta que o “trem levava ao campo, para longe das cidades tomadas por fábricas movidas a carvão, que cobriam tudo e todos com fuligem preta”. É nesse sentido de escapismo, em busca de regeneração espiritual, que proporcionará tempos depois os movimentos de preservação das montanhas em frente ao progresso humano. Essas reservas de cenários, entre eles o montanhoso, o norte-americano

Charles Eliot, em 1896, denominava como “as catedrais do mundo moderno” (THOMAS, 1988, p. 318).

2.1.3 O alpinismo moderno e as principais conquistas

A conquista do *Mont Blanc* (4.810 m), nos Alpes divisa entre a França e a Itália, é considerado um marco para o alpinismo moderno mundial (CPM, 2017). A conquista aconteceu em 1786, quando com o camponês Jacques Balmat e o médico Gabriel Paccard aceitaram o desafio e a recompensa em dinheiro do geólogo Horace Benedict Saussure (HAUCK, 2009; SKYWAY MONT BLANC, 2021). Após esse feito, muitos viajantes começaram a fazer excursões acompanhados por pessoas mais experientes (SKYWAY MONT BLANC, 2021).

Entre o século XVIII e XIX, poucas pessoas tinham condições de se ausentar de suas funções e responsabilidades para subir montanhas, isso era privilégio principalmente de naturalistas e cientistas para a realização de pesquisas científicas sobre temas como botânica, geologia, entre outros, mas eles não se identificavam como montanhistas (HAUCK, 2009; LOOCKE, 2011). Portanto, até esse momento as pessoas não procuravam a montanha por lazer, esporte ou aventura, mas iam para contribuir com a ciência, período conhecido como “montanhismo científico” (LOOCKE, 2011).

A medida que as pessoas dispunham de tempo e recursos financeiros, proporcionava assim o aumento da demanda pelas montanhas da Europa (HAUCK, 2009):

Com ferramentas agrícolas improvisadas, iniciou-se o alpinismo moderno, com caráter esportivo e recreacional, se afastando daquele montanhismo naturalista/científico. A década de 1850 foi uma das mais fervorosas do montanhismo, quando a atividade se tornou um esporte e através do desafio de chegar nos cumes, quase todas as montanhas europeias foram conquistadas. No entanto, as mais escarpadas ainda representavam uma grande dificuldade e diante do perigo eminente, poucos se arriscavam (HAUCK, 2009).

A partir de 1850, Loocke (2011) explica que a instalação e aprimoramento de ferrovias também contribuíram para o alpinismo, de forma que propiciavam viagens mais rápidas e confortáveis para os Alpes e outros locais de montanhas. Em consequência, com o aumento de empresas de transporte ferroviário, mais barato ficavam os custos da viagem e mais pessoas procuravam essas regiões, incentivando a prática da escalada. Além do meio de transporte, é notável também o crescente número de livros e guias de viagem escritos por montanhistas sobre os Alpes durante a década de 1850. Essas publicações despertavam a curiosidade das pessoas para esse tipo de paisagem e esporte.

Outra conquista importante para o crescimento do alpinismo foi a subida do Matterhorn (4.478 m), em 14 de julho de 1865, por um grupo liderado pelo artista inglês Edward Whymper. Porém, essa expedição terminou de forma trágica, com a morte de parte da equipe em um trecho de descida muito íngreme (KIESINGER; SMITH, 2020).

Para Alves (2008, p. 16), após essa conquista tem início a “era de ouro do alpinismo”. Nos anos seguintes, os ingleses conquistavam os principais picos da Europa e influenciavam esportivamente os suíços, franceses, italianos e alemães. Na metade do século XIX, os suíços desenvolvem um círculo de guias que fomentou o alpinismo como um esporte distinto, à medida que os picos por toda a Europa Central eram conquistados (KIESINGER; SMITH, 2020).

George A. Smith e Carol D. Kiesinger, montanhistas experientes e autores de livros e artigos sobre o montanhismo, afirmam que em 1870 os principais cumes alpinos já haviam sido escalados e os alpinistas começaram a procurar novos desafios (2020). No final do século XIX eles voltaram sua atenção para a Cordilheira dos Andes, Montanhas Rochosas, o Cáucaso na Ásia, os picos da África e o Himalaia. Começava a corrida para quem atingisse a montanha mais alta e distante (QUADRO 2), muitos até patrocinados pelos próprios governos (HAUCK, 2009). Abaixo, os anos dessas principais conquistas:

QUADRO 2 - PRINCIPAIS CONQUISTAS DE MONTANHAS NO MUNDO

MONTANHA	ALTITUDE	ANO
Monte Aconcágua (Andes)	6.959 m	1897
Monte Santo Elias (entre EUA e Canadá)	5.489 m	1897
Grand Teton (Montanhas Rochosas)	4.197 m	1898
Pico de Margherita (África Oriental)	5.119 m	1906
Monte McKinley (ou Denali) (Alasca)	6.190 m	1913

FONTE: Organizado de KIESINGER, SMITH (2020).

É possível perceber o rápido avanço nas conquistas em alta montanha pelo mundo. O cenário estava propício para conquistas maiores como o Monte Everest, no Himalaia. Após a Segunda Guerra Mundial, essa ascensão histórica da montanha mais alta do planeta (8.848m), aconteceu em 1953, pelo neozelandês Edmund Hillary e o sherpa nepalês Tenzing Norgay (CPM, 2017). Ao chegarem ao cume, Hillary tirou fotos e deixou um crucifixo no local e Tenzing (um budista) fez uma oferenda para a montanha. No retorno, eles foram recebidos com festas e essa conquista foi considerada um dos eventos marcantes do século XX e um marco para o montanhismo mundial (NORGAY, et. al, 2021).

FIGURA 5 - TENZING NORLAY (À DIREITA) E EDMUND HILLARY - MONTE EVEREST, 26/06/1953.



FONTE: NORLAY, ET. AL. (2021).

De acordo com o Departamento de Parques Nacionais e Conservação da Vida Selvagem do Nepal (s./d.), desde a década de 1950 as expedições de montanhismo atraem o turismo nessa região e como consequência, existe a preocupação quanto à dependência da economia local e descaracterização cultural com a atividade turística. Para isto, o governo tomou providências legais para regulamentar hotéis e pousadas na área do parque e no seu entorno com o objetivo de melhorar a condição socioeconômica da população local, inclusive com a oferta de cursos.

Entre outras ações para proteger essa região do Monte Evereste, no ano de 1976 é instituído o Parque Nacional Sagarmatha, em Kathamdu. E três anos depois, em 1979, o Parque é considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO, por conta de suas características naturais, culturais e paisagísticas singulares. Aproximadamente 3.500 sherpas vivem em vários assentamentos dentro do parque. É um povo budista tibetano e tem como tradição a agricultura, o pastoreio de gado e o comércio (DEPARTMENT OF NATIONAL PARKS AND WILDLIFE CONSERVATION, S./D.).

É interessante notar que em paralelo, a partir da década de 1950, acontecem os primeiros movimentos ambientalistas. Segundo Raimundo (2010), nesse período é dada atenção aos estudos científicos e as grandes convenções sobre o meio ambiente, culminando com novo desafio da humanidade denominado de ‘desenvolvimento sustentável’ (em 1989), um novo paradigma de compreensão da relação entre sociedade e natureza. No turismo, também é possível perceber uma mudança de atitude e no comportamento dos turistas, bem como a realização de eventos e encontros com a discussão de um novo modelo de turismo alternativo, chamado de “turismo sustentável” (em 1990).

2.1.4 As montanhas e o montanhismo no Brasil

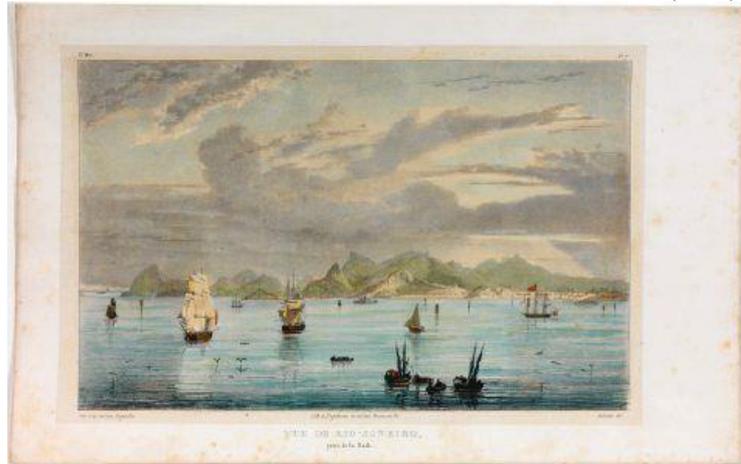
A natureza selvagem do Brasil é destaque nos registros de viagens dos primeiros colonizadores, cientistas naturalistas e outros viajantes pelo nosso país. As florestas, rios, praias e as montanhas foram retratadas desde o início, bem como a fauna, a flora, as condições climáticas e a cultura dos povos daqui.

O historiador Paulo de Assunção analisa a história do Brasil, entre os séculos XVI e XX, através de narrativas de viagens, resgatando diferentes dimensões, significados e experiências no contexto da atividade turística. Para ele “cada registro marcou a presença do viajante e sua identidade no mundo; ao se deslocar, o viajante ia elaborando representações de pessoas e lugares, positivas e negativas, organizando e apresentando para o mundo” (2012, p. 287-288).

A ansiedade dos viajantes em conhecer as novidades do Novo Mundo despertou a curiosidade de muitas pessoas, principalmente dos naturalistas em explorar e registrar as novas conquistas. Assunção (2012) traz alguns relatos desses viajantes que retrataram as montanhas do Brasil, tais como: o alemão Johann Moritz Rugendas (1802 - 1858) e o inglês Charles James Fox Bunbury (1809 – 1886).

Johann Moritz Rugendas foi um importante desenhista, pintor e litógrafo. Ele foi contratado como desenhista para a expedição científica organizada pelo Barão de Langsdorff. Ao se desligar da expedição, foi explorar o Brasil entre os anos de 1821 à 1824 (IMS, s./d.; ASSUNÇÃO, 2012). O texto que escreveu para acompanhar as gravuras recebeu o título de *Viagem pitoresca através do Brasil* e publicado em Paris em 1835. De acordo com Assunção (2012), Rugendas destacava no Brasil as montanhas e a rica vegetação. Para ele, a vista do Rio de Janeiro era admirável por conta das montanhas (FIGURA 6).

FIGURA 6 –VISTA DE RIO-JANEIRO POR RUGENDAS (1835).



FONTE: INSTITUTO MOREIRA SALES (s./d.)

Charles Bunbury era um naturalista que chegou no Brasil em 1833 e ficou até 1835. Assim como Rugendas, ele também elogiou a bela paisagem da baía do Rio de Janeiro com o Pão de Açúcar ao fundo. Em seu registro ao Corcovado, ele afirmava que não era difícil e que poderia ser acessado até a cavalo. Bunbury relatou o tempo de caminhada, as dificuldades, a riqueza e o silêncio da floresta. Ao atingir o cume, a visão para ele foi “encantadora, impossível de imaginar ou descrever” (ASSUNÇÃO, 2012, p. 133).

É possível notar que tais registros se referem a expedições técnicas, de estudo ou financiadas pelo Governo. Nelson Penteado Alves, importante montanhista paranaense e autor do livro sobre o Marumbi (2008), afirma que foi Joaquim Olympio Carmeliano de Miranda o precursor do montanhismo esportivo no Brasil. Ele nasceu em 26 de julho de 1842 na região da baía de Paranaguá. Alves (2008) conta que tudo começou no ano de 1872 quando Joaquim Olympio, contemplando as montanhas do Marumbi (Morretes), sentiu a vontade de deixar os seus compromissos profissionais e sair para explorar aquelas montanhas consideradas até então a mais alta do Paraná. E assim, seguiu por 7 anos estudando e coletando informações, até que em 17 de agosto de 1879, aconteceu a grande conquista acompanhado de Bento Manoel de Leão, Antonio Silva e Antônio Messias. Houve festa entre eles e no cume foi instalada uma placa de cobre talhada em baixo relevo (ALVES, 2008).

A historiadora Alessandra de Carvalho, pesquisou entre outros temas, sobre montanhas e memórias no contexto do Marumbi. Para ela (2011), essas conquistas apontaram uma nova etapa na relação entre homens e montanhas no Brasil. Isso porque essa missão não tinha caráter militar, científico, religioso e nem comercial, mas a simples curiosidade e com o desafio de serem os primeiros a atingir, até então, o ponto mais alto do Paraná.

Segundo Santos e Antonelli (2015), durante os 50 anos após essa conquista, ocorreram poucas expedições por essas trilhas. A maioria que se aventuravam no Marumbi eram escritores, historiadores e artistas. A partir de 1937 se inicia a “fase das conquistas” dos picos do conjunto Marumbi. Esses aventureiros geralmente eram alemães ou descendentes que residiam em Curitiba e que traziam consigo essa tradição dos alpinistas.

Carvalho (2011) destaca que por volta dos anos de 1940, surge uma manifestação específica dessa prática do montanhismo que foi denominada “marumbinismo”, já que nos Alpes era chamado de alpinismo e nos Andes de andinismo. Para ela, nesse período a atividade física fazia parte de uma ideologia na “construção do caráter individual e nacional” e subir a montanha se enquadrava nesse pensamento (p. 03). Existia nessa época também um discurso cívico como o valor do contato com a natureza e as excursões na Serra era uma oportunidade em contribuir para a ciência. A intenção era estudar e fotografar a natureza com o marumbinismo³, esse esporte exigia preparação física, solidariedade ao próximo, iniciativa, persistência e ousadia (CARVALHO, 2011).

Esse movimento na Serra do Mar, culminou no ano de 1943 com a fundação do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba (CMC), um clube para agrupar e disciplinar os praticantes desse esporte (CARVALHO, 2011). Em 1978, os “jovens admiradores dos marumbinistas criaram o Clube Paranaense de Montanhismo, que está em atividade até hoje” (SANTOS; ANTONELLI, 2015).

Maria Cristina do Amaral, guia especializada em atrativos naturais, escreveu sobre o desafio da *Adventure Sports Fair*⁴ e o turismo de aventura no Brasil (2005). Ela conta que a década de 1980 no Brasil foi caracterizada por transformações quanto a maneira de se viver, em decorrência do processo de urbanização que impulsionou as pessoas a procurarem o lazer fora do contexto urbano, estimulando assim o ambiente rural como destinos turísticos e abrindo portas para muitos empreendimentos se instalarem e explorarem essa nova oportunidade.

Segundo Betrán e Betrán (2006), nascem então as práticas de terra, água e ar que proporcionam emoções e sensações de risco e aventura. Esse cenário criou instrumentos de fomento e de regulamentação, estimulando políticas governamentais ou de medidas de

³ Segundo Carvalho (2011, p. 05), “para os integrantes do CMC, excursionismo e marumbismo significavam a mesma coisa, ou seja, um movimento do corpo altamente edificante no qual estavam contidos todos os preceitos que, na época, faziam da atividade física um elemento aglutinador do caráter nacional”.

⁴ Com início em 1999, a *Adventure Sports Fair* é uma feira que se tornou um ponto de encontro do setor, reunindo empresas e indivíduos: “simpatizantes, atletas, fabricantes e comerciantes de produtos para” a prática de aventura (AMARAL, 2005, p. 235). Acontece na cidade de São Paulo e é considerado o principal evento desse segmento na América Latina (ABETA, 2018).

sustentabilidade ambiental e econômica, como é possível perceber no ecoturismo, turismo de pesca e no turismo rural (AMARAL, 2005).

Amaral (2005) ainda destaca que essa procura crescente por diferentes destinos turísticos e de opções de diversão foi um movimento social que, ao final da década de 1990, desencadeia o turismo de aventura no Brasil, com o objetivo de oferecer aos turistas a chance de torna-los ativos diante da natureza, contrapondo o turismo tradicional, que oferecia uma condição mais passiva de divertimento. É nesse período que cresce a quantidade de operadores e agentes de turismo de aventura no Brasil, principalmente aquelas focadas no *rafting* e na caminhada.

Nesse cenário, a Federação Paranaense de Montanhismo (FEPAM) é criada no ano de 2002, entidade de administração estadual do desporto de Montanhismo, sem fins lucrativos, sendo constituída pelas entidades que possuem o mesmo propósito. A FEPAM (2021) tem como objetivo administrar, organizar e regulamentar o montanhismo no Paraná, além de propagar os valores associados à cultura de montanha, defendendo e promovendo o esporte.

Outros dois eventos marcantes nesse período ocorreram em 2004. A primeira foi a instituição da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME). Ela possui três eixos norteadores: a) desenvolvimento técnico do esporte; b) formação técnica e ética de montanhistas; c) ações de acesso e conservação das montanhas. E o segundo evento foi a criação da Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) com o objetivo de representar e promover esses segmentos no Brasil e de maneira segura (ABETA, 2020).

2.1.5 Cadernos de Cume: registros históricos do montanhismo

O alpinista Oscar Masó Garcia, em seu livro “*Libros de arriba, uma história de paixão e conquista*” (2018), reúne a história das caixas e cadernos (ou livros) de cume, que passaram a ser utilizadas de forma espontânea, improvisada e se tornaram uma tradição no montanhismo mundial, espalhados pelos cinco continentes, inclusive na Antártica. Destaca-se que essa foi a única referência bibliográfica encontrada sobre as caixas de cume. Foi um livro trazido diretamente da Espanha para essa pesquisa. Este autor, define o que são esses Cadernos de Cume:

São livros de registro no termo mais clássico, que geralmente consistem em um livro, caderno ou grupo de folhas de papel geralmente acompanhados de um lápis ou caneta, colocados dentro de uma caixa ou recipiente de metal, plástico, vidro ou outro material que possa resistir, com mais ou menos solvência, às duras condições climáticas da montanha. Eles estão localizados principalmente no topo das montanhas, pedras, picos

e até mesmo no meio da parede de vias de escalada, e muitas vezes cobertos por uma pilha de pedras ('poste de pedra', marco, pirâmide), ou às vezes próximas a alguma estrutura de suporte artificial, seja na forma de uma cruz, bandeira, símbolo, estande, etc. Desta forma, os ascensionistas podem inscrever suas assinaturas e comentários sobre a ascensão ou suas impressões do momento (GARCIA, 2018, p. 18, tradução nossa).

Para Garcia (2018), historicamente a prática de subir montanhas sempre foi relacionada ao esforço, aventura e heroísmo, e a busca por montanhas mais altas e desafiadoras remete a conquista e também na satisfação pessoal. Surge então a vontade de registrar estes feitos de superação e da conquista do local, muitas vezes locais inóspitos e virgens. De início, bastava levantar um marco de pedra que fosse visto de longe, ou então fixar uma bandeira no cume da montanha, uma cruz ou qualquer outro objeto que demonstrasse que aquele local já havia sido conquistado. Porém, havia a necessidade do registro escrito do conquistador, em gravar os nomes no cume para serem vistos por quem alcançasse o topo depois. Isso começou com as garrafas de vidro, latas ou outros invólucros rústicos que conservassem o papel dentro, que continham os nomes dos escaladores e as datas das conquistas.

Quanto a origem dessas caixas de cume, Garcia (2018) afirma que começou de maneira tímida, no início do século XIX, os primeiros registros escritos nos picos europeus dos Pirineus e nos Alpes. Inicialmente, em forma de cartas, pedaços de papel ou rolos, eram guardados entre as pedras ou no interior de garrafas ou caixas. Era uma forma de atender a necessidade dos primeiros conquistadores "turistas" dessas montanhas, pessoas consideradas "ilustres e de uma certa classe social e intelectual que ascendia às montanhas pelo simples fato de o fazer, para além de razões militares, religiosas ou de sobrevivência" e que eram acompanhados pelos primeiros guias de montanha, pessoas humildes que cobravam pelo serviço, geralmente eram pastores, fazendeiros, caçadores até mesmo por contrabandistas de metais e minerais preciosos (p. 28, tradução nossa).

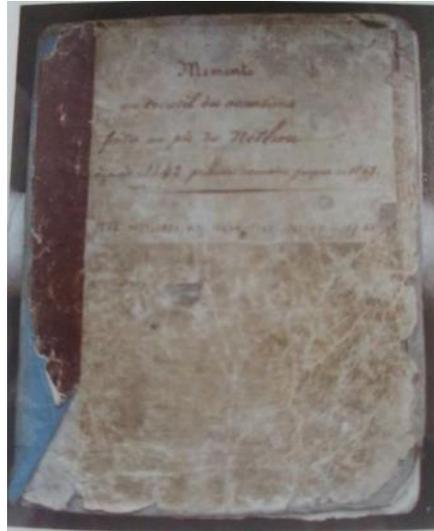
Para Garcia (2018) os primeiros registros aconteceram nos Pirineus, no cume do Monte Perdido em 1835, em Vignemale em 1838 e em Aneto em 1842. Nos Alpes, há evidências em Dolomitas, na porção norte da Itália, em 1864. Nos Alpes também existe testemunho escrito no topo do Matterhorn durante a trágica primeira ascensão de Edward Whymper e sua comitiva em 1865. Garcia (2018) ressalta que a conquistas dos principais picos dos Alpes ocorreu entre 1855 e 1865, provavelmente garrafas e pequenos registros proliferaram nessa época. Nos Estados Unidos, um registro primitivo foi colocado no Monte Danam, na Sierra Nevada, no ano de 1863, através de uma expedição científica (não turística).

Garcia (2018) explica que as caixas e Cadernos de Cume foram sendo aperfeiçoados ao longo do tempo. Muito desse material se deteriorou por conta das condições climáticas dos cumes e armazenamento precário. Sobre a importância do resgate desse material:

Serviram como valiosas fontes de informação para escrever a crônica dos primeiros passos dados pelos pioneiros e pioneiras, aqueles que, longe do conforto que se poderia esperar de seu alto padrão de vida, quiseram enfrentar as adversidades e o medo das alturas para conquistar seus sonhos (GARCIA, 2018, p. 29, tradução nossa).

Assim, em meados do século XIX, surgiram os livros ou diários de bordo protegidos por caixas de metal ou outros materiais resistentes ao tempo. Por coincidência, na mesma época da criação dos primeiros clubes de montanha, empresas de guias e outras instituições. Esse material que ficava no topo das montanhas, começaram a ser substituídos por esses clubes de montanhas. Segundo Garcia (2018), esses “artefatos humanos” apareceram nos Pirineus, no cume do Aneto, em 1857 (FIGURA 7). Nos Alpes, o primeiro livro de registro é de 1861 em Zugspitze (Alemanha). Nos Estados Unidos os primeiros registros são do Sierra Club, na Serra Nevada, em 1894.

FIGURA 7 – CAPA DO 1º LIVRO DE CUME DE ANETO (1857 – 1868).



FONTE: NANOU SAINT-LÉBE (S./D.), apud GARCIA (2018, p. 99).

A preservação desses registros se configura “testemunhas únicas da história do montanhismo, verdadeiras crônicas da conquista sem fim da montanha que foram escritas à mão por seus lendários protagonistas” (GARCIA, 2018, tradução nossa). Para este autor, os Cadernos de Cume contribuíram para o desenvolvimento e conhecimento da arte de caminhar e escalar montanhas.

Sobre a América do Sul, Garcia (2018) destaca a Cordilheira dos Andes e o Aconcágua. Para este pesquisador, as ascensões nos Andes foram primeiramente primitivas (por nativos locais) e relacionada ao império inca há mais de cinco séculos atrás e antes da chegada dos espanhóis. Os incas subiram cumes de mais 5.000 e 6.000 metros com fins religiosos. Por isso, o autor sustenta que os primeiros alpinistas foram andinistas, referindo-se que foi nos Andes onde se iniciou as conquistas das montanhas, e não nos Alpes, independente das motivações.

Nesse contexto histórico relatado, atualmente, essas caixas de cume possuem variações de nomenclaturas e formato físico, dependendo da região, quanto ao tipo de recipiente, formato, tamanho, material e instalação. Algumas caixas e livros de cume são mantidos por uma pessoa ou um pequeno grupo, enquanto em outros lugares são mantidos por um clube de montanha (ZORRERO, 2011). Geralmente eles seguem normativas específicas, dependendo de cada país, para instalação, manutenção e troca. Abaixo alguns exemplos dos locais onde existem as caixas de cume.

Na região da Alemanha, conhecida como Floresta de Pfälzer ou do Palatino (região de baixa montanha no sudeste da Alemanha) e da Alsácia, existem registros desde do ano de 1900. Deste então, há duzentos locais nessa região com a caixa e caderno de cume. A “*Vereinigung der Pfälzer Kletterer*” (Associação de Escaladores Palatinos, criada em 1919) já disponibilizou alguns desses cadernos em formato online. Ações como essa democratizam a informação e contribuem para a propagação dessa cultura (ASSOCIAÇÃO DOS ESCALADORES DO PALATINO, 2020).

No Colorado, Estados Unidos, os registros de montanhas também datam do início de 1900. Os registros encontrados incluem recibos, pedaços de papel e até mesmo alguns cartões que os alpinistas usavam quando nenhum outro registro oficial fornecido foi encontrado. Os escaladores utilizavam inicialmente latas e frascos de vidro quando não se encontrava nenhum outro recipiente. Mais recentemente, os tubos de PVC adaptados são comumente usados. Para o “*Colorado Mountain Club*” (Clube de Montanha do Colorado) esses registros documentam o aumento da popularidade da escalada como esporte e das montanhas do Colorado como destino turístico.

Na Espanha são conhecidos como “*comprobante de cumbre*” ou “*testimonio de cumbre*”, em português quer dizer, comprovante ou testemunho de cume. Para Raga (2016), as “*buzones de cumbre*”, ou caixas de correios de cume, são encontradas em toda a Espanha. Teve início no País Basco, no topo da Buruntza (Guipuzcua), no ano de 1936. Segundo Raga (2016) o gosto por registrar nas caixas de cume foi influenciado pela Federação Basca da Montanha quando em 1949 fundou a Irmandade do Centenário Alpino com o objetivo de estabelecer “Los

Cien Montes” (os Cem Montes), uma espécie de competição para incentivar o montanhismo. Ao atingir o cume de uma montanha, o montanhista deveria deixar um cartão com seus dados. O próximo montanhista tirava aquele cartão e inseria o seu próprio. No retorno, ele deveria enviar esse cartão recolhido para o clube de montanha para efeitos de comprovação. O objetivo era alcançar cem diferentes montanhas no período entre 5 e 10 anos para se tornar parte da Irmandade dos Montanhistas Centenários.

Ainda na Espanha, é possível encontrar essas caixas de correio em diversas formas, desde aquelas localizadas nas próprias cavidades entre as rochas, desde caixas de aço inoxidável até obras de arte. Geralmente é o clube de montanha que faz o estudo, o custeio, a fabricação da peça, instalação e substituição. Por exemplo, nas montanhas da região de Bizcaia, esse manejo das caixas é regulamentado pela Federação Vizcaína de Montanha (RAGA, 2016).

Sobre o Brasil, Garcia (2018) faz referência ao século XIX quando o Imperador Pedro II mandou colocar a bandeira do Império no pico mais alto, considerado até então, o Pico da Bandeira (entre Minas Gerais e Espírito Santo). Este cume possui uma cruz e é muito procurada. Outro local citado por ele é o Corcovado, no Rio de Janeiro, com a enorme estátua do Cristo Redentor, símbolo mundial do que a fé é capaz de erguer nos pontos orográficos mais altos.

As informações a seguir foram fornecidas através do site Alta Montanha. Ele é considerado um importante meio de comunicação no campo do montanhismo brasileiro, principalmente no contexto do Paraná. Ele está no ar desde 2004 se dedica a publicações de notícias, relatos e na divulgação de trilhas e montanhas através de conceituados esportistas e estudiosos do assunto. Segundo essa fonte, nas montanhas do Estado do Paraná, essas caixas de cume, construídas inicialmente em madeira, existem desde a década de 1940 quando o descendente de alemão Rudolf Stamm e amigos, instalaram nas montanhas do conjunto Marumbi e acabaram se tornando tradição na Serra do Mar.

Em seu próprio relato, Stamm conta que surgiu no Olimpo para fins de estatística (ALVES, 2008). Stamm possuía enorme apreço por esses registros e mesmo com a vista ruim, copiava cada um deles em cadernos que guardava em uma coleção particular (SILVÉRIO, 2020).

Institui os Livros de Registro em cada pico, que eram guardados em três gavetas de zinco, encaixadas uma inversamente à outra para proteção da umidade, e guardadas em reforçada caixa de imbuia que era parafusada em hastes de ferro chumbadas na rocha. No seu interior havia lápis-tinto para assinaturas e comentários. Uma vez cheio de assinaturas, eram substituídos por um novo (ALVES, 2008, p. 125 e 126).

A princípio elas eram confeccionadas em madeira (FIGURA 8) e mais tarde foram sendo substituídas pelo Clube Paranaense de Montanhismo por uma caixa retangular metálica mais resistente às intempéries do tempo (FIGURA 9), através do Projeto “Caixas de Cume” (ALTA MONTANHA, 2014).

FIGURA 8 – ANTONIO ZINHER⁵ AO LADO DA CAIXA DE CUME DO MARUMBI



FONTE: BUEKEN (S./D.) apud ALVES (2008).

FIGURA 9 – CAIXA DE CUME NO ALTO DO PICO PARANÁ



FONTE: ANITA (2018).

Esses cadernos são substituídos à medida que são completados, através dos clubes de montanhas ou então, de forma voluntária, são encaminhados ao CPM ou Associação Montanhistas de Cristo (AMC).

Segundo informações coletadas com o CPM (2021), o Paraná possui caixa de cume em aproximadamente 34 montanhas, principalmente na Serra do Mar, entre caixas de inox, de PVC, galvanizado e as mais antigas de madeira.

O Alta Montanha (2014ii) conta que no ano de 2012, o CPM em conjunto com a AMC, iniciaram o projeto Memórias de Cume, que tem por objetivo colocar à disposição na internet e no formato digital os Cadernos de Cume de diversas montanhas que estavam guardados no CPM. Por conta das antigas e rústicas caixas de madeira, muitos cadernos não foram protegidos de maneira adequada perdendo muita dessa memória. O caderno mais antigo digitalizado até o momento é do ano de 1986 da Torre da Prata, localizada no litoral do Estado. Esse acervo está disponível no site do CPM⁶.

O Alta Montanha (2014) destaca que esse material configura um registro histórico por conter a confirmação de ascensões esportivas, bem como as suas informações podem ajudar em casos de buscas e resgates de montanhistas.

⁵ Antonio Zinher (*in memoriam*), conhecido no círculo ‘marumbinístico’ como Quinhentão, é padrinho da autora dessa dissertação. Essa foto foi encontrada, por acaso, no livro de Alves (2008) e causou grande surpresa por estar junto à Caixa de Cume do Marumbi.

⁶ Disponível em: <https://www.cpm.org.br/memoriasdecume>.

Ao considerar os recursos tecnológicos que vivenciamos nos dias atuais, principalmente em relação as novas formas de comunicação, é estranho pensar que ainda possam existir essas caixas no alto das montanhas espalhadas mundo afora, locais distantes e de difícil acesso. Esse simples “ato” de escrever à mão, em um pedaço de papel, com informações sobre si mesmo, as apreciações do trajeto e da paisagem, bem como as emoções vivenciadas, cria uma conexão entre os montanhistas, talvez por isso essa cultura de montanha permaneça ativa e instigante. Estes registros culminam em uma autêntica literatura de montanha com destaque pelas experiências, afetos e testemunhos diretos da aventura realizada, em um determinado tempo da história (BLOG SENDEROXTREM, 2014)

2.2 TURISMO, MONTANHA E EXPERIÊNCIA

Neste subcapítulo são apresentados conceitos sobre turismo como fenômeno e a experiência turística, em especial na dimensão afetiva e emocional. Em seguida, será dado ênfase ao ambiente de montanha, no sentido de apresentar as terminologias e contextualização das montanhas no Brasil. Esse panorama geral dará embasamento para o entendimento do turismo de montanha. Por último, será caracterizada a experiência no montanhismo.

2.2.1 O turismo como fenômeno e a experiência turística

O turismo possui uma forte interferência sobre as mais diversas dimensões da vida humana, tendo em vista que se trata de uma prática que se relaciona com aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, ambientais (KUSHANO; FILLIPIM, 2019). Por ser realizado pelos homens em sociedade, o turismo é considerado um fenômeno social (BOULLÓN, 2002) ou então um fenômeno humano resultado da “causa-efeito de uma dimensão humana” (SAMPAIO, 2005, p. 141). Para Panosso Netto (2005) o turismo é um fenômeno que envolve inúmeras “facetas do existir humano” e deve ser analisado além da perspectiva de um “sistema composto dos subsistemas econômico, social, ambiental e cultural” (p. 137; 143).

O turismo entendido como um fenômeno humano, o turista se torna “o resultado de suas experiências vivenciadas” não somente no momento da viagem, mas também nas fases anterior e posterior a ela, ou seja, durante toda a sua vida (PANOSSO NETTO, 2005, p. 141). No entendimento que a experiência é um dos campos do turismo, a fenomenologia começa a ser desenvolvida nos estudos turísticos, dessa forma:

A descrição fenomenológica baseia-se na observação e na percepção do turismo como um fenômeno altamente dinâmico, desenvolvido no tempo e no espaço por um indivíduo ou um grupo (PANOSSO NETTO; CASTILLO NECHAR, 2016, p. 41-42).

Essa abordagem permite entender o turista no seu contexto interior, nos seus anseios e na sua real experiência turística, assim, possibilitando uma análise dos aspectos fundamentais do turismo (PANOSSO NETTO, 2005). Nessa perspectiva, o autor entende que a experiência vivida pelo turista deve ser priorizada, pois é somente com ela que se poderá responder: “o que é o turismo?” e “quem é o turista?” (p. 138-139).

Conforme Alcobia, et al. (2018, p. 272), no turismo a fenomenologia é utilizada para “descrever ou compreender a existência experiencial e permanente de turistas, anfitriões, trabalhadores do setor, dentre outros”.

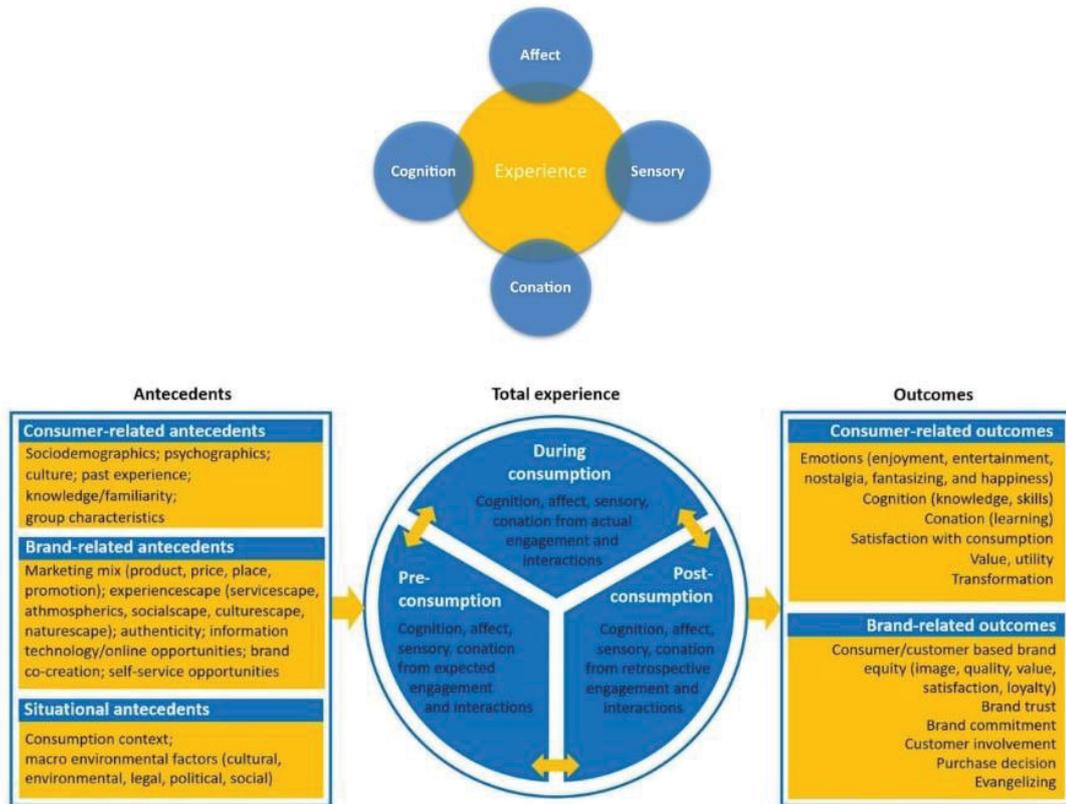
Ao investigar a experiência de montanha no contexto do turismo como fenômeno, a presente pesquisa considera interfaces com a fenomenologia. Entende-se, a partir da fenomenologia, que não é permitido se limitar a falar de um objeto em si (ex.: a montanha), mas de como é enxergado os significados que ele sustenta (ex.: a experiência de montanha no Pico Paraná) (PERNECKY; JAMAL, 2010). Sobre a importância da fenomenologia na compreensão do sujeito da pesquisa:

A fenomenologia é válida por recolocar o ser humano – em nosso caso, o sujeito do turismo – como principal elemento analisado nas ciências sociais e humanas. Além do mais, essa interpretação tende a ser a do ponto de vista do sujeito (o homem, o turista) e não somente do ponto de vista do pesquisador (PANOSSO NETTO, 2005, p. 142).

Os relatos dos Cadernos de Cume retratam a experiência humana, de uma atividade realizada em um ambiente natural diferenciado, que é a montanha, por muitos considerados locais sagrados ou de cenários para atividades recreativas e de lazer ou então, para a prática esportiva. Essa experiência em montanha é singular, envolve os sentidos e as diferentes emoções. Esse fenômeno turístico em ambiente de montanha possui um contexto histórico e sociocultural peculiar no tempo e no espaço e que foram considerados nessa pesquisa.

As pesquisas relacionadas à experiência turística são inúmeras, com diversas abordagens, aplicações práticas e considerando diferentes contextos de consumo e de componentes da experiência. Godovykh e Tasci (2020) realizaram uma revisão na literatura empírica e conceitual sobre experiência do cliente englobando estudos em turismo, lazer, comportamento do consumidor e gestão. Ao analisarem as diferentes abordagens, eles propuseram uma definição holística de experiência turística (FIGURA 10).

FIGURA 10 – COMPONENTES DA EXPERIÊNCIA E SUA SEQUÊNCIA



FONTES: GODOVYKH; TASCI (2020).

A experiência turística é entendida por Godovykh e Tasci (2020) como o resultado das respostas: 1) cognitivas (“*cognition*”), 2) afetivas (“*affect*”), 3) sensoriais (“*sensory*”) e 4) conativas (“*conation*”), consideradas aqui como componentes da experiência. A experiência nessa definição é considerada um conceito neutro, mas dentro de um espectro que pode ser negativo ou positivo. Esses quatro componentes ocorrem nas fases pré, durante e pós visita. Tais estágios de consumo, podem ser afetados por três tipos de antecedentes, sejam eles relacionados ao consumidor (“*consumer-related antecedents*”), à marca (“*brand-related antecedents*”) ou situacional (“*situational antecedents*”). A experiência total nas fases pré, durante e após consumo trazem resultados diferenciados relacionados ao próprio consumidor (“*consumer-related outcomes*”) e à marca (“*brand-related outcomes*”).

Pela complexidade do assunto foi possível entender a necessidade em fazer um recorte na pesquisa, concentrando apenas no componente afetivo/emocional da experiência durante a visita no Pico Paraná, através da análise dos Cadernos de Cume, por considerar que essa atividade proporciona emoções intensas e diferenciadas.

Godovykh e Tasci (2020) identificaram a frequência de cada componente da experiência nesses estudos. Quanto ao componente afetivo foram considerados os trabalhos que traziam

terminologias como afeto (“*affect*”), afetivo (“*affective*”), sentir (“*feel*”), sentimentos (“*fellings*”), emoções (“*emotions*”), emocional (“*emotional*”), estados emocionais (“*emotional states*”) e humor (“*mood*”). Dos dezenove estudos analisados, em dezessete deles apresentaram algum desses termos.

Compreende-se que as emoções fazem parte do ser humano e são despertadas por diferentes estímulos, dentre eles na experiência vivenciada nos lugares (SILVA, 2016). Portanto, entende-se que as emoções ocorrem em consequência de uma pessoa, evento ou situação específica (LI, SCOTT, WALTERS, 2015) e são caracterizados por eventos de sentimentos intensos associados a um estímulo e instigam comportamentos específicos de respostas (COHEN; ARENI, 1991 apud HOSANY, 2012, p. 303).

Sameer Hosany (2010, 2012, 2013, 2015) desenvolveu alguns estudos importantes, individualmente ou em parceria com outros pesquisadores, sobre a experiência emocional no Turismo. Hosany e Gilbert (2010) com o objetivo de investigar as dimensões das experiências emocionais dos turistas quanto aos destinos de férias hedônicos, e percebendo a carência em estudos específicos nessa área, desenvolveram a Escala de Emoção do Destino (“*Destination Emotion Scale*” – DES). A ferramenta foi aplicada como uma avaliação holística no pós-consumo de férias e foi solicitado aos entrevistados recordar seu mais recente destino turístico visitado por prazer.

Hosany e Gilbert (2010) utilizaram de testes-pilotos nas quatro escalas de emoção mais utilizadas e adaptadas em marketing: a) “*Pleasure-Arousal-Dominance*” – PAD, de Russell e Mehrabian (1974); b) “*Differential Emotions Scale*” – DES, de Izard (1977); c) “*Circular Modelo of Emotion*”, de Plutchik (1980); d) “*The positive affect negative affect schedule*” – PANAS, de Watson, Clark e Tellegen (1988). Ao final do processo de criação e validação, o DES é representado em termos de uma medida tridimensional de 15 itens divididos entre as dimensões do amor (“*love*”), alegria (“*joy*”) e surpresa positiva (“*positive surprise*”).

Os achados sugerem que a experiência turística é de alto valor pessoal e é acompanhada de emoções gratificantes e prazerosa. Essas experiências emocionais estão associadas diretamente à satisfação e nas intenções de recomendar. Reconhecer esse papel emotivo da experiência pode proporcionar aos destinos maiores chances de serem bem-sucedidos na oferta turística. Essas informações podem ser relevantes no marketing de destino sobre gestão da marca e da experiência emocional (é possível trabalhar com estratégias de segmentação, posicionamento e comunicação), bem como no desenvolvimento de medidas que proporcionem emoções positivas no consumidor para criar experiências agradáveis e memoráveis.

Em 2012, Hosany publicou outra pesquisa sobre os antecedentes das respostas emocionais dos turistas em relação aos destinos, baseado nas teorias de avaliação cognitiva. Os resultados indicaram que avaliações de prazer (se é ou não agradável), congruência de metas (objetivos e metas pessoais) e autocompatibilidade interna (autoconceito – seu eu interno) são os principais determinantes das dimensões emocionais da alegria, do amor e da surpresa positiva.

Um ano depois, Hosany e Prayag (2013) identificaram que mesmo dada a importância da emoção no campo do turismo, não existia uma tentativa em traçar o perfil dos turistas com base em suas associações emocionais em relação aos lugares que já haviam visitado (por segmentação emocional). Por isso, nesse estudo eles tiveram como objetivo identificar os diferentes padrões de respostas emocionais turísticas e investigar as relações entre os perfis emocionais dos turistas e suas avaliações pós-consumo de satisfação e intenção de recomendar.

A Escala de Emoção do Destino (2010) é adaptada para este estudo. Além das dimensões da alegria, amor e surpresa positiva, compostos de 15 itens, foi adicionada uma dimensão de emoção negativa (“*unpleasantness*”). Os achados sugerem a existência de cinco grupos (ou clusters) de turistas com diferentes experiências emocionais e que foram identificados em um espaço emocional pelas quatro dimensões: 1) encantados (“*delighted*”), com níveis elevados de alegria e surpresa; 2) não emocionais (“*unemotionals*”), com níveis abaixo da média de alegria, amor, surpresa e desconforto/desagrado (“*unpleasantness*”); 3) negativos (“*negatives*”), apresenta um padrão muito diferenciado de resposta emocional dominado por experiência acima da média de desconforto e os menores níveis de alegria; 4) mistos (“*mixed*”), expressa emoções positivas e negativas, eles apresentam níveis altos de alegria e intensidade moderada de desconforto; 5) apaixonados (“*passionate*”), exibem os mais altos níveis de amor junto com níveis elevados de alegria, a intimidade e os significados associados a um lugar emergem da interação entre os turistas que visitam aquele lugar. Os grupos se diferem pelo nível de satisfação e propensão a recomendar os destinos. Esses resultados podem oferecer importantes implicações para o setor de marketing de destino na definição de estratégias de segmentação.

Em 2015, Hosany et al., realizaram uma extensão da pesquisa original de Hosany e Gilbert (2010) sobre a Escala de Emoção do Destino (DES), com a finalidade de aprimorar a validação da construção da Escala aplicando em turistas internacionais que visitaram dois diferentes destinos: Petra (Jordânia) e Tailândia. A pesquisa ocorreu logo após o consumo ter ocorrido, diferente na pesquisa de 2010 em que os entrevistados tiveram que recordar a última viagem. Os resultados confirmam a validade do instrumento. O estudo fornece mais evidências

de que as emoções positivas (alegria, amor e surpresa positiva) são universais nas experiências turísticas. Os achados demonstram que emoções e apego ao lugar estão relacionados, mas são construções diferentes. O DES fornece uma ferramenta útil para os profissionais do marketing e para os pesquisadores para medirem as respostas emocionais dos turistas em relação aos destinos.

Aqui cabe destacar esse conceito de ‘apego ao lugar’ utilizado por estes autores. Ele pode ser entendido como os vínculos emocionais e psicológicos formados entre um indivíduo e um determinado lugar (WILLIAMS; VASKE, 2003). Esse apego ao lugar “envolve uma interação de afeto e emoções, conhecimento e crenças, e comportamentos e ações em referência a um lugar” (ALTMAN; LOW, 1992, p. 04 e 05, tradução nossa).

Segundo Hosany et al. (2015) existe um conceito de duas dimensões sobre apego ao local: dependência de lugar e a identidade de lugar. A dependência de lugar (ou apego funcional) se refere a importância de um lugar no fornecimento de características, comodidades, atividades e condições que apoiem os objetivos de uma pessoa. A montanha com suas características singulares fornece água, alimento e outros recursos para a sobrevivência de muitas comunidades, bem como atratividade para realizar atividades de lazer e práticas esportivas para determinadas pessoas.

A segunda dimensão do ‘apego ao lugar’ é a identidade de lugar (ou apego emocional). Ele se refere à conexão entre um lugar e a identidade da pessoa, contribuindo para um sentimento de pertencimento ao destino e sentimento de apego (HOSANY et al., 2015). É a importância simbólica de um lugar que provoca emoções e que dão sentido à vida (GIULIANI; FELDMAN, 1993). Equivale a uma maneira de compreender a relação entre o montanhista e a montanha, no sentido de um suposto lar ou extensão sentimental da casa e os domínios da percepção de segurança. Para Hosany e Gilbert (2010) é importante compreender os significados simbólicos relacionados aos destinos, dada sua influência positiva nas percepções e atitudes dos turistas.

Nesse entendimento sobre apego ao lugar, essa dissertação se preocupou pontuar os principais eventos históricos, que marcaram a mudança de percepção e de significados na relação sociedade e o homem, nas mudanças de paradigmas e no desenvolvimento do turismo de montanha, para compreender os relatos atuais dos Cadernos de Cume do Pico Paraná.

Estes estudos desenvolvidos por Hosany e seus parceiros, configuram uma importante base científica para entender as respostas emocionais da experiência em Turismo. Esse tema é recente na academia e muito ainda deve ser investigado e aplicado a diferentes contextos e etapas da experiência. Apesar de ser subjetivo, as emoções configuram ser um aspecto essencial na

vivência do turista quando está fora de sua cidade. As tecnologias atuais trazem novas perspectivas na investigação sobre o assunto, aliando diferentes métodos, dos tradicionais aos mais modernos, tais como os métodos psicofisiológicos, entre eles análise eletrotérmica, resposta da frequência cardíaca, atividade muscular facial e análise do movimento ocular (LI; SCOTT; WALTERS, 2015).

A intenção aqui não é se aprofundar em todas as abordagens e escalas que Hosany se baseou nos seus estudos, até mesmo porque o objetivo não é medir as emoções dos visitantes do Pico Paraná, mas é importante compreender as emoções que podem ser vivenciadas no ambiente de montanha, tais como: alegria, tristeza, expectativa, surpresa, raiva, medo, desgosto, preocupação, amor, solidão, paz, entre outras. Para isso, no APÊNDICE 4, foram identificadas as definições de cada emoção, de acordo com dois importantes dicionários nacionais: Michaelis e Priberam.

Além das investigações de Hosany (2010, 2012, 2013, 2015), com o objetivo de identificar um panorama recente sobre o tema da experiência no turismo, foi realizada uma pesquisa nas bases da *Web Of Science* e *Scopus* por sua importância no contexto de produção científica. Foram utilizadas como palavras-chaves “*experience*”, “*tourism*” e “*review*”, entre os anos de 2018 e 2021. Dentre as 100 primeiras publicações de cada base, foram selecionadas aquelas que pudessem contribuir para essa pesquisa tendo em vista a sua atualidade e aplicabilidade na investigação. Os achados se referem à experiência em diversas perspectivas: restauradora, espiritual, flow (ou fluxo) e extraordinária.

Quiu, Sha e Scott (2021) exploraram como os visitantes conseguem se restaurar através da natureza, analisando a literatura publicada sobre turismo. Ao utilizar o método de revisão sistemática, a investigação examinou o mecanismo restaurador de visitantes em ambientes naturais, incluindo as montanhas. Para isso analisou os tipos de destino, características dos participantes, fundamentos teóricos e resultados restauradores potenciais apresentados em 34 artigos identificados. Entende-se que o termo restauração é o resultado da interação homem-natureza. Os achados indicam os benefícios restauradores da natureza divididos em saúde física, bem-estar psicológico, desenvolvimento psicossocial e espiritual. Os artigos analisados concordam que as áreas naturais podem promover a recuperação da atenção e o alívio do estresse por meio de altos níveis de emoções positivas, baixos níveis de emoções negativas e uma sensação de satisfação com a qualidade de vida. Os resultados apontam que o turismo baseado na natureza pode ser considerado um produto de bem-estar público para melhorar a saúde e o bem-estar dos visitantes, principalmente após pandemia da COVID-19.

Willson, McIntosh e Zahra (2013) utilizaram a análise fenomenológica para examinar o conceito de espiritualidade na experiência de viagem. Para isto escolheram um turista individual, que utilizou uma operadora de turismo para visitar Machu Picchu, no Peru. Os autores realizaram uma entrevista de profundidade com questões sobre espiritualidade, religião, contexto de vida e os motivos da viagem. Os autores argumentam que ao tratar da dimensão espiritual do turismo, uma forma potencial é buscar entender como as pessoas buscam significado e propósito de vida para si mesmas, sua busca de significado e experiência de transcendência e conexões vividas subjetivamente em suas viagens. Os autores concluem: a) as experiências turísticas não podem ser exploradas isoladamente, em vez disso, elas precisam ser exploradas dentro do contexto subjetivo da vida e das crenças mais amplas de um indivíduo; b) a influência de eventos de vida pessoal pode mudar a forma como um indivíduo obtém significado pessoal e propósito de vida por meio do turismo.

Halim, Tatoglu e Hanefar (2021) apresentam o Modelo Conceitual do Turismo Espiritual com base na literatura sobre espiritualidade, religião e turismo. Os autores explicam que o turismo religioso está intimamente relacionado com a experiência turística e com locais sagrados e fé específica, enquanto o turismo espiritual ultrapassa o contexto da religião incluindo o ambiente natural, as relações entre mente, corpo e alma, e o significado pessoal. Porém, os elementos da espiritualidade estão embutidos na religião, e os elementos da religião podem ser vistos na espiritualidade. Para esse estudo, Halim, Tatoglu e Hanefar (2021) consideraram para o turismo espiritual as dimensões da religiosidade e espiritualidade.

Os artigos foram selecionados a partir do protocolo PRISMA e posteriormente, pela análise de conteúdo, identificando as dimensões da espiritualidade no turismo e, depois de codificadas e mapeadas com relação ao Modelo de Inteligência Espiritual, elaborado por Hanefar, Sa'ari e Siraj (2016), que identificaram sete temas inter-relacionados: 1) significado / objetivo da vida; 2) Consciência; 3) Transcendência; 4) Recursos espirituais; 5) Autodeterminação; 6) Reflexão - purificação da alma; 7) Enfrentamento espiritual. Com base em Smith, Macleod e Robertson (2010), os autores argumentam que o turismo espiritual contribui para o equilíbrio do corpo-mente-espírito, podendo ou não estar relacionado a religião.

Halim, Tatoglu e Hanefar (2021) explicam que esse modelo indica que os turistas/viajantes, por exemplo, na prática de atividades turísticas, como ioga, meditação, reflexão e outros, podem obter a sensação de purificação ou relaxamento. Eles são capazes de refletir sobre si mesmos e realizar um objetivo de vida. Com um propósito em mente, eles são motivados a ter autodeterminação, conquistada através de recursos espirituais tais como lugares

turísticos, natureza, interação com seres humanos, e outros. Aumentando o conhecimento e a sabedoria através de diferentes recursos espirituais, o turista transcenderá a si mesmo para ser o melhor que puder para atingir o maior potencial de seu verdadeiro eu, permitindo-lhes assim adquirir uma maior consciência transcendental que à alta consciência. Este estado de consciência, segundo o estudo, criará uma capacidade entre turistas/viajantes para lidar com obstáculos/problemas nos quais finalmente os levem a alcançar uma grande satisfação e resultado de suas viagens/experiências turísticas. Este modelo pode ser usado como um todo ou em parte para refletir a essência do turismo espiritual.

Collins-Kreiner (2020) ao analisar o desenvolvimento do turismo de peregrinação como tópico de pesquisa, explica que essa foi a primeira mobilidade turística a existir há milhares de anos, porém sua importância diminuiu nas últimas décadas, a partir do momento que outros segmentos se destacaram. Para o autor, a peregrinação se encontra em um estágio de rejuvenescimento (com a perda do atributo religioso e secular) e ressurgirá quando outros segmentos semelhantes, como o turismo espiritual, forem re-identificados como peregrinação, considerando um segmento com motivação de busca de significados e de transformação, que pode ser profundo e duradouro.

Matos, Sá e Duarte (2021) realizaram uma revisão sistemática quantitativa da literatura para compreender o estado da arte da experiência do *flow* (ou fluxo) e apresentar os seus elementos centrais dessa estrutura. Eles identificaram 185 artigos (de 1985 até 2019) que trazem o conceito de *flow*, para análise teórica, metodológica e empírica, de diversas áreas, inclusive no campo do turismo. Os autores identificaram algumas lacunas do conhecimento nas investigações do turismo e propõem uma estrutura do *flow* como instrumento para melhorar as experiências dos turistas. Eles sugerem uma agenda de pesquisa para o Turismo na perspectiva da experiência do *flow*.

Com base no modelo proposto por Mihaly Csikszentmihalyi (1990), os autores explicam que o *flow* pode ser definido como uma experiência subjetiva ótima, ou um estado de êxtase, vivenciado pelas pessoas durante a execução de eventos ou tarefas. De acordo com as pesquisas de Duerden, Ward, Freeman (2015) e Tyng, et al. (2017), os autores afirmam que o *flow* tem potencial de despertar emoções durante as experiências e de contribuir fortemente para a criação de experiências positivas, apesar do contexto (MATOS; SÁ; DUARTE, 2021).

A análise dos artigos permitiu que os autores elencassem sete considerações sobre a experiência do *flow*: 1) as características e traços da personalidade influenciam o processo e o resultado da experiência; 2) no turismo, a motivação também influencia no resultado final; 3) o contexto cultural; 4) além do desafio da atividade e da habilidade pessoal, o nível de absorção,

imersão e de estímulo cognitivo influenciam o *flow*; 5) os resultados positivos vão além da satisfação com a vida e o bem-estar, mas recaem também na confiança e lealdade, que são relevantes para avaliar o desempenho da oferta turística; 6) além da experiência positiva é possível haver também o ‘anti-fluxo’ com resultados negativos, como o medo; 7) métodos baseados em tecnologia e respostas fisiológicas permitem medir com mais precisão a experiência do fluxo de turistas e se torna potencial para futuras investigações.

A análise de Matos, Sá e Duarte (2021) revelou a natureza interdisciplinar do conceito e estrutura de *flow*, refletido nos diversos periódicos de diferentes áreas temáticas, inclusive da psicologia e da psicologia do turismo. A investigação descobriu o uso de antigas e novas teorias desenvolvidas sobre o tema, revelando o seu dinamismo e evolução. Os métodos quantitativos predominam, principalmente com a aplicação da escala de estado de fluxo. Os autores identificaram que o fluxo é pouco explorado nas fases anterior (o que impulsiona) e posterior (resultados) do processo do *flow*. Ainda existe um enorme campo de investigação sobre a experiência do *flow* para ser explorada.

Matos, Sá e Duarte (2021), elencam temas potenciais a serem investigados em futuras pesquisas em diferentes fases da experiência turística: a) antes da experiência, levando em consideração não apenas a motivação extrínseca, mas também fatores de motivação intrínseca, a personalidade dos turistas e suas origens culturais; b) durante a experiência, criando estágios vivenciais mais personalizados para ativar a motivação e o engajamento (físico e psicológico) dos turistas; c) após a experiência, ao relembrar memórias das experiências vividas, relacionado com os resultados do *flow* (por exemplo, emoções, prazer). As escalas de medição e técnicas baseadas em tecnologia podem ser utilizadas como potenciais instrumentos de pesquisa.

Mirzaalian e Halpenny (2021) apresentam uma abordagem inovadora e inclusiva que utilizam diferentes técnicas analíticas (com a utilização de *softwares*), como análise de sentimento e modelagem de temas para extrair sentimentos e tópicos de interesse de dados de conversas de turistas no TripAdvisor de 2002 a 2019. O local escolhido é o Parque Nacional de Jasper, maior parque nas Montanhas Rochosas do Canadá. A pesquisa se destaca por identificar e utilizar palavras-chaves para capturar avaliações expressas que remetem a fidelidade (ou lealdade) do visitante; alguns locais do Parque superam outros em pontuação de sentimento mesmo com menor volume de comentários na rede social; essa pontuação para medir o sentimento se mostra mais informativa do que a utilizada pelo TripAdvisor; foram identificadas quatro categorias de ofertas de destino com foco na lealdade: geleiras, cachoeiras, lagos e ilhas, e caminhadas e trilhas. Em linhas gerais, a análise de sentimento permite que os destinos turísticos monitorem as opiniões e pontos de vista dos turistas em grande escala, comparando

as mudanças nas pontuações ao longo do tempo e em outros lugares. Os autores sinalizam que os profissionais de marketing de destino também podem utilizar a análise de sentimento para melhorar o relacionamento com o cliente e os sistemas de recomendação por meio da detecção de *feedback* positivo e negativo do cliente.

Duerden et. al. (2018) apresentam um quadro de experiências (QUADRO 03) considerando todas as experiências possíveis do subconsciente ao consciente e subdivide as experiências conscientes em dimensões comuns e extraordinárias. As experiências extraordinárias categorizadas como memoráveis, significativas e transformadoras. Para desenvolver essas definições e proposições, os autores utilizaram da revisão da literatura relacionada a diferentes conceitualizações atuais de experiências, da mesma forma, oferecem definições formais para cada tipo de experiência.

Para o entendimento do quadro a seguir, Duerden et. al. (2018) com base em Rossman e Schlatter (2015) identificaram as seguintes categorias de elementos de experiência objetiva: ambiente, pessoas, objetos, animação, estrutura e relacionamentos. Também se destaca que nessa conceituação abrangem tanto as experiências positivas quanto as negativas.

QUADRO 3 – TIPOS DE EXPERIÊNCIAS E SEUS CONCEITOS

SUBCONSCIENTE	Experiência em que os elementos objetivos falham em atrair e prender a atenção de um indivíduo o suficiente para produzir uma reação subjetiva (p. 200).
CONSCIENTE	Experiência onde os elementos objetivos atraem e prendem a atenção de um indivíduo o suficiente para produzir uma reação subjetiva (p. 200).
COMUM	Experiência onde os elementos da experiência objetiva atraem e prendem a atenção de um indivíduo, mas produzem reações subjetivas sem emoções fortes (p. 202).
EXTRAORDINÁRIA	Experiência em que a natureza dos elementos objetivos é tal que atraem e prendem a atenção de um indivíduo, produzindo fortes reações subjetivas que exibem emoção, descoberta e mudança (p. 202).
Memorável	Experiência onde os elementos da experiência objetiva atraem e prendem a atenção de um indivíduo e produzem reações subjetivas exibidas por emoções fortes (p. 204).
Significativa	Experiência onde os elementos da experiência objetiva atraem e prendem a atenção de um indivíduo e produzem reações subjetivas que envolvem emoções fortes e a descoberta de percepções significativas e pessoalmente relevantes (p. 206).
Transformadora	Experiência onde os elementos objetivos prendem a atenção de um indivíduo e produzem reações subjetivas envolvendo emoções fortes, a descoberta de insights significativos e pessoalmente relevantes e mudanças pessoais em valores, crenças, intenções ou autopercepções. Na maioria das vezes, as experiências transformadoras são caracterizadas por mudanças intrinsecamente motivadas e duradouras na autopercepção e no comportamento (208).

FONTE: organizado de DUERDEN ET. AL. (2018, p. 200-208).

Em linhas gerais, Duerden e. al. (2018) explicam que a distinção entre as classes de experiências extraordinárias é baseada em características-chave de emoção, descoberta e mudança (QUADRO 4).

QUADRO 4 - CARACTERÍSTICAS DAS EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS

Característica chave	Memorável	Significativa	Transformação
Emoção	X	X	X
Descoberta		X	X
Mudança			X

FONTE: DUERDEN ET. AL. (2018, p. 209).

Para Duerden et. al. (2018), as melhores experiências são geralmente uma mistura de vários tipos de experiência, incluindo experiências conscientes e subconscientes. Com essa estrutura conceitual, os autores esperam uma melhor compreensão sobre os tipos de experiências que uma pessoa pode experimentar e assim, auxiliar os profissionais a pensar mais intencionalmente sobre como projetam e entregam experiências, associadas aos resultados específicos que pretendem alcançar. Apesar dessa tentativa de criar essa estrutura, Duerden et. al. (2018) sinalizam a dificuldade da sua conceitualização e a importância da continuidade no desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares sobre esse tema a fim de estabelecer uma análise crítica sobre a experiência.

2.2.2 O ambiente de montanha: definições e caracterização

Neste subcapítulo será caracterizado o ambiente de montanha, com destaque para a sua importância, bem como conceitos e classificações no aspecto físico da montanha. Também será contextualizado as montanhas no Brasil e o amparo legal que visa a sua proteção.

As montanhas são consideradas essenciais para a vida humana, elas fornecem água, energia, madeira, produtos minerais e alimentos. Estima-se que as montanhas ocupam cerca de 27% da superfície da Terra e estão presentes em todos os continentes e os principais tipos de ecossistemas, de desertos e florestas tropicais a calotas polares (FAO, 2019; UNEP, 2007).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2020), aproximadamente 1,1 bilhão de pessoas vivem nessas regiões, o equivalente à 15% da população mundial, porém esse número cresce se considerar aquelas comunidades que se beneficiam indiretamente dos recursos montanhosos e que moram nas suas planícies. Aproximadamente 90% dessa população que vive em ambientes de montanha, estão localizadas em países em desenvolvimento, vivendo abaixo da linha da pobreza. São muitas vezes populações tradicionais que possuem um conhecimento valioso, com tradições e práticas culturais singulares e que podem ajudar na gestão da terra.

Como fonte de água, as montanhas contribuem com 60% a 80% da água doce no mundo. As montanhas também desempenham um papel relevante no fornecimento de energia

renovável, principalmente pela energia hidrelétrica, eólica, solar e biogás. Estima-se que elas abrigam 25% da biodiversidade terrestre e 28% das florestas do planeta. Como fonte de alimentos, as montanhas são responsáveis por gerar espécies vegetais mais consumidas no mundo, tais como: milho, batata, cevada, tomates e maçãs. Por fim, o mesmo estudo considera que as montanhas são lugares turísticos e de roteiros culturais, representando cerca de 15% e 20% do turismo mundial (FAO, 2018; 2020).

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), em seu documento intitulado “*Tourism and Mountains: a practical guide to managing the environmental and social impacts of mountain tours*” (2007), explicam que apesar de localizadas em diferentes contextos, algumas características são comuns a todas as montanhas, as mudanças rápidas de altitude, o clima, vegetação e solo em distâncias muito curtas levam a diferenças no *habitat* e altos níveis de biodiversidade:

Pode-se dizer que as montanhas têm mais de 300 metros (984 pés), mas é mais apropriado discuti-las em termos de zonas de altitude, inclinação e tipo de vegetação semelhantes. Em termos muito gerais, as montanhas geralmente compreendem uma zona montana, subalpina e alpina. Cada zona tende a conter uma variedade única de espécies vegetais e animais, muitas das quais podem ser endêmicas em um local específico (UNEP, 2007, p. 07, tradução nossa).

A distribuição por zonas é interessante para definir atividades de lazer, recreação e esportivas na montanha, bem como o público específico para elas de acordo com a experiência de cada pessoa. No Brasil, existe um debate, principalmente entre geógrafos, sobre a existência ou não de montanhas no território nacional. Em primeiro lugar, é necessário entender sobre a formação geológica das montanhas e, em segundo lugar, entender que também se trata de uma diferença conceitual sobre o tema.

De acordo com o geógrafo Adriano Liziero (2018) não se deve classificar as montanhas com base somente na sua altitude, mas é necessário considerar também o seu processo de formação geológica, que podem ser de origem vulcânica, erosiva, por falhamentos ou por dobramentos. Neste último caso, são áreas que sofreram forças de compressão, culminante da colisão de duas placas tectônicas, esse tipo de formação compreendem as montanhas mais conhecidas do mundo, formando as grandes cordilheiras.

Esses dobramentos podem ser considerados modernos ou antigos. No caso do Brasil, a formação da Pangéia originou os dobramentos no país, a separação dela entre Laurásia e Gondwana, produziu cadeias de montanhas aqui no país. Porém, as nossas montanhas não são tão elevadas como da Cordilheira do Andes porque são mais antigas e expostas a longos

períodos erosivos de diferentes paleoclimas mais úmidos e mais secos, que as desgastaram e as aplainaram (LIZIERO, 2018).

Sob o ponto de vista jurídico brasileiro e de classificação oficial, as definições a seguir são fornecidas pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente⁷ (CONAMA, 2002) quando dispõe sobre as definições e limites de Áreas de Proteção Permanente (APP) e a classificação do ponto de vista do IBGE (2004):

QUADRO 5 - CLASSIFICAÇÃO CONAMA (2002) E IBGE (2004).

	CONAMA (2002)	IBGE (2004)
Morro	IV - elevação do terreno com cota do topo em relação a base entre 50 e 300 metros e encostas com declividade superior a 30% (cerca de 17 graus) na linha de maior declividade.	Elevação que apresenta encostas suaves, com declividade menor do que 15%, e altitudes que variam entre 100 e 300m.
Montanha	V - elevação do terreno com cota em relação a base superior a 300 metros.	Elevação que apresenta encostas íngremes, com declividade maior do que 15% e altitudes superiores a 300m.
Base de Morro ou Montanha	VI - plano horizontal definido por planície ou superfície de lençol d'água adjacente ou, nos relevos ondulados, pela cota da depressão mais baixa ao seu redor.	--
Linha cumeada	VII - linha que une os pontos mais altos de uma seqüência de morros ou de montanhas, constituindo-se no divisor de águas.	--
Morrote	--	Elevação que apresenta encostas íngremes, com declividade maior do que 15% e altitudes superiores a 100m.

FONTE: Organizado de CONAMA, RESOLUÇÃO, Nº 303, de 20 de março de 2002; IBGE, 2004, p. 221.

A Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, que dispõe sobre a proteção da vegetação nativa em áreas de APP resguarda as regiões montanhosas, descritas nos seguintes trechos da lei:

Artigo 3º, parágrafo II - Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas;

Artigo 4º, parágrafo IX - no topo de morros, montes, montanhas e serras, com altura mínima de 100 (cem) metros e inclinação média maior que 25º, as áreas delimitadas a partir da curva de nível correspondente a 2/3 (dois terços) da altura mínima da elevação sempre em relação à base, sendo esta definida pelo plano horizontal determinado por planície ou espelho d'água adjacente ou, nos relevos ondulados, pela cota do ponto de sela mais próximo da elevação; (Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012)

É possível afirmar que as montanhas no Brasil e sua vegetação nativa possuem um amparo legal que visa a sua proteção. Além desses conceitos é interessante definir outras formas

⁷ CONAMA é o órgão consultivo e deliberativo do Sistema Nacional do Meio Ambiente-SISNAMA, foi instituído pela [Lei 6.938/81](#), que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, regulamentada pelo [Decreto 99.274/90](#). Fonte: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/>. Acesso em 24 de junho 2020.

de relevo com características de altitude. A Comissão Nacional de Classificação (CONCLA) do IBGE define relevo como a “forma da superfície terrestre, que apresenta variação de nível de um local para outro” (IBGE, 2021). Os principais tipos de relevo são o planalto, planícies e depressões. Para esta pesquisa é interessante saber as definições gerais de serra, pico e vale.

De acordo com o IBGE (2009) as serras são relevos acidentados, elaborados em rochas diversas, formando cristas e cumeadas ou as bordas escarpadas de planaltos. Iguassu (s./d) explica que frequentemente elas possuem um nome para todo o conjunto e nomes locais para alguns trechos. É exemplo a Serra do Mar do Paraná (entre o litoral e o 1º planalto). Já o pico é o ponto culminante de um morro, montanha ou serra. O vale por sua vez, segundo Ortenblad (2018, não paginado) é “uma região baixa e alongada cercada por vertentes mais altas de cada um dos lados”. Geralmente circulam rios ou glaciares, que são seus formadores.

Cabe aqui destacar que existem diferentes formas e metodologias de classificar ou de medir as montanhas, mas não cabe a esse trabalho se aprofundar nesse assunto. Para este trabalho, será utilizada a mais comum que toma como referência pela altitude acima do nível do mar e a classificação de montanha fornecida pelo IBGE (2004).

Em 2016, o IBGE atualizou as altitudes dos sete pontos culminantes do Brasil. O advento das técnicas de posicionamento associadas aos Sistemas Globais de Navegação por Satélites (GNSS), em especial ao Sistema de Posicionamento Global (GPS), os levantamentos passaram a fornecer coordenadas (latitude, longitude e altitude) com alta precisão (IBGE, 2016). No Quadro 4 estão relacionados os 10 pontos culminantes do Brasil, com sua altitude e localização.

QUADRO 6 - DETALHES SOBRE OS 10 PONTOS CULMINANTES DO BRASIL

Nº	PONTO CULMINANTE	ALTITUDE (m)	ANO DE ATUALIZAÇÃO	SERRA	ESTADO (S)
1	Pico da Neblina	2.995	IBGE 2016*	Serra do Imeri	AM
2	Pico 31 de março	2.974	IBGE 2016*	Serra do Imeri	AM***
3	Pico da Bandeira	2.891	IBGE 2016*	Serra do Caparaó	MG, ES
4	Pedra da Mina	2.798	IBGE 2016*	Serra da Mantiqueira	MG, SP
5	Pico das Agulhas Negras	2.790	IBGE 2016*	Serra do Itatiaia	MG, RJ
6	Pico do Cristal	2.769	IBGE 2016*	Serra do Caparaó	MG
7	Monte Roraima	2.734	IBGE 2016*	Serra de Pacaraima	RR****
8	Morro do Couto	2.680	IBGE 2012	Serra das Prateleiras	RJ
9	Pedra do Sino de Itatiaia	2.670	IBGE 2012	Serra da Mantiqueira	MG
10	Pico Três Estados	2.665	IBGE 2012	Serra da Mantiqueira	SP, MG, RJ

FONTE: Organizado de * IBGE, 2018; ** IBGE, 2012; *** com fronteira com a Venezuela; **** com fronteira com Venezuela e Guiana.

Esses pontos culminantes estão inseridos em Unidades de Conservação Federal, administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente. Com destaque ao Parque Nacional do Itatiaia (onde está localizado o Pico das Agulhas Negras), o primeiro parque nacional instituído em 1937. Portanto, os 10 pontos mais altos do Brasil estão protegidos pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), instituída pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.

É importante aqui destacar que essas Unidades de Conservação além de proteger as montanhas têm como objetivo também promover o uso público de maneira responsável, orientadas pelos Planos de Manejos de cada área (SNUC, 2000).

Na região norte, o Pico da Neblina (no estado do Amazonas) é o ponto culminante do Brasil, com 2.995 m. A Serra do Barbado (na Bahia), com 2.033 m é o ponto mais alto da região nordeste. No sudeste é o Pico da Bandeira (entre Espírito Santo e Minas Gerais), com 2.891 m. Na região centro-oeste do Brasil é a Chapada dos Veadeiros (em Goiás) com 1.691 m. Na região sul do país, o Pico Paraná é o ponto mais alto, com 1.922 m. Esta montanha também integra uma Unidade de Conservação, o Parque Estadual Pico Paraná, sob responsabilidade do Instituto Água e Terra do Paraná, que será caracterizado no subcapítulo 2.3.

2.2.3 Turismo de Montanha

O Ministério do Turismo (2021) afirma que a procura pelo turismo de natureza, ecoturismo e aventura pelos turistas internacionais que desembarcaram no Brasil em 2019 apresentou o maior índice dos últimos cinco anos, conforme a publicação Demanda Turística Internacional do Ministério do Turismo, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Segundo esse levantamento, esses segmentos foram o motivo da viagem para 18,6% dos visitantes (em 2015 foi de 15,7%). Os dados indicam o crescimento do segmento no país tanto entre o público interno como também externo. De acordo com o módulo sobre Turismo da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e apresentada em agosto de 2020, cultura e turismo de natureza motivaram mais de 60% das viagens de lazer em 2019.

Para fins de entendimento sobre os conceitos sobre turismo de aventura, é importante pontuar três definições fornecidas por instituições ligadas ao setor:

QUADRO 7 –TURISMO DE AVENTURA

REFERÊNCIA	TURISMO DE AVENTURA
No contexto internacional Adventure Travel Trade Association ⁸	Ele deve oferecer três componentes ao turista: atividade física, conexão com a natureza e experiência de imersão cultural.
No contexto nacional Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura	Modalidade em que o turista participa das atividades de aventura, entre eles o montanhismo, e que proporcionam “experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafios e que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer e superação.
No contexto governamental Ministério do Turismo	Ele requer a participação em atividades que envolvem risco e imprevisto, transformando o turista em “protagonista”, exigindo instalações, equipamentos, serviços auxiliares e guias especializados.

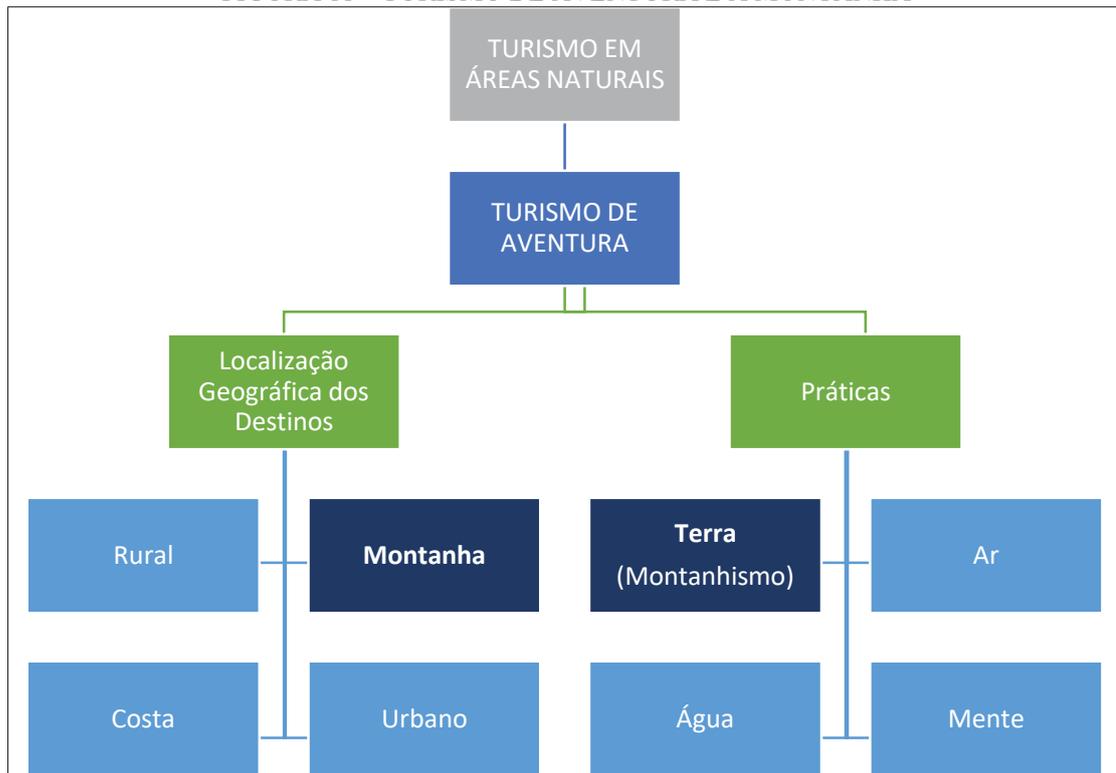
FONTE: Organizado de ATTA (s./d.); ABETA (2020); Mtur (2020).

É possível observar duas importantes similaridades entre as definições adotadas por essas três instituições: participação de alguma atividade, seja física, de aventura ou risco em contato com a natureza; e a experiência intensa do turista nessa atividade.

A linha a ser adotada e defendida nessa pesquisa, compreende que o turismo de áreas naturais é um termo guarda-chuva que engloba entre outros segmentos, o turismo de aventura. Para Coriolano (2007) o que difere de cada segmento é a motivação. Swarbrooke et. al, (2003) explicam que os destinos do turismo de aventura podem ser definidos de várias maneiras, entre elas pela localização geográfica do destino ou então pela atividade ou prática realizada. No primeiro caso, a montanha é considerada como destino (assim como a costa, o rural e o urbano) e no segundo caso, as práticas podem ser baseadas na terra (como o montanhismo), no ar, na água e também na mente. Na Figura 11 é demonstrado esse entendimento:

⁸ Organização fundada em 1990, com o objetivo de promover e profissionalizar o desenvolvimento responsável e sustentável do setor de turismo de aventura (ATTA, s./d.)

FIGURA 11 – TURISMO DE AVENTURA E A MONTANHA



FONTE: Adaptado de SWARBROOKE, et. al (2003, p. 126).

O turismo de montanha trabalhado de forma segmentado, garante um melhor processo de planejamento e gestão da oferta e demanda específica da área. Veremos a seguir que se trata de um tipo de ambiente diferenciado, sensível quanto aos aspectos ambientais e perigoso para as pessoas que as procuram. Já o montanhismo será considerado aqui como uma das atividades ou práticas realizadas no turismo de montanha, e entendido como:

Prática esportiva e de lazer que se caracteriza pela ascensão em montanhas e elevações rochosas, por meio de caminhadas ou escaladas, com diferentes graus de dificuldade e tempos de duração. O termo “montanhismo” abrange as seguintes atividades e suas práticas derivadas: caminhadas em montanha (de curta e longa distância, eventualmente incluindo pernoites); escalada em rocha (esportiva e tradicional); escalada em gelo e neve; alta montanha; *bouldering* e escalada em muros artificiais (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MONTANHISMO E ESCALADA, s./d.).

Historicamente, a pressão nos ambientes de montanhas surge à medida que a sociedade foi se desenvolvendo, principalmente no contexto econômico, e foi desbravando as montanhas e os impactos negativos começaram a ser evidenciados. Segundo Carvalho (2014), desde o século XV as regiões montanhosas têm “sido desmatadas ou desertificadas pela ação humana”:

A indústria madeireira, exploração mineral, aumento da densidade demográfica, introdução de espécies exóticas, abertura de campos de pastagens, criação de animais, monoculturas até chegar aos grandes fenômenos atuais da produção e do

processamento de drogas ilegais (...), do aquecimento global (...), e do turismo desorganizado e predatório (CARVALHO, 2014, p. 420-421).

Singh (1991) explica que esses impactos tiveram um ritmo acelerado, com quase nenhuma consideração ambiental, ignorando a sua capacidade de regeneração e de carga. Ele enfatiza que as montanhas não têm capacidade para muitas pessoas por conta de sua fragilidade.

Godde, Price e Zimmermann (1999) destacam que a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizado no Rio de Janeiro, em 1992, foi um marco mundial para destacar a importância das montanhas e as medidas urgentes para a sua proteção. Na 'Agenda 21', plano de ação para o século XXI, foi incluído no Capítulo 13 o tema: "Ordenação dos ecossistemas frágeis: desenvolvimento sustentável das zonas de montanha", considerando as seguintes prerrogativas:

As montanhas são uma importante fonte de água, energia e diversidade biológica. Eles também são uma fonte de recursos vitais como minerais, produtos florestais e agrícolas e instalações recreativas. Como um ecossistema importante representando a complexa e interdependente ecologia de nosso planeta, o ambiente montanhoso é essencial para a sobrevivência do ecossistema global. Entretanto, os ecossistemas de montanha estão mudando rapidamente. Eles são suscetíveis à erosão acelerada do solo, deslizamentos de terra e empobrecimento rápido da diversidade genética e do habitat. A pobreza é generalizada entre os povos das montanhas e o conhecimento indígena está sendo perdido. Como resultado, a maioria das áreas montanhosas do mundo está sofrendo com a degradação ambiental. Portanto, devem ser tomadas medidas imediatas para garantir uma gestão adequada dos recursos da montanha e o desenvolvimento social e econômico das pessoas da montanha (UNITED NATIONS, s./d., tradução nossa).

O ano de 2002 foi declarado o Ano Internacional das Montanhas e o Ano Internacional do Ecoturismo. A Assembleia Geral das Nações Unidas designou o dia 11 de dezembro como o Dia Internacional das Montanhas. Desde então, a data é utilizada para conscientizar sobre a importância que as montanhas têm para a vida, destacando oportunidades e limites no desenvolvimento das montanhas, e para construção de parcerias que tragam mudanças positivas, tanto para os povos de montanha como para ambientes ao redor do mundo (FAO, 2020). Esse cenário incentivou outros eventos que fomentaram o desenvolvimento nas discussões sobre turismo em ambientes montanhosos, como alternativa sustentável para essas regiões, seja no âmbito governamental como nas pesquisas científicas.

É possível afirmar, portanto, que as discussões sobre o tema são recentes. A construção histórica sobre um determinado assunto é importante para o seu entendimento atual e para os futuros estudos, e não é diferente com o turismo de montanha. O turismo de montanha, como segmento do turismo, é recente nas pesquisas científicas. Segundo Smethurst (2000), os estudos sobre montanhas se restringiam aos processos físicos, ecológicos ou como espaços sagrados.

Através das leituras de artigos e livros, dos clássicos aos mais recentes sobre o tema, é possível perceber as diferentes terminologias atribuídas para esse segmento. Foram identificadas as seguintes nomenclaturas: turismo de montanha, turismo em ambiente de montanha, turismo de aventura em montanha e viagens de montanhismo (QUADRO 6).

QUADRO 8 – PRINCIPAIS CONCEITOS DESENVOLVIDOS NO TURISMO DE MONTANHA

REFERÊNCIA	MONTANHA E TURISMO
SINGH (1991)	Considera o desenvolvimento do turismo no ambiente montanhoso. Para ele, o “ <i>green tourism</i> ” seria a única esperança nas montanhas (p. 07).
JOHNSTON; EDWARDS (1994)	Consideraram o montanhismo como setor do ecoturismo (p. 460).
GODDE; PRICE; ZIMMERMANN (1999)	É possível visualizar o termo turismo de montanha, considerando como um fenômeno multifacetado (p. 07).
BEEDIE; HUDSON (2003)	Analisa o turismo de aventura baseado em montanha. Para eles, a teoria turística tem dificuldades em conseguir capturar as sutilezas desse segmento (p. 625).
SWARBROOKE; ET. AL. (2003)	Entendem que as viagens de montanhismo tendem a se concentrar no desejo de conquistar determinados picos ou explorar certas cadeias de montanhas (p. 122).
PROMFRET (2006, 2011, 2012)	Publicou artigos científicos importantes sobre o montanhismo, no contexto da recreação de aventura e do turismo de aventura.
NEPAL; CHIPENIUK (2005)	Propuseram um quadro conceitual sobre turismo de montanha. Esse quadro teve como objetivo atender os desafios de planejamento e gestão dessas áreas
RICHINS; HULL (2016)	É proposto o “Modelo de experiência em turismo de montanha sustentável”.

FONTE: Organizado de SINGH (1991); JOHNSTON; EDWARDS (1994); GODDE; PRICE; ZIMMERMANN (1999); BEEDIE; HUDSON (2003); SWARBROOKE; ET. AL. (2003); PROMFRET (2006, 2011, 2012); NEPAL; CHIPENIUK (2005); RICHINS; HULL (2016).

Ao analisar a produção científica sobre turismo de montanha entre os anos de 1979 e 2018, os pesquisadores Río-Rama, Maldonado-Erazo, Durán-Sánchez e Álvares-Garcia (2019), confirmam que existe uma limitação do estudo e que está relacionada à falta de uma conceituação clara do tema, o que propicia uma ambiguidade sobre o que o turismo de montanha compreende (se confundindo com o turismo de aventura, ecoturismo, entre outros). Para eles, a temática se encontra em estágio de crescimento, emergente e com potencial de investigação em diferentes linhas de pesquisa. Nessa pesquisa, dos 134 artigos identificados nas bases da *Web Of Science* e *Scopus*, não foram identificados trabalhos no Brasil o que demonstra a importância dessa investigação de dissertação.

Com base nesses estudos e outros considerados na revisão da literatura, será possível perceber o potencial do desenvolvimento do turismo de montanha, ao mesmo tempo desafiador, tendo em vista as suas características singulares, tanto no ponto de vista histórico e ambiental, como da oferta, demanda e gestão. Compreender essa dimensão de causa e efeito, entre outros fatores, permite o entendimento da importância em proporcionar uma experiência sadia e segura tanto para os turistas e comunidades de entorno.

Em 1991, o pesquisador Tej Vir Singh (1991) chamava atenção para o desenvolvimento do turismo em regiões de montanha com relação à sustentabilidade. Para este pesquisador, esse tipo de ambiente apresenta uma oportunidade e um desafio para o desenvolvimento de um turismo mais benéfico, tanto para os anfitriões como para os turistas. As montanhas, compostas por ecossistemas peculiares, proporcionam uma oportunidade no desenvolvimento do turismo de natureza, oferecendo ao homem moderno tranquilidade, inclusive mental (SINGH, 1991).

Apesar de ser um tema contemporâneo nas pesquisas científicas, Beedie e Hudson (2003) ao analisarem o surgimento do turismo de aventura baseado em montanhas, consideram que as montanhas são atraentes como destinos turísticos e são procurados há muito tempo, porém, até então, de forma restrita para poucos montanhistas, considerados pessoas independentes em busca de aventuras. Isso é comprovado, como vimos no capítulo anterior, por exemplo, com a corrida pelas conquistas dos cumes mais altos da Europa no século XVII e XVIII.

Esse desenvolvimento turístico, conforme Richins, Johnsen e Hull (2016), foi um processo marcado por um período de exploração ou descoberta, acompanhado de um desenvolvimento comunitário/regional, culminando na criação de destinos turísticos. Esses autores citam os Alpes (Europa), que presenciaram a sua realidade se transformar por conta do turismo no século XVII, de uma região de pobres assentamentos agrícolas para um crescente número de *resorts* de montanhas, as aldeias recebem milhões de turistas atualmente.

Como a própria denominação indica, o turismo de montanha refere-se a atividades de turismo que ocorrem em ambientes de montanha (HULL, 2016; BLASCO; GUIA; PRATS, 2016). Porém não é somente relacionado ao aspecto físico. Os pesquisadores Godde, Price e Zimmermann (1999) consideram o turismo de montanha um fenômeno “multifacetado” que abrange tanto as dimensões econômicas quanto políticas, sociais, culturais, históricas e psicológicas.

Para Nepal e Chipeniuk (2005), no âmbito do turismo, uma montanha não pode ser definida somente pela sua elevação, deve ser considerada também os critérios de bacia hidrográfica ou de ecossistemas, bem como as comunidades localizadas em vales ou planícies e que utilizam ou dependem dos recursos da montanha. O mesmo entendimento é compartilhado por Richins, Johnsen e Hull (2016) quando incluem também ambientes rurais e áreas geográficas com diferenças de altitudes menores, com condições climáticas e de temperatura variadas.

Duglio e Letey (2019), com base em outras pesquisas, reúnem e sintetizam o entendimento sobre turismo de montanha:

Ao considerar o contexto da montanha, vários autores definem um destino de turismo de montanha como uma unidade geográfica, econômica e social projetada especificamente para turistas em termos de infraestruturas de montanha (Flagestad e Hope 2001; Kuščer et al. 2017). Em relação ao que essas áreas oferecem aos turistas, no entanto, as montanhas não apenas diferem amplamente, dependendo de fatores como clima, geomorfologia e vegetação (Richins et al. 2016), mas também em termos de atividades humanas capazes de lidar com as diferentes necessidades turísticas: natureza, esportes de relaxamento, lazer, cultura, saúde e bem-estar. (DUGLIO; LETEY, 2019, p. 1675-1676, tradução nossa)

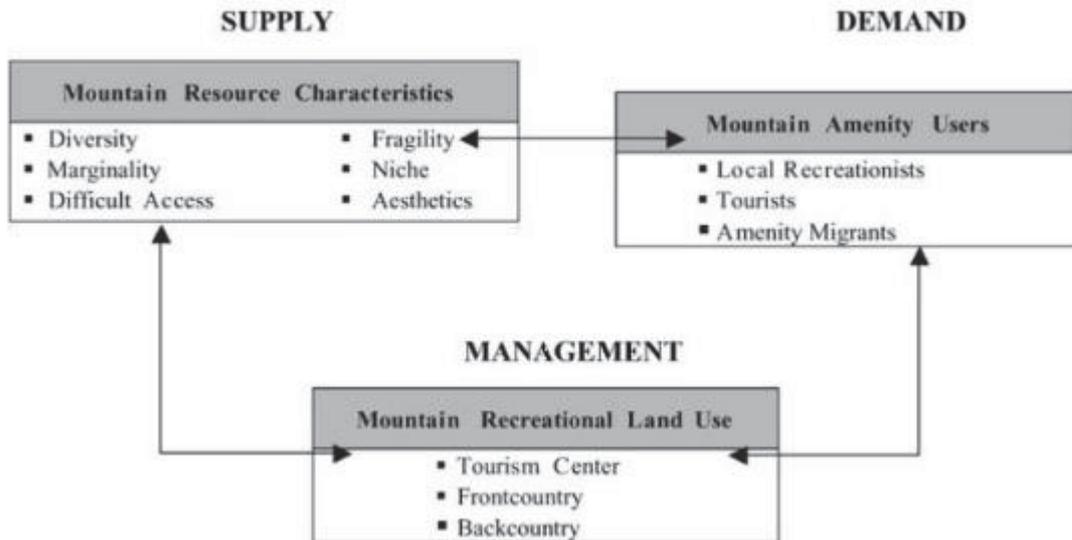
Por último, a Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2021) define o turismo de montanha como a “atividade turística realizada em um espaço geográfico e limitado com características e atributos distintos que são inerentes a uma determinada paisagem, topografia, clima, biodiversidade (flora e fauna) e comunidade local”. Esse segmento abarca várias atividades desportivas e de lazer ao ar livre.

Para a OMT (2021) o desenvolvimento desse tipo de turismo pode ser benéfico ao: i) estimular o crescimento econômico local; ii) estimular a mudança social; iii) complementar com outras atividades; iv) contribuir para o PIB; v) criar empregos; vi) promover a dispersão da demanda temporal (combate à sazonalidade) e ao longo de um amplo território.

Na perspectiva de gestão da montanha como objetivo de visitação, é importante destacar o trabalho de Nepal e Chipeniuk (2005). Os autores delinearão um quadro conceitual para o turismo de montanha. Para eles, essa proposta se justifica pelos seguintes motivos: 1) esforço lento, mas constante, para aumentar a conscientização global sobre questões de montanha; 2) as montanhas, com suas características, se tornam destinos populares para o turismo; 3) fragilidade ambiental, social e política das regiões montanhosas; 4) limitação dos estudos de turismo em ambientes de montanhas; 5) poucas tentativas em conceituar o turismo de montanha.

Eles apresentam a estrutura conceitual dividida em três componentes: oferta (“*supply*”), demanda (“*demand*”) e gestão (“*management*”), com a perspectiva de gerenciamento de recursos (FIGURA 12).

FIGURA 12 – TURISMO DE MONTANHA: ESTRUTURA CONCEITUAL



FONTE: NEPAL; CHIPENIUK (2005, p. 315).

Nepal e Chipeniuk (2005) diferenciam a oferta do turismo de montanha de acordo com as características de seus recursos. Esses pesquisadores apontam que as oportunidades de lazer em montanha são influenciadas por seis características exclusivas das regiões montanhosas e, como tal, têm implicações específicas para a recreação nas montanhas e o desenvolvimento do turismo, são elas:

QUADRO 9 - CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DAS MONTANHAS

(continua)

CARACTERÍSTICAS	DESCRIÇÃO
Diversidade (“ <i>diversity</i> ”):	Se refere a diversidade ecológica e cultural (e sua relação), bem como a diversidade da paisagem, flora e fauna. Nela está inserido a variedade de <i>habitats</i> que abrigam diferentes espécies endêmicas. Elas podem ter graus diferentes de modificação de paisagem por conta das atividades humanas desenvolvidas. Também se refere à variedade de práticas que utilizam dessa característica, tais como o montanhismo, esqui, etc.
Marginalidade (“ <i>marginality</i> ”)	As comunidades locais possuem estruturas econômicas ligadas ao uso de recursos da montanha (subsistência e de mercadorias), porém, nas prioridades de desenvolvimento, são negligenciadas historicamente por estarem localizadas em regiões periféricas. A pobreza pode ser característica dessas comunidades e também são marcadas pela incerteza e instabilidade econômica, política e cultural. Também é possível perceber incidências de violência e conflitos étnicos. Muitas regiões montanhosas são fronteiras entre países, estados e/ou municípios.
Acessibilidade (“ <i>difficult access</i> ”)	Difícil acesso e infraestrutura pouco desenvolvida restringem os vínculos externos das economias montanhosas. Apesar do acesso difícil significar um baixo volume de turistas, pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento de produtos turísticos de alto valor. Por outro lado, muitas comunidades que eram localizadas remotamente, agora estão próximas a grandes centros urbanos por conta da expansão das redes de transporte aéreo. Isso facilitou também que muitas pessoas dos centros urbanos comprassem casas nessas áreas. O acesso à internet leva informações, incentivando a migração metropolitana para as montanhas. Contudo, para a maior parte das comunidades remotas, o acesso continua difícil.

QUADRO 10 - CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DAS MONTANHAS

(conclusão)

Fragilidade do ambiente (“ <i>fragility</i> ”)	Se refere aos processos ecológicos nas montanhas, seria a resposta do ambiente às atividades naturais e humanas. São características desse ambiente a baixa capacidade de carga e alta vulnerabilidade. A fragilidade ocorre por conta da topografia, altitude, geologia e clima. As atividades e infraestruturas devem ser pensadas em uma determinada escala e em locais específicos. Esse ambiente, frágil e atrativo, precisa de proteção especial.
Nicho (“ <i>niche</i> ”)	A diversidade das montanhas proporciona locais e áreas específicas para atividades recreativas, tais como: escalada, montanhismo, esqui, entre outros. O turismo explora o nicho com a invenção, promoção e marketing de novas tendências, equipamentos esportivos e tipos de atividades. Contudo, deve considerar o limite da capacidade de suporte (fragilidade e diversidade). Esse desenvolvimento em nichos pode trazer benefícios às comunidades.
Estética (“ <i>aesthetics</i> ”)	Se refere a qualidade estética das paisagens montanhosas. Faltam estudos sobre preferência da paisagem em montanha. Em algumas culturas, as paisagens de montanhas evocam uma sensação espiritual, já em outras oferecem qualidade e variedade de oportunidades para recreação. As montanhas atraem moradores, visitantes e migrantes por comodidade.

FONTE: Organizado de NEPAL; CHIPENIUK (2005, tradução nossa).

Nepal e Chipeniuk (2005) afirmam que estas características estão inter-relacionadas e são conceitos dinâmicos porque são influenciadas umas pelas outras e mudam com o decorrer do tempo e lugar, dependendo do nível de desenvolvimento do turismo local.

Outra singularidade sobre o ambiente de montanha recai ao fato delas poderem ser utilizadas em todas as estações do ano, principalmente nas práticas de esportes recreativos, tais como: esqui, caminhada, escalada, caiaque, *mountain bike*, entre outros (GODDE, PRICE; ZIMMERMANN, 1999). Apesar dessa característica, cabe destacar que dependendo da região ou da altitude da montanha, podem ocorrer mudanças súbitas nas condições climáticas em curtos períodos de tempo afetando diretamente a experiência do montanhismo (POMFRET, 2006). No sul do Brasil, por exemplo, a época mais indicada para fazer montanhismo é no período de inverno, por ser uma estação mais seca e segura para praticar. Já no verão, a atenção deve ser redobrada, por conta das chuvas fortes e repentinas.

Ainda sobre a oferta, é importante refletir sobre a turistificação da montanha. Paul Beedie (2003), em seu emblemático artigo sobre guias de montanha e a coreografia da experiência, percebe que a implementação, melhoria e diversificação da infraestrutura básica e de turismo, tais como, estradas, aeroportos, meios de hospedagem, sistema de comunicação e empresas de turismo, reduziram a distância entre a cidade e a montanha, porém contribuíram para levar características urbanas até as montanhas, consideradas até então, selvagens. Para ele, o crescimento do turismo de aventura, acelerou o processo de turistificação das montanhas, principalmente quando explorada na perspectiva do lazer como consumo.

Quanto ao aspecto da demanda do turismo de montanha, Nepal e Chipeniuk (2005) defendem que ela é formada por três tipos de usuários de amenidades (“*mountain amenity users*”): i) os residentes locais que nasceram na região (“*local recreationists*”); ii) aquelas pessoas que mudaram para a montanha e se tornaram residentes permanentes não por razões econômicas, mas pelas ‘comodidades’ naturais ou sociais encontradas naquele local (“*amenity migrants*”); iii) os turistas. As interações entre esses diferentes usuários podem gerar conflitos entre si e entre eles mesmos, por conta dos interesses e envolvimento nas práticas de montanha.

Especificamente sobre os turistas, é relevante compreender as diferentes motivações que os levam para a montanha. As regiões montanhosas podem ser consideradas os destinos turísticos mais populares depois das regiões costeiras. O último dado encontrado aponta que, esse segmento representa entre 15 à 20% do turismo global anual e US\$ 70 à 90 bilhões por ano (UNEP, 2007).

Conforme mencionado no capítulo anterior, a alta densidade populacional dos centros urbanos contribui que as pessoas procurem cada vez mais esse tipo de ambiente, como uma forma de escapismo, em busca de serenidade e calma que as grandes cidades não proporcionam mais (BEEDIE, 2003; GOODE; PRICE; ZIMMERMANN, 1999).

Essa fuga das artificialidades da vida moderna é motivo para buscar vivenciar a natureza na sua forma mais pura, por experiências que restaurem a saúde física e mental, assim como bem-estar espiritual e a sensação de renovação, contemplação e meditação (PFISTER, 2000; RICHINS; HULL, 2016; GODDE, et al., 1999; MARKOVIC; PETROVIC, 2013). Pode-se compreender que na montanha, com a paz que ela em tese proporciona, o homem a vê e percebe como ambiente para conexão subjetiva e íntima, como também de vivência da natureza – quando compreendida como ente exterior.

Os aspectos físicos e histórico-culturais do ambiente de montanha são considerados motivos para os turistas sentirem-se atraídos pelos destinos de montanha. Dentre eles, a topografia diferenciada, a beleza cênica e as paisagens culturais (MARKOVIC; PETROVIC, 2013). Muitos desses locais podem apresentar uma história ou uma cultura diferenciada e que podem atrair as pessoas, absorvendo e aprendendo com as próprias populações ensinamentos milenares. Como exemplo, Machu Picchu, no Peru, construída no século XV pela civilização Inca.

Pfister (2000) observou que a atratividade das montanhas também se sustenta no “mistério e o valor espiritual das viagens para locais inacessíveis, menos conhecidos e remotos nas regiões montanhosas” (p. 116, tradução nossa). Para ele, essa atração envolve as crenças, ou elementos não materiais, da cultura que dão significado às montanhas como lugares

sagrados. O Monte Fanjing, na China, por exemplo, é considerado local sagrado há séculos, principalmente em decorrência dos templos budistas.

A motivação também se dá pelo perigo através de práticas esportivas e de lazer (SCHORNER, 2011 apud MARKOVI; PETROVIC, 2013). Esses esportes se diversificaram, sobretudo com os avanços tecnológicos nos equipamentos, contribuindo no crescimento da demanda (GODDE, PRICE; ZIMMERMANN, 1999). Atualmente, conhecer uma montanha de altitude elevada não está mais restrita a montanhistas experientes (MU; NEPAL, 2016). Pode-se citar Zermatt, na Suíça, na base da montanha Matterhorn, é uma região que no inverno se pratica esqui, *snowboard* e helisqui; e no verão *trekking*, ciclismo e escalada.

Outros fatores que influenciaram na demanda pelas montanhas remetem a promoção e a publicidade do setor do turismo de aventura e o rápido crescimento da mídia promocional, principalmente pelo uso da internet (BEEDIE; HUDSON, 2003; POMFRET, 2006). Destaca-se aqui o papel das redes sociais como um incentivador dos interesses ou curiosidade de outras pessoas em conhecer determinadas montanhas através do compartilhamento de fotos e depoimentos de viagens.

Retornando ao modelo conceitual proposto por Nepal e Chipeniuk (2005), o último ponto trata-se da gestão. O turismo de montanha pode proporcionar inúmeros impactos positivos para o visitante e o visitado. É um fenômeno diversificado e com potencial de melhoria da condição econômica das populações locais; fortalecimento das tradições e culturas locais; além de oferecer opções de lazer e recreação ao ar livre durante o ano inteiro (UNWTO, 2021; GODDE ET AL., 2000; NELSON, 2004; KRUK ET AL., 2007 APUD HULL, 2016).

Contudo, o acelerado aumento na demanda do turismo de montanha, também pode culminar com uma série de preocupações quanto aos impactos negativos no desenvolvimento desse segmento, seja quanto na alteração dos valores culturais, bem como na integridade ambiental, na inflamação econômica, falta de mão-de-obra, conflitos dos usuários e falta de concordância da população local (GILL; WILLIAMS, 1994; NEPAL; CHIPENIUUK, 2005; NEPAL; JAMAL, 2011 apud HULL, 2016).

Sobre essa questão de gestão para a minimização dos impactos negativos ambientais, são exemplos os trabalhos voluntários realizados por organizações não governamentais. Tais como, as ações da Federação Paranaense de Montanhismo (FEPAM) através dos seus clubes associados, com o apoio do Instituto Água e Terra (IAT), órgão gestor das Unidades de Conservação do Paraná. Através do Programa “Adote uma Montanha” os clubes associados realizam mutirões de manutenção de trilha e retirada de lixo, dentre outras ações (AGENCIA DE NOTICIAS DO PARANÁ, 2021). Esses trabalhos buscam minimizar os impactos quanto

ao pisoteio dos visitantes, diminuindo o processo erosivo e carreamento de material sedimentado (AGENCIA DE NOTICIAS DO PARANÁ, 2021). O lixo, os dejetos humanos e o fogo são problemas sérios enfrentado pelo alto fluxo de pessoas nas montanhas do Paraná.

Ainda sobre os impactos negativos do segmento, Singh (1991) alerta que os ecossistemas montanhosos são frágeis e vulneráveis e, portanto, tem pouca tolerância às atividades humanas. Portanto, a abordagem do ecossistema deve ser a base para indicar as atividades que podem ser desenvolvidas, especialmente o turismo:

Os especialistas sustentam que apenas um desenvolvimento turístico bem administrado, de ritmo lento, controlado e integrado pode proporcionar otimismo e confiança nessas regiões de economia fraca e ecologias frágeis (SINGH, 1985 apud SINGH, 1991, p. 04, tradução nossa).

Para Nepal e Chipeniuk (2005), o planejamento e a gestão do turismo em regiões montanhosas devem considerar e incorporar as características específicas do tipo de ambiente. Para isto, eles propuseram um modelo de gestão, na perspectiva de zoneamento do uso da terra e divide as paisagens de amenidades das montanhas em um centro nodal (“*nodal centre*”), um campo de frente (“*frontcountry*”) e um cenário do interior (“*backcountry*”), como ferramenta para a minimização dos impactos negativos nos recursos naturais. De forma geral, cada zona concentraria infraestrutura adequada, considerando a fragilidade do ambiente, gestão pública, acessos, o tipo de público e atividade.

Esses pesquisadores ressaltam a importância da descentralização das tomadas de decisões e na diversificação da base econômica local, através de abordagens participativas durante todo o processo de planejamento, gestão e monitoramento do turismo, pautado na sustentabilidade a longo prazo (NEPAL; CHIPENIUK, 2005).

A seguir, será analisada a experiência no ambiente de montanha, com ênfase no aspecto emocional. Tais contribuições serão essenciais para compreender a experiência no Pico Paraná através dos relatos dos Cadernos de Cume.

2.2.4 Experiência em ambiente de montanha e as respostas emocionais

O embasamento científico quanto a experiência em ambiente de montanha se torna essencial para a compreensão sobre a experiência no Pico Paraná possível de interpretar a partir do conteúdo dos registros presentes nos Cadernos de Cume. Esse subcapítulo tem como objetivo descrever sobre o tema a partir de diferentes olhares. Para dar início, tomamos como

base o entendimento da historiadora Carvalho (2015) com a sua pesquisa no Parque Estadual do Marumbi (Morretes/PR) sobre experiência de montanha:

Uma experiência direta que mobiliza a corporeidade física, sensorial, emocional e mental de cada uma à sua própria maneira, porém, não de forma isolada. Isso porque subir montanhas por fruição caracteriza o que conhecemos por montanhismo moderno, atividade prática que requereu profundas transformações culturais até que surgisse como esporte no contexto europeu do século XIX (CARVALHO, 2015, p. 376).

Essa experiência se inicia antes mesmo de estar na montanha. Beedie (2003) considera que no montanhismo existe dois componentes da experiência: o social e o físico. O primeiro, refere-se ao tempo compartilhado com outros montanhistas, não apenas na montanha, mas também em espaços periféricos, tais como clubes de montanha, lojas de equipamentos, hospedagem, eventos, entre outros. Nesse tempo compartilhado é possível absorver padrões de comportamento do meio, como a fala, as vestimentas e objetos utilizados. Isso provoca um processo de inserção, tendo consequências no próprio comportamento. Podemos entender que a participação de grupos específicos em redes sociais e a interação com diferentes pessoas que são adeptas ao montanhismo também configuram essa experiência social.

Swarbrooke et. al. (2013) também afirmam que a energia emocional e mental já começa antes mesmo de começar a parte ativa da experiência. Ela inicia no momento do planejamento da atividade, na escolha do atrativo, nos participantes da equipe, os custos da viagem, a melhor época do ano, as opções de trilhas e vias de escalada, roupas e equipamentos necessários para a expedição, entre outros. Essa fase de planejamento da aventura ajuda a desenvolver a natureza de envolvimento com a atividade.

Já no componente físico, Beedie (2003) explica que é a experiência no local, na interação e na realização da prática do montanhismo ou da escalada. Esse contato direto, permite que as pessoas se familiarizem com terrenos acidentados ou então vivenciem condições climáticas e de visibilidade variadas. Essa imprevisibilidade da montanha é um fator desafiador, ou seja, a pessoa nunca poderá realmente afirmar “conhecer” a montanha, apenas podem aproveitar a experiência para estabelecer determinados comportamentos e quanto mais profunda a experiência, mais fácil será para a pessoa combinar uma resposta às questões daquele cenário.

Ainda de acordo com Beedie (2003), essas situações peculiares nas montanhas podem exigir um comportamento diferenciado ou mesmo sem antecedentes dos seus frequentadores. No verão, época de chuvas e tempestades súbitas no sul do Brasil, pode ser um fator de risco para aqueles que não estiverem preparados fisicamente, psicologicamente e/ou com roupas e

equipamentos apropriados. Nas atividades de risco na natureza, os indivíduos passam por experiências incomuns, trabalhando com “sensações e sentidos não muito utilizados normalmente” (MARINHO, 2006, p. 14).

Esse componente físico da experiência no local, remete ao trabalho de Hull e Stewart (1995) ao analisarem através da fotografia a paisagem encontrada e experimentada durante uma caminhada em Aspen (Colorado, EUA). Eles propõem uma definição operacional para paisagem experimentada, que é composta basicamente por três elementos: i) paisagem encontrada: vistas, pessoas ou objetos visualizados na paisagem ou encontrados enquanto caminham ou no envolvimento de outra tarefa, como o nascer do sol no cume de uma montanha; ii) sequência: encadeamento ou ordem dessas cenas ou objetos encontrados no percurso. Seguindo o mesmo exemplo, até o nascer do sol no cume, a pessoa andou durante 5 horas em uma trilha, com diversos obstáculos e intercorrências; iii) sentimento, pensamentos ou outras qualidades subjetivas que são vivenciadas simultaneamente com essas visões. A caminhada até o cume pode ter sido cansativa, mas ver o nascer do sol pode proporcionar paz e alegria. Entende-se, portanto, que a experiência de montanha é consequência desses 3 componentes, desenvolvidas de forma conjunta e particular de cada pessoa.

Uma das conclusões desse estudo afirma que a qualidade subjetiva da experiência da paisagem parece ser multidimensional. Humor, satisfação e beleza cênica variam ao longo da experiência da caminhada. A beleza cênica tem um referente físico (a paisagem), o que se torna mais objetivo medir do que o humor e a satisfação. Estes autores indicam futuros estudos que analisem sobre essa relação da paisagem encontrada e dos sentimentos que ela provoca com a qualidade da paisagem.

Outro fator que influencia a experiência final em montanha é o grau da atividade praticada. Nesse sentido, Doran e Pomfret (2019) explicam que o montanhismo compreende uma série de atividades que vão do mais “suave” ao mais “pesado”, em termos de dificuldade e desafio, dependendo dos aspectos físicos, climáticos e de altitude do local, que requerem da praticante resistência, condicionamento físico, experiência e habilidade. A escalada de uma rocha, por exemplo, para algumas pessoas com pouca experiência na atividade, pode ser considerada um desafio ou a superação do medo de altura. Assim, os praticantes do montanhismo experimentam situações emocionalmente intensas carregadas de sentimentos de risco, medo e incerteza (DORAN; POMFRETE, 2019).

Pomfret (2006) desenvolveu uma estrutura conceitual para examinar os turistas de aventura de montanhismo. Ele define como atividades “suaves” aquelas que requerem pouca habilidade técnica ou experiência da pessoa para escalar e que abrangem mínimo risco real. Já

as atividades “pesadas”, requerem maiores habilidades e experiências aos montanhistas para enfrentar níveis altos de risco.

Nessa investigação, Pomfret (2006) explica que o montanhismo é uma atividade intensa e que está diretamente envolvida à fortes experiências emocionais. Ao mesmo tempo que o montanhismo proporciona recompensas únicas, como alcançar o cume de uma montanha, para sentir-se fisicamente bem ou poder desenvolver novas habilidades técnicas, o indivíduo pode precisar enfrentar certas dificuldades. O autor (2006) sugere aos gestores de turismo utilizarem essas informações para entender o mercado desse segmento e desenvolver experiências adequadas que satisfaçam as necessidades de seus clientes de forma individual, de acordo com a sua personalidade e objetivos.

Em outro trabalho, Pomfret (2012) examinou as jornadas emocionais que os turistas experimentam enquanto participam de atividades de aventura durante o montanhismo. Esse autor cita o trabalho de Mitchell (1983), quando afirma que em pesquisas anteriores, identificaram que os praticantes de montanhismo podem desfrutar de experiências eufóricas ativas e passivas (“*active and passive euphoric experiences*”). A primeira é quando existe uma intensa fusão entre o participante e a montanha, escalando uma rocha, por exemplo. Já a experiência passiva, ocorre quando os indivíduos não estão participando ativamente na atividade, contudo, a paisagem natural inspira e traz a sensação de insignificância em relação ao seu entorno (MITCHELL, 1983, p. 147 apud POMFRET, 2012, p. 152).

Antes de entrarmos no campo das emoções, é interessante mencionar sobre a dimensão dos sentidos humanos que são utilizados na montanha. A pesquisadora Bárbara Mateiro (2015) explica que, diferentemente de outros tipos de ambientes, os destinos de montanha configuram-se como ambientes propícios ao “desenvolvimento de experiências multissensoriais”, justamente por isso, costumam atrair diferentes públicos em busca de experiências que foquem na multiplicidade de sentidos, tais como visão e audição (p. 128).

Nesse sentido, a montanha é multifacetada, ela proporciona visualizar uma noite estrelada, ouvir diferentes sons de bichos, sentir o cheiro de “mato”, tomar da água pura da serra, tocar em superfícies diferentes do cotidiano, como pedras e troncos de árvores.

Para o sociólogo John Urry (1996) as montanhas são consideradas como monumentos a serem consumidos através do olhar. Urry (2016, p. 149) explica que as pessoas viajam para “locais visualmente diferentes para assistir a um evento ao vivo”, como escalar uma montanha. Para ele são práticas corpóreas encontradas em “espaços de lazer” específicos e geograficamente distante de locais domésticos e profissionais. A atração por esses locais está na liberdade do movimento do corpo, no sentimento de estar “vivo”, até mesmo com sensações

distintas dos locais cotidianos. As montanhas são locais de aventura, que provocam uma “intensa excitação corporal, vinda de corpos em movimento, os quais encontram seu complexo caminho no tempo e no espaço” (URRY, 2016, p. 149).

De fato, subir uma montanha requer um conjunto de movimentos físicos e de concentração: caminhar por trilhas sinuosas, transpor barreiras naturais, utilizar os braços e mãos para escalar uma pedra mais alta, visualizar uma paisagem panorâmica, são situações que não são vivenciadas frequentemente na rotina diária.

Nesse sentido, Beedie (2003) esclarece que assistir o nascer do sol ou da lua no alto de uma montanha, por exemplo, são consideradas experiências estéticas. Este pesquisador também observa que as fotografias vinculadas a revistas do segmento e programas de televisão, retratam as belas paisagens e não os seus problemas (como o lixo), contribuindo assim para a imagem da montanha, pura e esteticamente atraente pelas suas formas e contornos.

Durante o percurso da construção conceitual, foram encontradas algumas pesquisas que trataram sobre a experiência em montanha. A experiência de montanha possui muitos elementos que influenciam o resultado final. Alguns já citados como Pomfret (2006, 2012) e Pomfret com Doran (2019) e Beedie (2003). Outros como Faullant, Matzler e Mooradian (2011); Swarbrooke et. al (2003) contribuíram para esse tema e serão descritos abaixo.

Faullant, Matzler e Mooradian (2011) identificaram a relação entre a personalidade dos praticantes do montanhismo, as emoções básicas de alegria e medo e o grau de satisfação dos praticantes. Os achados mostraram que os traços da personalidade são a explicação de como as emoções básicas são sentidas de formas diferentes entre os consumidores, porém de forma previsível. Segundo estes autores, pessoas mais extrovertidas (“*extraversion*”) experimentam com mais alegria a prática do montanhismo, já as pessoas mais neuróticas (“*neuroticism*”) são mais predispostas a sentirem medo na montanha.

Os resultados sugerem que a alegria tem efeito direto sobre a satisfação da experiência e com o medo ocorre o oposto. Essa é uma constatação muito importante para os operadores turísticos que encontrarão pessoas com diferentes personalidades emocionais. Os pesquisadores recomendam que os sentimentos de medo devem ser evitados, não excluindo a possibilidade de um sentimento de emoção e desafio, desde que haja uma preparação segura e bem gerenciada da excursão. É possível gerenciar a experiência na montanha, especialmente a partir de operadores e guias, profissionais com posição de mediar sentimentos e estimular alegria quando se atinge o nível de desafio programado (FAULLANT; MATZLER; MOORADIAN, 2011).

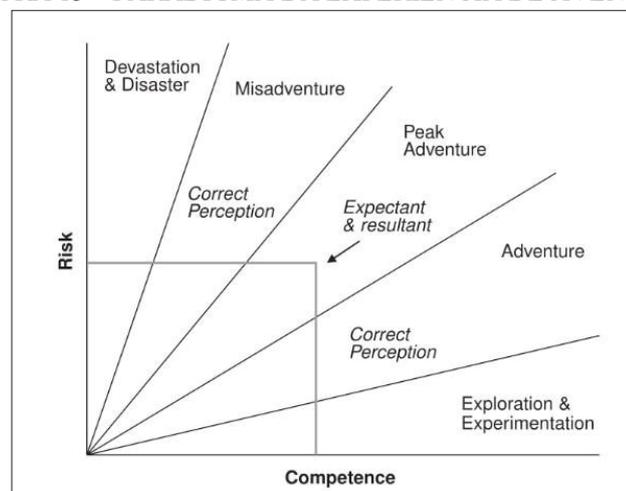
Swarbrooke et. al. (2003), no livro sobre Turismo de Aventura, trazem conceitos e estudos de caso sobre o tema. Para eles a aventura é uma experiência emocional e envolve

emoções contrastantes. Eles esclarecem que o caráter incerto da atividade, os riscos da aventura e a dificuldade de algumas etapas dessa experiência, podem proporcionar uma dicotomia de emoções, tais como contentamento e desespero, ansiedade e prazer. Estes autores, bem como Pomfret (2006), citam em seus trabalhos a experiência de fluxo desenvolvido pelo psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (1992). Ele criou o termo “fluxo ou fluir” (“*flow*”) nos anos de 1970, para indicar a condição de absorção total na atividade desenvolvida.

Segundo Strassburguer e Macke (2010), o fluxo é quando a pessoa está tão envolvida no que está fazendo, que nada mais importa, a sua energia (psíquica e física) e concentração estão focalizadas naquela atividade e no corpo, perdendo até a noção do tempo. Esse fluxo se intensifica ao longo de sua duração e, quanto mais agradável essa experiência for, mais a pessoa vai querer repetir. No turismo, a experiência de fluxo em visitantes/turistas ocorre em participações ativas em atividades que exigem intensidade. Há certo reconhecimento que esta condição proporciona felicidade e prazer, com longa duração na memória.

Outro modelo interessante para entender a percepção dos riscos da atividade de montanha, pode se dar pelo esquema proposto por Martin e Priest (1986), denominado como “paradigma da experiência de aventura”, que relaciona o risco da atividade com a competência do participante. Esse modelo demonstra as condições do desafio que podem ser classificadas em 5 diferentes graus (FIGURA 13): exploração e experimentação (“*exploration & experimentation*”), aventura (“*adventure*”), aventura pico (“*peak adventure*”), desventura (“*misadventure*”) e devastação ou desastre (“*devastation & disaster*”).

FIGURA 13 – PARADIGMA DA EXPERIÊNCIA DE AVENTURA



FONTE: POMFRET (2006, p. 120).

Este modelo sugere que, nas situações de aventura, quando a competência do participante é alta e o risco da atividade é baixo, o resultado caminha para uma condição de

exploração e experimentação (LÓPEZ-RICHARD; CHINÁGLIA, 2004; POMFRET, 2006; MU; NEPAL, 2016), provocando emoções positivas (MU; NEPAL, 2016).

López-Richard e Chináglia (2004) explicam que, quando a competência diminui ou o risco aumenta, a experiência é considerada uma aventura. O equilíbrio entre a competência e o risco acarreta na condição de aventura de pico (“*peak adventure*”). Porém, quando o risco ultrapassa a competência do praticante, a experiência pode se dirigir para à desventura e, se o risco é muito alto ou é muito baixa a competência, pode encaminhar para a devastação ou desastre (até em morte). Segundo Mu e Nepal (2016), quando o risco é maior que a competência, as pessoas sentem ansiedade e medo, transformando a emoção positiva em uma experiência negativa.

Por fim, o equilíbrio entre as dimensões de risco e competência estará garantido pela adequada percepção do risco envolvido na atividade e a adequada avaliação da competência pessoal para desafiá-lo (LÓPEZ-RICHARD; CHINÁGLIA, 2004). Esse entendimento sobre o paradigma da experiência de aventura de Martin e Priest (1986) é importante por considerar a questão do risco do montanhismo e das competências dos seus praticantes para entender a experiência afetiva/emocional dos visitantes do Pico Paraná.

Mu e Nepal (2016) analisaram as percepções de risco e morte na região do Monte Evereste (Nepal) com base na experiência real durante a caminhada. Baseados em pesquisas de Bentley e Page (2008), Lepp e Gibson (2003), Williams e Soutar (2009) e Carter (1998), eles elencaram os fatores que influenciam nas reações emocionais em relação aos riscos do montanhismo: 1) experiências anteriores e a conscientização desses riscos; 2) idade, sexo e nacionalidade dos participantes; 3) a mídia na construção da imagem de um destino, afetando a percepção de risco dos viajantes nesses locais.

Outro fator que influencia a experiência é a presença ou não de um guia ou de empresa especializada. Beedie (2003) compara o papel do guia de montanha como um coreógrafo da experiência e a sua importância pela transmissão das tradições do montanhismo. Os guias de montanhas são diferentes dos guias de turismo. Os guias de montanhas são montanhistas experientes, são aqueles que possuem conhecimento local de uma montanha, possui um vasto conhecimento orográfico, com habilidades e conhecimentos adquiridos na prática e ao longo dos anos. Os guias são coreógrafos quando conduzem uma caminhada, definindo caminhos por onde passar, decidindo grau de dificuldade, horários das atividades, locais de contemplação e de fotografias, auxiliando na transposição de uma barreira, ensinando as técnicas de caminhada e de escalada, entre outros. Portanto, existe uma natureza didática (educacional) nessa relação, dando autonomia e responsabilidades ao cliente.

2.3 O PICO PARANÁ E SEU PARQUE

Neste subcapítulo, será apresentado o Pico Paraná e seu Parque. Essa contextualização engloba a localização, histórico e a demanda atual. As informações são baseadas em sites e documentos oficiais estaduais (IAT) e municipais (Prefeituras de Campina Grande do Sul e Antonina) e da literatura como livros e artigos, bem como da vivência pessoal da pesquisadora no campo e com pessoas e órgãos envolvidos direta e indiretamente na Unidade de Conservação.

2.3.1 A conquista da “muralha”

A breve história da conquista do Pico Paraná aqui inserida é o resumo do relato de Henrique Paulo Schmidlin, conhecido como Vitamina, publicado em 2013⁹. Ele é advogado, foi Curador do Patrimônio Natural do Paraná, aposentado pela Secretaria de Estado da Cultura. Conservacionista e personagem importante no “mundo” do montanhismo e da Serra do Mar, contribuindo para a história do Paraná e na proteção da Floresta Atlântica. Esse texto de Schmidlin (2013) trata-se de um resgate histórico e se baseia nos próprios relatos e documentos oficiais dos conquistadores do Pico Paraná.

Segundo Schmidlin (2013), o Pico Paraná é único que tem “registro de nascimento”, ocorrido em 1940 quando o geólogo alemão Reinhard Maack pesquisava sobre aspectos tectônicos da Serra do Mar. Ao conferir rumos e altitudes constatou duas elevações próximas ao Marumbi (considerada até então a mais alta do Paraná), com cotas acima dela. Foi necessário realizar outras sete incursões na Serra do Mar que permitiu confirmar as suas hipóteses sobre o Pico Paraná: “a descoberta da montanha mais alta do Paraná, que por não ter nome algum, dei o nome de Pico Paraná, representado por um maciço imponente (...)” (MAACK, s./d. apud SCHMIDLIN, 2013; SCHMIDLIN, FIORI, 2021).

Foi necessário realizar procedimentos técnicos para confirmar a constatação visual, o que levou Maack a legitimar os achados juntos aos órgãos públicos. Por ser estrangeiro convidado para estes trabalhos, ele quis homenagear cada cume com nomes importantes da nossa história. Contudo, as leis brasileiras não permitiam o uso de nomes de pessoas. Foi então

⁹ Texto na íntegra: SCHMIDLIN, H. P. 2013. A conquista do Pico Paraná. Disponível em: <https://altamontanha.com/a-conquista-do-pico-parana/>. Acesso em: 12 mai 2020.

que ele nomeou as montanhas com vocábulos indígenas: Caratuva, Itapiroca, Camapuan, Camacuan, Siririca, Tucum, Tupiá, entre outros.

De acordo com Schmidlin (2013), esse período de 1940 foi considerado a idade de ouro do marumbinismo, as escaladas eram restritas aos arredores do Marumbi. Essa notícia causou impactos nos meios científicos e nos grupos esportivos especializados, despertando o interesse em explorar as novas montanhas.

Porém, existiam dificuldades naturais e físicas para acessar aquela região. A Serra do Mar em si é considerada uma muralha natural. O maciço de Ibitiruçu, onde se encontra o Pico Paraná, é cercado por cumes altos, isolado e protegido contra qualquer incursão civilizatória. Schmidlin (2013) conta que nessa época ainda não existiam a BR 116 (Regis Bittencourt) e nem a estrada Antonina – Guaraqueçaba. A principal estrada para São Paulo partia do Bacacheri e seguia do Atuba rumo a Bocaiúva do Sul (chamada Estrada da Ribeira), se afastando da serra. Para o litoral, a estrada da Graciosa era o principal acesso transitável de automóvel (SCHMIDLIN, 2013).

Com essas condições, Maack conclui que a conquista do Pico Paraná não seria pela Estrada da Graciosa e sim pelo lado do planalto. Além da dificuldade de acesso, os equipamentos da época para se embrenhar no mato eram precários e exigiam muito dos aventureiros:

As barracas de estilo canadense eram feitas de lona pesada e sem forro. Saco de dormir ainda não se conhecia. As botas eram de couro, cano alto, costuradas e solados pregados. As costuras estouravam com a umidade e as tachinhas perfuravam os solados, invariavelmente machucando os pés, com sérios revezes para a marcha. Lanternas comuns de duas pilhas grandes e nunca impermeáveis. Alimentação exclusivamente a base de enlatados e spaguetti com sardinhas. Era obrigatório o emprego do facão, uma vez que a selva era inóspita e exigia perfeita abertura da picada para garantir o retorno seguro e a sobrevivência (SCHMIDLIN, 2013).

Em momento seguinte, Maack, em conjunto com Rudolf Stamm e Alfredo Mysing, se unem para planejar a expedição de conquista do ponto culminante do Estado. Em 28 de junho de 1941 com a previsão de uma expedição de até 8 dias. Na região de Praia Grande (hoje Campina do Sul) mais três tropeiros se juntam ao grupo. A aventura dura 18 dias entre marchas e contramarchas (SCHMIDLIN, 2013).

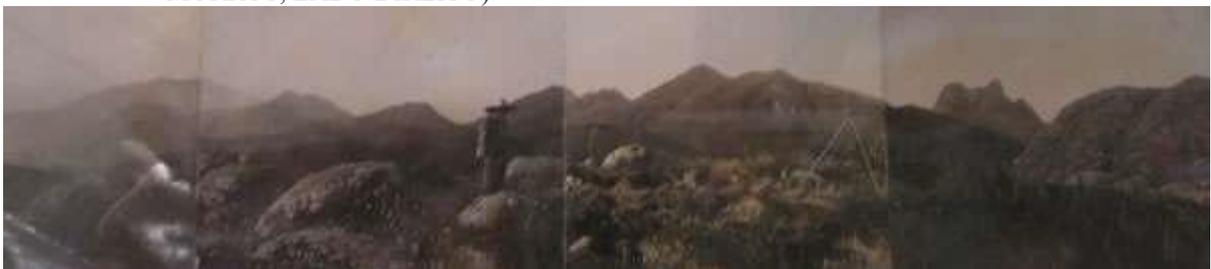
Schmidlin (2013) conta que o acampamento foi na base do Camacuan e durante esses dias eles faziam o mesmo ritual: armar a barraca, acender a fogueira e fazer comida. Maack sempre envolvido com os seus estudos, Stamm e Mysing resolvem subir o Morro do Tucum, onde foram recompensados por uma surpreendente vista do Pico Paraná:

Houve acirrada discussão para identificação do Pico Paraná. Mysing, gritando entusiasmado, prometeu comer uma vassoura se "aquele ali" não fosse o PP. No centro desse cenário alpestre envolvente, soerguia-se o impoluto Pico Paraná. O visual sobre o desconhecido serviu para aumentar o anseio pelo mais alto (SCHMIDLIN, 2013).

Para isso eles revezavam em dois grupos, de hora em hora, para abertura da picada. Assim foi durante os dias 2, 3 e 4 de julho, com muita dificuldade para ultrapassar o fundo de vale. No dia 4, eles são surpreendidos por uma mudança no tempo nas condições climáticas e Maack decide retornar para a Praia Grande e tentar por outra via. No dia 07 de julho reiniciam os trabalhos. Nesse momento, parte da equipe é substituída e integram na expedição Josias Armstrong e Benedito Lopes de Castro, conhecedores da região. Juntos foram para o morro do Caratuva. No local, divididos em dois grupos se revezam na carga. Pernoitam na Lagoa e no dia 9 de junho, eles chegam no cume do Caratuva e contemplam a visão do Pico Paraná: “desfrutam inigualável vista sobre um perfil fantástico, empinado a pique do Paraná, tendo a sua frente uma possante parede de tono marrom avermelhado, afigurando-se numa muralha sensacional” (SCHMIDLIN, 2013).

No Caratuva eles pernoitam e acomodam os equipamentos do Maack. Essa expedição tinha dois objetivos: estudar a região e conquistar o Pico Paraná (FIGURA 14). Porém, o tempo mudou e uma tempestade pegou os aventureiros. Os mateiros retornaram para reabastecer a expedição e eles ficaram ilhados no cume do Caratuva do dia 10 ao dia 12 de julho por conta da chuva intermitente.

FIGURA 14 – FOTO DE MAACK NA EXPLORAÇÃO DO PICO PARANÁ (AO FUNDO, ENTRE OS DOIS MORROS, LADO DIREITO).



FONTE: HAUCK (2011).

No dia 13 de julho de 1941, com toda a equipe reunida partem pela crista da montanha, num trecho muito perigoso. Às 13h45 enquanto Maack estuda a geologia da região, Mysing, Stamm e um tropeiro vão explorar um pouco mais adiante. Benedito não consegue segui-los e retorna. Josias permanecia na ajuda dos trabalhos científicos de Maack. Os dois escaladores

com muita dificuldade para vencer os obstáculos naturais da região, finalmente alcançam o Pico Paraná.

Schmidlin (2013) conta que houve gritos de alegria e o estouro de dois rojões com a conquista do pico mais alto do Paraná, ficaram no cume por vinte minutos para os registros fotográficos. Segundo Schmidlin e Fiori (2021), Stamm descreveu da seguinte forma esse momento:

Um rápido olhar em volta e constatamos: não há pico mais alto do que este sobre o qual nos achamos! Alguma coisa parecia querer sair dos nossos peitos e aliviarmo-nos com uma gritaria louca. Deixamos no cume uma placa provisória com a data e os nomes de Reinhard Maack, Rudolf Stamm, Alfredo Mysing, Josias Armstrong e Benedito Lopes de Castro. Tínhamos conquistado o mais alto pico do Estado: o Pico Paraná era nosso! Festejamos a vitória com uma caneca de vinho misturado com água (STAMM, apud SCHMIDLIN, FIORI, 2021).

A segunda escalada aconteceu quatro anos depois, em 18 de abril de 1945, com Hatschbach, Bresemayer, Schiebler Pereira e Josias Armstrong. Somente 05 anos depois da conquista, em 27 de julho de 1946, que Reinhard Maack alcançou o pequeno cume do Pico Paraná (SCHMIDLIN, 2013).

Os primeiros relatos de cume do Pico Paraná, entre os anos de 1941 e 1971, fornecidos para a pesquisa por Schmidlin (2020¹⁰), indicam 156 registros recuperados referente a esse período. Vale ressaltar que são registros que suportaram as ações do tempo e que puderam ser conservados graças a iniciativas de montanhistas como Adyr Kronland Pinto (subiu 40 vezes no PP nesse período), Waldemar Bucken (Gavião – 58 vezes), Rene Pugsley (41 vezes), Nelson Kaehler (Estaca – 34 vezes), Henrique Paulo Schmidlin (Vitamina – 8 vezes) e tantos outros que contribuíram com essa montanha, seja em novos acessos ao cume, na segurança dos visitantes, na instalação dos antigos abrigos de montanhas, entre outros tantas ações.

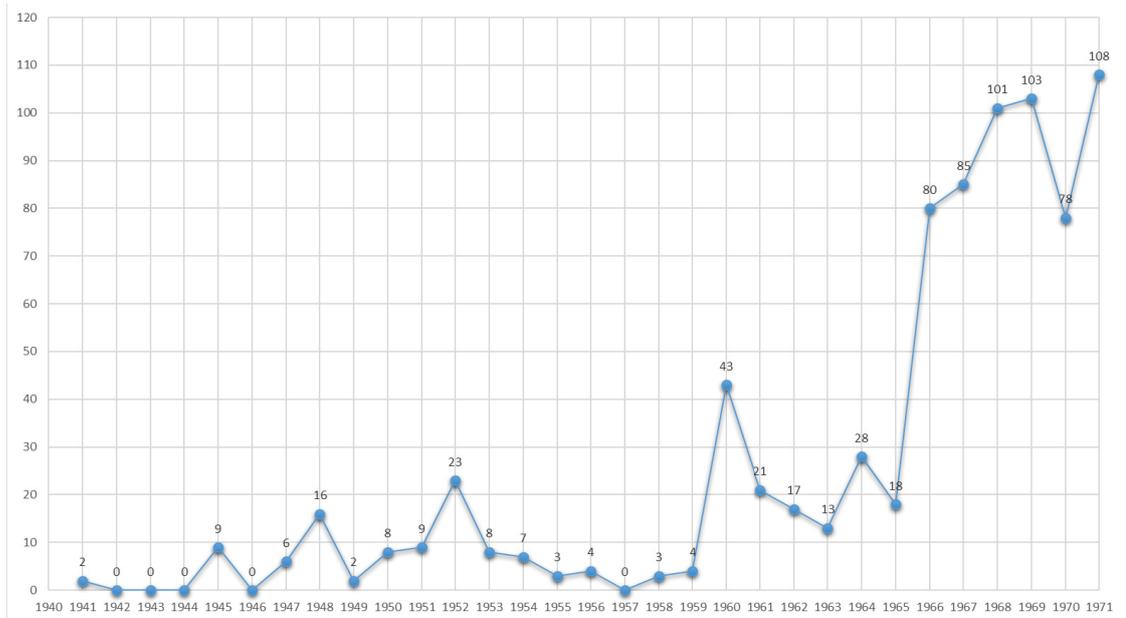
De uma forma geral, é possível visualizar nesses registros que, normalmente, seguiam um padrão de informações. Neles continham a data da expedição (da saída de Curitiba até o retorno), os nomes dos participantes e o resumo da excursão: com horários, tempo de percurso e de descanso, condições do tempo e algum relato pessoal sobre o lugar.

Ao contabilizar o número de pessoas nesses 156 registros (denominados de “escaladas”) ao Pico Paraná, resulta em 799 montanhistas no decorrer de 30 anos (GRÁFICO 1). Muitos desses montanhistas foram repetidas vezes como vimos anteriormente. Vale lembrar que, por

¹⁰ SCHMIDLIN, H. P. (Vitamina). Informações sobre os primeiros registros de cume do Pico Paraná, de 1941 à 1971. Curitiba, 12 maio 2020. Informação por escrita da cópia do material “Transcrição do 1º livro de registros Pico Paraná” (transcrição de Adyr Kronland Pinto - s./d.).

muito tempo, era considerado uma aventura ir para o Pico Paraná, os acessos eram difíceis e levavam dias de expedição. Os equipamentos de escalada e de acampamento eram precários e pesados. Foram poucos que tinham gosto pelo montanhismo, coragem e que superaram esses desafios e adversidades.

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE PESSOAS NO PICO PARANÁ ENTRE 1941 E 1971.



FONTE: organizado do material referente aos registros de cume do Pico Paraná, entre os anos de 1941 e 1971 (transcrito por Adyr Kronland Pinto)

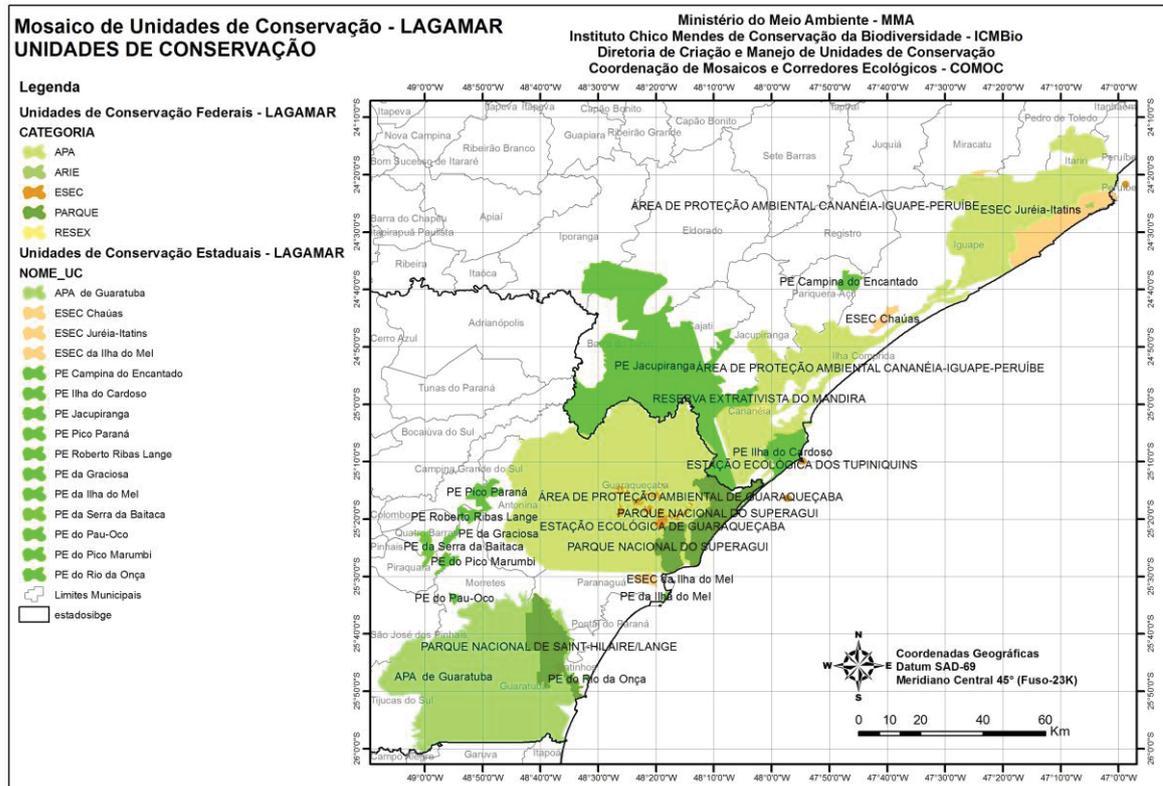
Oitenta anos da sua conquista, medidas protetivas foram necessárias para buscar a conservação da área ameaçada pelas pressões antrópicas. Destaca-se o Tombamento da Serra do Mar (1986) e a criação do Parque Estadual do Pico Paraná (2002). Os acessos foram facilitados (BR 116), novas trilhas e vias de escaladas para atingir o cume foram definidas.

2.3.2 O Parque Estadual Pico Paraná

A Serra do Mar Paranaense é um bem tombado pelo Estado do Paraná (1986; SEEC, 2019), é formada por uma cadeia de montanhas compondo um conjunto de Unidades de Conservação (UC's). Em 2006, foi instituído pelo Ministério do Meio Ambiente, o Mosaico Lagamar (Portaria 150/2006), incluindo 33 áreas protegidas e zonas de amortecimento do Paraná e de São Paulo (ICMBIO, 2021). As UCs do Paraná estão localizadas entre o primeiro planalto (dentre eles o Parque Estadual Pico Paraná) e principalmente do litoral, entre eles a APA de Guaratuba e o PE da Ilha do Mel. O Mosaico Lagamar (FIGURA 15) é importante para definição dos usos da terra nas divisas entre as UCs. Essa gestão integrada tem como objetivo

melhorar a fiscalização, monitoramento, execução dos planos de manejo e de pesquisas científicas, bem como buscar a sustentabilidade financeira dessas áreas protegidas (WIKIPARQUES, s./d.).

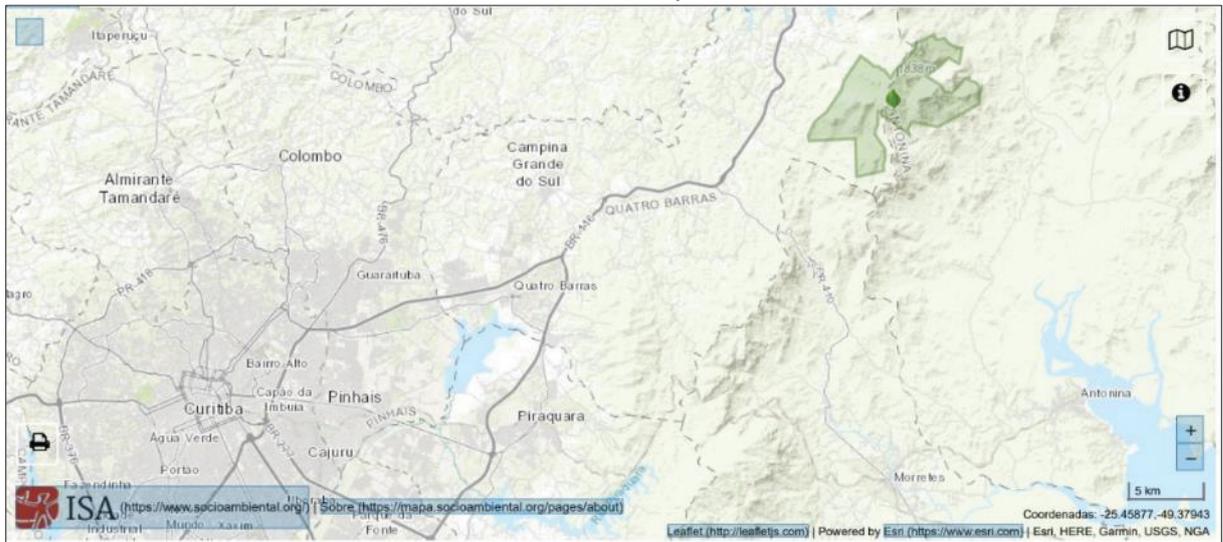
FIGURA 15 - IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO MOSAICO LAGAMAR



Fonte: ICMBIO (2021).

Entre os municípios de Campina Grande do Sul e Antonina, está localizado o Parque Estadual (PE) Pico Paraná (PEPP), com 4.333,83 hectares, criado pelo Decreto Estadual nº 5.769, de 2002, e sob responsabilidade do Instituto Água e Terra do Paraná (IAT), vinculado à Secretaria do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo (2020). A Figura 16 situa o Parque: no alto da figura em verde é indicado a área da UC, a linha tracejada se refere aos limites municipais e em linha contínua as principais estradas. A capital Curitiba no canto esquerdo da figura e a Baía de Antonina no lado direito.

FIGURA 16 - LOCALIZAÇÃO DO PEPP



FONTE: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA, 2021).

O Parque Estadual do Pico Paraná está inserido entre os municípios de Campina Grande do Sul e Antonina. As informações abaixo contextualizam os dois municípios (TABELA 4).

TABELA 4 - INFORMAÇÕES BÁSICAS MUNICIPAIS

INFORMAÇÕES	CAMPINA GRANDE DO SUL	ANTONINA
GERAL		
Distância Curitiba	30 km	82 km
POPULAÇÃO		
População Estimada (2019)	43.288 pessoas	18.980 pessoas
População (2010)	38.769 pessoas	18.891 pessoas
Densidade Demográfica	71,90 hab./km ²	21,41 hab./km ²
TRABALHO E RENDIMENTO		
Salário médio mensal dos trabalhadores formais (2017)	2,4 salários mínimos	2,4 salários mínimos
População ocupada (2017)	9.907 pessoas	3.403 pessoas
População ocupada (2017)	23,3%	17,5%
EDUCAÇÃO		
Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade (2010)	98%	97,6%
IDEB: anos iniciais do ensino fundamental rede pública 2017	5,7%	5,0%
IDEB: anos finais do ensino fundamental rede pública (2017)	4,0%	4,2%
ECONOMIA		
PIB per capita (2017)	34.853,56 R\$	26.612,85 R\$
Percentual das receitas oriundas de fontes externas (2015)	63,5%	82,1%
IDHM (2010)	0,718	0,687
SAÚDE		
Mortalidade Infantil (2017)	9,50 óbitos por mil nascidos vivos	14,34 óbitos por mil nascidos vivos
Estabelecimentos de Saúde (SUS) (2009)	18 estabelecimentos	7 estabelecimentos
TERRITÓRIO E AMBIENTE		
Área do município (2018)	539,249km ²	882,317 km ²

Esgotamento sanitário adequado (2010)	86,3%	73,7%
Arborização de vias públicas (2010)	6,2%	12,5%
Urbanização de vias públicas (2010)	16,2%	31,3%
Bioma (2019)	Mata Atlântica	Mata Atlântica
Sistema Costeiro-Marinho (2019)	Não pertence	Pertence

Fonte: Organizado de IBGE (2010; 2015; 2017; 2019); PNUD BRASIL, 2020

De acordo com o IAT (2020), órgão gerenciador do ICMS Ecológico, o município de Campina Grande do Sul recebeu em 2019, o valor bruto de R\$ 1.041.194,52 referente ao ICMS Ecológico por Biodiversidade pela Unidade de Conservação do PEPP (2019). Já Antonina, recebeu o valor bruto de R\$ 435.351,17 (2019). Esse valor aumenta considerando que existem outras Unidades de Conservação na área de abrangência de cada município. Cabe a cada município utilizar ou não esse valor diretamente ou indiretamente à UC.

São objetivos básicos do PEPP: I - conservar uma amostra do bioma Floresta Ombrófila Densa, incluídas as formações Florestas Ombrófila Densa Montana, Floresta Ombrófila Densa Alto-Montana, a fauna, solo e águas interiores; II - promover atividades que não provoquem nenhuma alteração no ecossistema e dar sustentabilidade à preservação (DECRETO ESTADUAL nº 5.769, de 2002). Apesar de ter sido criado em 2002, a UC ainda não possui Plano de Manejo.

O Parque Estadual do Pico Paraná, localizado na Serra do Ibitiraquire, tem como formação rochosa o Granito e Gnaiss, e vegetação composta em grande parte pela Floresta Ombrófila Densa Montana e Alto-Montana (FAZENDA PICO PARANÁ, s./a.). Inserido no Bioma Floresta Atlântica, o Parque apresenta uma mata exuberante e densa, formada por arbustos, xaxins, trepadeiras, caratuvas e diferentes tipos de bromélias, orquídeas e samambaias, além de árvores como o cedro, a canjarana, a figueira-branca, a caneta-preta e o sassafrás (IAT, 2020). Em determinados períodos do ano, florescem os guapuruvus, guaricicas e quaresmeiras (IAT, 2020).

Essa biodiversidade paisagística dá abrigo aos bugios, serelepes, pacas, ouriços, quatis, cutias e jaguatiricas (IAT, 2020). São aproximadamente 71 espécies, muitas delas ameaçadas de extinção como a onça-pintada e a suçuarana (IAT, 2020). Nas FIGURAS 17 e 18 retratam aspectos da flora e fauna local.

FIGURA 17 - FLORESTA ATLÂNTICA



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 18 - SERELEPE

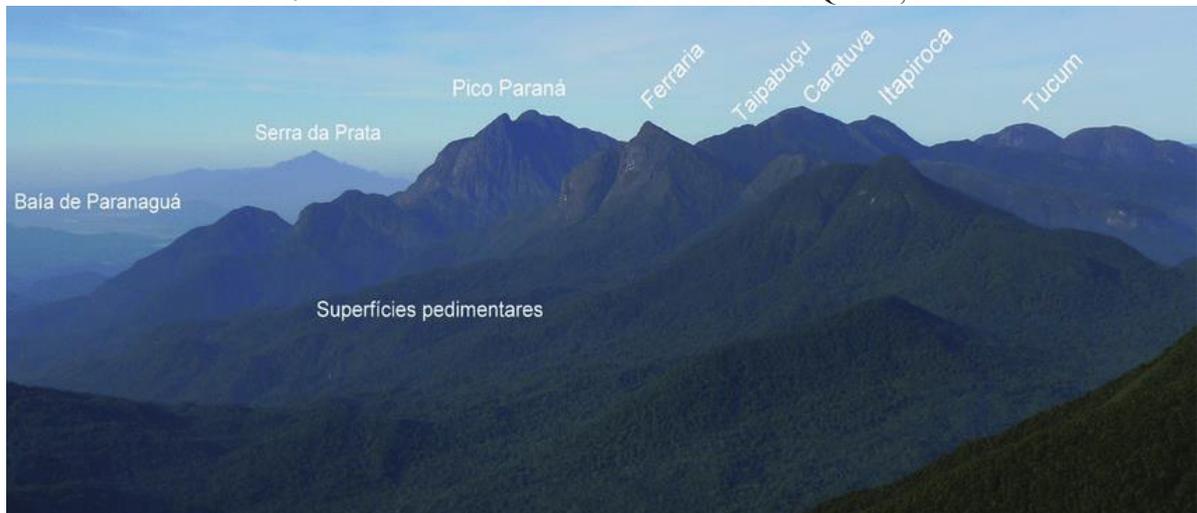


FONTE: arquivo pessoal de SCHLENKER (2000).

A área do Parque estimula os sentidos do corpo humano, é um cenário para ver, ouvir e sentir. Ver as flores, ouvir os pássaros, sentir o ar puro da montanha. Um cenário que provoca variadas sensações, interagindo com uma natureza preservada, diversa em cores, cheiros, com potencial de estímulo a um conjunto de emoções.

O Parque Estadual do Pico Paraná se destaca pelos seus atrativos de montanhas, tais como: Pico do Paraná, o Morro do Ibitirati, Agudo da Cotia, Pico Itapiroca, o Pico Caratuva, Morro do Siririca, Morro do Tucum, Morro do Getúlio e o Pico do Ferraria e a Serra do Ibitiraquire (FIGURA 19).

FIGURA 19 - VISTA PARCIAL DA SERRA DO IBITIRAQUIRE, PARANÁ.



FONTE: NASCIMENTO. E. R. et al. (2013)

Dada sua extensão é possível acessar o Parque por três pontos principais: Base do IAT e Fazenda do Bolinha, ambos em Campina Grande do Sul, e pelo Bairro Alto, em Antonina. O principal acesso se dá por Campina Grande do Sul, através da rodovia BR 116, sentido São Paulo (FIGURA 20). Após passar o Posto de Combustíveis Tio Doca, aproximadamente 2 km à frente, na próxima ponte sobre o rio Tucum (antes de atravessar), no km 46, tem uma entrada

à direita, segue por estrada de chão, na região conhecida Estrada do Barro Branco, até a Base de Recepção do Instituto Água e Terra (FIGURA 21).

Da BR 116 até essa Base do IAT tem aproximadamente seis quilômetros. O tempo de percurso de automóvel é de aproximadamente de uma hora ou 55 quilômetros de Curitiba. Este trajeto possui um posto de pedágio administrado pela Autopista Régis Bittencourt. Por essa via, é possível acessar as seguintes montanhas: Pico Paraná, Morro do Getúlio, Caratuva, Itapiroca, entre outros.

FIGURA 20 - VISTA DO PEPP PELA BR 116



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 21 - BASE DO IAT



FONTE: arquivo pessoal de SCHLENKER (2016).

O acesso ao PEPP por esse ponto é gratuito desde 2016 (IAP, 2016). Além do Posto de Recepção do IAT na base do Parque, o visitante tem à disposição uma área particular de *camping* com estacionamento, lago e lanchonete. E, no final da estrada, uma pousada com estacionamento, chalés e cabanas, piscina, rios, cachoeiras, espaços para eventos e passeios a cavalo.

A Base de Recepção do IAT foi inaugurada em 2016 para atendimento ao visitante e monitoramento da Unidade de Conservação (IAP, 2016). O terreno pertence ao município de Campina Grande do Sul que depois da desapropriação de uma área de acesso ao Parque, cedeu ao Estado para a instalação da infraestrutura da Base do IAT (IAP, 2016). Essa base é uma casa tipo container e possui 32 m² distribuídos em uma sala, quarto, cozinha, banheiro e varanda (FIGURA 22).

FIGURA 22 - BASE DO IAT'



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 23 - ACESSO À TRILHA



FONTE: arquivo pessoal de SCHLENKER (2016).

O serviço prestado ocorre 24 horas por dia através dos porteiros que são os próprios moradores da região e que são terceirizados pelo IAT. Eles prestam serviços de recepção e orientação ao visitante, preenchimento de cadastro na entrada e acionam os órgãos competentes em caso de acidentes na região. O cadastro de visitantes tem por objetivo: 1) coletar informações gerais do visitante para mensuração do uso público; 2) aporte para o planejamento e gestão da UC; 3) em caso de busca e resgate de visitante.

Além dos porteiros, os voluntários organizados pelo Clube Paranaense de Montanhismo (CPM), em parceria com a Prefeitura Municipal de Campina Grande do Sul e o IAT, também auxiliam nos trabalhos no Parque, que faz parte do projeto Adote uma Montanha (IAP, 2016). Os voluntários realizam atendimento ao público, trabalho de contenção e melhoria de trilhas, retirada de lixo, entre outras atividades (IAP, 2016). A FIGURA 24 demonstra dois trabalhos realizados pelo CPM, a primeira foto é o “pedrágio”, onde os voluntários levam pedras para fazer manutenção de trilha, já a segunda foto é um mutirão para limpeza das trilhas.

FIGURA 24 - VOLUNTARIADO DO CPM



FONTE: arquivo pessoal de SCHLENKER (2014).

Outra opção de acesso, também pelo município de Campina Grande do Sul, é conhecida por Chácara do Bolinha (propriedade privada). No local não há posto de recepção do IAT. O

acesso também se dá através da rodovia BR 116, sentido São Paulo. Após passar o Posto de Combustíveis Túlio – Rio Bonito, à direita da estrada no km 52, tem uma entrada à direita da pista, com uma pequena placa indicando a Fazenda do Bolinha. Segue por cerca de quatro quilômetros de estrada de chão. Tempo total de percurso é de aproximadamente 49 quilômetros desde Curitiba e leva em torno de uma hora de viagem. Este trajeto é pedagiado pela Autopista Régis Bittencourt.

A chácara dispõe de uma área de camping, lanchonete e estacionamento. Para acessar a montanha pela propriedade é cobrada uma taxa por pessoa. Por esse ponto é possível acessar os seguintes morros: Siririca, Camapuã, Tucum, Cerro Verde e Pedra Branca.

A terceira opção de acesso se dá por Antonina, pelo Bairro Alto. A região é conhecida como Vale do Gigante (FIGURAS 25 e 26), está localizada na zona rural do município. Está a 84 km de Curitiba e seu acesso se dá pela BR 277 e PR 408. Outra opção é pela Estrada da Graciosa (BR 116 e depois pela PR 410). Também não existe base de apoio do IAT nesse ponto.

FIGURA 25 - VISTA DO PEPP



FONTE: arquivo pessoal SCHLENKER (2016).

FIGURA 26 - ACESSO POR ANTONINA



FONTE: A autora (2016).

Interessante mencionar que existe uma rede empresarial do ramo turístico chamada Vale do Gigante Paraná, que busca desenvolver um destino turístico sustentável, reunindo as Comunidades do Bairro Alto, Cachoeira de Cima, Cacatú, Rio do Nunes e Faisqueirinha – região da base do Pico Paraná (VALE DO GIGANTE PARANÁ, 2021). Eles oferecem roteiros que aliam os atrativos naturais, a cultura e a gastronomia local. Essa Rede tem o apoio da Prefeitura Municipal de Antonina, do IAMUQUE - Instituto A Mudança Que Queremos e SEBRAE-PR (VALE DO GIGANTE PARANÁ, 2021).

Sobre a visitação do Parque Estadual do Pico Paraná, é possível dizer que a área possui uma demanda espontânea e intensa de visitantes, fato registrado pelo órgão gestor e, provavelmente, influenciadas pelas condições atuais da sociedade moderna que procuram esses

locais como fuga e também estimulada pelas informações difundidas nas redes sociais e a melhoria dos acessos e equipamentos.

Segundo Harvey F. Schlenker¹¹, turismólogo e servidor público aposentado pelo Instituto Ambiental do Paraná (hoje Instituto Água e Terra), foi gestor do Parque Estadual do Pico Paraná quando da desapropriação de uma área de acesso na base do Parque em 2016 em conjunto com a Prefeitura de Campina Grande do Sul. Ele atuou diretamente no planejamento, instalação e gerenciamento inicial da base de Recepção dos Visitantes, até setembro de 2016.

Schlenker (2021) explica que antes dessa ação conjunta, não existiam dados oficiais sistemáticos, sobre o uso público do local. O que se tinha eram informações vagas oriundas de áreas de estacionamentos e campings particulares na base do Parque. Nesse período de trabalho nos Parques de Montanha na Serra do Mar, foi notório o aumento do fluxo de visitação, como também os impactos negativos nas trilhas, áreas de acampamentos, dejetos, acúmulo de lixo, incêndios florestais e, infelizmente, o aumento nos registros de busca e resgate. Ações importantes foram desenvolvidas em conjunto com o Clube Paranaense de Montanhismo corroborando para minimizar tais impactos, principalmente na recuperação de trilhas degradadas, sinalização das trilhas, coleta de lixo e ações de educação ambiental.

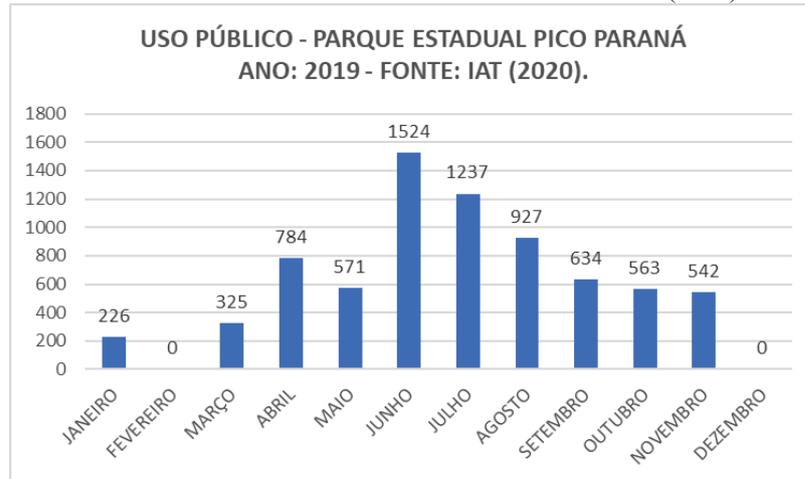
Ele ainda conta, que desde a implantação da Base, é realizado o cadastro de visitantes pelo IAT por funcionários terceirizados, fundamental para o aspecto gerencial, monitoramento e segurança do visitante. É ainda um sistema primário que necessita desenvolvimento, pessoal treinado e equipamentos para tabulação e posterior análise dos dados. Análise essa que permite estabelecer o perfil do visitante, identificando áreas de uso intensivo, auxiliando os gestores quanto ao manejo e ações protetivas da Unidade de Conservação. As informações do cadastro também são importantes em caso de busca e resgate, pois permite o monitoramento em tempo real.

Os dados mais recentes foram disponibilizados pelo IAT¹² e refletem a visitação do PEPP no ano de 2019 (GRÁFICO 2). Vale ressaltar que esses dados são referentes ao uso público que passaram pela base do IAT, porém existe um público relevante que entra no Parque por outros acessos e que não fazem o cadastro oficial e, conseqüentemente, não são contabilizados, como ocorre, por exemplo, pela Fazenda Pico Paraná, Chácara do Bolinha e por Antonina, impossibilitando o real dimensionando do uso público na região do Parque.

¹¹ SCHLENKER, H. F. Informações sobre o Pico Paraná. Curitiba, 30 jul. 2021. Informação verbal.

¹² IAT. Instituto Água e Terra. Planilhas de Visitação do Parque Estadual Pico Paraná. Curitiba, 09 dez. 2019.

GRÁFICO 2 – FLUXO DE VISITANTES NO PEPP (2019)



FONTE: Organizado de IAT (2019).

Os meses de fevereiro e dezembro não apresentaram informações, porém em 10 meses o Parque recebeu 7.333 visitantes. A tabulação do mês de abril de 2019 é a única que apresenta as informações detalhadas da visita, indicando por exemplo, idade, procedência, meio de transporte utilizado, atrativo a ser visitado e a ocorrência de acampamento. Dos 784 visitantes, 61% é composto por homens; o público adulto é o mais representativo, entre 26 a 40 anos (57%). Os dias da semana com maior demanda ocorreu nas sextas-feiras (322 visitantes), sábados (309) e domingos (121), principalmente nos feriados prolongados. Os dados demonstram a heterogeneidade no número de pessoas por grupo: 26% duas pessoas; 19% três pessoas; 18% quatro pessoas. Entre os que preencheram o cadastro na Base do IAT, 690 (88%) escolheram um único atrativo (ou montanha) para visitar, os outros 94 visitantes (12%) optaram por dois ou mais atrativos. Acampam no local 34% dos visitantes.

Ainda referente aos dados do mês de abril de 2019, 86% dos visitantes utilizaram o automóvel como meio de transporte para acessar o PEPP e 95% dos visitantes são provenientes do próprio Estado do Paraná e os outros 5% são de outros estados do Brasil. Ressalta-se que o município de Campina Grande do Sul, onde está localizado o principal acesso apresentou apenas 5 visitantes da própria região, que demonstra o pouco uso do PEPP pelos próprios moradores locais e que necessita ser dada atenção pelos órgãos públicos.

Ao considerar os primeiros 30 anos da conquista do Pico Paraná (entre 1941 e 1971) foram registrados através dos Cadernos de Cume um volume de 799 visitantes. Em 2019 esse número saltou para 7.333 visitantes (em dez meses), representando um aumento de mais de 800% em um espaço de tempo de aproximadamente 50 anos.

2.3.3 Percurso: da base até o cume do Pico Paraná

O Pico Paraná é procurado por montanhistas e aventureiros de diversos locais do país e até mesmo de fora do Brasil (IAP, 2015). Antes, a expedição durava em torno de 1 dia e meio por conta dos difíceis acessos, atualmente, da entrada principal do Parque, em Campina Grande do Sul, a distância da base do IAT ao cume tem exatamente 7.680 quilômetros, medida com trena em seis de setembro de 1980, por Renê Pugsley, Daniel Iglesias, Adyr Kroland Pinto e Waldemar Marzal (SCHMIDLIN, 2021). A trilha leva em média de seis a dez horas de caminhada até o cume, dependendo da pessoa. Esportistas de alta performance conseguem realizar em algumas horas, como a atleta profissional de corrida Letícia Saltori que bateu o recorde feminino, em 21 de julho de 2021, ela subiu em 1 hora e 44 minutos e fez em 3 horas e 16 minutos com ida e volta (ADVENTUREMAG, 2021).

De uma maneira geral, é uma trilha longa, consolidada e sinalizada com placas e fitas coloridas durante todo o seu trajeto. Por esta trilha é possível acessar outras montanhas vizinhas, por exemplo, o Morro do Caratuva, Itapiroca e Camelos (FIGURA 27). Na figura ilustrativa abaixo a trilha para o Pico Paraná está demarcada em vermelho e demonstra a sua localização e os principais pontos de acampamentos, coleta de água e principais trilhas de acesso à outras montanhas da região.

FIGURA 27 - IDENTIFICAÇÃO DA TRILHA DE ACESSO AO PICO PARANÁ.



FONTE: DISSENHA (2019).

Os ramais de trilhas são identificados com fitas coloridas amarradas nas árvores para identificar a localização para o visitante e placas de sinalização nos principais cruzamentos (FIGURAS 28 e 29). Para acessar o Pico Paraná a trilha é demarcada com fitas brancas.

FIGURA 28 - SINALIZAÇÃO NA TRILHA



FONTE: SOUZA (2021).

FIGURA 29 - SINALIZAÇÃO NA ENTRADA



FONTE: arquivo pessoal de SCHLENKER (2015).

A trilha inclui subida íngreme, trechos com raízes expostas e pedras, conhecido pelos mais antigos como Floresta ou Jardim Encantado (FIGURA 31). Durante o percurso, nas partes mais difíceis, é possível encontrar apoio com cordas e degraus fixados nas pedras para facilitar e dar maior segurança aos frequentadores, chamado também de “vias ferrata”, são caminhos rochosos equipados com escada, cordas e pítons (FIGURA 34). No trecho final, na crista da montanha, é possível visualizar um abismo, tanto do lado direito como esquerdo (FIGURA 32). Em vários pontos existem mirantes naturais para contemplação da paisagem. Na FIGURA 30 mostra a vista do Morro do Getúlio, por onde passa a trilha do Pico Paraná.

FIGURA 30 - VISTA PANORÂMICA NO MORRO DO GETÚLIO PEPP.



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 31 - JARDIM ENCANTADO



FONTE: PRATES (2019).

FIGURA 32 - TRECHO FINAL DA TRILHA



FONTE: FABIO.2015 (2016).

FIGURA 33 - TRILHA PP (RETORNO PARA A2)



FONTE: IKUEMÁN (2016).

FIGURA 34 - DEGRAUS E CORRENTE



FONTE: IKUEMÁN (2016)

Por conta da localização geográfica e das questões físicas do ambiente, geralmente ela é uma trilha úmida e muito escorregadia que demanda atenção total do visitante. Os pontos de subidas com o apoio de escadas, também exige toda atenção e cautela da pessoa, principalmente quem vai carregado com mochila cargueira. São trechos desafiadores para quem tem medo de altura (acrofobia). É uma trilha que exige muita força nos braços e pernas.

Durante o trajeto é possível encontrar locais de acampamentos, entre eles os locais conhecidos como abrigo 1, 2 e 3 (popularmente chamados de A1, A2 e A3). Embora chamados de abrigos, atualmente não possuem mais estrutura física, somente pontos mais descampados para a montagem das barracas (FIGURAS 35 e 36). São áreas pequenas e dependendo do dia ficam lotadas, o que se torna um problema diante da fragilidade da área. Ao longo da trilha, existem poucos de pontos de coleta de água, principalmente próximo ao cume.

FIGURA 35 - ACAMPAMENTO A2



FONTE: SAM.SCORT (2016).

FIGURA 36 - ACAMPAMENTO PP



FONTE: DISSENHA (2013).

Do cume do Pico Paraná, em dias de visibilidade, é possível contemplar a vista para a Serra do Mar, a Floresta Atlântica, parte do litoral e a cidade de Curitiba. Do seu alto é possível presenciar o nascer e o pôr do sol, bem como o nascer da lua (FIGURA 40) e, dependendo das condições climáticas, o mar de nuvens (FIGURA 37). As imagens abaixo demonstram esse espetáculo da natureza do cume do Pico Paraná.

FIGURA 37 - MAR DE NUVENS



FONTE: PRATES (2019).

FIGURA 38 - VISTA PARA O PICO PARANÁ



FONTE: FERREIRA NETTO (2016).

FIGURA 39 - VISTA DO PICO PARANÁ



FONTE: FERREIRA NETTO (2016).

FIGURA 40 - VISTA DO PICO PARANÁ



FONTE: DIVULGAÇÃO/RPC TV (2013).

De acordo com a classificação básica de trilha da Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro, que avalia o nível de esforço físico necessário para concluir o percurso, a trilha do Pico Paraná poderia se enquadrar entre a moderada superior e a pesada, ao considerar aspectos de duração (tempo), percurso (distância), desnível, obstáculos e tipo de piso/terreno. Considerou-se que em média, a pessoa com pouca experiência, percorre a trilha entre seis a oito horas, com desnível aproximado de novecentos metros, uma trilha com muitos obstáculos, piso irregular e lugares onde é necessário usar as mãos para manter o equilíbrio e/ou ascender. Destaca-se que essa classificação representa o esforço despendido para realizar a trilha e não o nível técnico da mesma (FEMERJ, 2015).

Nesse capítulo foram apresentados os resultados da revisão da literatura pautado em três grandes eixos: montanha, turismo/experiência e o Pico Paraná. Vimos que a percepção sobre a montanha passou por um processo histórico e cultural de quebra de paradigmas até se transformar um lugar atrativo, tanto para a prática de esporte de aventura, mas também como lugar de fuga da tribulada sociedade atual, bem como local de espiritualidade e de autoconhecimento. Os registros de montanhas, tradição do montanhismo mundial, se tornam documentos históricos e potencial de pesquisa para entender a experiência de montanha.

Foi possível definir o segmento e entender os aspectos gerais da demanda, oferta e gestão. Esses fatores são intervenientes na experiência do turista. Por isso, devem ser pensados e geridos de forma conjunta, levando em consideração o morador, o turista/visitante e o (s) órgão gestor (es). O diálogo é fundamental para desenvolver o destino de montanha, considerando a fragilidade e vulnerabilidade do ambiente. Os achados sugerem que o turismo de montanha pode ser um potencial e uma alternativa para o Pico Paraná, trabalhado não somente a montanha, mas pensando no entorno do Parque, dando oportunidade para os moradores locais e diversificando a oferta aos turistas, bem como no planejamento da experiência do visitante na montanha, de forma segura e memorável.

3. O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar o delineamento e as estratégias da pesquisa, bem como descrever como se deu a coleta de dados e os procedimentos de análise e interpretação. Também é relatada a experiência pessoal da pesquisadora nesse contexto da montanha, em específico no Pico Paraná, para entender seu papel e posicionamento no campo da pesquisa.

3.1 AS MONTANHAS QUE ME FIZERAM CHEGAR ATÉ AQUI¹³

Adotando uma metodologia qualitativa, me propus a entender o significado que indivíduos ou grupos atribuem a uma determinada situação (CRESWELL, 2010). Na pesquisa qualitativa, o estudo “reflete a história, cultura e experiências pessoais do pesquisador” (CRESWELL, 2014, p. 57). Para Denzin e Lincoln (2006, p. 20), “a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele (*do pesquisador*) e daquelas pessoas que fazem parte do cenário”. Esse processo multicultural influencia na pesquisa (DENZIN, LINCOLN, 2006).

O envolvimento do pesquisador no objeto de pesquisa é emocional e deve ser parte de uma preocupação ou de uma curiosidade, portanto, o pesquisador constrói o seu objeto a partir de uma rede de interesses (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014,). Assim como Beedie (2003), eu fui influenciada pelo meio e, portanto, socialmente construída pelo universo do montanhismo de pessoas e lugares onde interajo. Os valores deste mundo se tornaram meus. Valorizo os desafios que a montanha impõe, bem como acredito que a sua conservação deve ser priorizada e acredito que as aventuras na montanha, de forma organizada, justa e responsável, podem ser consideradas além de atividade física, mas também de autoconhecimento e educativa.

Apesar da minha pouca experiência de alta montanha, uma coisa que não muda quando está em meio à natureza é a fuga das grandes cidades, onde é possível desfrutar a sensação de liberdade, de superação, de bem-estar e de interação com a natureza no seu estado mais puro, valorizando os pequenos detalhes, ao mesmo tempo a grandiosidade da montanha, respeitando o seu espaço e das minhas condições físicas e emocionais. É esse contexto da minha experiência e dos valores que eu trouxe para esta dissertação. De tal posição e interação, passei a entender

¹³ O presente capítulo foi escrito antes de começar a pesquisar sobre experiência em Turismo para não haver interferência conceitual no depoimento. O subcapítulo será descrito em 1ª pessoa para conservar a originalidade do relato.

que o montanhismo proporciona diferentes experiências afetivas e emocionais que devem ser estudadas mais profundamente no ponto de vista do turismo.

A partir disso, considero importante relatar a minha primeira experiência no Pico Paraná, como entendimento da minha posição como pesquisadora e das minhas influências pessoais no campo da pesquisa.

O meu primeiro contato com o Pico Paraná ocorreu por volta do ano de 2005, eu tinha 22 anos e posso dizer que a experiência foi desastrosa, explico os motivos. Eu não tinha conhecimento em montanhas altas, somente em trilhas de curto percurso no meio da Serra do Mar. Nessa época eu trabalhava com planejamento e gestão de uso público em Unidades de Conservação e as idas ao “mato” eram constantes. Considerava que a minha condição física era boa, por conta da própria idade e outras atividades que desenvolvia na época.

O convite surgiu de forma inesperada e o meu primeiro grande erro foi a falta de informações mais precisas sobre a dificuldade dessa trilha. O grupo era composto por aproximadamente 6 pessoas (não me recordo exatamente), a maioria era desconhecida para mim. Nesse grupo havia pessoas muito experientes em montanha. A atividade consistia em fazer o “ataque” ao Pico Paraná, ou seja, subir e descer no mesmo dia a montanha, sem acampar.

Os preparativos começaram. Eu comprei a bota da caminhada na semana do “ataque”, não “amaciei” ela como é recomendado, porém, considerei em levar um par de tênis extra na mochila (talvez foi o meu único acerto nessa viagem). A minha mochila foi muito pesada, além do tênis, levei roupas (que não usei), comidas (que não comi) e água em exagero. A minha roupa também não era a mais apropriada. Ao contrário dos meus colegas, equipados com bastão de caminhada, roupas antitranspirantes e mochilas ergonômicas.

A ansiedade era grande e a noite anterior foi mal dormida. Por conta dos atrasos de saída, do percurso até o local, dos últimos preparativos na base da montanha, incluindo o preenchimento do cadastro no local do estacionamento, começamos a trilha muito tarde, por volta das 10h da manhã, sem ter feito alongamento prévio.

Começamos a trilha... ao tentar acompanhar o ritmo do grupo, já na primeira parte do trajeto me esgotei, mas persisti. O grupo aos poucos foi ficando distante, ficando junto comigo um amigo que tentava me motivar e ajudar nos trechos mais difíceis. A parte da trilha com as raízes expostas das árvores foi a mais complexa, onde o cansaço já inerente dificultava a transposição delas. Eu não olhava mais para frente, só para o chão tentando da melhor forma pisar sem piorar as bolhas no pé que começam a incomodar.

Ao chegar próximo do abrigo 1, eu parei e decidi não avançar mais. O meu amigo, tentava me motivar dizendo que faltava apenas meia hora para atingir o cume, mas eu pensava

que era meia hora para chegar e mais meia hora para voltar, ou seja, seria mais 1 hora de caminhada. Simplesmente não queria mais, os pés estavam cheios de bolhas por causa da bota nova, estava com muita dor no corpo e com esgotamento emocional. Falei para ele que esperaria naquele lugar e ele seguiu para o cume. Porém, o corpo começou a esfriar e o medo tomou conta de ficar sozinha ali. Nesse momento, tomei uma decisão que depois percebi que foi um grande erro meu (ou não, não sei), foi de retornar sozinha.

Quando você está em um grupo, a tendência é você seguir aquele que está a sua frente, a sua visão da trilha é diferente, sua percepção da paisagem também muda, você simplesmente “segue o mestre”. O medo de estar perdida era muito grande, encontrar as fitas coloridas que demarcavam a trilha era um alívio quando o choro do cansaço e da dor tomava conta.

Tal situação de esgotamento foi percebida por um casal que me ultrapassava, quando eu estava sentada em um degrau da trilha. Eles perguntaram como eu estava e se precisava de ajuda, eu disse que não, que iria devagarinho até o final. Eles seguiram a trilha e eu fiquei sentada ali... descia mais alguns degraus e sentava de novo (e chorava!). Nessa hora não tinha mais forças para nada, só pensava o que estava fazendo ali e o arrependimento era muito forte. A luz do dia também já estava acabando e eu não me lembro se havia levado uma lanterna.

Enfim, quase no final do percurso, encontro com o responsável pelo estacionamento, ele estava indo atrás de uma “moça” que estava sozinha e que precisava de ajuda. Era eu! Sim, o casal percebendo o meu estado, pediu ajuda dele ao chegar na base. Ele me ajudou a descer o final da trilha e quando cheguei na base eu só quis tirar o tênis e levantar as pernas. E fiquei assim por horas, anoiteceu e o grupo demorou para retornar. Lembro que cheguei em casa perto das 22 horas.

Estar sozinha na trilha, que você não conhece, em um ambiente extremamente perigoso para se perder ou se machucar, com dores e emocionalmente abalada, foi a experiência mais intensa em ambiente de montanha que já vivenciei. Dormi o dia seguinte inteiro e prometendo que nunca mais iria querer saber de Pico Paraná. E onde estou agora? Escrevendo sobre as experiências emocionais dos visitantes do Pico Paraná, por acaso, depois de trocar de tema no meio do percurso do mestrado.

Ao lembrar essa história, dou risada e penso como fui despreparada em todos os sentidos. Eu tive que tomar uma decisão emocionalmente e fisicamente abalada, não pensando nas possíveis consequências perigosas que eu estava me colocando. Eu só queria sair dali e ir para o conforto da minha casa.

O que eu aprendi com essa experiência? A montanha te surpreende, ela te faz ter coragem, faz você se reinventar, assumir riscos e proporcionar experiências memoráveis seja positivamente ou negativamente, te ensinando sobre limites, superação e determinação.

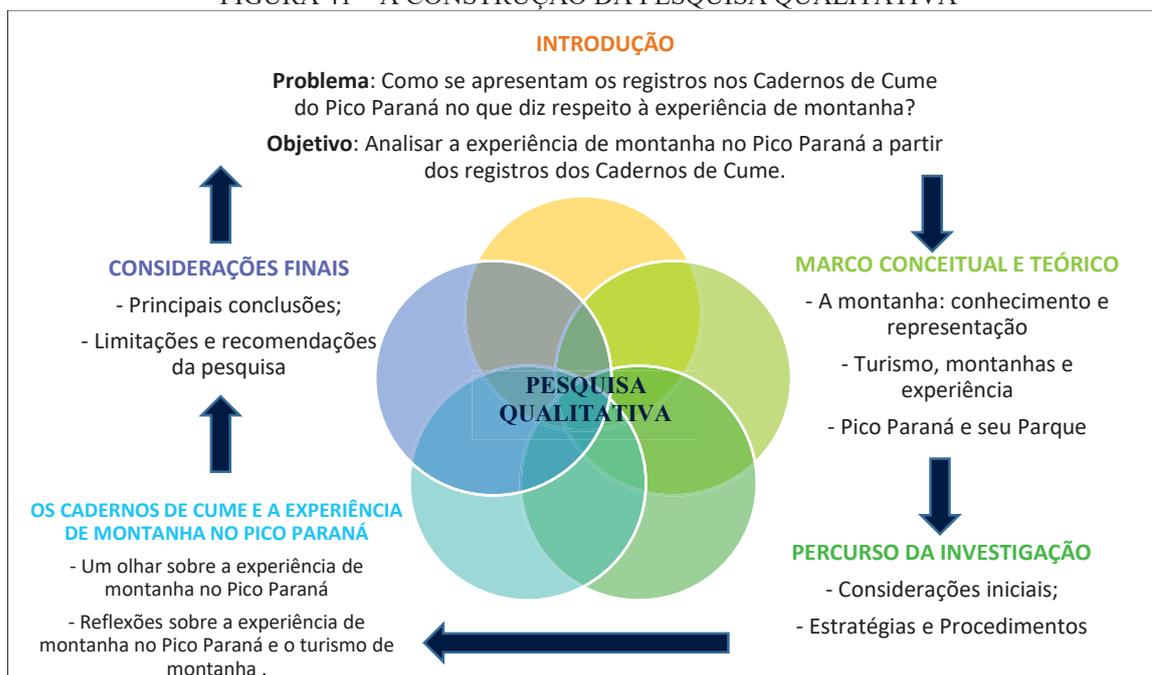
3.2 ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, entendida como “um termo guarda-chuva que cobre uma ampla gama de técnicas interpretativas que buscam descrever, decodificar, traduzir ou de qualquer forma dar conta do significado e não da frequência de um certo fenômeno” (VAN MAANEN, 1979, p. 520). Segundo Creswel (2014, p. 26) a abordagem qualitativa é indicada para “explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”, e ocorre de forma indutiva e dedutiva para estabelecer padrões ou temas, mesclando as vozes dos entrevistados com a reflexão do próprio pesquisador.

A abordagem qualitativa apresenta algumas características e consoante a esta investigação se justifica pelos seguintes motivos: 1) investiga os fenômenos nos seus contextos naturais; 2) coleta e analisa textos falados ou escritos e comportamentos observados; 3) considera explicitamente o ambiente no qual o fenômeno existe; 4) aceita a subjetividade inerente à compreensão das perspectivas dos participantes da pesquisa; 5) evita impor estrutura e classificações a priori aos dados e demonstra maior interesse nas descrições idiográficas e nos temas que emergem no decorrer da pesquisa (EBY; HURST; BUTTS, 2009, p. 221). De outro modo, é igualmente indicada quando existe uma carência de pesquisas sobre um tema que precisa ser melhor compreendido (CRESWELL, 2010).

O planejamento da pesquisa é importante para posicionar o pesquisador no mundo real, para conhecer o terreno, pessoas, grupos, instituições e materiais necessários (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 36). Porém, apesar da importância desse planejamento, a pesquisa qualitativa permite uma liberdade do pesquisador. Entende-se que alguns pontos são fundamentais na pesquisa, tais como introdução, revisão da literatura, procedimentos metodológicos e sistematização e interpretação dos dados. O delineamento da pesquisa se configura com andamento das fases e etapas, conforme a FIGURA 41.

FIGURA 41 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA



FONTE: A autora (2020).

Entende-se que o desafio nas pesquisas qualitativas é pensar com um novo olhar, embasado e crítico, com responsabilidade social e ambiental. Deve-se considerar o processo multicultural do pesquisador (DENZIN, LINCOLN, 2006), se auto avaliando e se questionando como pesquisador, como essa pesquisa pode ser influenciada por essas questões e na interpretação dos dados (auto-observação crítica, citada por BAUER; GASKELL, 2013, p. 27).

Pesquisar é olhar para o objeto de pesquisa, buscando entender quem é ele, os motivos pelo qual escolhi e como está integrado no meio. É avaliar a importância da pesquisa, as pessoas e instituições que podem ser envolvidas, bem como suas repercussões e interesses por trás é papel do pesquisador.

Além da abordagem qualitativa, a investigação se caracteriza, em relação aos seus objetivos, como exploratória e descritiva. Segundo Deslauriers e Kérisit (2014, p. 130), a pesquisa qualitativa pode ser empregada para descrever “uma situação social circunscrita (chamada de pesquisa descritiva), ou para explorar determinadas questões (pesquisa exploratória)”. A natureza exploratória permite se familiarizar com o fenômeno em si e a pesquisa descritiva colocará a questão do “como” e o “o quê” dos fenômenos através do detalhamento (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014, p. 130).

No caso da presente dissertação, seu caráter exploratório se dá porque não foram identificadas pesquisas que estudaram o turismo de montanha como segmento específico na

Serra do Mar Paranaense, nem pesquisas que utilizaram os Cadernos de Cume como principal fonte para compreender este conjunto de registros como expressão singular de uma parcela da experiência do visitante no local de alta relevância simbólica que é o ponto culminante.

A pesquisa ou análise documental, como o próprio nome indica, traz como objeto de estudo da investigação o documento. Para Marconi e Lakatos (2010) sua principal característica é a “fonte de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (p. 157), e consideram três variáveis na pesquisa documental: fonte escrita ou não; fontes primárias ou secundárias; contemporâneas ou retrospectiva. Para eles, os relatos de viagens se encaixam como fonte escrita, primária e retrospectiva por serem compilados após o acontecimento pelo pesquisador. As cartas, diários, memórias e autobiografias são importantes por seu “conteúdo não oferecer apenas fatos, mas o significado que estes tiveram para aqueles que os viveram, descritos em sua própria linguagem” (p. 164).

Os Cadernos de Cume se configuram nesse entendimento como fonte documental primária, como registros ou relatos escritos por diferentes pessoas, de forma espontânea, que retratam um determinado lugar e período histórico sobre a experiência da chegada ao topo da montanha e a relação entre o homem e a montanha. São fontes primárias por serem documentos que não receberam nenhum tipo de tratamento ou análise prévia.

Lima Junior, Oliveira, Santos e Schnekenberg (2021, p.49) ao refletirem sobre análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa, evidenciam sua importância como procedimento na pesquisa pois “possibilita ao leitor a compreensão de documentos que estão registrados num conjunto de fenômenos humanos”. A análise documental “emprega técnicas específicas para a apreensão e compreensão de variados tipos de documentos e que adota para tal cauteloso processo de seleção, coleta, análise e interpretação dos dados” (p. 49), dentre eles a análise de conteúdo, que foi utilizada nessa dissertação.

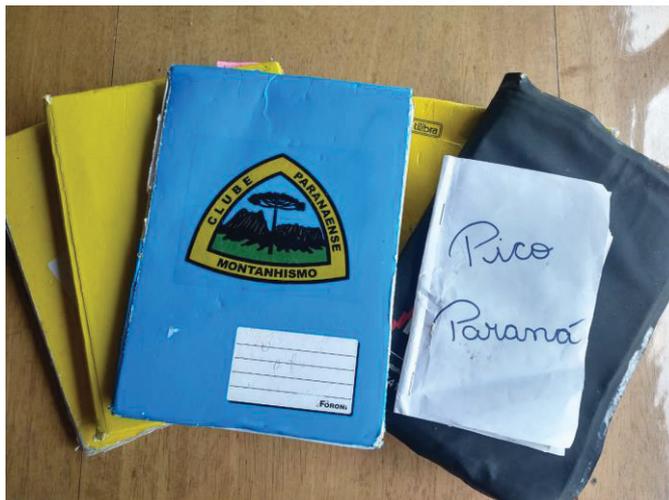
Além da pesquisa documental, a pesquisa obteve contribuições significativas sobre a área de estudo através de conversas informais com Henrique Paulo Schmidlin (Vitamina) sobre os aspectos históricos do Pico Paraná e com o repasse dos primeiros registros de cume do Pico Paraná, entre 1941 à 1971. Com Harvey F. Schlenker, ex-gestor do Parque Estadual Pico Paraná sobre questões da gestão do uso público da área e a colaboração através das fotografias do acervo pessoal. Por último, ao Clube Paranaense de Montanhismo, que contribuiu com informações sobre o Projeto das Caixas de Cume do Paraná e com o repasse dos Cadernos de Cume do Pico Paraná.

3.2.1 Cadernos de Cume como fonte

Inicialmente, o material considerado para a pesquisa era composto pelos Cadernos de Cume do Pico Paraná digitalizados (em formato JPEG) e disponíveis na internet referente aos anos de: 1994, 1997, 1998, 1999, 2002 até 2007. Também se obteve acesso a uma cópia dos primeiros registros, entre os anos 1941 à 1971, cedido pelo Henrique Paulo Schmidlin. Além disso, em decorrência de ser associada ao Clube Paranaense de Montanhismo, foram disponibilizados mais 04 cadernos físicos (sem a digitalização) dos anos de 2017, 2018 e 2019 (FIGURA 42).

Ao analisar previamente esse material e o volume de informações a serem transcritos, foi necessário fazer uma seleção para utilização na análise.

FIGURA 42 –CADERNOS DE CUME DO PICO PARANÁ



FONTE: a autora (2021).

Para o *corpus* da pesquisa foram selecionados os cadernos físicos, segundo:

- Atualidade: foram considerados os Cadernos de Cume físicos mais recentes e que configuram a realidade atual da experiência no local;
- Lacuna temporal entre o material digitalizado e o material físico: o último caderno de cume do Pico Paraná digitalizado é do ano de 2007 e o caderno físico é de dezembro de 2017. São 10 anos sem material, o que poderia comprometer a análise;
- O material digitalizado, em formato JPEG, apresentou alguns problemas pontuais: i) corte da foto; ii) baixa qualidade da imagem, comprometendo a leitura do registro; iii) folhas avulsas ou sem sequencia nas páginas.

Em passo seguinte, passou-se a leitura flutuante dos materiais físicos com identificação prévia das informações constantes nos relatos de cume de interesse para a pesquisa. Para Bardin (2016, p. 126) essa fase é importante para conhecer o conteúdo deixando-se “invadir por impressões e orientações”.

Na sequência foi realizada transcrição de quatro Cadernos de Cume, o que demandou tempo pela extensão do material e, em muitos casos, para “desvendar” o que estava escrito. O primeiro teste foi no formato “*Word*” e posteriormente transferido para o “*Excel*”. A mudança ocorreu após constatar que o *Excel* poderia fornecer ferramentas mais práticas para trabalhar com as informações. Ao contrário do *Word*, onde criou-se um documento corrido para os relatos, no *Excel* para cada registro, foi atribuído uma célula.

Nessa etapa, todos os cadernos foram transcritos na sua integralidade, respeitando a forma de escrita do registro. Não foram corrigidos erros de português ou pontuação, bem como siglas de palavras e gírias. Até mesmo os registros ilegíveis foram considerados e nomeados conforme como tal. Registros contendo somente o nome das pessoas também foram considerados, apesar de não possuir informação para análise. Esse processo de transcrição permitiu uma prévia interpretação e organização das informações.

Concomitantemente, foram realizados diversos testes com diferentes *softwares* disponíveis no mercado de análise de dados qualitativos: *NVivo*; *Atlas Ti*; *MaxQDA*. Inclusive com participação de cursos e eventos para entender essas ferramentas e auxiliar na escolha com melhor resposta para o problema dessa pesquisa. O uso de *software* é indicado quando o pesquisador possui uma quantidade alta de informações para analisar (VEAL, 2011).

Embora as opções ofereçam um período gratuito para o uso desses *softwares*, e que foi utilizado para fazer testes com parte do material já transcrito, optou-se em adquirir o *software MaxQDA*. A escolha desse *software* ocorreu de maneira repentina. Após constatar um problema no outro programa, que resultou pela demora na resposta em segmentar os dados, optou-se na compra do *MaxQDA*, inclusive considerando o valor de mercado e tempo para sua utilização.

Apesar da intercorrência, o *software MaxQda* apresenta facilidades na formatação e entendimento das informações, com possibilidades de análises qualitativas e quantitativa das informações, além de disponibilizar diversas ferramentas visuais. Cabe ressaltar que o *software* é somente uma ferramenta para auxiliar o pesquisador na organização dos dados, mas a análise, propriamente dita, somente o pesquisador pode fazer.

Essa substituição do *software* atrasou o processo de análise. As ferramentas, embora similares entre eles, possuem particularidades, inclusive de nomenclaturas. Por exemplo, o que

para um é codificar, para o outro *software* é categorizar. As ferramentas de análise dos resultados também têm suas singularidades.

Importante mencionar que após transcritos os 04 Cadernos de Cume e já iniciada a análise de conteúdo no *MaxQDA*, foram encontrados outros 02 cadernos no CPM. Após breve leitura, considerou-se importante integrá-los no processo por serem mais recentes, de 2019 e 2020. Após transcritos na sua totalidade, foram incorporados ao processo de análise. Nessa ocasião foi assinado o termo de uso e compromisso entre a pesquisadora e o CPM para utilização dessas informações, considerando questões éticas do uso das fontes e com o compromisso de retorno da pesquisa para esse Clube (APÊNDICE 5).

Após a transcrição do novo material restou definir o conjunto de dados para análise, compreendido pelos Cadernos de Cume entre os anos de 2017 a 2020, conforme a Tabela 05, com a descrição do período dos Cadernos de Cume e o número de registros finais:

TABELA 5 - PERÍODO DOS CADERNOS DE CUME E NÚMEROS DE REGISTROS

ANO (s)	PERÍODO	NÚMERO DE REGISTROS
2017 - 2018	23 de dezembro à 29 de maio (2018)	505
2018	09 à 26 de agosto	128
2018	26 de agosto à 03 de novembro	414
2018	03 de novembro à 28 de dezembro	277
2019	05 de abril à 02 de junho	436
2020	14 de março à 23 de junho	224
TOTAL		1.984

FONTE: Organizado de Cadernos de Cume, CPM (2017, 2018, 2019, 2020).

Os meses não são sequenciais tendo em vista que muitos Cadernos de Cume não são devolvidos ao Clube Paranaense de Montanhismo. Eles são extraviados ou são destinados para outros fins.

3.2.2 Análise e interpretação

Para analisar a experiência de montanha no Pico Paraná a partir dos Cadernos de Cume do Pico Paraná (2017 à 2020), foi empregada a ‘Análise de Conteúdo’ (AC) de Bardin (2016). Segundo Bauer (2008, p. 189) a maioria das pesquisas aplicam as entrevistas, compostas por vários questionamentos, sejam estruturados ou não, e por isso se tornou um “método conveniente e estabelecido dentro da pesquisa social”. Para este autor, da mesma forma que as pessoas expressam suas opiniões na forma oral, elas também escrevem. Portanto, assim como

nas falas, os textos podem expressar “pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam”.

Laurence Bardin é considerada uma das principais referências na AC. Para esta autora, a AC configura-se em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (2016, p. 44). Ela evidencia que o objetivo da AC é a “manipulação de mensagens para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem” (2016, p. 44). Para esta pesquisadora, o objetivo da AC não é apenas de descrever os conteúdos, mas o que esse conteúdo tem para ensinar após serem organizados em relação a “outras coisas” (BARDIN, 2011, p. 44).

Sobre a sua importância, a AC “tem-se transformado em um instrumento importante para o estudo da interação entre os indivíduos” (RICHARDSON, 2012, p. 222). Um dos desafios para a análise dos dados “consiste em encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014, p. 140). Para isso, uma das opções é o agrupamento em categorias com base nas mesmas características ou temas. Essas unidades de significados têm por objetivo “direcionar o sentido das interpretações, sendo as mesmas expressas na linguagem comum dos participantes da pesquisa” (ALCOBIA; et al, 2018, p. 278).

Souza, Rodrigues e Tomazzoni (2016) apresentaram uma proposta de sistematização das possibilidades de aplicação do método da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), especificamente na área das pesquisas em turismo. Utilizaram para isso os códigos e suportes de comunicações com investigações turísticas, enquadrando aquelas que utilizaram os moldes linguístico (escrito e oral) e icônico (por exemplo: fotografia). Ao final, destacaram as diferentes possibilidades metodológicas para o uso da AC, tanto com abordagem quantitativa, bem como na qualitativa. Para eles, os trabalhos analisados apresentaram rigor metodológico, ao mesmo tempo, sugerem a replicação, aprimoramento e fornecimento de outros caminhos para as análises de conteúdo. Existem diversas possibilidades de utilização da AC, não existe uma fórmula única de AC para todas as investigações. Para estes autores:

A necessidade, criatividade e o contexto de cada pesquisa apontam para novos caminhos a serem trilhados, combinando com outros métodos e técnicas para atingir o mesmo objetivo de pesquisa e buscando respostas para novos problemas por meio de fontes de dados em constante reinvenção, como as mídias sociais (SOUZA, RODRIGUES, TOMAZZONI, 2016, p. 11).

Por fim, consideram que a AC está em constante aprimoramento, principalmente ao utilizar *softwares*. O maior desafio do método é a “ampliação do território de aplicação da AC nas pesquisas em turismo para além do quadro construído por Bardin (2011)” (SOUZA; RODRIGUES; TOMAZZONI, 2016, p. 12)

Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p. 17) destacam a importância das relações dos questionamentos da pesquisa com a escolha da AC como método, na medida em que possibilita “o estudo dos fenômenos sociais atrelados a um objeto, bem como suas interações”. Para eles, o maior desafio da AC está na habilidade do pesquisador, sobretudo “em buscar novas alternativas e explorar todas as possibilidades que a AC permite na pesquisa”.

A análise de conteúdo de Bardin (2016) compreende 3 principais etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material ou codificação; 3) tratamento dos resultados e interpretações, chamada também de categorização.

O trabalho científico deve ser claro no detalhamento das fases metodológicas a serem utilizadas tendo em vista a sua aplicabilidade em futuras pesquisas. Sobre tais etapas acima descritas, Seramin e Walter (2017) publicaram o seguinte artigo: “O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras no período de 1997 a 2015”. Como o título sugere, os autores analisaram artigos publicados em periódicos brasileiros, entre 1997 e 2015, que utilizaram o método de AC de Bardin. Para isto, os autores utilizaram da abordagem quantitativa e qualitativa das informações. Eles analisaram no total 52 trabalhos publicados em língua portuguesa, disponíveis nos portais *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO).

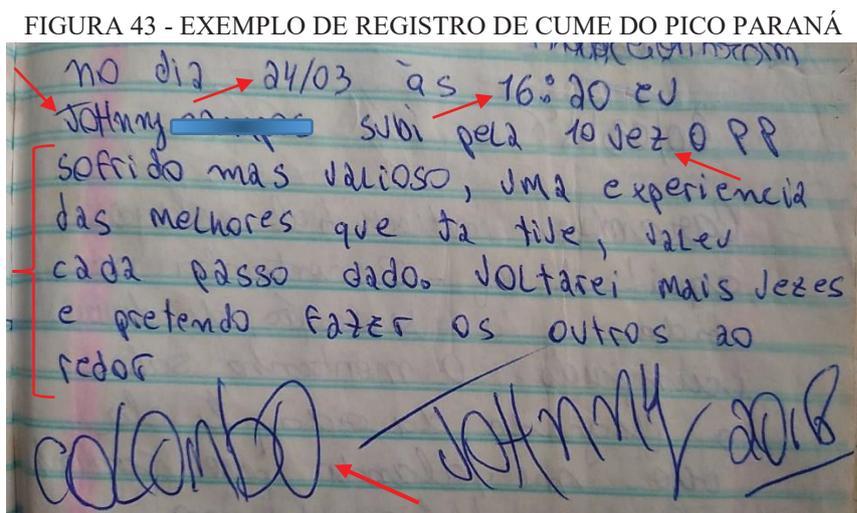
Os resultados demonstraram uma melhoria nas publicações nos últimos anos, em relação a aplicação e descrição do método, considerando as três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Porém, algumas investigações aplicam a AC “desprezando etapas principais, outros, apenas, citam o método na metodologia, mas não a aplicam na prática” (SERAMIN; WALTER, 2017, p. 241).

Os autores concluíram que 75% dos artigos não deixam claras as etapas definidas por Bardin, além disso, 46% dos trabalhos utilizaram um método analítico auxiliar em conjunto com a análise de conteúdo, por exemplo, análise de discurso, narrativas, escalas, outros (SERAMIN; WALTER, 2017).

Realizadas estas observações, cumpre dar prosseguimento a demonstração do processo de análise. A primeiro momento de análise de fato ocorreu na transcrição do material para o *Excel*. Ela culminou com possibilidade de operação do recurso Tabela Dinâmica, com a organização das informações disponíveis nos Cadernos, tais como: i) data do registro; ii) hora

do registro; iii) identificação dos assinantes; iv) procedência; v) frequência no Pico Paraná; vi) o relato em si (principal elemento de análise dessa pesquisa).

A FIGURA 43 evidencia e demonstra em termos visuais as informações nos registros de cume. As flechas em vermelho apontam o tipo de informação e o colchete em vermelho sinaliza o relato da experiência.



FONTE: Adaptado de Caderno de Cume, CPM, 2018.

É possível encontrar registros com essas informações, porém na maioria dos casos, não foi possível identificar todas elas. Para essas informações que não constaram, foi identificado na tabela do Excel com a sigla SI – Sem Informação. Essas informações encontradas foram dispostas em colunas e cada linha correspondeu a um registro. A transcrição final gerou 1984 linhas (correspondente a cada registro) e 6 colunas principais (data, hora, nome, procedência, frequência e relato).

Conforme já mencionado, o relato da experiência trazido no registro de cume (que está demarcado com colchete na FIGURA 43) é o principal recurso de análise dessa pesquisa. Por isso, na tabela *Excel* também foram identificados os registros considerados sem efeito para a análise de conteúdo, nomeadamente (TABELA 6):

- Relatos com trechos ilegíveis e que comprometeram o entendimento da mensagem. Foram identificados na tabela como “Ilegível”.
- Registros que constam somente a identificação da pessoa (nome), sem texto/retrato. Eles foram identificados como “Registro de Presença”.
- Registros com informações com nome, horário e/ou procedência, porém sem texto/retrato. Foram nomeados como “Sem Relato”.

- Registros limitados a “Pico Paraná” (e seus similares: “cume” e “PP”). Não possuem informação adicional, portanto, sem condição de análise para o objetivo proposto.
- Relatos confusos que não apresentaram sentido para entender a experiência de montanha, nomeados como “Outros Registros”. Exemplos: “*É nois Juvenal! É o abacaxi*” (1585¹⁴); “*Mago piá do vô 20 burpees*” (937) “*Só os queijos sabem*” (1537).

TABELA 6 - REGISTROS SEM EFEITO E REGISTROS CONSIDERADOS PARA ANÁLISE

REGISTROS	NÚMERO DE REGISTROS	%
COM EFEITO PARA A ANÁLISE	1.455	73
SEM EFEITO PARA A ANÁLISE	529	27
Sem relato	284	14
Presença	139	7
Ilegível	49	3
Outros registros	36	2
Cume / pp / pico paraná	21	1
TOTAL	1.984	100

FONTE: Organizado de Cadernos de Cume, CPM (2017, 2018, 2019, 2020) e gerado pelo *software* MaxQDA (2021).

Como mencionado, a AC foi realizada com suporte do *software* MaxQDA. A importação para este *software*, após tratamento inicial no *Excel*, favoreceu com que o MaxQDA criasse uma lista com 1984 documentos independentes, referente a cada registro do Caderno de Cume.

Na sequência, foi utilizada a ferramenta de caneta marca texto e destacados os segmentos condizentes com o objetivo da pesquisa. É considerada a fase de codificação, onde se define as Unidades de Registro e de Contexto (BARDIN, 2016). Ao fazer isso, foram criadas palavras-chaves sobre o assunto e algumas observações. Após isso, foi retornado ao início e criadas as primeiras categorias de análise.

Ressalta-se que esse processo de análise de conteúdo se deu por incessantes releituras dos relatos, ora criando categorias e subcategorias, ora mesclando ou desvinculando códigos, renomeando ou até deletando. Um processo dinâmico e complexo.

A princípio tentou-se atribuir para cada relato somente uma categoria. Porém, não foi possível. Tentou-se extrair o máximo de informações que o relato pudesse trazer para descrever

¹⁴ Para preservar a identidade das pessoas, foi optado em identificá-los por números. Eles foram gerados a partir do *software* MaxQDA.

a experiência de montanha. Um parágrafo, por exemplo, apresentou segmentos atribuídos em diferentes categorias, cada um com o seu significado para a experiência no Pico Paraná.

De acordo com Campos (2004), a categorização pode ser por caráter apriorístico ou não-apriorístico. Ele explica que o primeiro se dá quando já existe as categorias pré-definidas para a análise das informações, com base na experiência prévia ou nas teorias construídas no processo da pesquisa. Já o segundo, não-apriorístico, as categorias surgem do “contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa”, o que requer do pesquisador um “intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa” (p. 614).

A pesquisa se concentrou na temática da experiência do Pico Paraná através dos registros dos Cadernos de Cume e a definição de categorias pela perspectiva não-apriorística, considerando os próprios relatos das pessoas e com base no referencial teórico através dos conceitos apresentados na primeira parte dessa pesquisa. A seleção dos segmentos não seguiu uma regra padrão. Em algumas categorias foram selecionados parágrafos ou frases e em outras, palavras-chaves.

No capítulo seguinte será apresentado o resultado das análises dos Cadernos de Cume, bem como a explicação do surgimento de cada categoria, entendidos como atributos, e a escolha dos segmentos, para descrever a experiência de montanha no Pico Paraná, baseado no uso exaustivo dos relatos dos visitantes.

4. OS CADERNOS DE CUME E A EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ

Neste capítulo são apresentados os resultados da etapa de análise e interpretação dos dados, como forma de atingir o objetivo geral desta pesquisa: **analisar a experiência de montanha no Pico Paraná a partir dos registros dos Cadernos de Cume.**

Este capítulo é composto por duas seções, organizado de acordo com os objetivos específicos: 1) caracterizar as experiências de montanha por meio dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná; 2) refletir sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha.

A primeira seção é resultado da pesquisa documental realizada nos Cadernos de Cume do Pico Paraná de 2017 a 2020. Utilizou-se a análise de conteúdo, principalmente referenciada em Bardin (2016), na perspectiva não-apriorística, cuja operação se deu com o MaxQDA, *software* de apoio para organização, codificação e categorização das informações e que permite também a geração de gráficos e figuras. O detalhamento desse processo será apresentado nessa primeira seção.

A segunda seção traz reflexões sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha, considerando o referencial conceitual e teórico apresentado no capítulo 2 e o resultado das análises dos Cadernos de Cume do Pico Paraná. A vivência pessoal da pesquisadora no local e o seu círculo social também contribuíram para estas ponderações.

4.1 UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ

De acordo com Godoykh e Tasci (2020) a experiência em turismo ocorre em três momentos: antes, durante e após a viagem. Existem quatro componentes nessa experiência: cognitivo, afetivo, sensorial e conativo, que ocorrem durante todas essas fases e que pode resultar em uma experiência positiva quanto negativa.

Em vários momentos dessa pesquisa foi evidenciado o termo ambiente de montanha. Yázigi (2012, p. 26) explica que ambiente “não é nem cenário nem lugar”. A etimologia dessa palavra remete à ideia de relação. No caso dessa pesquisa, ela se concentra sobre a experiência no Pico Paraná, segundo as manifestações deixadas nos Cadernos de Cume, de modo a analisar tais registros como elementos que evidenciem e evocam a relação entre o homem e a montanha. Esses documentos se destacam por retratar o ápice da experiência de montanha, quando se alcança o cume, considerado o principal objetivo do montanhismo. Diferente das redes sociais,

quando a pessoa geralmente escolhe a melhor foto e a mensagem para “postar”, o caderno de cume não tem essa preocupação, ele retrata de forma legítima a experiência vivenciada, as emoções sentidas após horas de uma caminhada difícil e a conquista da montanha mais alta do sul do Brasil. Como veremos adiante, o Caderno de Cume é um material rico de informações e um importante documento histórico, que ajuda o gestor da Unidade de Conservação e empresas privadas a entender a experiência do visitante no Pico Paraná.

O processo de análise e interpretação se baseou em seis Cadernos de Cume do Pico Paraná, entre 2017 e 2020, repassados pelo Clube Paranaense de Montanhismo em meados de 2020. Esses cadernos físicos foram transcritos, inicialmente em formato Word, e transferido para o Excel, *software* em que recebeu os primeiros tratamentos. Esse documento final foi importado para o *software* MaxQDA (2020), momento em que gerou 1.984 documentos, cada um correspondente a um registro de cume, com seus dados independentes, como nomes dos participantes, data, horário, procedência e o próprio relato da experiência.

Cabe destacar nessa seção os benefícios da utilização desse *software*. Esse tipo de importação e de organização das informações permite análises finais tanto quantitativas quanto comparativas operacionalizadas via *software*. A utilização dessa ferramenta foi essencial para organizar o corpus. Um dos pontos positivos do MaxQDA é que ele permite configurar e editar o documento dentro do *software*, o que evita retornos ao arquivo original para eventuais correções (no caso, o Excel). Outro benefício é que a interface do MaxQDA é de fácil entendimento e permite trabalhar, de acordo com a necessidade, com até quatro janelas secundárias.

Os *softwares* para pesquisas qualitativas apresentam particularidades quanto às denominações de certos recursos. O MaxQDA (2020) considera código (ou categoria) como a principal ferramenta de análise e que são “atribuídos a qualquer coisa que você considere que valha a pena”, nesse caso, trechos de textos dos relatos de cume (p. 13). Portanto, codificar é a ação de associar um código a um segmento assinalado. Segmentos codificados são todos os trechos que tiveram um ou mais códigos associados.

Nessa pesquisa, considera-se como registro de cume todos os 1.984 documentos transcritos dos Cadernos de Cume, válidos ou não para a pesquisa. Os registros válidos são aqueles que possuem algum tipo de relato da experiência (independente de possuir nome ou outras informações do relator ou não). Foram considerados 1.455 registros (73%) para a análise, classificados como “com efeito”. Esse relato é o principal objeto de análise dessa pesquisa para entender a experiência de montanha no Pico Paraná. Para cada relato foram selecionados um

ou vários segmentos (ou trechos) de interesse. Foram atribuídos códigos (ou categorias) a esses segmentos, considerando o seu significado para atender o objetivo proposto na pesquisa.

O *software* MaxQDA (2020) explica que a análise qualitativa só é possível quando se tem um conhecimento aprofundado dos seus dados. Para isso, foi necessária a realização de várias leituras dos relatos de cume do Pico Paraná, como a leitura flutuante dos cadernos físicos, na transcrição integral desses registros, na seleção dos documentos que seriam utilizados (ou descartados), no próprio *software* para as correções necessárias e, na análise final com as codificações (ou categorizações) dos dados.

No primeiro momento, para destacar os trechos relevantes nos documentos válidos, foi utilizado o recurso de “caneta marca texto” – denominado de “codificação por destaque”. Segundo o MaxQDA (2020) essa “codificação em cores é uma ferramenta bastante útil para marcar coisas importantes antes mesmo de se começar de fato o processo de codificação” (p. 19). Ao final dessa fase, é possível gerar uma tabela (que pode ser exportada para o Excel ou para o Word) com todos os trechos demarcados.

Em seguida, foram atribuídas palavras-chaves aos trechos demarcados que refletissem a ideia principal de cada segmento e, dessa maneira, foi definido o significado de cada tema. Em momento seguinte, os temas começaram a se repetir e nenhum outro emergiu. Em novo ciclo de análise, a partir do início, foram criados os primeiros códigos (ou categorias). Esse código “é mais do que um termo usado para nomear fenômenos em um texto”, eles possuem significados e “somente o seu contexto ou a sua construção podem esclarecer essa questão” (MAXQDA, 2020, p. 21). No caso dessa pesquisa, a temática considerou a experiência de montanha no Pico Paraná e a definição dos códigos (ou categorias) na perspectiva não-apriorística, quando se interpreta e atribui significados que emergem durante o processo.

Esse processo de codificação foi facilitado com o uso do *software* na visualização dos documentos e na organização e sistematização das informações. No MaxQDA é possível atribuir cores às categorias, anotações adicionais para cada uma delas e subcódigos. Outro ponto positivo é a ferramenta de busca por palavras e a de frequência em que o termo ocorre nos documentos ou por categoria. Devido ao volume das informações geradas, essa opção ajuda na busca por temas específicos e auxilia a análise dos contextos da mensagem. De acordo com o objetivo do pesquisador, o *software* também permite a análise final dos códigos através de relatórios, inclusive com ferramentas visuais como a nuvem de palavras (visualização das palavras mais repetidas numa forma de figura). Ao final do procedimento, os códigos gerados puderam ser agrupados e interpretados em seis categorias finais – que serão analisadas a seguir separadamente.

Portanto, essa seção tem a finalidade de apresentar e discutir os resultados da investigação. As seis categorias que caracterizam essa experiência de montanha são: i) Triunfalismo, ii) Agonia e Êxtase; iii) Transcendentalismo; iv) Reconhecimento Social; v) Percepção do Sublime; vi) Itinerário e Recursividade. Na Tabela 07 apresenta-se a distribuição dos segmentos (ou trechos) selecionados por categoria:

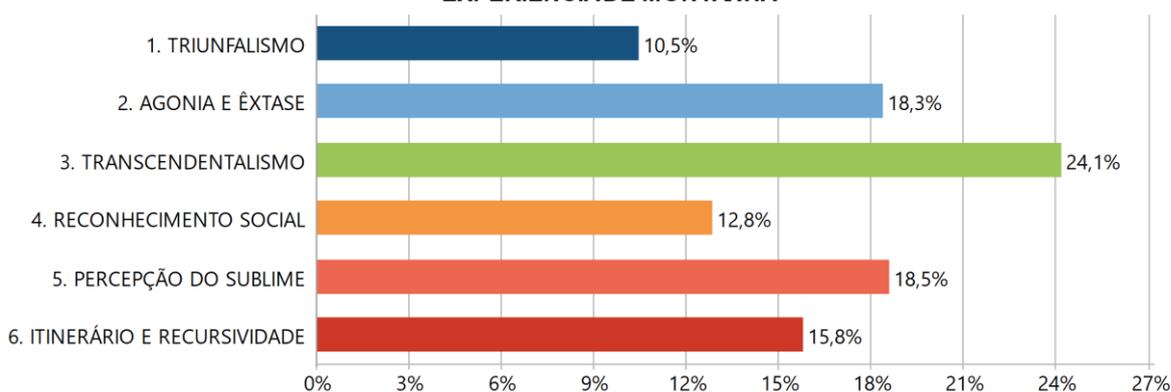
TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS SEGMENTOS CONFORME OS CÓDIGOS

CÓDIGOS OU CATEGORIAS	SEGMENTOS CODIFICADOS
1. TRIUNFALISMO	312
2. AGONIA E ÊXTASE	547
3. TRANSCENDENTALISMO	720
4. RECONHECIMENTO SOCIAL	382
5. PERCEPÇÃO DO SUBLIME	553
6. ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE	471
TOTAL	2.985

Fonte: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

O Gráfico 4 demonstra a distribuição desses segmentos pelas categorias e suas porcentagens correspondentes:

GRÁFICO 3 - SEGMENTOS ATRIBUÍDOS PARA CADA CÓDIGO (OU CATEGORIA)
EXPERIÊNCIA DE MONTANHA



FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

A descrição e as características de cada categoria serão apresentadas e analisadas separadamente a partir daqui, com a utilização intensiva de fragmentos dos relatos e imagens relacionadas ao objeto, bem como as observações realizadas pela autora durante a própria experiência no Pico Paraná. Foram utilizados os dicionários Michaelis (2021) e Priberam (2021) para justificar as categorias e entender os significados de alguns termos específicos. Os

pesquisadores Hosany e Gilbert (2010), com base em Russel (1991), afirmam que as emoções são categorizadas de maneiras diferentes dependendo do país ou da cultura. Portanto, o entendimento do significado das palavras é importante para a definição das categorias propostas. Nesse caso o uso do dicionário visa seguir, desde os primeiros momentos da análise, os acordos mais elementares em termos de significado da língua. Destaca-se também que não serão atribuídos os nomes de quem escreveu os relatos para preservar a sua identidade. O *software* MaxQDA atribuiu para cada registro de cume uma numeração que acompanha cada um dos relatos.

4.1.1 Triunfalismo

“Desafio, superação e conquista, esse é o resumo da aventura que é conquistar a maior montanha do Sul do Brasil” (1044).

Assim como Petrarca (1336) no monte Ventoux (França), bem como Tensin Norgay e Edmund Hillary (1953) no Monte Everest, ou Rudolf Stamm (1941) no Pico Paraná, alcançar uma montanha remete ao desafio, à conquista e à superação. Esses três termos possuem um mesmo sentido no ambiente de montanha e justificam essa categoria. O Pico Paraná, por ser a montanha mais alto do Sul do Brasil, com 1.922 metros (IBGE, 2012), evoca essas conotações, que dão sentido da experiência de algumas pessoas. Ao longo das leituras flutuantes, nos relatos de cume, foi possível notar a repetição desses termos e de seus sinônimos. Para representar esses segmentos, a categoria Triunfalismo se configura adequada na medida em que retrata o sentido lógico e articulado desse conjunto de manifestações.

Dessa forma, é importante entender o seu significado. Segundo Priberam (2021), triunfalismo significa: atitude de quem se mostra excessivamente triunfante. Já triunfante, entende-se como: 1. Aquele que triunfa; 2. Vencedor; vitorioso; 3. Pomposo; 4. Radiante de alegria (PRIBERAM, 2021). Michaelis (2021) define triunfalismo como: 1. Sentimento excessivo de triunfo; 2. Atitude de quem coloca sua crença acima de todas as outras. Já a palavra triunfo significa: 1. Ação ou efeito de triunfar; 2. Conquista brilhante; 3. Vitória obtida em disputa, competição ou guerra; 4. Júbilo intenso; 5. Manifestação alegre e ruidosa (MICHAELIS, 2021).

Entende-se que subir uma montanha remete ao Triunfalismo a partir do momento que a pessoa se sente vitoriosa ao conquistar o cume, superando as dificuldades ou se desafiando. Esse triunfo é percebido pelas emoções de alegria e orgulho registrados nos relatos de cume do Pico Paraná, por exemplo: “eu venci”; “eu conquistei”; “me superei”, entre outros. Com base

nisso, foram identificados quatro elementos que sustentam essa experiência de Triunfalismo (TABELA 8).

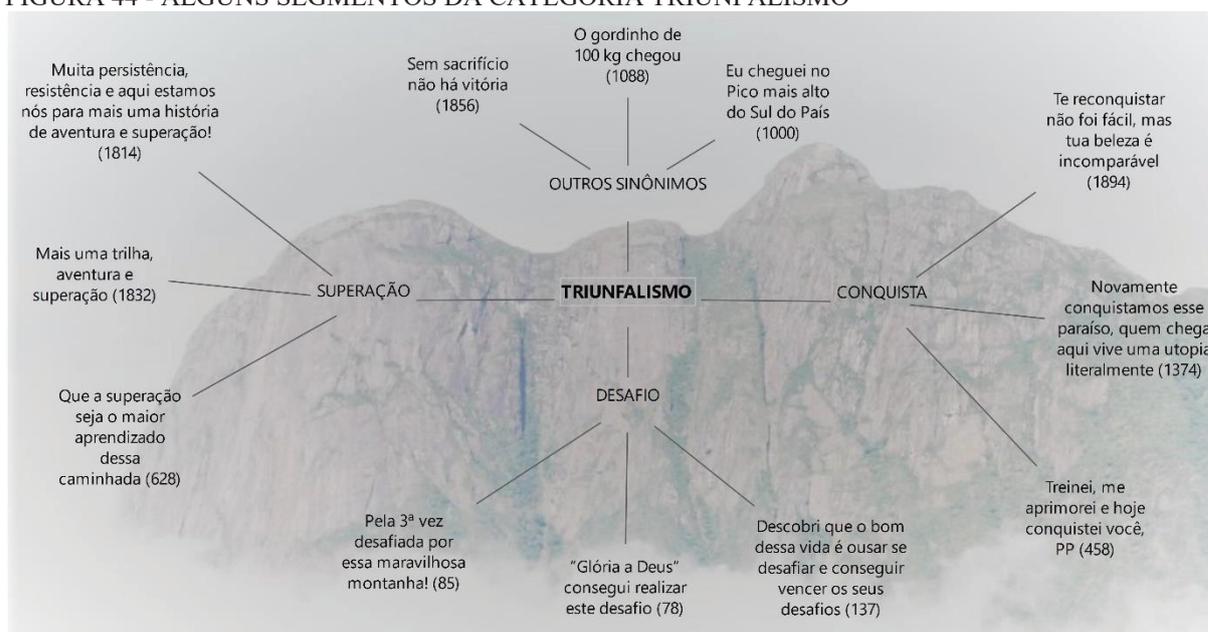
TABELA 8 - CATEGORIA TRIUNFALISMO

	SEGMENTOS	FREQUÊNCIA
Conquista	104	33
Superação	68	22
Desafio	38	12
Outros Sinônimos	102	33
TOTAL	312	100

FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Na FIGURA 45 estão elencados alguns segmentos dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná que representam a categoria Triunfalismo.

FIGURA 44 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA TRIUNFALISMO



Fonte: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Pico Paraná, visto do Morro Caratuva, modificado de SCHLENKER (2015).

Ao identificar repetidas vezes os termos superação, conquista e desafio, bem como outros sinônimos que remetem ao triunfalismo, como por exemplo, “consegui”, “cheguei”, “orgulho”, e através do uso da ferramenta do *software* MaxQDA denominada de “Palavras-

chave do contexto¹⁵” foi possível selecionar esses três termos principais e seus sinônimos em todos os relatos de cume. O detalhamento de cada busca para cada elemento de sustentação da categoria TRIUNFALISMO será analisado a seguir.

Garcia (2018) destaca que o esforço despendido na prática de montanhismo sempre esteve relacionado, historicamente, à conquista e à satisfação pessoal. No montanhismo, é comum dizer que a conquista remete à primeira ascensão em uma montanha ou em alguma via de escalada. Porém, nessa pesquisa e segundo os Cadernos de Cume, a *conquista* se mostra como algo pessoal e subjetivo. Conquista também remete à vitória e tem como sinônimos: triunfo, êxito, glória e troféu.

Doran e Pomfret (2019) explicam que o montanhismo requer resistência, condicionamento físico, experiência e habilidade do praticante. Por isso, ao atingir o cume, as emoções são tão intensas. Os trechos dos Cadernos de Cume indicam esses sentimentos e demonstram que a *conquista* também pode estar descrita através de frases motivacionais e reflexivas sobre o tema ou fazendo relação com a vida. As palavras-chaves ou temas utilizados na pesquisa do *software* MaxQDA foram: conquista; conquistado (a); conquistar e suas derivações. A busca resultou em 104 segmentos, distribuídos em 101 registros.

O elemento *conquista* nos relatos de cume é utilizado de diferentes formas. Ele pode estar sozinho, como em “*Conquistado!*” (1637), ou então acompanhado, em frases simples e diretas, por exemplo “*Conquista do PP*” (1708), “*Mais uma conquista*” (1455, 1217, 883, 667) – inclusive, subentende-se nessa última frase que outras montanhas também já foram conquistadas anteriormente. Temos, portanto, dois sentidos para o termo: o conquistador (montanhista) e o conquistado (Pico Paraná). Outros exemplos de como o termo pode ser utilizado e seus diferentes sentidos:

- Mais uma **conquista** realizada de subir no PP e ver o Sol (1875).
- Reconhecer e vencer os medos é uma das melhores **conquistas!** (1040).
- Não há nada que não possa ser **conquistado** com perseverança (134).
- Te **reconquistar** não foi fácil, mas tua beleza é incomparável (1894).
- Novamente **conquistamos** esse paraíso, quem chega aqui vive uma utopia literalmente! (1374).
- Você me **conquistou**, e estou aqui pela 3ª vez (338).
- Muito feliz pela **conquista** (37).
- Treinei, me aprimorei e hoje **conquistei** você, PP (458).
- Por todos que **conquistaram** esse Pico pela primeira vez eu também conquistei (881).

¹⁵ O *software* apresenta uma tabela, tipo formato Excel, onde é possível visualizar esses trechos. Ao exportar para a categoria correspondente, o *software* dá a opção de parágrafo, frase ou apenas o item da pesquisa. Como são trechos curtos, foi selecionada a opção “frase”.

Esses são exemplos de relatos em que é possível perceber os diferentes contextos que a conquista tem na experiência de montanha. No trecho 1875 a conquista não se refere somente em alcançar o cume, mas também em assistir o Sol do seu alto. No trecho 1040 a conquista é utilizada tanto para a montanha como para a vida, pois em ambos os casos é preciso superar os medos. Isso também ocorre no trecho 134, para essa pessoa a conquista dos objetivos depende de persistência. No segmento 1894 a conquista não está relacionada somente à primeira vez no local, relata as dificuldades dessa reconquista e a recompensa pela beleza reencontrada. Caso semelhante ocorre no trecho 1374, para essa pessoa a conquista se dá toda vez que chega ao cume, independentemente se foi a primeira vez ou não. No trecho 338 a conquista remete ao sentimento de paixão ou amor pelo lugar, pois o Pico Paraná conquistou essa pessoa de tal forma que ela está lá pela terceira vez. Para o trecho 37 a conquista está relacionada com a felicidade. No segmento 458, a pessoa afirma que a conquista só foi possível pelo treinamento e aprimoramento, o que evidencia a dificuldade da trilha. Por último, no segmento 881, é possível perceber o sentido pessoal da conquista, não é sobre ser o primeiro a estar no local, mas em atingir um objetivo.

Pelos exemplos dos relatos é possível interpretar as diferentes formas como o termo *conquista* é empregado e os seus contextos. Outros 95 relatos também evidenciam essas constatações que sugerem felicidade, orgulho e satisfação da conquista do cume mais alto do sul do Brasil, independente de não ser o primeiro a estar no Pico Paraná.

O segundo elemento de sustentação da categoria TRIUNFALISMO é o desafio. No montanhismo é comum a utilização do termo *desafio*, principalmente com a conotação de competição ou de quebra de recordes, seja para si mesmo ou pelo esporte. Como exemplos podemos citar o desafio de escalar um paredão em menor tempo, o desafio de atingir uma sequência de cumes em menos dias, o desafio de subir determinada montanha sem oxigênio suplementar, entre outros.

Os trechos dos Cadernos de Cume indicam que o *desafio* é um aspecto subjetivo. Subir uma montanha requer esforço e disposição, o desafio está em realizar algo que supostamente está acima de sua capacidade ou enfrentar uma situação ameaçadora. Beedie (2003) explica que a imprevisibilidade da montanha é um dos fatores desafiadores da prática do montanhismo e pode exigir dos seus frequentadores um comportamento diferenciado ou até mesmo sem antecedentes. Os relatos de cume do Pico Paraná indicam que o *desafio* está relacionado aos aspectos físicos, psicológicos e emocionais da pessoa e ao próprio local do Pico Paraná. O *desafio* está descrito no relato da própria experiência ou inserido em frases motivacionais ou reflexivas. As palavras-chaves ou temas identificados e utilizados na pesquisa do *software*

MaxQDA foram: desafio, desafiada (o), desafiar e suas derivações. A procura resultou em 37 segmentos.

O termo *desafio* também foi utilizado de diversas maneiras, tanto no sentido da montanha, bem como fazendo uma comparação com os desafios da vida. Pode-se citar aqui alguns desses trechos:

- Viva, arrisque, se **desafie** (1925).
- Vencemos mais um **desafio** (1641).
- **Desafio** cumprido (1735).
- É aos poucos que tu vence os **desafios** (126).
- Descobri que o bom dessa vida é ousar se **desafiar** e conseguir vencer seus desafios (137).
- Um verdadeiro **desafio** para mim, sofri um pouco, tive dificuldade em algumas partes da subida, acho que já imaginam qual foi a pior mas a satisfação de ter conseguido, ninguém nunca vai tirar de mim (296).
- 3 vezes no cume, sempre um **desafio** (509).
- Foi o mais difícil **desafio** da minha vida (1046).

Os desafios fazem parte da montanha e da vida (relato 1925); não é necessário pressa para alcançar os desafios (relato 126); superar os desafios remete à vitória (relatos 1641 e 1735); faz bem para o ego e se torna uma satisfação pessoal (relato 137). O segmento 296 explica melhor a ideia da conquista – que por vezes requer ultrapassar barreiras, tanto físicas e emocionais quanto do próprio local – e das dificuldades recompensadas. É interessante o trecho 509, em que o desafio não se configura somente a primeira vez no Pico Paraná, mas está presente em todas as idas ao local. Por fim, no trecho 1046 é demonstrada a dificuldade de atingir o cume, considerado o mais difícil da vida, mas que foi superado com sucesso.

Os relatos analisados acima representam outros 28 segmentos que demonstraram essas diferentes conotações de *desafio* para descrever a experiência de montanha no Pico Paraná. Constata-se que o desafio é subjetivo, porém superá-los é o que dá emoção para essas pessoas. Dessa forma, confirma-se o que a ABETA (2020) considera como atividade de aventura: aquela que proporciona experiências físicas e sensoriais que envolvem desafio e que pode proporcionar sensações como liberdade, prazer e superação.

O terceiro elemento de sustentação da categoria TRIUNFALISMO é a *superação*. Segundo Fiori (2017), independentemente da experiência da pessoa, atingir o cume de uma montanha é um ato de superação. No Pico Paraná confirma-se essa posição. Essa superação remete à ideia de obter vitória sobre si mesmo ou sobre a montanha, ultrapassar barreiras ou situação desagradável, ou então, dominar algo. A superação pode figurar os aspectos físicos e emocionais da pessoa ou o próprio local do Pico Paraná. A superação está descrita no relato da própria experiência dos Cadernos de Cume e em frases motivacionais ou reflexivas. As

palavras-chaves ou temas na pesquisa do *software* MaxQDA foram: superação, superar e suas derivações. A pesquisa encontrou 68 segmentos, em 66 registros.

O termo *superação*, usado para descrever a experiência, é encontrado de diversas maneiras nos relatos de cume do Pico Paraná. Ele aparece sozinho (relatos: 1401; 840; 916; 926, 289; 1676), ou então, relacionado ao limite, como em “Mais um limite superado” (1966), “Superando os meus limites” (1924), “Supere seus limites” (322); “Superando limites” (359, 411); “Viva intensamente cada momento enquanto temos estes momentos com 60 a descoberta de um câncer estou tentando superar meus limites e viver intensamente cada minuto junto a natureza” (1699). Esse último relato apresenta a superação como um querer viver a vida mesmo diante da descoberta de uma doença difícil.

O termo *superação* também está relacionado à desistência, ao medo ou as dificuldades que são vencidas no Pico Paraná, tais como: “Sempre se superando nunca desistir” (1917); “O medo é somente um retorno, deixe o medo aqui, não leve ele com você, me superando” (121); “Superação, enfrentar o medo de frente” (779); “Uma superação, parece que não vai conseguir, mas no final aqui em vitória!” (1383). Os relatos dos Cadernos de Cume sugerem que superar as dificuldades e vencer os desafios do corpo e do caminho promovem o sentimento de orgulho, satisfação e vitória. Outros segmentos merecem destaque:

- PP é emoção, é a força da floresta e das montanhas que nos renova e nos fortalece e é acima de tudo **superação** (238).
- Que a **superação** seja o maior aprendizado dessa caminhada (628).
- Pico do Paraná, primeira vez de muitas outras... 4:45 de trilha, entre medos, aflições, **superação** e muito orgulho chegamos ao topo (707).
- 1ª vez no PP, sentimento de dever cumprido e **superação** (1084).

Com base nos relatos acima, a experiência no Pico Paraná pode ser analisada na perspectiva da superação (relato 238), de aprendizado (relato 628) e no sentimento de satisfação e valorização de si mesmo (relatos 707 e 1084).

Outros termos – sinônimos de superação, desafio e conquista – e que remetem simultaneamente à ideia de aventura, orgulho e vitória, ou ainda de vencer, dominar, atingir, alcançar e conseguir – foram identificados nos relatos de cume e podem ser inseridos na categoria TRIUNFALISMO. Foi realizada então uma nova leitura dos relatos de cume para identificar esses termos e seus similares. Foram considerados segmentos que remetem à idade, ao peso ou a algum tipo de problema de saúde e que também estão relacionados com a ideia de TRIUNFALISMO. São trechos que retratam a experiência ou ainda frases de reflexão e

motivacionais que comparam essa experiência com situações da vida. O resultado compreendeu em 92 segmentos, em 93 registros, que serão analisados a seguir.

Os termos vencer e vitória podem ser visualizados em trechos como: “Vencemos mais essa” (1872); “Vencer a si mesmo, é a vitória das vitórias, eu venci!” (325); “Vim, vi e venci” (1313). O termo vencer remete a ganhar ou cumprir algo, nesse caso, chegar ao topo do Pico Paraná representa um troféu ou uma vitória.

Outros exemplos com termos similares que sinalizam vitória e conquista: “E quem disse que eu não iria conseguir? Sim! Estou aqui Pico Paraná!” (356); “Alcansei o cume” (958); “Eu cheguei no Pico mais alto do Sul do País” (1000); “Finalmente, após 33 anos, atingi o cume do PP, quintal de casa” (1582).

Questões físicas e de idade também foram identificadas nos relatos de cume e trazem a ideia do TRIUNFALISMO como uma superação ou um desafio pessoal de conquistar o Pico Paraná. São trechos que demonstram sentimento de orgulho e felicidade, como nos exemplos: “O gordinho de 100 kg chegou” (1088); “tenho 71 anos, subo aqui sozinho” (273).

Os relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram identificar os termos *superação*, *desafio*, *conquista* e outros sinônimos que sustentam a categoria TRIUNFALISMO – entendida como a experiência que expressa a sensação de vitória e heroísmo ao atingir o cume, como se essa experiência representasse um troféu. É possível constatar que o Pico Paraná desperta o senso de triunfalismo quando a pessoa se sente bem-sucedida ou vencedora ao conquistar o cume, proporcionando êxito, alegria e orgulho ao superar medos, angústias ou dificuldades físicas, emocionais e do próprio lugar. Esses achados comprovam o que afirmam Doran e Pomfret (2019): os praticantes do montanhismo vivenciam situações intensas e carregadas de sentimento de risco, de medo e de incerteza. Corroborando Hauck (2015) ao afirmar que culturalmente o “montanhismo é uma atividade que desperta um sentimento de heroísmo” (relacionado com vitória e glória).

Esses sentimentos de triunfalismo expressos nos cadernos de cume – de superação, conquista e desafio – remetem à experiência transformadora, entendida por Duerden et. al. (2018) como aquela que envolve emoção, descoberta e mudança. Sobre isso, Arpini (2012) explica que no montanhismo o desafio está relacionado à superação. Ela cita a psicóloga Angelita Scardua, que afirma que a superação está associada à transformação. Um desafio superado é uma mudança na “forma de fazer, pensar e sentir” da pessoa, é um autoconhecimento que deve ser lembrado e utilizado na rotina diária (ARPINI, 2012).

4.1.2 Agonia e Êxtase

“Mesmo com chuva, cansado, sem visibilidade, nada explica a satisfação de estar aqui” (1279).

Subir uma montanha não reflete somente o ato de andar e o movimento do corpo, envolve também uma mistura de sentimentos, emoções e sensações. A montanha apresenta um ambiente considerado rico em belezas naturais, e ao mesmo tempo, desafiador. Quem sobe a montanha precisa estar atento com tudo a sua volta, ser cauteloso para não tomar nenhuma atitude errada, ser solidário com as outras pessoas e com a própria natureza. São reações específicas diferentes da rotina diária (MARINHO, 2006).

É como se a montanha despertasse emoções silenciosas que estavam guardadas. Conforme constatado anteriormente, atingir o cume representa a superação de desafios, que por vezes, remetem ao medo, à angústia, à aflição ou à agonia. Porém, quando o objetivo é cumprido, os sentimentos e as emoções se afloram de uma forma muito singular e intensa, sugerindo êxtase, uma experiência singular, passível de ser fruída no ambiente de montanha. Os relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná refletem esse turbilhão de emoções no momento da conquista da montanha, assim como sugerem uma articulação de opostos, de sentidos antagônicos, vivenciados em curtos períodos.

Como veremos mais adiante, essa dicotomia de emoções que ocorre na montanha – registrada nos Cadernos de Cume – é passível de interpretação e sustentação como uma categoria que expressam emoções intensas e até mesmo antagônicas, de recompensa das dificuldades superadas.

Apresenta-se o resumo dos elementos que sustentam a categoria AGONIA E ÊXTASE: 1) Montanha das Emoções; 2) A Recompensa da Montanha (TABELA 9).

TABELA 9 - CATEGORIA AGONIA E ÊXTASE

	SEGMENTOS	FREQUÊNCIA
Montanha das Emoções	401	73
A Recompensa da Montanha	146	27
TOTAL	547	100

FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Na FIGURA 45, apresentam-se os dois elementos que sustentam a categoria baseada nas análises dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná.

FIGURA 45 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA AGONIA E ÊXTASE



FONTE: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Pico Paraná visto do Morro Caratuva, modificado de SCHLENKER (2015).

A análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná identificou segmentos que relatam algum tipo de emoção e sentimento na experiência de montanha. A construção dessa categoria foi estabelecida após idas e vindas aos relatos, pois o entendimento sobre emoção e sentimento é um processo complexo por sua subjetividade.

Por vezes, a emoção ou o sentimento não estão nomeados explicitamente, como em: “como é bom estar aqui” (123). Inclusive, às vezes são demonstrados por gírias ou até palavrões, tais como: “perrengue” (relatos 1248, 1605), entendido como uma situação que gera uma sensação de estresse ou uma situação difícil (de aperto). Outro exemplo, repetido 6 vezes: “cheguei porra!!” (938, 1460, 1676, 1234, 433, 96), a palavra “porra” é empregada como uma expressão de surpresa, espanto, dor ou aborrecimento. Por esse motivo, a análise do conteúdo deve se dar além do significado da palavra, mas considerar também essas conotações por trás das mensagens (KRIPPENDORF, 1990).

Para a análise foram considerados como sentimentos de “agonia” aqueles que demonstram o aspecto desolador da experiência, seja por conta das dificuldades pessoais ou do próprio local, até mesmo aqueles que geram traumas, vontade de desistir ou de não retornar ao local. Já para o “êxtase” foram considerados os sentimentos positivos e intensos experimentados na montanha e que proporcionam bem-estar e felicidade ou amor ao local.

A primeira categorização se deu através das leituras flutuantes e na fase de pré-categorização – com a identificação dessas emoções e sentimentos. Posteriormente também foram consideradas algumas palavras-chaves incorporados na análise.

A agonia é entendida como aflição, angústia, inquietação, ansiedade ou desejo incessante de conseguir algo, ou então, pode ser percebido por dor ou mal-estar físico (MICHAELIS, 2021). Os relatos de cume do Pico Paraná demonstram que ela pode ser sentida através do cansaço físico e emocional, tanto pela extensão e dificuldade da trilha quanto pela falta ou pouco preparo físico. As condições meteorológicas também contribuem para a agonia, como a chuva, o frio ou as tempestades com raios. A agonia é vivenciada também pelo medo da altura, da presença de animais peçonhentos, dos sons da floresta – para aqueles que não estão habituados –, ou outras situações recorrentes em ambientes montanhosos e naturais. Segundo indicam os relatos, a vontade de desistir ou de não querer mais voltar ao local também é um sentimento provocado pelo Pico Paraná.

A seguir estão elencados alguns segmentos que demonstram a sensação de agonia experimentada por algumas pessoas no Pico Paraná:

- Acampamos aqui em cima e dormimos 15 horas pois ambos estavam **quebrados** (1949);
- Leandrão quase não terminou a trilha pois tem **medo de altura** (1361)
- Subida **sofrida!!!** (46);
- Foi **difícil** demais!!! (317);
- Sugiro que venham nos **buscar** de helicóptero! (353);
- Quero minha **cama!** (515).
- Psicológico **abalado**, rsrs (1078).

As palavras destacadas descrevem essa sensação de agonia e foram descritas de diversas maneiras: dificuldade da trilha, cansaço físico, não querer retornar ao local ou preferir estar no conforto do lar. A subida do Pico Paraná não é fácil para alguns e apresenta algumas dificuldades físicas, tais como: cansaço, arranhaduras, dores, câimbras e raspões. Dependendo da situação, isso pode acontecer por falta de preparo ou por utilização de equipamentos inadequados. Alguns trechos configuram essa experiência dolorosa:

- Sem quedas, da próxima será sem **roxos!** (1780);
- Praticamente **descalça!** (1086);
- O pé **dói** (741);

Durante a busca por palavras específicas no MaxQDA, no conjunto de 1.984 registros entre os anos de 2017 e 2020, percebe-se que os termos relacionados à agonia possuem pouca representatividade na experiência do Pico Paraná. A palavra sofrimento e suas derivações (sofrido/a e o verbo sofrer com suas conjugações) foram citadas onze vezes. Nesse entendimento, sofrimento remete à dor. Essa, por sua vez, foi mencionada somente em sete

trechos, como em: “a dor é passageira, mas a glória é eterna” – uma frase clichê citada por três pessoas diferentes (30, 451, 1244) para exprimir essa dicotomia de sentimentos na experiência.

Outros termos que remetem à agonia foram “difícil” e “dificuldade”. A primeira com vinte e duas citações e a segunda com nove repetições. Em alguns casos esses termos foram utilizados de maneira geral, ou seja, sem especificar o problema encontrado. Em outros casos, porém, a dificuldade foi relacionada às condições e distância da trilha, à subida, às condições climáticas e ao peso da mochila. Já o termo “medo”, externado em vinte relatos, foi usado para descrever alguma situação que provocou medo ou então para promover reflexão e motivação em outras pessoas.

A palavra “desistir” também foi considerada como uma sensação de agonia. Na busca por esse termo e seus similares (desista, desistir e suas conjugações) foram encontrados vinte e quatro segmentos que indicavam a vontade de desistir do objetivo ou a dificuldade na realização da atividade. O termo “desistir” também foi utilizado em frases reflexivas e motivacionais, num paralelo com a vida, como em: “nunca desista dos seus sonhos” (722; 811; 1027); “insista, persista e jamais desista” (1782).

Por fim, palavras que indicam que não voltariam mais ao local ou que demonstram uma experiência até traumática, foram mencionadas apenas cinco vezes:

- Talvez seja a primeira e a **última vez**, mas me sinto realizado (1835).
- (...) primeira e **última vez** no PP kkkk (30).
- Nunca mais volto aqui (437).
- Cheguei no topo a **nunca mais** volto aqui, isso é coisa para gente louca! (802).
- Olá, **nunca mais** eu vou vir vocês são tudo louco, mas é muito top (152).

Embora a sensação de agonia esteja presente nesses trechos – salvo exceções elencadas acima, que não retornariam mais ao Pico Paraná – ela não se configura um elemento determinante no resultado da experiência. Como será demonstrado adiante, esses sentimentos e emoções de agonia são recompensados por outros. Vale lembrar que o registro no caderno de cume reflete somente a experiência até a metade do caminho, até alcançar o cume, pois o retorno também apresenta dificuldades, o que exige atenção e cuidado, além de preparo físico e psicológico.

O êxtase, por sua vez, é entendido como um estado de euforia ou enlevo, provocado por uma grande admiração ou por um intenso prazer que absorve todo e qualquer sentimento (MICHAELIS, 2021). É um estado de encantamento e contemplação, é sentir-se maravilhado com algum objeto, situação ou consigo mesmo. Os relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram analisar o êxtase na experiência do Pico Paraná. Ele pode ser percebido através

do orgulho ou da satisfação em atingir o cume, refletidos na alegria e na felicidade. Segundo indicam os registros, a vista da paisagem do alto da montanha proporciona êxtase, seja na oportunidade de visualizar um nascer do sol, de sentir-se “acima” das nuvens ou ainda de presenciar uma noite estrelada. Estar no ponto mais alto do sul do Brasil também provoca sensação de liberdade, solidão e paz. A relação com o Pico Paraná é intensa e sentimentos de amor e paixão são sentidos e descritos nos Cadernos de Cume como um êxtase – que também aflora sentimentos de gratidão e de pertencimento. Os segmentos que descrevem esse estado de êxtase na experiência do Pico Paraná através dos relatos dos Cadernos de Cume estão elencados abaixo.

Alguns registros possibilitam identificar o amor, entendido como um sentimento de êxtase, desejo do que é belo, digno ou grandioso (MICHAELIS, 2021). Assim, o Pico Paraná se destaca por suas curvas, por sua estética e por ser o mais alto do Sul do Brasil. Podemos considerar que esse amor pela montanha é a emoção mais profunda e intensa que uma pessoa pode sentir quando está nela e remete ao sentimento do prazer e da vontade de querer voltar. Os segmentos abaixo descrevem essa emoção do amor e da paixão na experiência no Pico Paraná:

- **Eu amo você!** Pico Paraná!” (1815).
- (...) “minha montanha linda, **te amo!**” (1226).
- Pico Paraná. Como sempre é maravilhoso estar aqui novamente, recebendo energias positivas desta natureza bela e perfeita criada por Deus. **Amo estar aqui** e que Deus me permita outras tantas vezes poder aqui chegar (1830).
- Um postal se abre em minha mente e **transborda meu coração** (480).
- **Minha paixão**, minha inspiração, sou PP! (677).
- Dia lindo, **amo a natureza!** (958).

Os relatos de cume demonstram que a palavra “amor”, “paixão” ou “apaixonado” são elementos que descrevem a afetividade com o Pico Paraná e a relação de pertencimento ao lugar, proporcionando uma experiência de êxtase.

Por vezes, os relatos demonstram que o Pico Paraná pode provocar sentimentos tão intensos que a experiência se torna algo inexplicável e difícil de ser descrita em palavras. Corroboram Duerden et. al. (2018) ao afirmarem que é inconcebível narrar os sentimentos advindos de uma experiência extraordinária. Essas se tornam experiências memoráveis e inesquecíveis, com recordações carregadas de carinho tanto pelo lugar quanto pela companhia:

- Não há momento tão especial como estar aqui, **sem palavras** (335).
- Tudo isso é uma sensação **inexplicável**, com certeza voltarei mil vezes (565).
- **Não sei descrever** a emoção que senti de chegar aqui (626).

- É **indescritível** a sensação e a emoção sentidas em chegar ao cume do PP, a 1ª montanha de muitas que estão por vir (1450).
- O PP jamais será **esquecido!** (344).
- Foi uma caminhada perfeita para o dia de hoje, **inesquecível** (815).
- Paisagem linda, **nunca vou esquecer** (871).
- Mais um final de semana **memorável** com amigos (1386).

Outras emoções descritas nos relatos e que remetem ao êxtase da experiência são a felicidade e a alegria, entendidas aqui como um estado de contentamento e bem-estar, de satisfação e realização. Elas são percebidas em relatos de pessoas que realizaram o percurso acompanhadas de amigos e até mesmo nos relatos daquelas que realizaram o percurso sozinhas pelo Pico Paraná. A análise dos Cadernos de Cume permite afirmar que esses sentimentos podem estar relacionados também com o triunfalismo, elemento da experiência no Pico Paraná. Os segmentos a seguir permitem constatar as manifestações que essa montanha – quanto a sua imponência e natureza – provocam nos visitantes, que a vinculam à felicidade, à realização e aos diferentes sentidos do corpo humano:

- **Sorrindo a toa** vendo essa exuberante natureza! Pico Paraná, com humildade vim aqui viver tudo que nos presenteia com toda sua beleza e imponência. Meus **olhos vêm** isso tudo e **o coração pulsa!!!** Admiração e respeito por ti PP! (1833).
- Sou mais um Henrique desse mundão, mas sou um Henrique **feliz e realizado** pois conquistei essa montanha (286).
- Eu precisava desse dia, desse fds. A **felicidade** é compartilhada (1601).
- Erradiando **alegria!!** (328).
- A **alegria** de quem está nas montanhas” (734).

Os registros demonstram que a montanha estimula, de forma intensa e vibrante, diferentes sensações. Estar na montanha proporciona estímulos visuais, olfativos, sonoros, entre outros, ou seja, dos sentidos humanos ou então do conjunto deles (MATEIRO, 2015). Contemplar o pôr do sol, sentir o cheiro da floresta, apreciar o silêncio de estar no cume ou ouvir os sons dos bichos são alguns estímulos que despertam as mais diferentes sensações. Os relatos de cume indicam que a experiência no Pico Paraná altera a noção de tempo – o que confirma a experiência de fluxo de Csikszentmihalyi (1992) – e proporciona as mesmas sensações da primeira vez. Como veremos a seguir, a palavra “sensação” é encontrada em vinte e três segmentos dos relatos de cume para expressar a experiência de forma diferenciada:

- Pico Paraná tu é foda! Muito obrigado por nos proporcionar essa **explosão de sensações** (346).
- A sensação de ter conseguido é **muito boa** (1367).
- Primeira vez no PP sensação **indescritível** (1369).
- Realmente **indescritível** a sensação de estar aqui no cume do PP, apreciando a vista e a imponência dessa majestosa montanha (1500).
- Sensação **indescritível** que a vida seja feita dessas sensações (1513).

- Sensação **incrível!!!** (378; 1454).
- As sensações de retornar a este paraíso **são as mesmas** da primeira vez sempre (636).
- Se **faz sentir**, faz sentido... Nem sei que dia é hoje! Lembrei: 05/05/2019 (347).
- Não sei como descrever o que estou sentindo nesse momento, não tem nem como descrever essa **sensação de liberdade** (1221).

O Pico Paraná está localizado na Serra do Mar, essa composta por uma floresta densa e ainda protegida por lei. O Pico Paraná, conforme demonstrado em vinte e sete segmentos nos relatos de cume, é um ambiente propício para sentir paz. A análise desse material indica que a paz no Pico Paraná remete à tranquilidade, à calma e à serenidade tanto consigo mesmo como com quem está em sua volta. O Pico Paraná, para algumas pessoas, é um lugar de sossego, de ausência de barulho e agitação. É um sentimento presenciado na montanha e que é levado também no seu retorno:

- O sentimento de **solitude, paz, aconchego, tranquilizante** (1406).
- O dia transcorreu em **paz** (1412).
- Sensação incrível de **paz** (1514).
- Agora é retornar para casa com o coração cheio de **paz**, amor e luz (1254).

Pautado no objetivo dessa pesquisa – que é analisar a experiência de montanha no Pico Paraná através dos Cadernos de Cume – é interessante buscar diretamente pela palavra “experiência” nos relatos de cume. De uma maneira geral, essa experiência no Pico Paraná é definida como algo grandioso. Para descrever essa grandiosidade foram utilizados adjetivos como “incrível”, “sensacional”, “grande”, “linda”, “única”, “maravilhosa”, “melhor”, “indescritível”. Esses relatos indicam ser uma experiência memorável ou ainda uma das melhores experiências da vida – com sentimento de gratidão por ter vivenciado ela. Não foram identificados relatos que demonstrassem uma experiência negativa.

Outro elemento de sustentação da categoria AGONIA E ÊXTASE se refere à *recompensa da montanha*. Entende-se como compensador a ideia de substituição de uma coisa ou efeito por outra, enquanto recompensa se refere à prêmio. Pomfret (2006) explica que ao mesmo tempo que o montanhismo proporciona recompensas únicas como alcançar o cume de uma montanha, sentir-se fisicamente bem ou poder desenvolver novas habilidades técnicas, o indivíduo precisa enfrentar certas dificuldades para atingir esses benefícios, por isso a dicotomia das emoções experimentadas. Assim, entende-se que a experiência denominada agonia é substituída por outra positiva e mais intensa, o êxtase, que representa uma recompensa.

Para analisar esse elemento de *recompensa da montanha* foram considerados relatos de cume do Pico Paraná que apresentaram conjunções adversativas, tais como: “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “no entanto”, “se não”, “não obstante”, “ainda assim”, “apesar disso”,

“mesmo assim”, “ao passo que”. São conjunções que fazem a ligação dessa ideia da experiência da agonia para o êxtase. Também foram considerados os relatos que não utilizaram essas conjunções, mas que demonstraram essa experiência compensadora. Ao final foram encontrados 144 segmentos formados por frases simples ou parágrafos que evidenciavam essa dualidade de sentimentos e emoções.

As análises desses relatos indicam que pela característica geográfica de sua localização, essa dicotomia de sentimentos pode ser influenciada pelas condições climáticas não favoráveis durante a ascensão da montanha. Porém essas adversidades foram recompensadas-pela vista ou por presenciar algo único, como o nascer ou o pôr do sol, o mar de nuvens, a noite estrelada, entre outros. Essa experiência estética (BEEDIE, 2003) do cume do Pico Paraná deve ser considerada como fundamental para essa experiência compensadora. O relato a seguir demonstra em parte a expressão desses sentimentos contraditórios: “depois de dois dias com muito **sofrimento e risadas**, conseguimos chegar no cume, frio tava **muito frio**, mas **valeu a pena** ver o nascer do sol” (339).

É interessante notar a dicotomia expressa nos relatos sobre a trilha do Pico Paraná, que foram dos sentimentos de incompreensão e de autocrítica ao estado de satisfação e orgulho de atingir o topo da montanha. A noite apavorante de chuva e raios é recompensada pela vista inexplicável e por ter conseguido atingir o cume na sua primeira tentativa.

Desde que comecei a subir o PP eu ficava pensando **que droga** estou fazendo aqui e quanto mais perto do cume chegava, mais **idiota** eu achava a ideia de subir aqui, mesmo assim foi muito **gratificante** ter conseguido em minha 1ª tentativa, mesmo depois de uma noite um tanto quanto **aterrorizante**. Muita chuva e uma tempestade de raios em que a barraca não deixava de se iluminar por causa dos raios. Pare a **vista é muito incrível** mesmo agora mais fazer a última parte e descer (649, com correções de escrita).

Outros exemplos que sustentam a ideia de recompensa da montanha na categoria AGONIA E ÊXTASE:

- Pico do Paraná, primeira vez de **muitas outras...** 4:45 de trilha, entre **medos, aflições, superação** e muito **orgulho** chegamos ao topo (707).
- Pico Paraná. Primeira vez que tive a oportunidade de vir, com muito **medo, trauma de altura**, com pensamentos...de **desistência...** Mas a **vontade de vencer e se orgulhar** de mim mesmo, faz as conquistas e superações. A **recompensa** de chegar em cima do morro, **não tem explicações**, só agradecer à Deus por essa benção. Obrigado Senhor!!! (708).
- Não sei contar quantas vezes pensei em **desistir**, a sensação de finalmente estar aqui é **indescritível** (1437).
- Mais uma vez aqui apesar de todo o **sacrifício** estar aqui é **imensurável** (1232).

- Puta que pariu! Como foi fodida essa montanha! **Perrengue** pra caralho! Mas é isso tudo que faz isso daqui **valer à pena**. Maravilhoso! Você se sente super **realizado** (1605).

No relato 707, apesar das dificuldades retratadas pelo medo e aflições, o sentimento de orgulho é indicado como destaque (ideia do triunfalismo), o que demonstra uma experiência positiva confirmada com a perspectiva de retorno. Isso também ocorre nos relatos 708 e 1437, quando o pensamento de desistência é suprimido pela vontade da conquista (do triunfalismo), que é descrita como inexplicável. Igualmente ocorre nos relatos 1232 e 1605, em que o esforço despendido na subida da montanha – dificuldades físicas e do local – e todas as demais adversidades são recompensadas quando se alcança o cume.

Na análise dos relatos de cume é possível identificar o termo “valeu” em trinte e dois segmentos. Apesar do "esforço", do “sofrimento”, de “cada dorzinha”, da “caminhada difícil”, entre outros, "valeu a pena". Esse termo é entendido como uma expressão de agradecimento ou de gratificação. Nesses casos, confere também uma ideia de compensação.

Os relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram identificar termos que expressam a *Montanha da Emoções* e a *Recompensa da Montanha* e que sustentam a categoria AGONIA E ÊXTASE, entendida como a experiência que provoca emoções intensas – ou até mesmo antagônicas – no Pico Paraná. A análise dos relatos de cume remete à experiência do *flow* (ou fluxo), quando indicam a condição de absorção total na prática do montanhismo, despertando fortes emoções (positivas e negativas), apesar do contexto e das dificuldades (STRASSBURGUER, MACKE, 2010; MATOS; SÁ; DUARTE, 2021).

Os achados dessas análises comprovam o que foi afirmado pelo pesquisador Pomfret (2006), que o montanhismo está diretamente envolvido à fortes experiências emocionais. Os relatos de cume também revelam emoções contrastantes vivenciadas no Pico Paraná, como o medo e a alegria que, conforme Swarbrooke et. al. (2003), evidenciam o caráter incerto da atividade, os riscos da aventura e as dificuldades que algumas etapas dessa experiência podem proporcionar uma dicotomia de emoções. As emoções expressas nos registros do Pico Paraná indicam a experiência extraordinária de Duerden et. al. (2018), em que a montanha atrai e prende tanto a atenção do indivíduo que provoca fortes reações subjetivas através da emoção, descoberta e/ou mudança.

Quanto à experiência multissensorial em destinos de montanhas, os resultados corroboram Mateiro (2015). Quanto ao campo da visão, os resultados confirmam o que Beedie (2003) denomina de experiência estética. Por último, os relatos analisados sinalizam o que Quiu, Sha e Scott (2021) denominaram como experiência restauradora através da natureza,

relação que promove o alívio do estresse através de altos níveis de emoções positivas, baixos níveis de emoções negativas e sensação de satisfação.

4.1.3 Transcendentalismo

“Estar nesse lugar revigora minhas energias, aumenta minha confiança e minha fé” (1832).

Pfister (2000) observou que a atratividade das montanhas pode se dar pelo “mistério e o valor espiritual das viagens para locais inacessíveis, menos conhecidos e remotos nas regiões montanhosas” (p. 116, tradução nossa). Para ele essa atração envolve as crenças ou os elementos não materiais da cultura que dão significado às montanhas como lugares sagrados.

Algumas viagens são reconhecidas por proporcionarem experiências que podem mudar a maneira de ver e viver a vida. Ou seja, tem um suposto poder de autoconhecimento e ressignificação. Nesse sentido, a análise dos relatos de cume possibilitou afirmar que o Pico Paraná evoca um senso de transcendentalismo. Ao considerar o sentido da palavra (não filosófico), a montanha possui significados que suscitam uma ideia de mudança para a pessoa e para a sua vida.

O Pico Paraná é o ponto culminante do sul do Brasil e os relatos de cume expressam essa proximidade do céu como mais próximo do divino, o que causa também um sentimento nostálgico por algum ente querido que já morreu. O que corrobora com Pfister (2000) que afirma que as pessoas procuram as montanhas para vivenciar a natureza na sua forma mais pura. Os relatos indicam que as dificuldades da trilha proporcionam o que representaria um novo olhar sobre si mesmo. Os registros indicam que a montanha ensina e que seus aprendizados se estendem para além do momento de contato. A experiência no Pico Paraná evoca pensamentos sobre a vida, sob ângulos reconhecidamente distintos do ordinário (URRY, 2016).

Dessa forma, é possível considerar o transcendentalismo como sinônimo de espiritual, independente de religião (HALIM, TATOGLU, HANEFAR, 2021). Além disso, essa categoria também considera o autoconhecimento dessa experiência, o contato com a ideia de Deus/divindades, as mudanças que podem ser levadas para a vida e para as suas relações sociais. Nessa categoria foram considerados três elementos de sustentação: i) *Divino*; ii) *Interiorização*; iii) *Reflexões sobre a Vida e a Montanha* (TABELA 10).

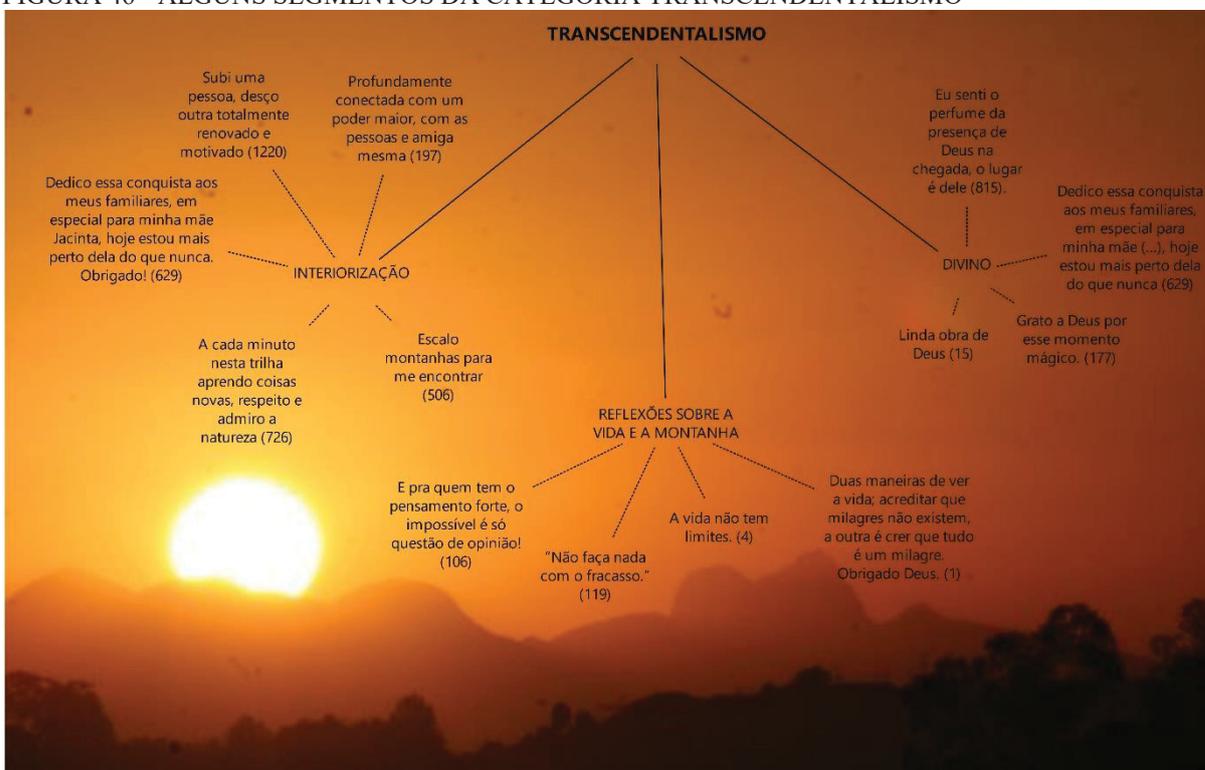
TABELA 10 - CATEGORIA TRANSCENDENTALISMO

	SEGMENTOS	FREQÜÊNCIA
Divino	384	53
Reflexão sobre a Vida e a Montanha	238	33
Interiorização	98	14
TOTAL	720	100

FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Na FIGURA 46 apresentam-se alguns segmentos dos relatos que justificam a categoria Transcendentalismo.

FIGURA 46 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA TRANSCENDENTALISMO



FONTE: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Pico Paraná, modificado de SCHLENKER (2015).

O primeiro elemento de sustentação nomeado como “*Divino*” remete ao valor espiritual da experiência. Os relatos de cume indicam que o Pico Paraná é um lugar sagrado, de maior proximidade ou contato com o divino, independente de religião. Também foram considerados os relatos que expressam sentimento nostálgico com entes queridos *in memoriam*. Essa montanha também tem o sentido de promessa para si mesmo ou para alguém. A espiritualidade do indivíduo é expressa nos relatos através do uso de nomes como Deus, Senhor, Jesus, Jah,

Gaia, entre outros nomes relacionados ao divino. Foram considerados os relatos em forma de agradecimentos e dedicatórias a esse divino, bem como trechos da bíblia.

Dos 1.984 registros analisados, 346 mencionam “Deus”, termo mais utilizado e com maior representatividade nos Cadernos de Cume do Pico Paraná. Outros nomes também foram considerados nessa etapa, como Jesus, Senhor, Jáh, entre outros. É possível encontrar relatos em forma de agradecimento, ou então, em estilo “carta” para Deus, bem como relatos de reflexão ou motivacionais valorizando a vida, a natureza ou aquele momento mais próximo com o divino.

A análise dos relatos de cume possibilitou identificar que as palavras “agradeço” (24), “gratidão” (18), “grato” (7) e “obrigado/a” (147) são acompanhadas pelo termo Deus. São relatos de agradecimento a Deus por ter conseguido atingir o cume do Pico Paraná (o que remete também a categoria TRIUNFALISMO), pela natureza que existe nela, pela vida, pela força e pela saúde para realizar a conquista do cume. Os agradecimentos a Deus também se referem à família e aos amigos presentes ou não. Agradecimento a Deus pela oportunidade dessa vivência, pelo dia e pelo momento vivenciado. É possível constatar que alcançar o cume não é uma tarefa fácil para alguns (relatos 829, 58, 1249) mas é um privilégio (relatos 1838, 1614, 1148). Os relatos demonstram que a experiência de montanha no Pico Paraná tem o sentido de reconhecimento, de valorização e de agradecimento a Deus.

Segmentos identificados como “Glória a Deus” e “Graças a Deus”, podem ser considerados expressões utilizadas para demonstrar agradecimento e gratidão, mas também tem a conotação de alívio em relação a algo (no caso, ao desafio de alcançar o cume do Pico Paraná). São esses relatos: 1493, 1191, 128, 315, 568, 1311, 67, 1019, 1025, 153, 657, 1670, 1859, 1010, 624, 375.

A análise dos Cadernos de Cume também identificou relatos que elogiam ou descrevem Deus e que dá a entender como expressão para relacionar ao lugar ou ao momento experimentado no Pico Paraná. Por exemplo, quando afirmam “Deus é maravilhoso” (1744, 314, 686, 839, 1293, 324, 961, 840); “Deus é incrível” (950); “Deus é mais” (1245, 60); “Deus é perfeito” (854, 864, 770); “Deus é top” (1262); “Deus é tudo” (789, 952); “Deus é amor” (1906); “Deus é bom” (368, 836, 853, 163) ou “Deus é bom o tempo todo” (1709, 37, 1402, 910, 202, 763, 402); “Deus seja louvado” (552, 1596, 1861, 1724, 557, 1717, 718).

Com relação ao Pico Paraná, alguns relatos de cume o descrevem como inspiração divina ou lugar sagrado: “Linda montanha criação de Deus” (1197); “Magnífica criação de Deus” (853); “Maravilha de Deus” (1061); “Linda obra de Deus” (15); “Obrigado Deus, por poder admirar suas obras” (593); “Que obra divina deixada pelo Senhor” (591); “Linda

paisagem que Deus criou” (143); “Beleza de Deus!” (311); “montanha sagrada” (1859, 1254); “Templo de admiração” (547).

Por ser o ponto mais alto do sul do Brasil, outros relatos de cume descrevem o Pico Paraná como um local mais próximo de Deus: “Eu quero agradecer a Deus por essa conquista de ter chegado até aqui certamente agora me sinto mais próximo do Papai” (941); “Eu vim até o topo do PP e até aqui Deus está presente!” (1333); “No coração carrego pessoas e na cabeça muitas dúvidas que espero somar, tão próximos de Deus” (636). “Eu senti o perfume da presença de Deus na chegada o lugar é dele” (815). Atingir o cume do Pico Paraná também é considerada uma “benção” (relatos 273, 1324, 1577).

De outra parte, os Cadernos de Cume são utilizados para fazer pedidos a Deus, seja para si próprio e/ou para o outro: “Deus cuida de mim. Deus cuida de mim. Eu amo Deus” (1312); “Deus dê saúde a minha família e ilumine meu caminho!” (791); “Deus ilumine nosso caminho!!” (493); “Muito obrigado Deus por toda saúde e competência que me deste!” (1179); “Pedi socorro a Deus o Senhor Jesus para salvar nosso Brasil” (1840). Outros segmentos utilizam a palavra “abençoe”, por exemplo “Que Deus abençoe todos que passarem por aqui” (186), “Deus abençoe essa maravilha” (919), “Deus abençoe minha família, amigos e todos os trilheiros do PP” (1080). Tais relatos demonstram o Pico Paraná como um tempo divino e o caderno de cume uma forma de oração ou contato direto com Deus – independente de religião.

Alguns trechos bíblicos são utilizados nos Cadernos de Cume e que corroboram o significado do Pico Paraná como um lugar relacionado ao divino:

- As alturas dos Montes pertencem a Deus (609).
- Elevo meus olhos para os montes... De onde virá o socorro? É do Senhor que fez os céus e a terra e o mar! (1248).
- Glória a Deus nas alturas (40).
- Aqueles que confiam no Senhor serão como os Montes de Sião que não se abalam mas permanecem pra sempre (407).

A análise dos relatos possibilita afirmar que a experiência de estar no cume do Pico Paraná provoca um sentimento nostálgico ou de saudosismo por alguém já falecido. É como se a montanha aproximasse o contato com essa pessoa. São relatos que trazem emoção de amor e gratidão. São exemplos:

- Dedico esse cume ao meu filho que foi morar com Deus a 13 dias. (...) Foi o mais difícil desafio da minha vida, mas creio em Deus e agradeço. Meu querido filho foram 48 dias de vida. Obrigado o pai ama você (1046).
- Dedico essa conquista aos meus familiares, em especial para minha mãe (...), hoje estou mais perto dela do que nunca. Obrigado! (629).

- Obrigado Deus por mais esta oportunidade e mãe onde você estiver essa foi para você. Te amo tô com muita saudade, um dia iremos se reencontrar (1568).
- Deus. Eis-me aqui novamente mais perto de ti, aqui neste maravilhoso PP, venho agradecer pela compaixão que teve de minha mãe e levou ela para descansar, sei que meus pedidos eram pela cura dela, mas entendo que a cura verdadeira foi ela ir descansar contigo. Te peço que conforte meu coração, pois está muito difícil (...). Obrigado Senhor e peço perdão por alguma coisa que eu tenha feito errado (1287).

Por fim, esse elemento que sustenta a categoria TRANSCENDENTALISMO, que denominamos como *Divino*, remete, independente de religião, para o lado espiritual da pessoa em sua experiência de montanha do Pico Paraná. São relatos que demonstram fé e devoção, um contato íntimo e intenso com esse divino. O Pico Paraná significa maior aproximação com Deus e com entes queridos e, desse modo, representa um templo ou um lugar sagrado.

Por outro lado, denominamos de *Interiorização* as experiências no Pico Paraná relacionadas ao equilíbrio do corpo e da mente. A análise dos Cadernos de Cume permite afirmar que a experiência no Pico Paraná estimula aprendizados, autoconhecimento, renovação e bem-estar espiritual, o que promove a paz interior e a contemplação da natureza. Essa experiência suscita mudanças na esfera do comportamento e sobre o modo de ver o mundo. Alguns relatos que demonstram essas constatações:

- Se você chegou até aqui, você já uma **pessoa totalmente diferente** (288).
- Subi uma pessoa, desço outra totalmente **renovado e motivado** (1220).
- Superação e **autoconhecimento** (1770).
- Uma aventura de **autoconhecimento!** (1483).
- O **descobrimento de si** (1662).
- Ótima oportunidade de **autoconhecimento e reflexão** (805).
- Subida ao Pico Paraná sempre é tempo de **recomeçar** (512).
- Escalo montanhas pra **me encontrar** (506).

As análises dos relatos demonstram que a experiência de conquistar o Pico Paraná ou estar em contato com a sua natureza também apresenta o cunho de aprendizado, seja sobre superação, seja sobre ultrapassar limites. Esses ensinamentos proporcionam respeito e admiração por essa montanha e são ensinamentos levados para a vida. Exemplos de relatos:

- A cada minuto nesta trilha **aprendo** coisas novas, respeito e admiro a natureza. A natureza cura! Irei embora **renovada!** (726).
- A lição que a natureza nos dá é sempre grandiosa, e que bom que viemos de coração aberto para **aprender** com ela! (647).
- Hoje foi o dia que **aprendi** mais sobre os meus limites (1876).
- Muitas coisas ficarão aqui e levarei comigo **ensinamentos** para a vida inteira. Obrigado Jah por permitir estar aqui e contemplar esta maravilha da natureza. Saio daqui uma **pessoa completamente diferente...** energias e forças **renovadas** para continuarmos na luta por um mundo melhor (1450).
- Que a superação seja o maior **aprendizado** dessa caminhada. Aqui, manifesto minha gratidão, minha admiração pela natureza (628).

- Primeiros passos de uma **nova vida** (518).
- Agora é retornar para casa com o coração cheio de **paz, amor e luz** (1254).

De acordo com os relatos de cume, o Pico Paraná, por sua imponência e por ser o mais alto do sul do Brasil, se configura como um local de mistério, de poder, de fortalecimento e de renovação pessoal: “A montanha sabe o segredo da vida, e ela veio me falando pelo caminho (1604)”; “Muita neblina, mas o lugar tem um poder incrível!” (423); “PP é emoção, é a força da floresta e das montanhas que nos renova e nos fortalece” (238); “Estar nesse lugar revigora minhas energias, aumenta minha confiança e minha fé” (1832); “Profundamente conectada com um poder maior” (197).

Para algumas pessoas, o Pico Paraná representa a vida no seu sentido mais puro, essa afirmação é comprovada através dos relatos: “(...) podendo sentir a natureza, contemplar toda imensidão dessa belíssima vida” (416); “Redescobrir o valor da vida, amor e paz” (1433); “Respiro o ar da vida” (713); “Daqui de cima conseguimos presenciar a mais pura e perfeita perfeição da vida” (1956); “Aqui estamos desfrutando da vida e do universo novamente” (1806).

A análise do componente *Interiorização* nos relatos de cume permite entender que o Pico Paraná é um local que proporciona experiências além da esfera física ou corporal, mas também de cunho espiritual e mental. Isso é percebido pelos segmentos que enfatizam a experiência como de aprendizado e autoconhecimento.

Por fim, o último elemento que sustenta a categoria TRANSCENDENTALISMO foi denominado de *Reflexões sobre a Vida e a Montanha*. A montanha sempre esteve presente nos discursos sobre superação – tanto na vida quanto no empreendedorismo – e geralmente é associada à representação da vitória. Nesse sentido, alguns relatos chamaram a atenção pela sua forma de escrita, por meio de reflexões, frases motivacionais ou divagações sobre a vida ou sobre a montanha e a natureza. Pode também se dar também através de trechos de música ou livro, geralmente colocados entre aspas. São segmentos que fazem paralelo entre a subida e a conquista da montanha com aspectos da vida pessoal e social. Esses segmentos indicam uma experiência de reflexão e de aprendizado que podem ser levados além da montanha.

Os segmentos foram selecionados através das leituras e das codificações iniciais. Foi uma categoria desafiadora para interpretar. Até a escrita desse relatório final, ela estava separada como um conjunto à parte. Porém, integrá-la na categoria Transcendental pareceu encaixar melhor tendo em vista que a reflexão também é parte de uma interiorização e a montanha pode significar um lugar de inspiração, de sentimentos e de sensações. Destaca-se

que os segmentos de reflexão sobre superação, conquista e desafio foram considerados dentro das categorias correspondentes do Triunfalismo.

Ao considerar, de modo complementar, a frequência de palavras do componente *Reflexões sobre a Vida e a Montanha* no software MaxQDA, o termo “*vida*” é a palavra que mais se repete. Esse termo é externado através de divagações ou frases motivacionais:

- Duas maneiras de ver a **vida**; acreditar que milagres não existem, a outra é crer que tudo é um milagre. Obrigado Deus (1).
- E se você pudesse se sentir completo, você mesmo, toda sua existência e então entendesse porque vivemos... para vir perder o folego acima das nuvens. Viver a **vida**, sem medo de ser (43).
- Não existe **vida** no talvez... (223).
- Agradeça tudo o que aconteceu em sua **vida**, pois cada acontecimento te trouxe até aqui! Nascimento: 20/01/1998; Morte: ?? (239).
- A **vida** é um sopro. Você leva o que vive. Não tenha medo (272).
- Tudo na **vida** tem um sacrifício, mas no final tem uma vitória (1245).
- Seja como água, contorne os obstáculos. Tudo na **vida** e vencer: lute (1482).
- Trilheiro. Você é muito mais do que pagar as contas e morre. A **vida** feita para ser vivida, não sobrevivida (1821).

Como é possível verificar, são relatos direcionados a alguém ou escritos como um pensamento sobre a própria vida. Existem também relatos mais elaborados e mais profundos, que trazem elementos da natureza, da montanha ou da vida, como:

Desejo a todos que leem, que levem a **vida** com a leveza da brisa do topo desse cume, que cresçam na vida como crescemos nas adversidades dessa trilha, que enxerguem a beleza da vida como enxergamos essa natureza ao redor. Que você se sinta grato e amado pelo universo, que você seja tão parte desse mundo como uma brisa, como um entardecer, uma tempestade. Que a **vida** te traga o amor que você propaga! (628)

É possível inferir que a pessoa que escreveu o relato acima (628) tinha a intenção de que outras pessoas o lessem. Ele pede para que as pessoas se posicionem diante da vida da mesma forma como se estivessem no cume de uma montanha. Conclui-se que os ensinamentos da experiência no Pico Paraná estão presentes nos pequenos detalhes e podem ser utilizados para qualquer situação. Outro relato (1200) interessante, em estilo poético, reflete sobre o que as montanhas são e o que elas transmitem:

Montanhas e água são, exatamente agora, a realização do despertar do "espírito". Seja ele a cruz de cristão, a compaixão dos orixás, a árvore do buda. Elas, imóveis, se conformam com o que são! E assim percebem a completude. Porque as montanhas e águas tem estado ativas desde antes da vazia eternidade, estão vivas neste momento. Porque tem sido o "eu" desde antes do despertar da forma. Porque as montanhas são altas e largas, a maneira de andar sobre as nuvens é sempre alcançada nas montanhas, o poder inconcebível de flutuar no vento emana livremente das montanhas.... Para as montanhas não faltam as qualidades das montanhas. Elas não pretendem ser nada mais

do que montanhas - e assim, sempre se confirmam com tranquilidade e sempre caminham, ainda que imóveis... Embora as montanhas pertençam a "nação", elas pertencem às pessoas que a amam. (...). Vagalumes ainda comemoram o natal, estrelas cadentes, mar de nuvens e muitos amigos! Como essa pedra no cume veio até aqui? (1200)

É interessante notar que, para essa pessoa, a montanha vai além de um objeto/lugar, ela sempre esteve presente, antes mesmo da existência humana. A montanha é, segundo esse relato, um lugar que proporciona experiências singulares, como “andar sobre as nuvens” e “flutuar no vento”. Ao final, a pessoa afirma que, independentemente do local em que estejam localizadas, elas “pertencem às pessoas que a amam”, ou seja, as montanhas podem provocar essa emoção pura, intensa e de pertencimento.

Outro relato que segue nesse contexto – do ir além do aspecto geográfico e de formação do Pico Paraná – e que envolve afetividade com o lugar: “porque as montanhas que escalamos não são feitas apenas de rochas frias. São feitas de sonhos, desejos e encanto” (1033). Em outro relato, a pessoa reflete sobre a experiência de montanha:

Na madrugada do dia anterior fui questionado sobre o porquê de subir a montanha.... Mas, como de costume na minha vida, não consegui responder. Porém, no meio da trilha, lembro do que um professor de filosofia do ensino médio disse uma vez em sala de aula. "Experiência significa sair do perímetro" (...). Ex (fora) Periência (perímetro), antes que você pare de ler o assunto da aula não interessa no momento. Sair do perímetro das minhas vivências casuais (as quais a maioria dos truques você já dominou) e ir para o desconhecido. E é isso. Foram 8 horas e 15 minutos de trilha pesada. Que exigiram uma força que eu não tinha, uma paisagem sensacional e um sorriso no rosto meu e de meu amigo que tornaram isso uma experiência (611).

O interessante desse relato foi o de trazer o significado da palavra experiência. Na busca da etimologia desse termo, encontramos sua origem do latim *experientia*: "ex" (fora), "peri" (perímetro, limite) e "entia" (ação de conhecer, aprender ou conhecer). Portanto, é o ato de se aprender ou conhecer além das fronteiras (WIKCIONÁRIO, 2021). Ao trazer o significado da palavra, a pessoa conclui que a experiência no Pico Paraná é sair da sua zona de conforto, desafiar-se e, mesmo diante das dificuldades, fazer da experiência uma vivência recompensadora. O que confirma o sentido literal da palavra experiência.

A categoria TRANSCENDENTALISMO – sustentada pelos elementos *Divino, Interiorização e Reflexões sobre a Vida e a Montanha* – possibilita afirmar, através das análises dos Cadernos de Cume, que o Pico Paraná proporciona experiências de cunho espiritual (independente de religião), de reflexão, de autoconhecimento e de ressignificação. São aprendizados que ultrapassam os limites da montanha e são levados para a vida. Pelos relatos de cume, o Pico Paraná se apresenta para alguns como uma entidade (no sentido da ligação

entre uma pessoa e lugar) de devoção, de amor, de dor, de respeito e de admiração. O resultado confirma Pfister (2000), Richins e Hull (2016), Godde, et al. (1999); Markovic e Petrovic (2013) que afirmam que as pessoas procuram na montanha experiência a restauração da saúde física e mental, bem como o bem-estar espiritual e a sensação de renovação, contemplação e meditação. Essa análise também corrobora com Pfister (2000), que afirma que a atratividade das montanhas se dá pelo “mistério e valor espiritual”, pelos seus elementos não materiais que dão a elas o significado de lugares sagrados.

Os relatos demonstram o lado espiritual da experiência, evidenciado por Halim, Tatoglu e Hanefar (2021) que explicam que o turismo espiritual vai além do contexto da religião, pois compreende o ambiente natural, o significado pessoal e as relações entre mente, corpo e alma. Por último, os relatos possuem as características da experiência restauradora da natureza, conforme destacadas por Quiu, Sha e Scott (2021), que vão além da saúde física e recaem também no bem-estar psicológico e espiritual.

4.1.4 Reconhecimento Social

*“Um privilégio sem tamanho estar aqui com pessoas tão amáveis”
(1732).*

A categoria TRANSCENDENTALISMO se configurou na análise dos relatos de cume referentes à experiência do “eu” e do “divino”. A próxima categoria, denominada como RECONHECIMENTO SOCIAL, representa a experiência de montanha no Pico Paraná naquilo que emergiu como relacionado ao meio social. Aqui serão analisados os relatos que consideraram o “outro” e a “sociedade” em que vivem. Serão apreciados os segmentos que trouxeram algum tipo de informação sobre a companhia presente na atividade e que contribuíram para a experiência de montanha. Também foram considerados relatos de agradecimento, dedicatória, homenagem e declaração a alguém, presentes ou não na experiência no Pico Paraná – todos reveladores de conexões do indivíduo com a sociedade a qual pertence e mais diretamente aos seus círculos sociais mais próximos. Foi possível identificar nos Cadernos de Cume relatos que externaram alguma preocupação social do Brasil. Para essa análise, a categoria RECONHECIMENTO SOCIAL está sustentada pelos elementos *Companhia de Montanha, Reconhecimento ao Próximo e Sociedade*.

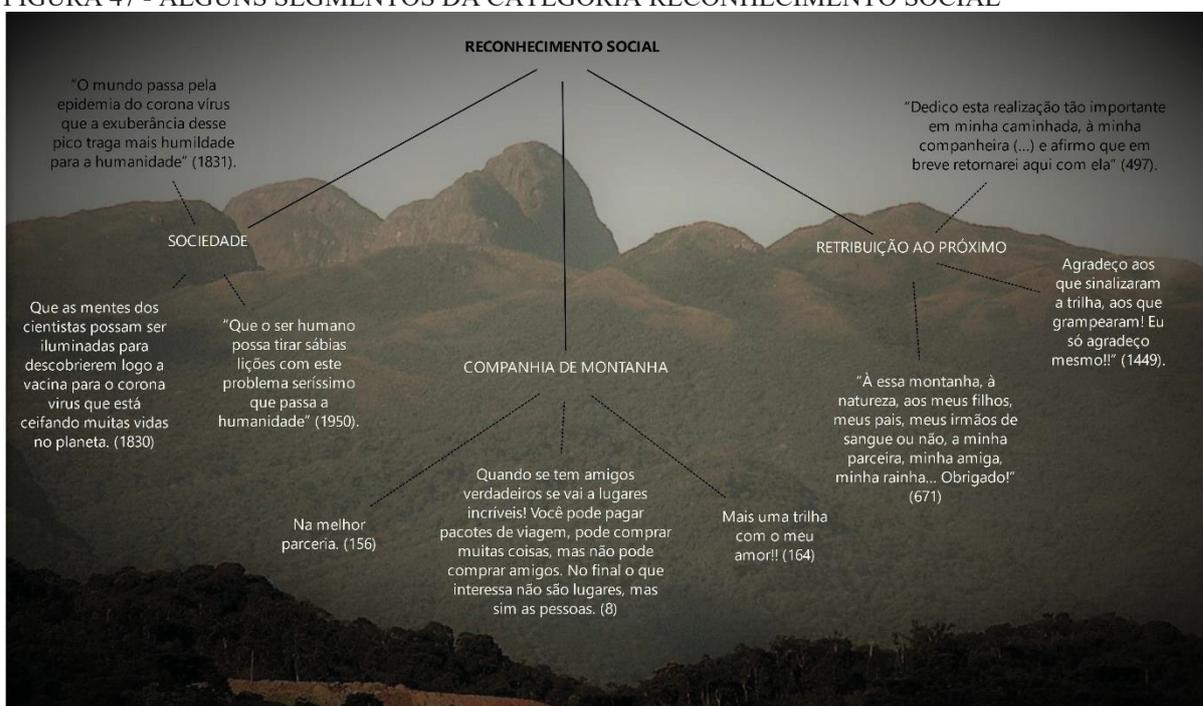
TABELA 11 - CATEGORIA RECONHECIMENTO SOCIAL

	SEGMENTOS	FREQUÊNCIA
Retribuição ao Próximo	291	76
Companhia de Montanha	62	16
Sociedade	29	8
TOTAL	382	100

FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Na FIGURA 47 estão elencados alguns segmentos dos relatos dos Cadernos de Cume do Pico Paraná que expressam a categoria RECONHECIMENTO SOCIAL. Posteriormente, esses segmentos serão analisados separadamente.

FIGURA 47 - ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA RECONHECIMENTO SOCIAL



FONTE: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Pico Paraná visto de Quatro Barras, modificado de SCHLENKER (2015).

A análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná possibilitou identificar relatos que expressam a presença da companhia com quem está sendo compartilhado o momento da experiência, seja amigo ou família. É possível afirmar que essa companhia de montanha contribui na motivação para ultrapassar as dificuldades da trilha e superar os medos. Entende-se que a companhia pode proporcionar mais tranquilidade e mais alegria durante a experiência no Pico Paraná. A análise dos relatos permite afirmar que a montanha suscita ideais de união entre pessoas, estreitamento de laços afetivos e fruição de momentos singulares na companhia

de pessoas tidas como especiais. Assim, a companhia tem mais um sentido de parceria, solidariedade, cumplicidade e atenção ao próximo. Esses relatos de cume foram identificados como *Companhia de Montanha*.

Os relatos demonstram que o Pico Paraná é visitado por família, seja em companhia do namorado (a), esposo (a), filhos ou outros parentes como tios, primos, entre outros. Nesse aspecto, a experiência de montanha se torna especial e envolve um sentimento de alegria, orgulho e união. O segmento (21) representa esse sentimento:

Hoje, após 20 anos eu consegui ao Pico Paraná junto com minha filha. Estou cumprindo uma promessa e trazendo o outro par do sapatinho com minha filha. Trouxe quando ela estava nascendo. Trago com ela o outro par (21).

É possível perceber a simbologia que o Pico Paraná representa para esse pai que, em companhia da filha, cumpre uma promessa em voltar a essa montanha décadas depois com um objeto representativo da vida deles. Isso demonstra o valor que o Pico Paraná tem para esse pai e a emoção em ter a companhia da própria filha nesse lugar. Como descrito a seguir, a companhia do filho (a), do do pai ou da mãe aparece em outros relatos:

- 1ª vez do meu filhão que seja a 1ª de muitas (1178).
- A persistência realiza o impossível.... Já fazem 21 anos da 1ª subida e hoje mais uma vez aqui com meu filho... (645).
- Terceira vez PP com a presença ilustre do meu pai! (1414).
- (...) eu e meu filho João Augusto, sempre juntos!!! (1194).
- Aos 49 anos consegui a conquista do PP na companhia do meu filho de 19 (23).
- Agradeço ao meu filho pela confiança em mim e pela coragem de trazer sua mãe de quase 64 anos para contemplar toda essa beleza” (...) Valeu, meu filho! (1498).

É interessante perceber a união entre o lugar de vínculo afetivo com a companhia de uma pessoa especial, seja um filho (a), um pai ou uma mãe. Infere-se, desse modo, que o afeto pelo Pico Paraná ganha laço para replicação de sentidos e valores entre gerações. Isso torna a experiência memorável e de grande valor para aqueles que a vivenciam. O mesmo ocorre com esposo (a), namorado (a) e amigos, como a seguir:

Quando se tem amigos verdadeiros se vai a lugares incríveis! Você pode pagar pacotes de viagem, pode comprar muitas coisas, mas não pode comprar amigos. No final o que interessa não são lugares, mas sim as pessoas (8).

Para essa pessoa, a amizade é tão importante quanto o lugar visitado. Nesse caso, entende-se que a experiência no Pico Paraná se tornou especial pela presença dos amigos.

Outros segmentos demonstram essa relação da companhia com a experiência positiva e memorável no Pico Paraná.

- (...) dessa vez mais especial, com meu marido lindo aventureiro! Ele quem me inspira e motiva a chegar aqui! (1195).
- Um privilégio sem tamanho estar aqui com pessoas tão amáveis (1732).
- Nada se compara estar no topo do Sul do País com pessoas maravilhosas (1887).
- Com os amigos tudo fica mais especial (1871).
- (...) “é sempre bom estar junto de quem amamos (1257).
- (...) “estamos todos juntos aqui no PP meus amores. Amo vocês (77).
- Estou acompanhado com amigos de verdade (988).

A partir dos relatos fica evidente que a experiência de montanha se apresenta como singular também pela companhia de pessoas estimadas. Essa companhia é importante não apenas para dar força e coragem para a conquista do Pico Paraná, mas também para motivar e unir pessoas, como indicado nos seguintes segmentos:

- Amigos de décadas. A distância não separa nunca e o PP une ainda mais (743).
- A parceria foi incrível que me deram força e garra para não desistir (969).
- Agradeço ao meu amigo que me mostrou o verdadeiro significado de companheirismo (1384)
- Quem tem amigos tem tudo! Só foi possível porque vocês apoiaram! (368).

Conquistar o Pico Paraná exige, principalmente para os praticantes iniciantes, preparo físico e psicológico. A análise dos relatos reforça que a companhia é um elemento adicional de apoio e estímulo que proporciona contornos amistosos à experiência. O companheirismo e a solidariedade fazem parte da cultura do montanhismo. Integra a ética da prática de montanha nunca abandonar o colega, mantendo-se sempre junto, como apoio e auxílio nas dificuldades. O Pico Paraná também se torna propício no estreitamento de laços, bem como no estímulo de novas amizades, o que sugere uma ampliação do círculo social: “novos amigos no PP” (1707), “E eu fiz tudo isso por amor a esses idiotas” (1238); “amizade acima de 1887m” (1436).

Outro elemento que sustenta a categoria RECONHECIMENTO SOCIAL é denominado de *Retribuição ao Próximo*. Através das leituras flutuantes e da fase de pré-categorização foram identificadas repetidas vezes palavras que remetem a agradecimento, dedicatória, homenagem e declaração para alguém, presentes ou não na montanha. A análise dos relatos permite afirmar que o Pico Paraná, após a longa caminhada até o cume, evoca sentimento nostálgico, de saudosismo e de gratidão.

Entende-se que o agradecimento é um sentimento de reconhecimento ou de retribuição a alguém, a algum objeto ou até mesmo a algum lugar. No caso do Pico Paraná, esses relatos

de agradecimentos estão presentes em palavras como obrigado (a), gratidão, valeu, agradeço (e seus similares). Esse conjunto de sinônimos é expresso em 291 relatos. É importante ressaltar que nessa categoria não foram considerados os relatos com agradecimentos a Deus – integrados na categoria Transcendentalismo. Alguns segmentos foram selecionados para demonstrar essa experiência de reconhecimento social:

- Agradeço minha companheira de jornada por estar ao meu lado mais um dia. Obrigado (...)! Agradeço meus amigos por estarem comigo nessa jornada. Agradeço minha família e antepassados por poder estar aqui (416).
- À essa montanha, à natureza, aos meus filhos, meus pais, meus irmãos de sangue ou não, a minha parceira, minha amiga, minha rainha... Obrigado! (671).

Os relatos demonstram o agradecimento à família e aos amigos presentes ou não no local, mas que contribuíram ou inspiraram de alguma forma para a experiência de montanha. É possível perceber o agradecimento à montanha e à natureza (relato 671) presente também em outros segmentos:

- Gratidão a montanha por me permitir, onde tudo é incidental (400).
- Gratidão as forças da natureza (360).
- Obrigada mãe natureza por permitir mais um cume! (213).

Segmentos como “obrigado Pico Paraná”, “obrigado PP”, “valeu Pico Paraná” ou “valeu PP” foram expressos dezessete vezes. O agradecimento ocorre em forma de recompensa por algo (reconhecimento) ou quando a pessoa dá importância a algo. Isso é perceptível nesses relatos de cume em relação ao lugar “Pico Paraná” e a outras pessoas que contribuíram para chegar ao cume: “Agradeço aos que sinalizaram a trilha, aos que grampearam! Eu só agradeço mesmo!!” (1449). Esse reconhecimento também é dado a si mesmo: “Gratidão a mim mesma por me trazer até aqui” (597).

Além dos agradecimentos, outras formas de retribuição ao próximo foram descritas nos segmentos em forma de dedicatória, homenagem ou declaração:

- (...) dedico essa trilha incrível a minha mãe, mãe eu me inspiro na senhora, mulher forte e incrível. Te amo! (1870).
- Para minha família que um dia subirá comigo (1092).
- Dedico esta realização tão importante em minha caminhada, à minha companheira (...) e afirmo que em breve retornarei aqui com ela (497).
- Dedico minha subida ao amor da minha vida (1066).
- (...) Essa é para vocês... Não esqueci de vocês.. Tá registrado (1502).
- Parabéns a todos os amantes de montanha por esta conquista (1499).
- Camille mais uma vez o sol brilhou no PP, aqui brilha muito, não tanto quanto o brilho dos seus olhos (169).

Os relatos de cume que expressam agradecimento ou dedicatória representam a lembrança e o reconhecimento pelo lugar para as pessoas presentes ou não na experiência – aqui denominados de *Retribuição ao Próximo*. Eles remetem ao sentimento de gratidão, consideração ou saudosismo que fazem parte da experiência do Pico Paraná. A ação de repensar a vida e as pessoas pode ocorrer por conta do tempo de caminhada, das dificuldades encontradas ou do sentimento de vitória.

Por fim, o último elemento da categoria RECONHECIMENTO SOCIAL é o que denominamos de *Sociedade*. Nas leituras flutuantes, foi possível constatar que os Cadernos de Cume também são utilizados para externar alguma preocupação ou mensagem de cunho político e social da situação atual do Brasil, relacionada a partidos políticos (favor ou contra), bem como registrar a torcida por algum time futebol. Não cabe nessa pesquisa tomar alguma posição nesse sentido, mas destaca-se aqui os relatos que evidenciaram a preocupação mundial com o desafio da pandemia do novo coronavírus, a COVID-19:

- Num momento que o nosso país vive um dos seus piores momentos, sendo atacado por uma epidemia e um futuro incerto de nossa economia. Estar nesse lugar revigora minhas energias, aumenta minha confiança e minha fé (1832).
- O mundo passa pela epidemia do corona vírus que a exuberância desse pico traga mais humildade para a humanidade (1831).
- Que as mentes dos cientistas possam ser iluminadas para descobrirem logo a vacina para o corona vírus que está ceifando muitas vidas no planeta (1830).
- Que o ser humano possa tirar sábias lições com este problema seríssimo que passa a humanidade (Coronavirus) (1950).

Independentemente de estar fora do seu local de residência, estar no cume do Pico Paraná evoca uma preocupação social ou uma afirmação política. Escrever no caderno de cume é uma maneira de registrar convicções e preocupações, tanto de cunho pessoal quanto com a sociedade de uma maneira geral.

As análises dos relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram identificar segmentos que expressam *Companhia de Montanha*, *Reconhecimento ao Próximo* e *Sociedade* e que sustentam a categoria RECONHECIMENTO SOCIAL. Foram analisados relatos que consideraram elementos do “outro” e da “sociedade”. Ficou constatado que a experiência de montanha no Pico Paraná é positiva e memorável quando se está acompanhado de uma pessoa especial, seja familiar ou amigos. Segundo parcela dos registros, o Pico Paraná estreita laços afetivos de confiança e de segurança. Constatou-se também que a montanha estimula a manifestação de gratidão, reconhecimento ou saudosismo, conforme demonstrado nos relatos escritos em forma de agradecimento ou de dedicatória e homenagem. Por fim, a experiência de montanha não se desprende de inquietações e aflições sociais, externadas em forma de

preocupação. Nesse sentido, a análise dos relatos de cume se caracteriza como uma experiência restauradora quando o indivíduo se percebe na sociedade e na sua interação com o outro, para Qiu, Sha e Scott (2021) o contato com ambiente natural pode melhorar ou reverter alguns desses desafios sociais.

4.1.5 Percepção do Sublime

“Um sonho realizado, subir a minha primeira montanha, estou em lágrimas, é lindo o que vejo” (1384).

Como já foi descrito no capítulo 2.3, o Pico Paraná é uma montanha diferenciada. Além de ser o ponto mais alto do sul do país, ela se destaca por seus contornos – visíveis a grande distância – e por ser um elemento presente em diversos quadros visuais da área urbana de Curitiba e cidades vizinhas. Para atingir o seu cume são necessárias horas de caminhada e escalada, ultrapassando subidas íngremes e trechos de difícil transposição. As condições meteorológicas da região podem mudar repentinamente e têm forte influência no resultado da experiência. O Pico Paraná está inserido no Bioma Floresta Atlântica, composto por uma biodiversidade singular e de destaque mundial. Do seu topo é possível ter contato com um panorama abrangente da Serra do Mar e com o litoral do Paraná.

Por conta desse contexto, o termo SUBLIME se adequa à realidade do Pico Paraná, entendido, no seu sentido mais elementar, como um adjetivo que define algo muito alto, perfeito, majestoso, poderoso, grandioso, belo, encantador, que tem características celestiais ou que provoca emoção, admiração e respeito (PRIBERAM, 2021; MICHAELIS, 2021). Com relação ao movimento do sublime no século XVIII, fase do Romantismo, a pesquisadora Gastal (2013, p. 213) explica que foi uma categoria estética que considerava os “aspectos extraordinários e grandiosos da natureza”. O Pico Paraná remete a ideia do sublime aos seus aspectos físicos, geográficos e estéticos, bem como à experiência nela vivenciada. Tais atributos são expressos nas análises dos relatos de cume.

A categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME surgiu a partir das análises dos relatos de cume que evidenciaram, na experiência do Pico Paraná, os elementos físicos, geográficos e estéticos dessa montanha, o que desperta a curiosidade e se transforma como ideal de vida. O entendimento sobre esses elementos contribui na interpretação da experiência, evidenciando o que se destaca sob o olhar do visitante, motivando-o a contemplar em registros no Caderno de Cume. Portanto, aqui serão analisados os aspectos quanto ao “lugar” Pico Paraná pautados em dois elementos de sustentação: *Atributos e Idealidade* (TABELA 12).

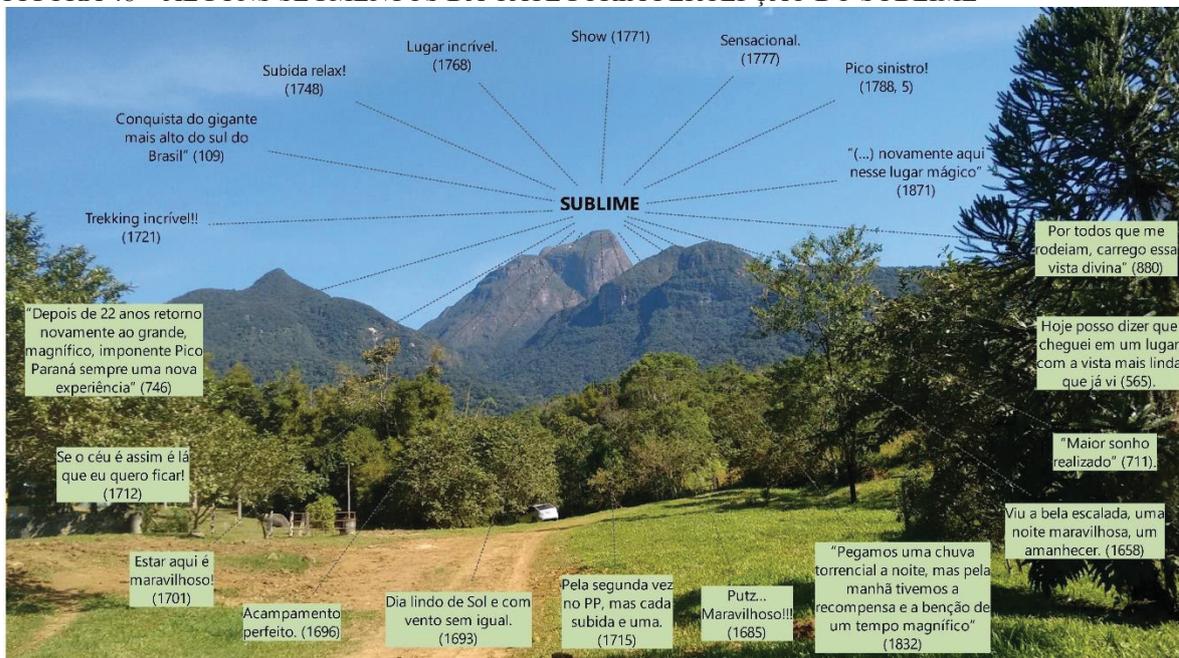
TABELA 12 - CATEGORIA PERCEPÇÃO DO SUBLIME

	SEGMENTOS	FREQUÊNCIA
Atributos da Montanha	473	86
Idealidade	80	14
TOTAL	553	100

Fonte: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Na FIGURA 48 constam segmentos que expressam a ideia do Sublime nos relatos do Pico Paraná, que serão descritos a seguir.

FIGURA 48 – ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA PERCEPÇÃO DO SUBLIME



FONTE: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Pico Paraná visto de Antonina, SCHLENKER (2015).

As análises dos relatos do Pico Paraná indicam que a paisagem tem influência direta na experiência do visitante. Nessa etapa serão analisados os relatos referentes aos aspectos físico, geográfico e estético do Pico Paraná, que denominamos de *Atributos da Montanha* e que sustentam a categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME. Foram considerados segmentos e palavras utilizadas para adjetivar ou descrever esse ambiente de montanha.

Após incessantes leituras e processos de codificações, foi possível identificar 13 características ou atributos para descrever o ambiente de montanha do Pico Paraná: Vista; Pico Paraná; Meteorologia; Altura; Lugar; Dia; Atividades; Trilha; Subida; Geral; Natureza;

Paisagem; “Trip”. A seguir serão descritos resumidamente os achados de cada atributo que evidencia a experiência de estar no Pico Paraná.

Entre esses atributos destaca-se a vista do Pico Paraná nos relatos dos Cadernos de Cume. A visão é o sentido do corpo humano fundamental para a experiência estética (BEEDIE, 2003), principalmente em ambiente de montanha. A análise identificou 107 segmentos referentes à vista do Pico Paraná e às situações especiais vivenciadas em seu cume, como o nascer e o pôr do sol, bem como aspectos da noite, como a lua e as estrelas.

Alguns exemplos sobre a vista: “subida foi longa, mas a vista é incrível” (428); “pare, a vista é muito incrível mesmo (...)”. Outro trecho que resume os achados:

Terceira vez por aqui... Primeira que o tempo estava show... Sempre me fodo com tempo ruim... Mas desta vez... Ta inacreditável o visual... Tipo aquelas fotos fudas que a gente vê por aí... Sol brilhando... Brisa suave... Nuvens feitas de algodão... A regra é simples... Você terá a vista da montanha que subir. (1182).

Outros segmentos que trazem os elementos sol, lua e estrelas que descrevem essa experiência estética: “(...) céu azul sem uma nuvem, noite com lua com 1 bilhão de estrelas” (1806); “toda a trilha o céu estava estrelado e a lua minguante lindona no céu” (1511);

Bom dia galera, 4x aqui no Pico Paraná, cada subida 1 dia melhor que o outro, pôr do Sol maravilhoso no A2, noite maravilhosa, com uma Lua perfeita nascendo bem branca e se pondo como uma Lua de sangue (1057).

Outro evento único possível de visualizar no alto do Pico Paraná é o “mar de nuvens”: “chegada ao topo, visual incrível, mar de nuvens e céu totalmente sem nuvens (727)”; “o visual está espetacular com mar de nuvens e poucos ventos (...)” (495).

A visão do cume pode ser tão surpreendente que causa grande comoção: “um sonho realizado, subir a minha primeira montanha, estou em lágrimas, é lindo o que vejo” (1384). Essa visão também pode remeter ao divino: “Deus nos abençoou com essa vista” (1324); “por todos que me rodeiam, carregue essa vista divina” (880).

Outros relatos trazem alguma mensagem reflexiva ou motivacional quanto à vista, tais como: “aprendi que essa subida se assemelha muito com a vida cheia de ladeiras intermináveis, seguidas de brisas e vistas incríveis” (629); “não desista, é a melhor vista” (1929). Nesse sentido, a vista do Pico Paraná é considerada a melhor dentre outras já vivenciadas: “a visão do topo do Sul do Brasil é a melhor que já tive oportunidade de apreciar” (843); “hoje posso dizer que cheguei em um lugar com a vista mais linda que já vi” (565).

Porém, alcançar o cume do Pico Paraná sem as melhores condições de visibilidade, típicas do céu limpo (azul) ou pôr do sol, não subtrai o encanto pelo Pico Paraná: “neste momento é sábado, sol atrás da neblina, não vejo Siririca, nem Caratuva, apenas 50 tons de cinza” (1405); “pouca visão mais uma super energia” (1923); “subimos contra muita água e sem a certamente bela vista da Serra e do litoral, mas valeu cada passo!” (1142); “não foi possível contemplar o horizonte, portanto, voltarei em breve” (463).

O Quadro 8 foi criado com o objetivo de organizar e facilitar a visualização dos demais atributos do Pico Paraná que sustentam a categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME.

QUADRO 11 – ATRIBUTOS DO PICO PARANÁ IDENTIFICADOS NOS CADERNOS DE CUME

	ASPECTOS GERAIS	SEGMENTOS OU ADJETIVOS UTILIZADOS	CONSIDERAÇÕES DAS ANÁLISES DOS RELATOS
Pico Paraná	Ser o ponto culminante do sul do Brasil é expresso em 95 segmentos e remete a adjetivos de superioridade, tais como: gigante, magnífico, imponente, grande e majestoso. Foram identificados 14 trechos que remetem o Pico Paraná a Deus, atribuindo qualidades de cunho espiritual.	“Depois de 22 anos retorno novamente ao grande, magnífico, imponente Pico Paraná sempre uma nova experiência” (746); “muito obrigado Pico Paraná por ser majestoso” (310); “venci o gigante do Paraná” (654); “trazendo uma turma incrível para esse cume magnífico” (178); “grandeza da tua obra” (192); “maravilha da tua criação” (405); “magnífica criação de Deus” (853); “porta do céu” (1337).	Esses adjetivos descrevem o Pico Paraná como um lugar de respeito ou temor, admiração ou veneração, devido a sua sublime beleza. Esses adjetivos dão um sentido de ostentação a essa montanha, pois impressiona os visitantes pela sua grandiosidade e beleza natural. As referências ao divino descrevem o lugar como transcendental, categoria já analisada anteriormente.
Meteorologia	O Pico Paraná, por conta de sua posição geográfica, pode apresentar mudanças meteorológicas de forma inesperada. 59 relatos fazem referências às condições climáticas, principalmente pelo mal tempo.	“Pegamos uma chuva torrencial a noite, mas pela manhã tivemos a recompensa e a benção de um tempo magnífico” (1832); “sabíamos que nesta época as chuvas e tempestades são frequentes. Não deu outra! Apesar do tempo ter sido perfeito para a subida nessa noite foi chuvosa e com raios” (647).	Esses relatos evidenciam que a experiência de montanha no Pico Paraná está vinculada com aspectos climáticos.
Altura	Foi constatado que estar no ponto culminante do sul do Brasil (com 1922 m) é referência direta em 45 relatos.	“Pico Paraná, o maior do Sul do Brasil” (741); “topo do sul do Brasil (1191); “Pico Paraná 1877 mts e 8 km de subida” (1925); “conquista do gigante mais alto do sul do Brasil” (109); “eu encontro a visão no topo do sul do país” (481); “no lugar mais alto do Paraná (830); “Rafaela (...) conquistou o maior pico	O uso de adjetivos relativos à altura do Pico Paraná (alto, topo, sul, Brasil, Paraná, culminante, maior, altura) está associada à vista do cume ou à categoria Triunfalismo (orgulho da conquista e de superação dos desafios).

		meridional do Brasil” (1436).	
Lugar	As qualidades do lugar foram expressas em 40 segmentos: “maravilhoso”, “incrível”, “lindo”, “mágico”, “sensacional”, “magnífico”, “surpreendente”, “espetacular”, “fantástico”, “o melhor lugar”.	“Lugar maravilhoso no alto da montanha perto da luz do luar” (241); “só para os raros esse lugar incrível...” (836); “(...) novamente aqui nesse lugar mágico” (1871); “um lugar sensacional” (1969); “o lugar é magnífico” (550); “o melhor do mundo” (1032).	São formas de descrição que atribuem excepcionalidade ou evidenciam o caráter extraordinário do Pico Paraná como um lugar incomum, dotado de elementos que fazem dele um lugar singular.
Dia	Elementos que definiram o dia no Pico Paraná foram encontrados em 31 segmentos. As qualidades atribuídas ao dia foram: “abençoado”, “incrível”, “lindo” e “lindíssimo”, “belo” e “belíssimo”, “maravilhoso”, “perfeito”, “top”, “excelente” e “alucinante”.	“Lindo dia para se estar no cume de uma montanha” (499); “dia simplesmente perfeito!!!” (1503); “excelente dia, sem sol rachando” (1301); “incrível este dia” (1933).	Esse atributo remete a uma experiência positiva no Pico Paraná e está vinculado ao lugar e, diretamente, aos aspectos meteorológicos já descritos.
Atividade	A atividade realizada foi identificada em 18 segmentos. A caminhada foi descrita como “boa”, “eterna”, “agradável”, “top”, “tranquila”, “perfeita” e “incrível”. O acampamento no Pico Paraná foi descrito como “impressionante”, “de macho”, “loko”, “show” e “maravilhoso”. A escalada foi descrita como “muito cansativa” e “bela”. Houve um relato que descreveu o parapente.	“Caminhada muito agradável” (1301); “acampamento no PP sempre nos impressiona” (725); “foi uma escalada muito cansativa (1494); “se preparam para descer voando em parapente. Será que as nuvens deixarão?” (1571).	A atividade do montanhismo será descrita com detalhes na categoria PRÁTICA DE MONTANHA.
Trilha / Subida	A trilha foi identificada em 17 segmentos e foi descrita como “incrível”, “ótima”, “sensacional”, “foda”, “radical”, “de lama”, “de matar”, “maravilhosa sem palavras”, “mais que top”, “show de bola”, “D+” e “super hard e incrível”. A subida foi expressa em 14 segmentos como “alucinante”, “forte”, “incrível”, “agradável”, “maravilhosa”, “sossegada”, “100%”, “dos guerreiros”, “calma e tranquila”, “mais que top” e “relax”.	“Após muita trilha finalmente cheguei” (1924); “trilha mais maravilhosa sem palavras” (373); “trilha super Hard e incrível” (1185). “subida calma e tranquila, muita neblina no caminho” (1181); “uma subida baseada em zoeiras e caminhos errados” (524); “pela segunda vez no PP, mas cada subida e uma”. (1715).	De maneira geral, a trilha e a subida foram caracterizadas positivamente.

Fonte: a autora (2021) a partir de Cadernos de Cume do Pico Paraná (CPM, 2017 – 2020)

Os outros atributos encontrados nos relatos dos Cadernos de Cume foram sobre a natureza, a paisagem e a “*trip*”. Sobre a natureza, ela é descrita em oito relatos como: “linda”, “deslumbrante”, “exuberante”, “bela” e “perfeita”. Sobre a paisagem, ela foi caracterizada em sete registros como: “maravilhosa”, “recompensadora”, “linda”, “sensacional” e “não tem dinheiro que pague essa paisagem”. O termo “*trip*”, que em inglês significa viagem, foi identificado em outros sete segmentos e foi descrito como: “baita”, “mais incrível”, “super”, “irada” e “maravilhosa”.

As análises dos relatos de cume referente aos *Atributos da Montanha* possibilitam afirmar que as descrições expressas sobre o Pico Paraná estão relacionadas com as experiências vivenciadas, enquanto os adjetivos utilizados podem estar associados com as emoções. Por outro lado, se a experiência vivenciada é alvo de dissabores, a emoção e o local são descritos de maneira negativa.

Durante a etapa da leitura flutuante, palavras como “objetivo”, “meta”, “missão” e “sonho” foram relacionadas com o Pico Paraná. Esses termos remetem à *Idealidade*, no sentido de um lugar ideal, presente na fantasia e na imaginação de uma pessoa. Nesse caso, o Pico Paraná se configura um ideal de vida dentro de um plano pessoal e que, conforme expresso no Caderno de Cume, é concretizado. Através das leituras, codificações e buscas por palavras-chaves foram encontrados 80 trechos descrevendo o Pico Paraná como um local de ambição.

O Pico Paraná foi destacado como um sonho realizado em 37 relatos. O sonho remete a um ideal ou então a uma ideia dominante que se persegue com interesse ou paixão. É um desejo vivo, intenso, veemente e constante (MICHAELIS, 2021). Exemplos de segmentos que relacionam o Pico Paraná com um sonho:

- Eu (...) aos 46 anos de idade realizei esse sonho (682).
- Maior sonho realizado (711).
- Mais um sonho realizado, eu vim e venci (994).
- Mas teve muita emoção, essa conquista é um sonho que se realiza! (284).
- Realizar sonhos nem sempre é fácil (473).

Os relatos possibilitam afirmar que alcançar o cume do Pico Paraná pode fazer parte de um sonho de vida. Esse sonho gera expectativa e exige preparação física, emocional e logística. O sonho também é expresso por meio de frases motivacionais e de reflexões relacionadas ao Pico Paraná. É possível constatar que esse sonho pode estar vinculado ao triunfalismo (vitória), à emoção (felicidade), ao agradecimento ou às dificuldades do lugar (distância) e da pessoa (saúde). Conclui-se que, nesses casos, o Pico Paraná se configura como um lugar-onírico.

Conforme veremos abaixo, outros termos foram utilizados com essa mesma ideia de Idealidade, são eles: “objetivo”, “missão” e “meta”:

- Fantástico... cumpro aqui 3 **objetivos** os quais havia prometido pra mim mesmo: 1º superar o desafio de fazer a trilha em um período noturno; 2º conquistar o cume do PP, ponto culminante do estado do PR; 3º e mais importante, cumprir a promessa que fiz a minha afilhada de que conquistaria o cume do PP por ela (1500).
- Concluindo 3 das **metas** de 2018. Fazer uma trilha sozinho, acampar no PP, reler o livro ‘Andar no Espírito Andar no Poder’ (1186).
- Graças a Deus, **missão** concluída apesar de todas as dificuldades a visão é divina (153).
- **Enfim** conquistado o **tão esperado** PP. Obrigado Pai! (507).

Assim como a palavra “sonho”, as palavras destacadas nos relatos acima também configuram a intencionalidade das pessoas em conhecer o Pico Paraná. Elas idealizaram em suas mentes – como uma meta, um objetivo ou um sonho – alcançar o Pico Paraná e realizaram essa idealização com sucesso. São palavras que remetem ao propósito de estar nessa montanha, seja conquistar e acampar no seu cume, seja realizar a trilha sozinho ou no período noturno. A idealidade aqui está vinculada com o TRIUNFALISMO, ou seja, com a capacidade de superar desafios.

As análises dos relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram identificar segmentos que expressam *Atributos da Montanha e Idealidade* que sustentam a categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME para analisar os aspectos físico, geográfico e estético do lugar, bem como desperta a curiosidade e transforma como ideal de vida. Em *Atributos da Montanha*, foi possível identificar treze características que refletem o olhar do visitante sobre o Pico Paraná. Conclui-se que desfrutar a vista do cume da montanha pode ser uma das experiências mais significativas do Pico Paraná – destacando o campo da visão. Em relação à experiência estética, foram evidenciados os astros do sistema solar e outros elementos da astronomia. Isso faz do Pico Paraná um potencial para desenvolver o turismo astronômico. Essa experiência estética se apresentou surpreendente e estimulante do que se reconhece como “forte” emoção.

Os achados corroboram com Markovic e Petrovic (2013) quando afirmam que a topografia diferenciada e a beleza cênica das montanhas são atrativas para os visitantes. Também confirmam Urry (1996) ao considerar que as montanhas são monumentos a serem consumidos através do olhar. Os adjetivos e descrições atribuídas ao Pico Paraná remetem ao movimento do sublime do século XVIII quando, conforme Gastal (2013), a natureza era percebida pelas suas características do extraordinário e do grandioso. Nesse sentido – e conforme Duerden et. al. (2018) –, os relatos expressam a experiência extraordinária de quando

os elementos da experiência objetiva (no caso, o Pico Paraná) atraem o olhar, prendem a atenção da pessoa e produzem fortes emoções.

No final dessas análises conclui-se que o Pico Paraná remete à Idealidade a partir do momento em que a pessoa vislumbra a conquista (em sua imaginação) e consegue realizar o ideal (de estar no ponto mais alto do sul do Brasil). Concretizar o sonho ou o objetivo pode se tornar uma experiência memorável, vinculado ao TRIUNFALISMO e ao ÊXTASE da experiência em montanha. Esses resultados corroboram com Beedie (2003) e Swarbrooke e. al. (2013) quando explicam que a experiência pré-viagem e a fase de planejamento da aventura ajudam a desenvolver a natureza de envolvimento com a prática de montanhismo.

4.1.6 Itinerário e Recursividade

*“A 1ª vez foi uma tortura, a 2ª foi moderada, na 3ª vai ser moleza”
(606).*

Essa categoria foi interpretada ao constatar, a partir da análise dos relatos nos Cadernos de Cume, elementos que poderiam contribuir para entender como se dá a prática de montanha. Para isso foram identificados segmentos que expressassem a *frequência da visita e a intenção de retorno, o itinerário e tempo de percurso* (TABELA 13) e que sustentam a categoria ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE.

TABELA 13 - CATEGORIA ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE

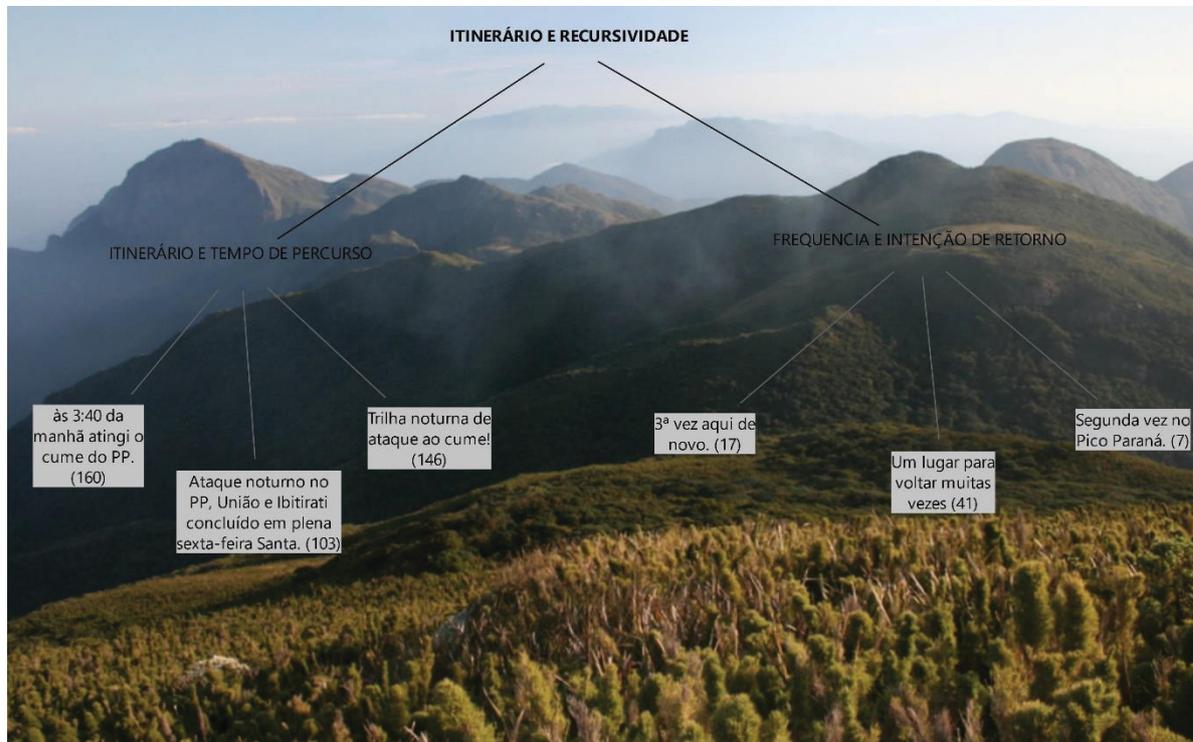
	SEGMENTOS	FREQUÊNCIA
Frequência e Intenção de Retorno	298	63
Itinerário e Tempo de Percurso	173	37
TOTAL	471	100

Fonte: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

Os relatos de cume demonstram que a frequência de visitas ao Pico Paraná e a intenção de retorno são um indicativo sobre a experiência reconhecida como agradável, satisfatória e positiva de montanha. Alcançar o topo do Pico Paraná requer tempo e condicionamentos físico e psicológico. Segundo Faullant, Matzler e Mooradian (2011), a alegria tem efeitos diretos sobre a satisfação da experiência enquanto o medo provoca o oposto, ou seja, se a experiência não foi positiva, compromete-se a intenção de retorno ao local. Impulsionada pela experiência positiva, a repetição na frequência ao Pico Paraná indica recursividade. De outro ângulo, significa que o Pico Paraná atrai seus visitantes pelo valor afetivo. Por isso serão analisados

primeiramente os segmentos que expressaram a frequência e a intenção de retorno e, posteriormente, o itinerário e o tempo de percurso.

FIGURA 49 – ALGUNS SEGMENTOS DA CATEGORIA ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE



FONTE: Cadernos de Cume (CPM, 2017 – 2020) a partir do software MaxQDA (2020). Fotografia ao fundo: Parque Estadual Pico Paraná visto do sul do Morro Caratuva, modificado de SCHLENKER (2015).

A frequência no Pico Paraná (de forma direta) foi atribuída em 228 relatos de cume, sendo 132 como a primeira vez (58%) e os outros 96 como o retorno a essa montanha (42%). A Tabela 14 apresenta as informações sobre a recursividade no local:

TABELA 14 - FREQUÊNCIA E NÚMEROS DE RELATOS

Nº DE VISITAS	QUANTIDADE DE RELATOS
1	132
2	38
3	26
4	15
5	2
6	4
7	1
8	2
10	1
11	2
12	1
14	2
54	1
250	1
TOTAL	228

FONTE: a autora (2021) a partir do software MaxQDA (2020).

está ligada a “valeu a pena”, no sentido que o esforço é recompensado quando se atinge o cume do Pico Paraná pela primeira vez.

Além disso, também é possível constatar relatos de persistência, em que a experiência negativa (como as condições físicas e meteorológicas) não influenciou em novas tentativas de alcançar o cume:

- Das três vezes que vim não tinha chegado até o cume sempre algo atrapalhava, chuva ou alguém cansado, etc. Hoje pela quarta vez eu consegui. Aqui em cima é muito foda! (1931).

- Realmente indescritível a sensação de estar aqui no cume do PP, apreciando a vista e a imponência dessa majestosa montanha. Por duas vezes estive aqui, sendo a primeira tendo que ser abortada a expedição devido minha afillhada (...) ter passado mal e retornarmos do acampamento 2 para a fazenda; na segunda vez vim com meu amigo montanhista (...) e também abortamos a missão devido ao mal tempo que nos pegou de surpresa. Hoje, 6/3/18, estamos aqui no cume e um dia maravilhoso (1500).

Os relatos acima destacam o sentimento de superação e de orgulho e demonstram que apesar da frustração nas experiências anteriores, o desafio da conquista supera as adversidades que o Pico Paraná pode impor.

Os relatos possibilitam verificar uma cronologia da recursividade no Pico Paraná: “após 9 anos, aqui retornei!” (84); “após longos 14 anos voltei” (1226); “depois de 13 anos, novamente no cume!” (1195); “enfim após 10 anos de volta ao ponto mais alto do Sul do Brasil!” (743). Esses segmentos demonstram que o Pico Paraná remete a um lugar afetivo e memorável.

A intenção de voltar ao Pico Paraná é expresso em quarenta relatos: “impossível não querer voltar!” (831); “um dia estarei aqui novamente com meu filho” (1372); “um lugar para voltar muitas vezes” (41); “subi e recomendo” (1687). Os segmentos “até a próxima” ou “até breve” são repetidas em sete relatos. Essa intencionalidade de retorno, sozinho ou acompanhado, é um indicativo de uma experiência positiva.

Quanto ao segundo elemento *Itinerário e Tempo de Percorso* – que sustenta a categoria ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE – considera que o Pico Paraná faz parte de uma cadeia de montanhas, acessíveis através de um ramal de trilhas. Por conta disso, é possível perceber em alguns relatos que o caderno de cume é um meio para registrar o itinerário da visita e o tempo realizado de subida. Essas duas informações foram expressas em 173 segmentos.

Sobre o itinerário, algumas pessoas descrevem o horário de saída da base, horário de chegada no cume, outras montanhas visitadas, local de acampamento, entre outras informações. Esse tipo de registro pode ser importante em caso de busca ou resgate pelos órgãos oficiais e,

no sentido estratégico, permite compreender alguns elementos do horizonte temporal da visitação.

- 00:25 saímos do posto do IAP chegando ao cume 6:20 hs. Bate e volta (1134).
- Acampamos hoje no PP com ataque ao União e Ibitirati e amanhã 27, ataque ao Tupipiá (714).
- Começamos a caminhada as 11:00 do dia 13/11 chegamos no acampamento 2 as 18:30 dormimos lá e hoje as 06:30 saímos sem mochila para o cume. Chegamos aqui 07:45 (496).
- Fizemos o Caratuva / Paraná, saímos da chácara 12:10, chegamos no Caratuva as 16:00. Pegamos o pôr do Sol, depois descemos para o Paraná, se perdemos +- 2 hora, chegamos A1 22:00. As 23:05 acampamos e acordamos as 06:30, chegamos aqui as 08:30 (1120).
- Travessia cumes-dia 2. Vindo do Camelo após descer o Caratuva via trilha da Conquista (dia 1 Taipa + Caratuva). Agora é tocar pro Itapiroca e esperar o dia 3 (Cerro Verde, Tucum, Camapuã e Pedra Branca) (1692).

Os relatos demonstram diferentes itinerários de visita ao Pico Paraná: 1) a visita ocorre em um dia, o que no campo de montanhismo é chamado de “ataque” (famoso “bate e volta”, no mesmo dia, sem acampamento); 2) a visita ocorre com pernoite nas áreas de acampamentos no Pico Paraná ou nas montanhas vizinhas; 3) as travessias ocorrem com o objetivo de atingir uma sequência longa de cumes composta geralmente por trilhas de difícil acesso e que requerem preparação específica. Esse tipo de informação, além de auxiliar em caso de busca e resgate, também é uma importante ferramenta para o gestor público, pois permite identificar áreas de pressão antrópicas e problemas que causam impacto no atrativo.

Em relação ao tempo de percurso, dentre os relatos analisados, a subida mais rápida foi descrita da seguinte forma: “Subida 02:09 mn. Monstros da escalada” (1761). O tempo de percurso varia de duas até dez horas de caminhada, o que demonstra que o Pico Paraná é procurado por diferentes públicos: desde esportistas de alta performance que procuram o local para treinamento ou para quebrar recordes até visitantes que não tem pressa em atingir o cume.

As análises dos relatos de cume do Pico Paraná possibilitaram identificar segmentos que expressam *Frequência e intenção de retorno* e *Itinerário e tempo de percurso* que sustentam a categoria ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE. As análises confirmam que essas informações apresentam elementos para entender a dinâmica da experiência vivenciada principalmente para o órgão gestor. Entender como ocorre essa visita auxilia na viabilização de uma experiência mais segura e acessível a diferentes tipos de públicos. O resultado confirma os estudos de Hosany e Gilbert (2010) quando afirmam que as experiências emocionais estão associadas diretamente à satisfação e às intenções de recomendar. Pela análise dos relatos de cume também é possível perceber o que Hosany et. al. (2015) consideraram de ‘apego

emocional’ – conexão entre um lugar e a pessoa – e o quanto ele contribui para um sentimento de pertencimento e apego ao destino, comprovado nos relatos que expressam a frequência e a intenção de retorno. Para Strassburguer e Macke (2010) quando existe um intenso envolvimento com a atividade, como subir o Pico Paraná, e uma intensa emoção, como a felicidade e o prazer expressos nos relatos de cume, mais vezes o indivíduo deseja repetir a atividade.

4.2 REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ E O TURISMO DE MONTANHA

Nesta seção apresenta-se uma reflexão acerca dos resultados da investigação, realizada por meio da análise de conteúdo dos Cadernos de Cume do Pico Paraná, articulando-os a conceitos e pressupostos teóricos colhidos na literatura. A vivência da pesquisadora no local e o seu círculo social também contribuíram para a realização destas ponderações. O texto a seguir visa, principalmente, dar cumprimento ao objetivo da pesquisa que busca refletir sobre a experiência de montanha e o turismo de montanha no Pico Paraná.

Os Cadernos de Cume começaram a ser utilizados por volta do ano de 1857 nos Pirineus (GARCIA, 2018) e estão espalhados pelos cinco continentes, sendo utilizados até os dias atuais. Apesar de toda a tecnologia presente, principalmente com as redes sociais, os Cadernos de Cume podem configurar um dos documentos mais importantes do “universo” do montanhismo que retrata uma cultura de montanha e a relação histórica entre o indivíduo e este ambiente. Trata-se de um aparato simples: um caderno e uma caneta protegidos por uma caixa disposta no alto de uma montanha. Trata-se, portanto, de um testemunho que revela 164 anos de história de conquistas, emoções vivenciadas e experiências nesses ambientes. Os resultados corroboram Garcia (2008, p. 29) quando afirma que esses registros são testemunhos da história, “verdadeiras crônicas da conquista” das montanhas escritas à mão por seus “lendários protagonistas”.

Assim também ocorre no Pico Paraná que desde 1941 vê a sua história sendo, em parte, contada pelos Cadernos de Cume, tornando um simples registro em um rico material de investigação científica, que revela o ápice da experiência de alcançar o cume da maior montanha do sul do Brasil. Os resultados proporcionam refletir sobre o turismo de montanha tanto conceitualmente quanto na prática do Pico Paraná, sugerindo recomendações para a gestão dessa Unidade de Conservação.

Cabe destacar sobre os relatos de cume enquanto pesquisa documental. Ao considerar que as pessoas expressam os sentimentos de formas diferentes, como pesquisadora e com as

leituras mais aprofundadas, é possível perceber em alguns relatos uma forma muito clara das emoções vivenciadas. É possível tomar contato com a sensação descrita a respeito da condição de estar acima da linha das nuvens, ou com a emoção de relatos que indicam proximidade com Deus ou a saudade de um ente querido. Alguns registros trazem reflexões sobre a vida e as relações sociais. Portanto, a pesquisa documental coloca o investigador em contato direto com textos emotivos, o que configura uma perspectiva de sua importância como fonte de pesquisa, cujo grande desafio é interpretar e extrair deles o máximo de informação e significados para então, de maneira articulada, categorizar e descrever a experiência no Pico Paraná.

A análise de conteúdo dos Cadernos de Cume do Pico Paraná entre 2017 e 2020, sob a perspectiva não-apriorística e referenciada principalmente em Bardin (2016), possibilitou identificar seis categorias que refletem a experiência de montanha nesse local. Para cada categoria foram atribuídos elementos de sustentação e as características descritivas (QUADRO 11). Esse panorama demonstra os atributos da experiência de montanha no Pico Paraná. Nessa pesquisa, entende-se como atributo aquilo que é próprio, característico ou peculiar de alguma coisa, no caso, a experiência do Pico Paraná por meio da análise dos Cadernos de Cume.

QUADRO 12 – CATEGORIAS E ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ
(continua)

ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ – PP		
CATEGORIAS	ELEMENTOS DE SUSTENTAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA NO PP
TRIUNFALISMO (a vitória)	Conquista	Sensação de vitória e heroísmo. Quando o indivíduo se sente bem-sucedido ou vencedor ao conquistar o cume, o que lhe proporciona um ideal de êxito, alegria e orgulho ao superar medos, angústias ou dificuldades físicas, emocionais e do próprio lugar.
	Superação	
	Desafio	
	Outros Sinônimos	
AGONIA E ÊXTASE (as emoções)	Montanha das Emoções	Emoções e sentimentos intensos vivenciados no Pico Paraná, até mesmo indicados como inexplicáveis. Os sentimentos de agonia demonstram o lado desolador da experiência, por conta das dificuldades pessoais ou do local, gerando medo, traumas, vontade de desistir ou de não retornar à montanha. No “êxtase” são os sentimentos intensos que provocam bem-estar e felicidade ou amor ao local. Indica também a articulação de opostos, sentidos antagônicos, vivenciados em períodos curtos (senso de recompensa).
	A Recompensa da Montanha	

QUADRO 13 – CATEGORIAS E ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ
(conclusão)

ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ – PP		
CATEGORIAS	ELEMENTOS DE SUSTENTAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA NO PP
TRANSCENDENTALISMO (o “eu” e o “espiritual”)	Divino	Reflexão, autoconhecimento, resignificação pessoal e espiritual – independente de religião. Estar no cume evoca o sentimento de proximidade com o céu, como um lugar sagrado, e mais próximo do divino, o que causa também um sentimento nostálgico por algum ente querido que morreu.
	Interiorização	
	Reflexões sobre a Vida e Montanha	
RECONHECIMENTO SOCIAL (o “outro”)	Companhia da Montanha	Pensar ou refletir no próximo, presente ou não no momento, em forma de agradecimento, dedicatória ou homenagem. A longa caminhada evoca sentimento nostálgico, de saudosismo e de gratidão. A companhia de montanha contribui para uma experiência acalentadora, estreitando laços afetivos e de união. A experiência evoca a reflexão e preocupação social com o Brasil.
	Retribuição ao Próximo	
	Sociedade	
PERCEPÇÃO DO SUBLIME (o “lugar”)	Atributos	Incitada pelo aspecto físico, geográfico e estético da montanha, o que desperta a curiosidade e se transforma como ideal de vida. A percepção do sublime do Pico Paraná está relacionada a atributos revelados pelos visitantes como altura, perfeição, majestuosidade, poder, grandiosidade, beleza, encanto e respeito.
	Idealidade	
ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE (a “prática de montanha”)	Frequência e Intenção de Retorno	Entendida pela prática de montanha através da frequência e intenção de retorno, bem como o seu itinerário. A experiência aprovada conduz a uma clara satisfação com a visita e estimula a vontade de retorno, bem como um estímulo de recomendação para que outras pessoas provem e sintam a mesma experiência.
	Itinerário e Tempo de Percurso	

FONTE: a autora (2021), a partir dos Cadernos de Cume do Pico Paraná (CPM, 2017-2020).

Os achados nos Cadernos de Cume sugerem a existência de seis categorias da experiência de montanha no Pico Paraná, cada qual com características próprias: I) Triunfalismo; II) Agonia e Êxtase; III) Transcendentalismo; IV) Reconhecimento Social; V) Percepção do Sublime; VI) Itinerário e Recursividade. Esses atributos se apresentam pelos relatos de Cume de forma isolada, relacionada ou simultânea – guardando cada qual seu conjunto interno de especificidades – que revelam o conjunto da experiência. Esses atributos também são dinâmicos porque mudam com o decorrer do período histórico e do lugar e dependem da intensidade percebida e da forma como cada pessoa se expressa no papel. Essa experiência é muitas vezes ambivalente, cuja intensidade varia conforme os aspectos do lugar,

da pessoa (tanto física e emocional), da companhia e da preparação da viagem, ou seja, recai nas etapas pré, durante e pós viagem. A Figura 52 apresenta o resumo das categorias da experiência no Pico Paraná.

FIGURA 51 - RESUMO DOS ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA DE MONTANHA NO PICO PARANÁ



FONTE: a autora (2021), através do CANVA (2021).

Pelas análises realizadas é possível definir a experiência de montanha do Pico Paraná como aquela em que é possível vivenciar e conhecer a “montanha”, o “eu” e o “outro”, de uma forma entendida pelos visitantes como pura e intensa. É onde converge o físico, o emocional e o espiritual. A experiência é subjetiva, com intensidade diferente e expressa no papel de forma individual. Atingir o cume da maior muralha do sul do país evoca a sensação de vitória e heroísmo, emoções e sentimentos fortes, intensos e até mesmo antagônicos. Chegar no topo e contemplar a vista representa uma recompensa, uma vez que a subida é considerada um momento difícil e de sofrimento.

A experiência no Pico Paraná proporciona autoconhecimento, ressignificação pessoal e espiritual. Estar no seu cume remete, segundo os relatos, contato com o divino (independente de religião), em um encontro mais próximo com Deus e com entes que já partiram. A subida da

montanha estimula pensamentos e reflexões sobre próximo e sobre a sociedade, externados em forma de dedicatórias ou agradecimentos. O aspecto físico, geográfico e estético da montanha dá percepção ao sublime e remete a um local onírico e afetivo. Por fim, entender a prática realizada fornece elementos para entender a experiência, a frequência e intenção de voltar.

Sobre a experiência de montanha, a análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná corrobora a afirmação de Carvalho (2015, p. 376) quando diz que essa experiência “mobiliza a corporeidade física, sensorial, emocional e mental”. A interpretação das seis categorias da experiência de montanha no Pico Paraná oferece características que dialogam com as experiências restauradoras (QUIU; SHÁ; SCOTT, 2021), espirituais (HALIM; TATOGLU; HANEFAR, 2021), transformadoras (DUERDEN ET. AL., 2018) e de “*flow*” (CSIKSZENTMIHALYI, 1990).

A partir da análise de conteúdo dos relatos de cume, é possível afirmar que a experiência no Pico Paraná ultrapassa o simples subir à montanha, no aspecto da saúde física, pois a experiência envolve intensa emoção, contato com o divino, aprendizados, mudanças e busca de significados e transformação. Com a dimensão espiritual sendo reconhecida como suscetível pelos praticantes, a experiência no Pico Paraná envolve naturalmente a mente, o corpo e a alma.

Diante dessas interpretações e da análise de conteúdo dos Cadernos de Cume sobre a experiência no Pico Paraná, defende-se que o turismo de montanha, pensado de forma segmentada, garante um melhor processo de planejamento e gestão, considerando especificamente a experiência do visitante e a fragilidade do tipo de ambiente, seja no âmbito da oferta, demanda e gestão da área. A experiência vivenciada na montanha é diferenciada de outros segmentos do turismo em áreas naturais e deve ser considerada no fomento ao turismo.

Quanto ao significado da montanha na história até se transformar em atrativo turístico, durante a pesquisa foi demonstrado que a percepção do homem em relação à montanha evoluiu durante os séculos. Antes das montanhas serem consideradas “templos da natureza” ou “catedrais naturais”, eram consideradas “males da natureza”, que desfiguravam e ameaçavam a simetria da Terra (NICOLSON, 1959, p. 01).

Baseado principalmente em Thomas (1988), Nicolson (1959), Salgueiro (2002) e Gстал (2013), foi demonstrado que o turismo de montanha é o resultado de um processo histórico, sociocultural e econômico de quebra de paradigmas na relação sociedade e a montanha. Constata-se que os avanços da ciência (sobretudo das áreas naturais), da literatura, da jardinagem, das artes, dos meios de comunicação, dos acessos e dos transportes, da tecnologia, entre outros, contribuíram para a mudança no olhar da sociedade em relação à montanha, tornando-a cada vez mais procurada seja para a prática de esportes, seja como lugar de lazer,

entretenimento, relaxamento e contato com Deus. O montanhismo como esporte, lazer e contato com a natureza estimulou o turismo de montanha. É uma dinâmica histórica, cultural e social que não se finda aqui, mas que está em constante mudança e aprimoramento.

Os pesquisadores Río-Rama, et al. (2019) afirmam que apesar dos quarenta anos de produção científica, ainda existe falta de uma conceituação clara sobre turismo de montanha, o que proporciona uma ambiguidade sobre o que o segmento compreende. Considerada a revisão de literatura e a análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná, a autora sistematiza diferentes perspectivas contidas em Nepal e Chipeniuk (2005), Singh (1991), Godde, Price e Zimmermann (1999), Swarbrooke et. al. (2003) e conceitua turismo de montanha como aquele segmento do turismo que se desenvolve, do ponto de vista geográfico, em ambiente de elevação, bem como na sua base, incluindo as áreas rurais de menor altitude, os vales e as comunidades do entorno. Esse tipo de ambiente possui características próprias, tais como: diversidade, marginalidade, acessibilidade, fragilidade, nicho e estética. Por conta desses atributos, configura-se como um ambiente com pouca tolerância às atividades humanas. Como destino turístico, ele envolve as dimensões econômicas, políticas, sociais, culturais, históricas e da experiência do visitante. Ele abrange diversas atividades ao ar livre, sejam passivas ou ativas, tanto na terra, na água e no ar. A experiência é diferenciada de outros segmentos por conta de seu simbolismo histórico-cultural e pelos aspectos físico, emocional e espiritual que são vivenciados na montanha.

Dessa forma é possível concluir que o planejamento e a gestão do turismo em ambiente de montanha, considerada a sua fragilidade, devem atender à legislação específica e outras normas ambientais vigentes. O fomento do turismo sustentável deve ser realizado de forma ética, responsável e participativa, deve priorizar o bem-estar da comunidade, sua história e cultura, a economia local e a proteção dos recursos naturais e, ainda, deve promover a experiência positiva e a segurança dos seus frequentadores.

Com base na análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná, fundamentado em Godovykh e Tasci (2020), Beedie (2003), Nepal e Chipeniuk (2005) e Swarbrooke et. al. (2013), apresenta-se na Figura 52 as etapas da prática de montanha que influenciam no resultado da experiência.

FIGURA 52 – CRONOLOGIA DA PRÁTICA DE MONTANHA



FONTE: a autora (2021) com base em Godovykh e Tasci (2020); Beedie (2003) e Nepal e Chipeniuk (2005).

A experiência estará conectada a momentos preliminares, que se iniciam antes mesmo da chegada na montanha (BEEDIE, 2003). Envolve o planejamento da viagem, a escolha e pesquisa do local, principalmente no âmbito social, seja na participação em Clubes de Montanhas ou em lojas especializadas de roupas e equipamentos, eventos sobre o tema, entre outros (SWARBROOKE ET. AL., 2013). Segundo Beedie (2003) nesse tempo compartilhado é possível absorver padrões de comportamento do meio. Durante a análise dos Cadernos de Cume foi possível encontrar relatos que demonstram essa preparação e o sonho de conquistar o Pico Paraná, tais como: 1) “Depois da primeira tentativa e muitos outros picos finalmente estou aqui. Há 15 dias, do Tucum, **olhava e já traçava a meta** p/ o PP. Felizmente estamos aqui” (846); 2) “Chegada após **meses de preparação**” (351); 3) “Sempre foi **meu sonho** chegar aqui e hoje consegui” (1929).

Nesse sentido, os achados também demonstram que algumas pessoas consideram o Pico Paraná um lugar onírico. Segundo os relatos, conquistar o seu cume significa a realização de um sonho, de um desejo ou de uma missão de vida. É um lugar subjetivo e de significados pessoais. O Pico Paraná como lugar onírico estimula emoções, sensações e sentimentos de realização, orgulho e felicidade. Portanto, é a fusão da expectativa (passado) com a realidade (presente) que proporciona experiências memoráveis (futuro): “Realizar sonhos nem sempre é fácil. Mas momentos assim ficam na memória e na história para gerações” (473); “A passagem foi breve, mas a experiência ficará na memória eternamente!” (1389).

A experiência na montanha é influenciada pelos aspectos turísticos e físicos do ambiente, quanto à oferta, à demanda e à gestão do local. A infraestrutura básica e de turismo, bem como a oferta de serviços, são fatores que contribuem na experiência do visitante. É importante que as trilhas sejam demarcadas e sinalizadas, que haja equipamentos de apoio como escada ou grampos nas rochas e locais apropriados para acampamento, ou seja, um conjunto de ações que viabilizem uma experiência segura: “Agradeço aos que sinalizaram a trilha, aos que grampearam. Eu só agradeço mesmo!” (1449). A infraestrutura na base da montanha também contribui para a experiência positiva, tais como serviço de recepção com controle de entrada e saída, bons acessos e áreas de estacionamento, hospedagem e alimentação. Na montanha, o visitante pode realizar algumas atividades, entre eles o registro no Caderno de Cume e os registros fotográficos: “Nascer do sol dos meus sonhos com direito à chimarrão e depois caputino com bolacha, quer mais? Tirei tantas fotos que acabei com a bateria” (1412).

A experiência após a viagem é refletida na intenção de retorno no local ou de visitar outras montanhas, em participar de algum Clube de Montanha, na indicação do local para outras pessoas, no compartilhamento da experiência nas redes sociais (FAULLANT, MATZLER, MOORADIAN, 2011; HOSANY, GILBERT, 2010). Quando promove novas amizades influencia o círculo social e a vida diária, além de influenciar atitudes relacionadas a práticas de conservação da natureza, conforme assinalam os seguintes relatos: “Subi e recomendo” (1687); “impossível não querer voltar!” (831); “meta, encontrar o clube de montanhismo” (1233).

Ao considerar as características exclusivas de montanhas propostos por Nepal e Chipeniuk (2005), é possível visualizar tais atributos no Pico Paraná que o configuram como potencial destino turístico e que podem ser potencializados a partir das análises dos Cadernos de Cume (FIGURA 53). No desafio de aliar a conservação desse *habitat* natural com o uso público de mínimo impacto e com a experiência positiva e segura do visitante, tais características devem ser consideradas e integradas ao planejamento e à gestão da área.

FIGURA 53 - CARACTERÍSTICAS EXCLUSIVAS DAS MONTANHAS



FONTE: Nepal e Chipeniuk (2005, p. 316-320). Foto de fundo: Pico Paraná visto de Antonina e adaptado de Harvey Schlenker (2016).

- **Diversidade:** o Pico Paraná está inserido no Bioma Floresta Atlântica, rico em biodiversidade e protegido por legislação específica. É um ambiente único para várias espécies endêmicas e que precisa ser priorizado na gestão do uso público. Por conta dessa diversidade natural, o Pico Paraná oferece uma variedade de atividades. Segundo os achados dessa pesquisa, a diversidade pode ser potencializada quando a experiência dos visitantes for mais bem compreendida. A categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME pode orientar programas de interpretação do patrimônio ambiental e histórico-cultural (do Tombamento da Serra do Mar, por exemplo), que comuniquem e sensibilizem as pessoas sobre o que é montanha, a importância da sua conservação e a biodiversidade nela presente que beneficia a nossa saúde e sobrevivência.
- **Marginalidade:** o Parque Estadual do Pico Paraná fica entre os municípios de Campina Grande do Sul e Antonina, numa região mais afastada das cidades. Tendo em vista que são municípios com diferentes realidades econômica, social e cultural, essa localização territorial pode dificultar a gestão da área. É fundamental, portanto, uma gestão conjunta entre o IAT e essas prefeituras para garantir acesso a essa montanha, diversificar a oferta de emprego e renda para as comunidades do entorno e promover a proteção desse ambiente. O resultado da análise dos Cadernos de Cume do Pico Paraná indica que a característica da marginalidade pode ser trabalhada a partir da questão simbólica de pertencimento do patrimônio que a montanha representa para o Estado do Paraná, sendo o ponto culminante do sul do país. Os dois municípios abrangidos pelo Parque podem utilizar dessa condição do Pico Paraná para promover o turismo regional. A história da conquista através da

expedição liderada por Maack, em 1941, e o desenvolvimento do turismo desde então, pode ser englobada em programas específicos.

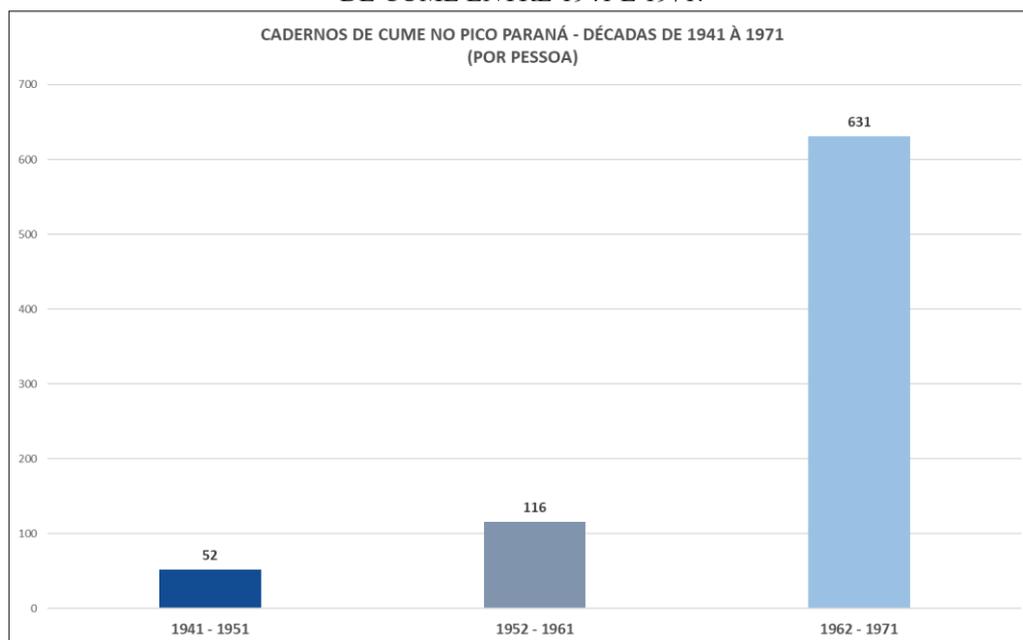
- **Acessibilidade:** no caso de Campina Grande do Sul, principal acesso ao Pico Paraná, dependendo da época do ano e das condições climáticas, o acesso é dificultado por ser parte de estrada de chão batido. Se não há constante manutenção por parte dos municípios, os carros pequenos encontram dificuldades em chegar na base do Pico Paraná. Já o acesso por Antonina é pavimentado e de fácil acesso. É necessária constante manutenção das placas de acesso ao Parque. Segundo os relatos de cume do Pico Paraná, a acessibilidade pode ser melhorada através de trilhas que ofereçam segurança, seja pela manutenção e sinalização do local, seja pela disponibilidade de equipamentos de apoio como correntes e escadas. Os achados da categoria ITINERÁRIO E RECURSIVIDADE podem contribuir no planejamento e na gestão da área, demonstrando as regiões de maior uso público e suscetíveis a maiores impactos negativos.
- **Fragilidade:** a fragilidade do ambiente está vinculada à diversidade do ambiente, ao contexto da Floresta Atlântica (Serra do Mar) e a sua vulnerabilidade ecológica. Topografia, altitude, geologia e clima também devem ser considerados para o uso público do local, de modo a priorizar a proteção ambiental primariamente e trabalhando as diferentes áreas de pressão de uso, como trilhas de acesso e áreas de acampamentos. Conforme os relatos de cume do Pico Paraná, o atributo fragilidade pode ser trabalhado por meio de programas de sensibilização e educação ambiental que promovam a conscientização dos visitantes sobre as atitudes adequadas durante a prática do montanhismo – como o descarte correto do lixo, o cuidado com fogueiras, os animais domésticos, o descarte de dejetos humanos em locais apropriados, entre outros. Essas práticas podem ser trabalhadas através da Cartilha de Mínimo Impacto em Áreas Naturais, disposta na recepção do Parque e em páginas de comunicação em mídias sociais.
- **Nicho:** a área do Parque do Pico Paraná oferece uma variedade de atividades vinculadas à montanha e devem promover uma experiência minimamente segura, tais como o montanhismo, escalada em rocha, banho de cachoeira e rios, acampamentos, observação de fauna e flora, meditação e contemplação. É importante promover a diversificação da oferta de atividades no Parque e em seu entorno durante o ano todo e propor novos roteiros para distribuir a visitação. Segundo os relatos de cume, especificamente na categoria TRANSCENDENTALISMO, o Pico Paraná é descrito como um lugar sagrado e de experiência espiritual. Essa característica ‘nicho’ pode ser potencializada no Pico Paraná a

partir do incentivo de práticas como ioga ou meditação, atividades de mínimo impacto ambiental e que trazem resultados positivos para a mente e para o corpo do indivíduo.

- **Estética:** O Pico Paraná é uma montanha que se destaca pela sua qualidade estética, evidenciada por sua altura e curvas e que desperta curiosidade e emoção quando vista de longe e por diferentes ângulos, seja na sua base ou no seu cume. Do seu alto é possível ter uma vista privilegiada que surpreende todos aqueles que a conquistam. De acordo com os relatos de cume do Pico Paraná, em especial na categoria PERCEPÇÃO DO SUBLIME, essa montanha é descrita através de adjetivos que remetem grandiosidade, superioridade e poder. O atributo estético pode ser potencializado através de Programas de Comunicação que valorizem tanto as imagens quanto as mensagens sobre essa percepção do sublime do Pico Paraná.

Uma das preocupações referenciada na literatura foi a turistificação da montanha proveniente das facilidades de acesso às áreas anteriormente consideradas remotas, do crescimento e da aproximação das grandes cidades desses atrativos naturais (BEEDIE, 2003). Isso é possível de perceber no Pico Paraná. Na década de 1940 os acessos para essa montanha eram difíceis, pois existiam somente a Estrada da Graciosa e a antiga Estrada da Ribeira (SCHMIDLIN; FIORI, 2021). No censo de 1940, Curitiba tinha uma população de apenas 148.757 habitantes (IBGE, 2010) e poucas pessoas possuíam meios de transporte, estima-se que havia somente 2.047 automóveis e 256 motocicletas em Curitiba (POSSE; CASTRO, s./d.). A rodovia BR 116, sentido São Paulo, foi inaugurada somente em 1961. Até essa data, os Cadernos de Cume mostram que a expedição ao Pico Paraná demorava em média de 2 a 5 dias. Os registros apontam que a primeira expedição de um dia ocorreu somente em 03 de julho de 1960. Após a inauguração da rodovia, na década de 1960, foi expressivo o aumento da procura no Pico Paraná. Nesse ano Curitiba totalizava 361.309 habitantes e, em 1970, saltou para 624.362 habitantes (IBGE, 2010).

GRÁFICO 4 – NÚMERO DE PESSOAS NO PICO PARANÁ A PARTIR DA ANÁLISE DOS CADERNOS DE CUME ENTRE 1941 E 1971.



FONTE: organizado do material referente aos registros de cume do Pico Paraná, entre os anos de 1941 e 1971 (transcrito por Adyr Kronland Pinto)

Schmidlin (2013) conta que na década de 1940 os equipamentos de acampamento e de escalada – até mesmo os calçados – eram pesados e rudimentares. Por isso, é possível considerar que a modernização desses equipamentos e das roupas específicas para montanhismo e escalada tornaram a prática mais acessível para a população, o que pode ter contribuído para o crescimento do montanhismo. Já a internet permite o compartilhamento de informação de uma forma muito veloz, principalmente pelas redes sociais, portanto, se antes a montanha era restrita a poucas pessoas aventureiras, nos dias mais recentes seu acesso é facilitado e diferentes perfis podem visitá-la (MU; NEPAL, 2016).

Os dados de uso público do PEPP, fornecidos pelo IAT, demonstram que em dez meses de 2019, a UC recebeu 7.333 visitantes. Ao comparar com a década de 1960, com 631 pessoas em 10 anos, a demanda aumentou 800% em quase seis décadas. Isso, pode se tornar um problema tanto para o ambiente frágil de montanha quanto para a segurança do visitante. Nesse sentido, Singh (1991) alerta que os ecossistemas montanhosos têm pouca tolerância às atividades humanas por conta dos impactos negativos. Esses impactos já são percebidos no Pico Paraná, principalmente em relação às trilhas, às áreas de acampamentos, aos dejetos, ao acúmulo de lixo, aos incêndios e às buscas e resgates (SCHLENKER, 2021). Ações voluntárias realizadas pela FEPAM, pelo Clube Paranaense de Montanhismo (CPM), pelas prefeituras e pelo IAT são iniciativas relevantes que buscam a minimização desses impactos ambientais e a segurança dos visitantes.

Os resultados dessa pesquisa oferecem embasamentos para os órgãos oficiais de turismo e meio ambiente (estaduais e municipais, ligados diretamente ou indiretamente à área), para as empresas privadas interessadas em entender e trabalhar com esse tipo de público e para o setor de marketing de destino na definição de estratégias de segmentação.

A montanha sempre esteve presente na história, porém o que ocorreu durante os séculos foi uma revalorização e ressignificação da montanha em decorrência de um dinamismo cultural, social, ambiental, econômico e político que aproximou o homem da montanha. Hoje ela apresenta um significado positivo, um lugar afetivo, receptivo e que proporciona experiências físicas, emocionais e espirituais.

Entender a dinâmica da relação entre o homem e a montanha – em específico no Pico Paraná – não somente a partir da prática do montanhismo e dos aspectos físicos do local, mas também a partir das experiências humanas vivenciadas e dos significados atribuídos a ela, proporciona aos gestores um olhar ampliado. As emoções e os sentimentos são inerentes ao ser humano e devem ser respeitados e trabalhados a fim de estimular a alegria, o amor e a surpresa para, então, fazer da visita ao Pico Paraná uma experiência de montanha única e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição da experiência de montanha no Pico Paraná, a partir da perspectiva dos relatos dos Cadernos de Cume, consistiu na ação central desta pesquisa. Essa proposição geral desdobrava-se nos seguintes objetivos: i) articular conceitualmente turismo de montanha e a experiência de montanha; ii) caracterizar as experiências de montanha por meio dos relatos dos Cadernos de Cume no Pico Paraná; iii) refletir sobre a experiência de montanha no Pico Paraná e o turismo de montanha.

O cumprimento dos objetivos de investigação foi alcançado por meio da pesquisa bibliográfica e documental, e com a operacionalização da análise de conteúdo dos Cadernos de Cume. Esse método consiste em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2016, p. 44). Nesse sentido, um dos desafios para a análise dos dados está em “encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2014, p. 140). Uma das opções é o agrupamento em categorias com base nas mesmas características ou temas. Essas unidades de significados têm por objetivo “direcionar o sentido das interpretações, sendo as mesmas expressas na linguagem comum dos participantes da pesquisa” (ALCOBIA; et al, 2018, p. 278).

A adoção dessa estratégia permitiu observar a existência de múltiplos relatos sobre a experiência vivenciada no Pico Paraná. O trabalho sistematizou e descreveu diferentes ângulos pelos quais os visitantes dessa montanha a veem. Buscou diferentes perspectivas, aglutinando sentidos, relativo à experiência, registrada textualmente nos cadernos. A análise não-apriorística desses relatos permitiu compor 06 categorias: i) Triunfalismo; ii) Agonia e Êxtase; iii) Transcendentalismo; iv) Percepção do Sublime; v) Reconhecimento Social; vi) Itinerário e Recursividade.

O Triunfalismo representa a sensação de vitória e heroísmo demonstrada ao atingir o cume. A Agonia e o Êxtase representam fortes e intensas emoções e sentimentos ambivalentes, até mesmo antagônicos. O Transcendentalismo representa autoconhecimento, ressignificação pessoal e espiritual. A Percepção do Sublime decorre dos sentidos elaborados diante do contato com os aspectos físicos, geográficos, um retrato estético da montanha. O Reconhecimento Social indica o conjunto de manifestações sobre como se dá o pensar e o refletir no próximo e na sociedade. O Itinerário e Recursividade aglutina as manifestações relativas às práticas do montanhismo.

Entende-se que os resultados obtidos demonstraram suficientes para atingir os objetivos propostos e para a solução do problema de pesquisa, uma vez que confirmou a ideia defendida que os Cadernos de Cume pudessem descrever um determinado ângulo da experiência de montanha no Pico Paraná. A revelação da experiência de montanha demonstra a relação entre o ser humano e a natureza (sociedade e ambiente) e nesta investigação se apresenta de forma atual devido ao recorte temporal 2017-2020. Os achados dessa pesquisa contribuem para uma leitura teórica sobre turismo de montanha e a experiência em turismo, bem como na metodologia aplicada ao analisar os Cadernos de Cume, no estabelecimento das categorias e pelas técnicas utilizadas, contribuições que colocam em evidência o próprio Pico Paraná.

Além disso, o entendimento dessas características permite ao Estado e órgãos gestores trabalhar com maior acuidade e precisão o planejamento e manejo do uso público, segurança do visitante, divulgação e marketing do atrativo. Sugere-se também perspectivas para maior humanização das práticas estimuladas no ambiente, o que também beneficia empresas privadas que atendem demandas e podem com este mapeamento da experiência identificar o que pode ser potencializado ou melhorado na experiência do visitante.

A utilização do *software* MaxQDA (2020) foi fundamental para organização e sistematização dos dados, bem como no auxílio para a interpretação das categorias. Ressalta-se que sem a parceria do Clube Paranaense de Montanhismo, esse trabalho não seria possível. As contribuições históricas de Henrique Paulo Schmidlin também foram de suma importância para o desenvolvimento dessa investigação. Sob o ponto de vista da pesquisadora, considera-se que o trabalho proporcionou realização profissional, satisfação e crescimento pessoal.

Isso posto, o andamento deste trabalho encontrou algumas limitações, entre as quais cabe destacar a dificuldade em acessar o campo por conta das medidas restritivas da pandemia do Corona Vírus. Essa situação também dificultou o acesso a livros em bibliotecas e aplicação de entrevistas – como era inicialmente desejado, com um maior direcionamento fenomenológico da investigação.

Deve-se registrar que outro ponto controverso se refere a transcrição dos Cadernos de Cume, que demandou mais tempo do que o previsto, levando a necessidade de contratação de duas pessoas para auxiliar nesse processo. De outra parte, problemas operacionais acarretaram a mudança de *software* no início do processo de categorização, do Atlas Ti para o MaxQDA. Além disso, a escassez de literatura acadêmica nacional sobre turismo de montanha também impôs algumas dificuldades teóricas sobre o tema proposto. Os resultados das análises dos Cadernos de Cume demonstraram outros caminhos que seriam interessantes no aprofundamento das interpretações, por exemplo, no enfoque da fenomenologia-hermenêutica,

o que se antevê com grande potencial para um trabalho em nível de doutorado, considerando os achados deste trabalho.

Porém, outras novas possibilidades de pesquisa parecem relevantes para futuras investigações científicas. Nesse sentido, são elencadas algumas sugestões:

- Aprofundamento das análises emocionais quanto ao lugar, pela perspectiva da geografia das emoções e no campo da Psicologia;
- Levantamento histórico e mapeamento das montanhas no Brasil que possuem as Caixas de Cume e como são administrados esse material;
- Essa pesquisa se concentrou no registro do momento em que a pessoa alcança o cume, ou seja, metade do caminho percorrido. Por isso, seria interessante ampliar e realizar uma pesquisa comparativa desses resultados com informações pré e pós-visita;
- Aplicação da análise de conteúdo nos Cadernos de Cume do Pico Paraná em um período temporal maior, possibilitando até mesmo um comparativo por décadas ou por momento histórico;
- Aplicação da metodologia em outras montanhas que possuem tais registros para entender a experiência em cada montanha e realizar um comparativo entre elas;
- Utilização dos vídeos compartilhados nas redes sociais (em especial o YouTube) como ferramenta para analisar a experiência no local. Eles fornecem elementos visuais e de discursos interessantes que podem corroborar em investigações científicas;
- Investigar a experiência de montanha a partir da concepção da experiência “*flow*”, proposto por Csikszentmihalyi (1990) e com os apontamentos de Matos, Sá e Duarte (2021) quanto às sete considerações desse modelo, inclusive nas fases anterior (o que impulsiona) e posterior (resultados) do *flow*, considerando também as experiências negativas;
- Investigar com maior aprofundamento a relação da experiência de montanha com a experiência espiritual. Por exemplo, com base no Modelo Conceitual do Turismo Espiritual, proposto por Halim, Tatoglu e Hanefar (2021);
- Aplicação da Escala de Emoção do Destino, proposto por Hosany e Gilbert (2010) para investigar e medir as dimensões das experiências emocionais dos visitantes em ambiente de montanha;
- Aplicação da análise de sentimento proposto por Mirzaalian e Halpenny (2021), nos Cadernos de Cume ou em conjunto com as redes sociais para efeitos comparativos da experiência durante e após a visita na montanha;
- Investigar a experiência emocional em ambiente de montanha aliando métodos tradicionais (análise de conteúdo) aos mais modernos (tecnológicos), conforme sugerido por Li, Scott

e Walters (2015), entre eles os métodos psicofisiológicos: análise eletrotérmica, resposta da frequência cardíaca, atividade muscular facial e análise do movimento ocular;

- Ampliação da pesquisa referente a oferta e demanda turística dos municípios de Campina Grande do Sul e Antonina para organização de estratégias para o desenvolvimento do turismo de montanha de forma conjunta.

A realização da pesquisa demonstrou que os resultados podem ser benéficos à academia, no que tange à compreensão sobre o turismo de montanha, um tema incipiente no contexto brasileiro. Assim como ao gestor da Unidade de Conservação no entendimento sobre a experiência de montanha e a importância dos Cadernos de Cume na história, cultura e gestão de áreas de montanhas. Os achados dessa pesquisa podem corroborar para a elaboração do Plano de Manejo do Parque.

Esta pesquisa também se alinha ao Planejamento Estratégico Institucional (PEI) do Ministério do Turismo (2020-2023), que tem como missão o fortalecimento do turismo no País e entre um dos objetivos estratégicos, está o de “identificar e desenvolver experiências turísticas” e “estruturar e diversificar o turismo no Brasil” (MTUR, 2020). Bem como no Plano Paraná Turístico 2026 – Pacto para um destino inteligente – também identifica como tendência-chave para o Estado o desenvolvimento da atividade baseada na experiência e sensações do turista, elevando a relação emocional entre o turista, os residentes e a sua vivência (PARANÁ, 2016).

Destaca-se aqui a importância dos Cadernos de Cume como fonte de pesquisa documental. Esses cadernos devem ser valorizados pela sua importância histórica e cultural. Os registros configuram uma importante forma de resgate das memórias individuais e coletivas sobre a experiência em montanha. A utilização desse material de forma mais aprofundada, pode caracterizar uma identidade cultural local e o próprio turista de montanha do Pico Paraná. Tais registros comportam elementos para o entendimento da experiência de montanha e o próprio visitante, auxiliando os gestores públicos e empresas privadas em viabilizar experiências autênticas e seguras, além de valorizar e conservar a montanha como atrativo turístico. Os Cadernos de Cume também fornecem informações sobre áreas de pressão auxiliando no manejo do atrativo pelos órgãos gestores e outros envolvidos direta e indiretamente no Parque. Eles também são importantes como ferramenta de suporte nos casos de busca ou resgate, identificando a passagem ou não da pessoa por este ponto.

Porém, falta entendimento ou consciência dos frequentadores sobre a importância desse valioso material. Apesar do pedido de devolução para o CPM, inserido na primeira página de

cada Caderno, muitas pessoas os levam como lembrança, extraviam ou empregam usos que não condizem com a finalidade. Seria interessante algum trabalho ou projeto de conscientização do material junto aos frequentadores.

Nesse sentido, a iniciativa do Clube Paranaense de Montanhismo em digitalizar e divulgar os Cadernos de Cume das montanhas do Paraná é fundamental para conservação dessa memória histórica e cultural. Porém, a conservação desse material físico também deve ser considerada, assim como ocorre em outros países, em local apropriado, catalogados e disponibilizados para consulta pública. Como sugestão, isso pode se dar através do próprio Clube (mas requer espaço físico) ou então, após digitalizados, entregues para a Biblioteca Pública do Paraná ou outro local de acesso público.

O Paraná, através de importantes montanhistas e variados clubes, de maneira isolada ou organizada, tem uma importância nacional na prática das atividades de montanhas e na conservação desse patrimônio natural, oferecendo também condições de acesso para a prática do montanhismo. O Paraná é referência no Brasil por tais iniciativas e possui um legado histórico da cultura de montanha imensurável e que deve ser resgatado, reunido e divulgado. Uma ideia audaciosa seria a criação de um Museu da Montanha reunindo acervos que se encontram distribuídos isolados e disponibilizando um único local de acesso para todos, inclusive os Cadernos de Cume.

Conquistar o cume do Pico Paraná, remete ao indivíduo representar e registrar: superação e aprendizados, contato com o divino e a distância do lar. O Pico Paraná testa as habilidades e aptidões; ensina a lidar com situações diferentes do habitual; proporciona a valorização das pequenas coisas e gestos, levando para a vida os aprendizados que a montanha, imponente e com uma natureza tão singular, pode provocar. O Pico Paraná se configura em um valioso atrativo natural, onde o “eu”, o “outro” e o “lugar” convergem para uma experiência única e memorável, porém, internamente diversa, como foi possível verificar por meio das seis categorias propostas.

REFERÊNCIAS

- ABETA. Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (2020). Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/> . Acesso em: 02 ago. 2020.
- ABETA. Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (2018). **Turismo de aventura em São Paulo**: Adventure Sports Fair celebra a vida ao ar livre. Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/adventure-sports-fair-2018/>. Acesso em: 02 ago. 2020.
- ADVENTUREMAG (2021). **O Pico Paraná, mais alta montanha do sul do Brasil, já tem novos recordes feminino**. Disponível em: O Pico Paraná, mais alta montanha do sul do Brasil, já tem novos recordes feminino | Adventuremag. Acesso em: 09 ago. 2021.
- AGENCIA DE NOTICIAS DO PARANÁ (2021). **Voluntários fazem mutirões para revitalizar trilhas em parques da RMC**. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=112656>. Acesso em 26 de jun. 2021.
- ALCOBIA, O.; DA SILVA, C.; HOFSTARTTER, M.; MAIA, A. K. Fenomenologia nas pesquisas em turismo: análise das dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v. 6, n. 2, p. 270-290, jul./dez. 2018.
- ALTA MONTANHA (2014, ii). **CPM inaugura o projeto Memórias de cume**. Disponível em: <http://altamontanha.com/cpm-inaugura-o-projeto-memorias-de-cume>. Acesso em 12 de novembro 2019.
- ALTA MONTANHA (2014). **CPM inaugura modelo para caixas de cume**. Disponível em: <http://altamontanha.com/cpm-inaugura-modelo-para-caixas-de-cume>. Acesso em 12 de novembro 2019.
- ALTMAN, I.; LOW, S. M. (eds). **Place Attachment**. New York: Plenum, 1992.
- ALVES, N. L. P. **As montanhas do Marumbi**. Curitiba: Edição do autor, 2008.
- AMARAL, M. C. O desafio da Adventure Sports Fair e o turismo de aventura no Brasil. In: UVINHA, R. R. (org.) **Turismo de Aventura: Reflexões e Tendências**. São Paulo: Aleph, 2005. p. 233 – 245.
- ANITA. **Subindo o Pico Paraná**. 2018. 1 fotografia, color. In: Viagem com Anita: trilhas e aventuras. Disponível em: <https://www.viagemcomanita.com/post/subindo-o-pico-paran%C3%A1> . Acesso em: 12 abr. 2021.
- ARPINI, F. (2012). **Porque nos sentimos desafiados pela montanha?** In: Blog de Escalada. Disponível em: <https://blogdescalada.com/porque-nos-sentimos-desafiados-pela-montanha/> . Acesso em 03 mai. 2021.
- ASSUNÇÃO, P. de. **História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX**: viagens, espaço e cultura. Barueri, SP: Manole, 2012.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BEEDIE, P. Mountain guiding and adventure tourism: reflections on the choreography of the experience, **Leisure Studies**, 22:2, p. 147-167, 2003.

BEEDIE, P.; HUDSON, S. Emergence of mountain-based adventure tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 3, p. 625–643, 2003.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta pedagógica para atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T (orgs). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006. p. 180 – 210.

BLASCO, D.; GUIA, J.; PRATS, L. Mountain Tourism Supply-chain Networks in Cross-border Settings: the case of Intercerdanya, Spain. In: RICHINS, H.; HULL, J. **Mountain Tourism: experiences, communities, environments and sustainable futures**. Boston, MA: CABI, 2016.

BLOG SENDEROXTREM. (2014). **Alto de las barracas-buzon de montaña 29.03.2014: operación “coguete”**. Disponível em: <http://www.senderoxtrem.com/foro/index.php?topic=2943.0>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRITO, A. G. **As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

CAPES-MEC. PORTAL DE PERIÓDICOS. Disponível em: <http://www-periodicos-capes.gov-br.ez22.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 01 out. 2019.

CARVALHO, A. I. de. Um conjunto de montanhas e de práticas culturais como escala de pesquisa em história ambiental. **Revista de História Regional**, v. 20, n. 2, p. 375-397, 2015.

CARVALHO, A. I. de. Práticas de natureza: movimento e contemplação nas montanhas do Marumbi. **Antíteses**, v. 7, n. 13, p. 415-439, jan./jun. 2014.

CARVALHO, A. I. de. Entre rochas e floresta, um lugar para os marumbinistas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

CBME. Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada, s./d. **Montanhismo Brasileiro: princípios e valores**. Disponível em: <http://www.cbme.org.br/novo/wp-content/uploads/2018/07/principios-A5-2018-email.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

CHENG, M.; et al. A tri-method approach to a review of adventure tourism literature: bibliometric analysis, content analysis, and a quantitative systematic literature review. **Journal of Hospitality & Tourism Research**, v. 42, n. 6, p. 997-1020, august 2018.

Clube Paranaense de Montanhismo – CPM. Cadernos de Cume do Pico Paraná. 2017-2020.

COELHO, M. de F.; GOSLING, M. de S. Uma revisão sobre estudos de experiência turística (2005-2016). **Caderno Virtual de Turismo**, 19 (2), 2019.

CONAMA. **Resolução nº 303, de 20 de março de 2002:** Dispõe sobre parâmetros, definições e limites de Áreas de Preservação Permanente. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/res/res02/res30302.html>. Acesso em: 06 abril 2020.

COLLINS-KREINER, N. Pilgrimage tourism-past, present and future rejuvenation: a perspective article. **Tourism Review**. v. 75. n. 1, p. 145-148, 2020.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Turismo e meio ambiente: interfaces e perspectivas. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2007. p. 19-43.

COSTA, T. Pitoresco, um pensamento de arte. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 9, n. 17, p. 218-236, jan./jun. 2015.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DECRETO ESTADUAL Nº 5.769, de 05 de junho de 2002. **Cria o Parque Estadual Pico Paraná, localizado nos municípios de Campina Grande do Sul e Antonina**.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEPARTMENT OF NATIONAL PARKS AND WILDLIFE CONSERVATION. **Sagarmatha National Park**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071231231451/http://www.south-asia.com/dnpwc/Sagarmatha%20national%20Park/sagindex.html>. Acesso em: 02 março 2021.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 127-153.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LINGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 07 ago. 2020.

DIENER, P. A viagem pitoresca como categoria estética e a prática de viajantes. **Revista Porto Arte**: Porto Alegre, v. 15, n. 25, nov. 2008.

DISSENHA, V. **De volta ao Pico Paraná: parte 1**. 2019. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://vanderdissenha.wordpress.com/2019/11/02/de-volta-ao-pico-parana-parte-1/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

DISSENHA, V. **Pico Paraná: parte 1**. 2013. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://vanderdissenha.wordpress.com/2013/09/03/pico-parana-parte-i/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

DIVULGAÇÃO/RPC TV. **Montanhistas falam sobre a emoção de subir o Pico Paraná.** 2013. 1 fotografia, color. In: RPC TV. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/rpctv/noticia/2013/12/montanhistas-falam-sobre-emocao-de-subir-o-pico-parana.html>. Acesso em: 13 ago. 2021.

DORAN, A.; POMFRET, GILL. Exploring efficacy in personal constraint negotiation: an ethnography of mountaineering tourists. **Tourist Studies**, v. 19, n. 4, p. 475-495, 2019.

DUERDEN, M. D.; LUNDBERG; N. R.; WARD, P.; TANIGUCHI, S. T.; HILL, B.; WIDMER, M. A.; ZABRISKIE, R. From ordinary to extraordinary: a framework of experience types, **Journal of Leisure Research**, 49:3-5, p. 196-216, 2018.

DUGLIO S.; LETEY M. The role of a national park in classifying mountain tourism destinations: An exploratory study of the Italian Western Alps. **Journal of Mountain Science**. 16 (7), 2019.

EBY, L.; HURST, C.; BUTTS, M. Qualitative Research: the Redhead Stepchild in Organizational and Social Science Research? In: LANCE, Charles; VANDENBERG, Robert. **Statistical and Methodological Myths and Urban Legends: doctrine, verity and fable in the organizational sciences**. Londres: Routledge, 2009.

EXTREMOS (S.D.). **Dicionário de Aventura**. In: Extremos. Disponível em: <http://www.extremos.com.br/dicionario/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FABIO.2015. **Foto de Pico Paraná - União - Ibitirati**. 2016. 1 fotografia, color. In: Wikiloc: trilhas do mundo. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-montanhismo/pico-parana-uniao-ibitirati-14266801/photo-8905155>. Acesso em: 13 ago. 2021.

FAO. Organização das Nações Unidas (2018). **Las montañas son esenciales para nuestras vidas**. Disponível em: https://ztfnews.files.wordpress.com/2018/12/info_dim_18.jpg. Acesso em: 12 nov. 2019.

FAO. Organização das Nações Unidas (2019). **International Mountain Day**: Presentation for students ages 5-12, 11 December 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ca7248en/ca7248en.pdf>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

FAO. Organização das Nações Unidas (2020). Disponível em: <http://www.fao.org/international-mountain-day/international-mountain-daykey-messages/es/>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

FAULLANT, F.; MATZLER, K.; MOORADIAN, T. A. Personality, basic emotions, and satisfaction: Primary emotions in the mountaineering experience. **Tourism Management**. n. 32, p. 1423-1430, 2011.

FAZENDA PICO PARANÁ. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080510105933/http://www.fazendapicoparana.altamontanha.com/parana.asp>. Acesso em: 01 abril 2020.

FEMERJ. Federação de esportes de montanha do Estado do Rio de Janeiro. **Metodologia de Classificação de Trilhas**. (2015). Disponível em: <http://www.femerj.org/wp-content/uploads/classifica%C3%A7%C3%A3o-trilhas-v6.1.pdf> Acesso em: 04 abril 2021.

FEPAM. Federação Paranaense de Montanhismo (2021). Disponível em: <https://fepampr.org.br/portal/quem-somos/>. Acesso em: 02 maio 2020.

FERREIRA NETTO, D. **Pico Paraná, montanha mais alta do Sul, completa 75 anos de conquista**. 2016. 1 fotografia, color. In: Agência do Notícias do Paraná. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=278644&evento=47459>. Acesso em: 13 ago. 2021.

FIORI, J. (2017). **A cruz do Marumbi**. In: Alta Montanha. Disponível em: <https://altamontanha.com/a-cruz-do-marumbi/>. Acesso em 15 de maio 2021.

GARCIA, O. M. **Libros de cima: uma historia de pasión y conquista**. Madri, Spain: Desnivel, 2018.

GASTAL, S. Imagem, paisagem e turismo: a construção do olhar romântico. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 11, n. 3, julio, p. 123-133, 2013.

GIULIANI, M. V.; FELDMAN, R. Place attachment in a developmental and cultural context. **Journal of Environmental Psychology**, 13(3), p. 267–274, 1993.

GODDE, P. M.; PRICE; M. F.; ZIMMERMANN, F. M. Tourism and Development in Mountain Regions: moving forward into the new millennium. In: GODDE, P. M.; PRICE; M. F.; ZIMMERMANN, F. M. (ed.). **Tourism and development regions**. CAB International, 1999, p. 01-26.

GODOVYKH, M.; TASCI, A. D. A. Customer experience in tourism: a review of definitions, components, and measurements. **Tourism Management Perspectives**. n. 35, 2020.

HALIM, M. S. A.; TATOGLU, E., HANEFAR, S. B. M. A review of spiritual tourism: a conceptual model for future research. **Tourism and Hospitality Management**, v. 27, n. 1, p. 119-141, 2021.

HAUCK, P. (2009). **História do Montanhismo**. In: Alta Montanha. Disponível em: <https://altamontanha.com/historia-do-montanhismo/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

HAUCK, P. (2011). **Reinhard Maack: Geocientista e aventureiro**. 1 fotografia, color. In: Alta Montanha. Disponível em: <https://altamontanha.com/reinhard-maack-geocientista-e-aventureiro/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

HAUCK, P. (2015). **Desafios psicológicos e emocionais de uma escalada em alta montanha**. In: Alta Montanha. <https://altamontanha.com/desafios-psicologicos-e-emocionais-de-uma-escalada-em-alta-montanha/>. Acesso em 03 mai. 2021.

HOAKLEY, H. (2015). **Landscape Visions: 3 Landscapes of awe**. In: The Eclectic Light Company: macs, painting, and more. Disponível em:

<https://eclecticlight.co/2015/07/20/landscape-visions-3-landscapes-of-awe/>. Acesso em: 31 jan. 2021.

HOSANY, S. Appraisal Determinants of Tourist Emotional Responses. **Journal of Travel Research**. 51 (3), p. 303-314, 2012.

HOSANY, S.; et al. Measuring Tourists' Emotional Experiences: Further Validation of the Destination Emotion Scale. **Journal of Travel Research**. v. 54, n. 4, p. 482-495, 2015.

HOSANY, S.; GILBERT, D. Measuring Tourists' Emotional Experiences toward Hedonic Holiday Destinations. **Journal of Travel Research**. v. 49, n. 4, p. 513-526, 2010.

HOSANY, S.; PRAYAG, G. Patterns of tourists' emotional responses, satisfaction, and intention to recommend. **Journal of Business Research**. 66, p. 730-737, 2013.

PETRARCH, F. Familiar Letters. **The ascent of Mount Ventoux to Dionisio da Borgo San Sepolcro** (1898) Disponível em: <https://history.hanover.edu/texts/petrarch/pet17.html>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PETRARCH, F. Disponível em: https://petrarch.petersadlon.com/read_letters.html?s=pet17.html Acesso em: 02 fev. 2021.

HULL, J. S. Wellness Tourism Experience in Mountain Regions: the case of Sparkling Hill Resort, Canada. In: RICHINS, H.; HULL, J. **Mountain Tourism: experiences, communities, environments and sustainable futures**. Boston, MA: CABI, 2016. p. 25-35.

HULL, R. B.; STEWART, W. P. The landscape encountered and experienced while hiking. **Environment and Behavior**, v. 27, n. 3, p. 404-426, may, 1995.

IAP. Instituto Ambiental do Paraná (2015). **Ponto mais alto do Sul do País fica no Parque Estadual Pico Paraná**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=727&tit=Ponto-mais-alto-do-Sul-do-Pais-fica-no-Parque-Estadual-Pico-Parana%20Turismo%20Ambiental>. Acesso em: 12 nov. 2019.

IAP. Instituto Ambiental do Paraná. (2015). **Visitantes do Pico Paraná não precisam mais pagar para entrar no parque**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=748>. Acesso em: 12 nov. 2019.

IAP. Instituto Ambiental do Paraná. (2016). **Parque Estadual Pico do Paraná terá base de apoio ao visitante**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=866>. Acesso em: 05 dez. 2019.

IAP. Instituto Ambiental do Paraná. (2020). **ICMS Ecológico por Biodiversidade**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/pagina-418.html>. Acesso em 28 abr. 2020.

IAT. Instituto Água e Terra. (2020). **Parque Estadual Pico Paraná**. Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Parque-Estadual-Pico-Parana> Acesso em: 04 set. 2020.

IAT. Instituto Água e Terra. (2019). **ICMS Ecológico por Biodiversidade**: Planilha de valores brutos repassados por áreas protegidas em 2019. Disponível em: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Dibap_Dec_ICMS_E/Repasse_ICMSE_2019_UC.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). **Geociências**: IBGE revê as altitudes de sete pontos culminantes. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/15275-geociencias-ibge-reve-as-altitudes-de-sete-pontos-culminantes>. Acesso em: 31 março 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). **O relevo brasileiro**. Disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/en/component/content/article/94-7a12/7a12-vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/1489-relevo-e-clima.html> Acesso em: 23 maio 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, vol. 72, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2012.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). **Manual técnico de geomorfologia**. 2. ed., Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 182 p. Disponível em: [untitled \(ibge.gov.br\)](http://ibge.gov.br)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2004). **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Mosaicos reconhecidos oficialmente**: Mosaico do Lagamar. 2021. 1 fotografia, color. Disponível em: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Mosaico do LAGAMAR (icmbio.gov.br). Acesso em 26 jun. 2021.

IGUASSU, I. (s./d.). **Plataforma Montanhas, Vales, Vida e Cidadania**: pelo desenvolvimento sustentável em tempos de mudanças climáticas rumo a Rio+20. Disponível em: <http://plataforma-montanhas.rio20.net/2011/12/24/definicao-instituto-brasileiro-de-geografia-estatistica-links-importantes/>. Acesso em: 23 maio 2021.

IKUEMÁN, F. **Foto de Pico Paraná (PP) conquista a partir do acampamento 1 (A1)**. 2016. 1 fotografia, color. In: Wikiloc: trilhas do mundo. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/serra-do-ibitiraquire-mapeamento-11149011/photo-7695769>. Acesso em: 13 ago. 2021.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Johann Moritz Rugendas**. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/09/06/sobre-johann-moritz-rugendas/>. Acesso em: 03 abril 2021.

INSTITUTO MOREIRA SALES (s./d.). 1 fotografia, color. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/4294979324>. Acesso em: 03 abril 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Unidades de Conservação no Brasil**. 2021. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/mapa>. Acesso em 13 ago. 2021.

JOHNSTON, B.; EDWARDS, T. The commodification of mountaineering. **Annals of Research**, v. 21, n. 3, p. 459-478, 1994.

KIESINGER, C. D.; SMITH, G. A. (2020). **Mountaineering**. In: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/mountaineering>. Acesso em 4 de fev. 2021.

KRIPPENDORFF, K. **Metodologia de análisis de contenido: teoria e práctica**. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.

KUSHANO, E. S.; FILLIPIM, M. L. Aspectos sociais do turismo. In: GOMES, B. M. A.; BAHL, M. (ORG.). **Turismo e Sociedade: aspectos teóricos**. São Paulo: All Print Editora, 2019. p. 53 – 74.

LEI Nº 12.651, de 25 de maio de 2012. **Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm. Acesso em: 24 jun. 2020.

LI, S.; SCOTT, N.; WALTERS, G. Current and potential methods for measuring emotion in tourism experiences: a review, **Current Issues in Tourism**, 18:9, 805-827, 2015.

LIMA JUNIOR, E. B.; OLIVEIRA, G. S. de; SANTOS, A. C. O. dos; SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 36-51. 2021.

LIZIERO, A. (2018). **O Brasil tem montanhas?** In: Geografia visual. Disponível em: <https://geografiavisual.com.br/fotografias/o-brasil-tem-montanhas>. Acesso em: 03 ago. 2020.

LOOCKE, K. V. (2011). **How the British created modern mountaineering**. In: Summitpost.org. Disponível em: <https://www.summitpost.org/how-the-british-created-modern-mountaineering/713630> . Acesso em 2 abril 2021.

LÓPEZ-RICHARD, V. CHINÁGLIA, C. R. Turismo de Aventura: conceitos e paradigmas fundamentais. **Turismo em Análise**. v. 15, n. 2, p. 199-215, 2004.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T (ORG.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006. p. 1 – 26.

MARKOVIĆ, J. J.; PETROVIĆ, M. D. Sport and Recreation Influence upon Mountain Area and Sustainable Tourism Development. **Journal of Environmental and Tourism Analyses**. v. I.1, p. 81-90, 2013.

MASTERS, K. (2016) **Johann Jakob Scheuchzer, unwitting namesake of a giant salamander**. Disponível em: <https://blog.bookstellyouwhy.com/johann-jakob-scheuchzer-unwitting-namesake-of-a-giant-salamander>. Acesso em: 03 fev. 2021.

MATEIRO, B. M. de J. **A experiência turística nos destinos de montanha: os cinco sentidos**. 204 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Planejamento em Turismo) – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, 2015.

MATOS, N. M. da SILVA de; SÁ, E. S. de; DUARTE, P. A. de O. A review and extension of the flow experience concept: insights and directions for tourism research. **Tourism Management Perspectives**. v. 38, abril, 2021.

MAXQDA. 2020. **Guia de introdução**. Disponível em: https://www.maxqda.com/wp/wp-content/uploads/sites/2/Getting-Started-MAXQDA2020_PBR.pdf. Acesso em: 01 ago. 2021.

MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 08 ago. 2020.

MIRZAALIAN, F.; HALPENNY, E. Exploring destination loyalty: Application of social media analytics in a nature-based tourism setting. **Journal of Destination Marketing & Management**, n. 20, 2021.

MTUR. Ministério do Turismo. (2016). **Atrativos naturais e ecoturismo atraem cada vez mais estrangeiros ao Brasil**. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/ultimas-noticias/2619-atrativos-naturais-e-ecoturismo-atraem-cada-vez-mais-estrangeiros-ao-brasil.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MTUR. Ministério do Turismo (2021). **Busca de visitantes internacionais por turismo cultural e de natureza registra recorde em 2019**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/busca-de-visitantes-internacionais-por-turismo-cultural-e-de-natureza-registra-recorde-em-2019-1>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MTUR. Ministério do Turismo. (2020) **Planejamento Estratégico Institucional – PEI**. Publicado em 29 de maio de 2020. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/planejamento-estrat%C3%A9gico-institucional-2020-planejamento-estrat%C3%A9gico-institucional-2020-2023.html>. Acesso em: 02 ago. 2020.

MTUR. Ministério do Turismo. **Dados e fatos**. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html> . Acesso em 02 ago. 2020.

MU, Y.; NEPAL, S. High Mountain Adventure Tourism: Trekkers' Perceptions of Risk and Death in Mt. Everest Region, Nepal. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, 21:5, p. 500-511, 2016.

NASCIMENTO, E. R.; et. al. Evidências de determinação morfotectônica e neotectônica no relevo da Serra do Mar no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geomorfologia**. v. 14, n. 3, 2013.

NEPAL, S. K.; CHIPENIUUK, R. Mountain Tourism: toward a conceptual framework. **Tourism Geographies**. v. 7, n. 3, p. 313 – 333, 2005.

NICOLSON, M. H. **Mountain Gloom and Mountain Glory**: The development of the Aesthetics of the Infinite. Cornell University Press: Ithaca, New York, 1959.

NORGAY, T.; BISHOP, B. C.; NOYCE, WILFRID, HUNT, (HENRY CECIL) JOHN E VENABLES, STEPHEN. **Monte Everest**: mountain Asia. 2021. 1 fotografia, p&b. In:

Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/place/Mount-Everest>. Acesso em 13 maio 2021.

OMT. Organização Mundial do Turismo (2021). **Mountain Tourism**. Disponível em: <https://www.unwto.org/mountain-tourism>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ORTENBLAD, A. **O que é um vale?** In: Alta Montanha. Disponível em: O que é um Vale? - AltaMontanha . Acesso em: 15 de maio de 2018.

PANOSSO NETO, A. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, A.; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. In: _____ **Turismo**: perspectiva crítica: textos reunidos. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. p. 25-58.

PARANÁ. Secretaria da Cultura e do Esporte. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. **Tombamento da Serra do Mar**. Curitiba, 1987.

PARANÁ. Secretaria do Esporte e Turismo do Paraná. **Plano Paraná Turístico 2026** – Pacto para um destino inteligente. SEBRAE, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1y-DZ5IT0jzn5KmmSrNrlWAv0sYYfHnFo/view>

PERNECKY, T.; JAMAL, T. (Hermeneutic) Phenomenology in Tourism Studies. **Annals of Tourism Research**, 37(4), p. 1055–1075, 2010.

PFISTER, R. E. Mountain Culture as a Tourism Resource: aboriginal views on the privileges of Storytelling. In: GODDE, P. M.; PRICE, M. F.; ZIMMERMANN, F. M. **Tourism and Development in Mountain Regions**. CAB International, 1999, p. 115 – 136.

PNUD BRASIL. **O que é o IDHM**. 2020. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idhm.html>. Acesso em: 04 set. 2020.

POMFRET, G. Mountaineering adventure tourists: a conceptual framework for research. **Tourism Management**. 27, p. 113-123, 2006.

POMFRET, G. Personal emotional journeys associated with adventure activities on packaged mountaineering holidays. **Tourism Management Perspectives**. 4, p. 145-154, 2012.

POMPEO, R (2016). **Na montanha dos deuses**. In: Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/na-montanha-dos-deuses/> Acesso em: 24 jul. 2021.

POSSE, Z. C. S.; CASTRO, E. A. de. **Urbanização de Curitiba 1900 – 1940**. In: Memória Urbana. Disponível em: <https://www.memoriaurbana.com.br/as-virtudes-do-bem-morar/urbanizacao-de-curitiba-1900-1940/> Acesso em: 30 ago. 2021.

PRATES, V. **Fim de Semana Inusitado no Pico Paraná**. 2019. 1 fotografia, color. In: Trekmundi. Disponível em: <http://trekmundi.com/pico-parana/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PRUITT, S. (s./d). **Seis motivos pelos quais a Idade das Trevas não foi tão sombria.** Disponível em: <https://history.uol.com.br/microsites/muito-mais-historia/noticias/seis-motivos-pelos-quais-a-idade-das-trevas-nao-foi-tao-sombria>. Acesso em: 02 fev. 2021.

QIU, M., SHA, J.; SCOTT, N. Restoration of Visitors through Nature-Based Tourism: A Systematic Review, Conceptual Framework, and Future Research Directions. **International journal of environmental research and public health**, 18(5), 2299, 2021.

RAGA, M. (2016). **Buzones de cumbre:** Senderismo, montañismo e historia. In: Club Senderismo de Valencia. Disponível em: <http://clubsenderismodevalencia.club/buzones-cumbre-senderismo/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RAIMUNDO, S. Estudios acerca de las relaciones entre sociedad y naturaleza y su aplicación en investigaciones sobre ocio y turismo. In: NECHAR, M. C.; PANOSSO NETTO, A. (org.). **Epistemologia del Turismo**. 1 ed. Cid México: Trilhas, 2010. p. 154-173.

RENTALA, O.; ROKENES, A.; VALKONEN, J. Is adventure tourism a coherent concept? A review os research approaches on adventure tourism. **Annals of Leisure Research**, v. 21, n. 5, p. 539-552, 2018.

RICHARDSON, R. J. (et. al). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 220–244.

RICHINS, H.; HULL, J. **Mountain Tourism:** experiences, communities, environments and sustainable futures. Boston, MA: CABI, 2016.

RICHINS, H.; JOHNSEN, S.; HULL, J. S. Overview of Mountain Tourism: Substance Nature, Historical Context, Areas of Focus. In: RICHINS, H.; HULL, J. **Mountain Tourism:** experiences, communities, environments and sustainable futures. Boston, MA: CABI, 2016. p. 01-12.

RÍO-RAMA, M., C.; MALDONADO-ERAZO, C.; DURÁN-SÁNCHEZ, A.; ÁLVAREZ-GARCÍA, J. Moutain tourism research: a review. **European Journal of Tourism Research** 22, p. 130-150, 2019.

ROSSETTI, M. L. Burke, Kant e Lyotard: reflexões acerca do sublime. **Palíndromo**, n. 12, jul./dez. 2014.

SAM.SCORT. **Foto de Pico Parana, fazenda Pico Paraná.** 2016. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-montanhismo/pico-parana-fazenda-pico-parana-15420405/photo-9595187>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano:** princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SCHLENKER, H. F. Fotografias do Parque Estadual do Pico Paraná. Acervo pessoal, cedidas para uso exclusivo desta pesquisa.

SCHMIDLIN, H. P.; FIORI, J. C. **Puro montanhismo**. Livro 1: os conquistadores. Curitiba, PR: Alta Montanha, 2021.

SEMPERE, A. B. (s./ d.) **Dragons of the Alps: Johann Jakob Scheuchzer's Scientific Quest for Evidence**. Disponível em: <https://www.primerand.co/3/dragons>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SILVEIRA, R. da. **Petrarca**. (2010) Disponível em: <https://pt.slideshare.net/admr/petrarca-5619606>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SILVÉRIO, M. (2020). **Rudolfo Stamm, a vida e um marumbinista**. In: Alta Montanha. Disponível em: <https://altamontanha.com/rudolfo-stamm-a-vida-e-um-marumbinista/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

SINGH, T. V. The Development Of Tourism In The Mountain Environment: The Problem of Sustainability. **creation research**,16(2), p. 3-12, 1991.

SKYWAY MONT BLANC (2021). Disponível em: <https://www.montebianco.com/it>. Acesso em: 06 fev. 2021.

SMETHURST, D. Mountain Geography. **The Geographical Review** 90 (I): 35-56. Jan.2000.

SNUC. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**. Disponível em: https://www.mma.gov.br/images/arquivos/areas_protegidas/snuc/Livro%20SNUC%20PNAP.pdf. Acesso em 26 de junho de 2020.

SOUZA, A. T. de. **Foto de Pico Taipabuçu, Pico Ferraria, Pico Caratuva, Pico Paraná e Pico Itapiroca (3 dias)**. 2021. 1 fotografia, color. In: Wikiloc: trilhas do mundo. Disponível em: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-trekking/pico-taipabucu-pico-ferraria-pico-caratuva-pico-parana-e-pico-itapiroca-3-dias-75161475/photo-49201050>. Acesso em: 13 ago. 2021.

STRASSBURGER, N. C.; MACKE, J. A experiência do *Flow* no Turismo de Aventura: o caso do Eco Parque Cia Aventura em Nova Roma do Sul – RS. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Universidade de Caxias do Sul, jul. 2010.

SWARBROOKE, J.; et al. **Turismo de Aventura: conceitos e estudos de casos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

THOMAS, K (1933). Man and the Natural World Changing Attitudes in England, 1500-1800. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

UFPR. BIBLIOTECA DIGITAL. **Teses & Dissertações**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/284>. Acesso em: 02 out. 2019.

UNEP. United Nations Environment Programme. **Tourism and Mountains: a practical guide to managing the environmental and social impacts of mountain tours**. 2007. Disponível em: <http://www.unep.fr/shared/publications/pdf/DTIx0957xPA-MountainsEN.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

UNITED NATIONS. **Publicaciones Principales:** Programa 21. Disponível em: https://www.un.org/esa/dsd/agenda21_spanish/res_agenda21_13.shtml. Acesso em: 03 maio 2020.

URRY, J. **Globalizando o olhar do turista.** Tradução de: OTTO, N. Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.2, 2016, p.142-155. Globalizing the Tourist Gaze. Cityscapes Conference, Graz, 2001. Disponível em: <http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online--papers/papers/urry-globalising-the-tourist-gaze.pdf>

URRY, J. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.

USP. PPGTUR. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Publicações de Turismo: pesquisa em periódicos científicos ibero-americanos de turismo. Disponível em: <http://www.each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/>. Acesso em: 01 out. 2020.

VALE DO GIGANTE PARANÁ. (2021). Disponível em: <https://www.valeogigantepr.com.br/atrativos-pacotes-e-valores.php>. Acesso em: 03 jul. 2021.

VAN MAANEN, J. **Qualitative Methodology.** London: Sage, 1979.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo.** São Paulo: Aleph, 2011.

WHYMPER, E. **Scrambles Amongst the Alps in the Years 1860-69.** (publicado em 1871) Chapter XXII. Descent of the Matterhorn. Disponível em: http://www.grc101.com/Wymper_Matterhorn.pdf. Acesso em: 04 fev. 2021. (p. 35-40).

WIKIPARQUES (s.d.). **Mosaico do Litoral de São Paulo e Paraná.** Disponível em: http://www.wikiparques.org/wiki/Mosaico_do_Litoral_de_S%C3%A3o_Paulo_e_Paran%C3%A1. Acesso em: 13 ago. 2021.

WILLIAMS, D.; VASKE, J. The Measurement of Place Attachment: Validity and Generalizability of a Psychometric Approach. **Forest Science.** 49. p. 830-840, 2003.

WILLSON, G. B.; MCINTOSH, A. J.; ZAHRA, A. L. Tourism and spirituality: a phenomenological analysis. **Annals of Tourism Research,** 42, p. 150-168, 2013.

ZORRERO, A.(2011). **Comprobante de cumbre o testimonio de cumbre.** Disponível em: <https://adrianzorrero.blogspot.com/2011/06/comprobante-de-cumbre-que-es-como-se.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

APÊNDICE 1 – TESES E DISSERTAÇÕES DE INTERESSE DA BASE DE DADOS DA UFPR

TIPO	AN	TÍTULO	AUTOR	CURSO	INSTITUIÇÃO	ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVES NO RESUMO
Dissertação	2000	A vegetação de campos de altitude (área de refúgio) no maciço Ibitiraquiri - Serra do Mar no Estado do Paraná	Alvaro de Paola Tramjias	Engenharia Florestal	UFPR	Carlos Vellozo Roderjan	não tem
Dissertação	2008	As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados	Altair Gomes Brito	Geografia	UFPR	Salete Koziel	não tem
Dissertação	2004	Atividades físicas de aventura na natureza: uma leitura sociológica a partir dos "Jogos Mundiais da Natureza"	Kátia Bortolotti	Educação Física	UFPR	Fernando Marinho Messadri	Natureza; Emoção; Lazer; História e Sociologia do Esporte
Dissertação	2006	Caracterização da Trilha e o impacto do montanhismo nos Picos Camapuã e Tucum - Campina Grande do Sul - PR	Yuri Vashchenko	Ciência do Solo	UFPR	Nerilde Favaretto	Impacto ambiental; montanhismo
Dissertação	2015	Demanda por montanhismo na região metropolitana de Curitiba - método do experimento de escolha	Rodrigo Medeiros Ribeiro	Engenharia Florestal	UFPR	Anadalvo Juazeiro do Santos	Disposição a pagar; experimento de escolha; valoração ambiental
Dissertação	1998	Desejos e melancolias: uma história da ideia de natureza no Brasil. 1839 - 1870	Janaina Zito Losada	História	UFPR	Euclides Marchi	não tem
Dissertação	2012	O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do iluminismo.	Frederico Tavares de Mello Abdalla	História	UFPR	Magnus Roberto de Mello Pereira	Instruções de viagem; literatura de viagem; viajante naturalista; viagens científicas; iluminismo
Dissertação	2014	Turismo de Aventura em Morretes: o lugar das práticas corporais na natureza	Rosane Fátima Pikussa	Geografia	UFPR	Marcos A. Tarombani da	Lugar; planejamento; turismo de aventura; práticas corporais; Morretes (PR)
Dissertação	2009	Análise da preferência da paisagem no município de Morretes, Paraná como subsídio ao planejamento do turismo	Clarice Bastarz	Engenharia Florestal	UFPR	Daniela Biondi Batista	Percepção ambiental; componentes paisagísticos; componentes turísticos; método Q
Tese	2007	A constituição de patrimônios naturais e o tombamento da Serra do Mar no Paraná	Celso F. de Azambuja Gomes	Meio Ambiente e Desenvolvimento	UFPR	José Milton Andriquetto	patrimônio cultural, patrimônio cultural e natural, Serra do Mar, Floresta Atlântica, natureza, relações
Tese	2007	A paixão, a natureza e as Ideias da história: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX	Janaina Zito Losada	História	UFPR	Ana Maria de O. Burmester	Ideias de natureza, história oitocentista, século XVIII e XIX no Brasil, Viajantes
Tese	2014	Aventura e alteridade: o domínio de outros territórios na literatura de aventura de Emílio Salgari (1862-1911)	Lorena Beghetto	História	UFPR	Marion Brehol de Magalhães	literatura de aventura; eurocentrismo, Emílio Salgari, alteridade
Tese	2011	Constituição fisionômica e identidade visual em espaços de paisagens: um estudo de caso múltiplo em cidades turísticas do litoral do Paraná	Marcelo Chemin	Geografia	UFPR	Cicilian Kuiza Löwen Sahr	Paisagem, espaço turístico, cidade, espaços de paisagens, litoral do Paraná
Tese	2007	O emblema do patrimônio natural no Brasil: a natureza como artefato cultural	Cynthia Roncaglio	Meio Ambiente e Desenvolvimento	UFPR	Dimas Floriani; José Augusto	Estado; sociedade civil; patrimônio natural; identidade, memória; políticas públicas
Tese	2007	Ecoturismo no litoral do Paraná: caminhos e descaminhos	José Claro Fonseca Neto	Meio Ambiente e Desenvolvimento	UFPR	Naina Pierri Estadés	não tem
Tese	1998	Os rituais do tombamento e a escrita da história: bens tombados no Paraná entre 1938-1990	Márcia Scholz de Andrade Kersten	História	UFPR	Ana Maria de O. Burmester	não tem
Tese	2011	Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: a homonímia signica da paisagem em áreas preservadas	Helena Midori Kashiwagi	Geografia	UFPR	Salete Koziel	paisagem; fenomenologia; mapas mentais; homonímia signica; comunidades tradicionais; Parque Nacional do Superagui
Tese	2014	Sobre o céu, a terra, a água e o ar: representações de viajantes ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815.	Hugo Moura Tavares	História	UFPR	Magnus Roberto de Mello Pereira	literatura de viagem; viajante-naturalista; viagens científicas; iluminismo

APÊNDICE 2 – PESQUISA NO PORTAL CAPES E PUBLICAÇÕES EM TURISMO COM TERMOS DO PROJETO DE PESQUISA

	TERMOS UTILIZADOS	LOCAL / SITE	RESULTADO	DETALHES	DATA DA PESQUISA
	“turismo de aventura” AND experiência	Periódicos CAPES	15	15 (entre 14 artigos e 01 livro), sendo 13 periódicos por pares. Entre os anos de 1600 e 2020. 11 em inglês e 10 em português	23/10/2019
	turismo de aventura AND experiência (sem aspas)	Periódicos CAPES	454	454 (entre 429 artigos, 21 livros, 1 artigo de jornal, 1 resenha), sendo 406 periódicos por pares. Entre os anos de 1994 e 2019. 355 em espanhol, 221 em inglês e 132 em português.	24/10/2019
	turismo de aventura AND montanhismo (sem aspas)	Periódicos CAPES	7	7 artigos, sendo 5 periódicos por pares. Entre os anos de 2009 e 2018. 1 em espanhol, 5 em inglês e 3 em português	24/10/2019 e 13/11/2019
	turismo AND experiência	Periódicos CAPES	5.161	5.161 (entre 5.016 artigos, 82 livros, 14 artigos de jornal, 16 resenhas, 15 recursos textuais, 4 teses, 1 research datasets), sendo 4.470 periódicos por pares. Entre os anos de 2012 e 2019. 3.767 em espanhol, 2.688 em inglês e 1.511 em português, 14 em francês, 4 em alemão, 2 em italiano, 2 em galego, 1 em catalão, 1 outro idioma	24/10/2019
	“turismo de aventura” (com aspas)	Periódicos CAPES	103	103 (entre 96 artigos, 1 livro, 3 artigos de jornal, 2 resenhas, 15 recursos textuais, 1 tese), sendo 70 periódicos por pares. Entre os anos de 1959 e 2019. 43 em espanhol, 64 em inglês e 34 em português, 2 em catalão	24/10/2019
	turismo de aventura (sem aspas)	Periódicos CAPES	847	847 (entre 798 artigos, 25 livros, 12 artigos de jornal, 3 resenhas, 5 recursos textuais, 2 teses), sendo 680 periódicos por pares. Entre os anos de 1994 e 2019. 605 em espanhol, 412 em inglês e 212 em português, 2 em francês, 2 em italiano, 2 em catalão, 1 em norueguês	24/10/2019
	“turismo de aventura”	Publicações em Turismo	62	62 artigos (sendo: resultado exato: 1 e resultados booleanos adicionais: 60)	04/11/2019
	turismo de aventura (sem aspas)	Publicações em Turismo	86	86 artigos (sendo: resultado exato: 62 e resultados booleanos adicionais: 24)	04/11/2019
	“montanhismo”	Publicações em Turismo	0	Sem registros	13/11/2019
	“montanhismo”	Periódicos CAPES	40	40, sendo 24 periódicos por pares. Entre os anos de 2000 e 2019. 11 em espanhol, 24 em inglês e 22 em português	13/11/2019
	montanhismo (sem aspas)	Publicações em Turismo	4	04 artigos (sendo: resultado exato: 04)	13/11/2019
	montanhismo (sem aspas)	Periódicos CAPES	40	40, sendo 24 periódicos por pares. Entre os anos de 2000 e 2019. 11 em espanhol, 24 em inglês e 22 em português	13/11/2019
	“montanha”	Publicações em Turismo	0	Sem registros	13/11/2019
	montanha (sem aspas)	Publicações em Turismo	26	26 artigos (sendo: resultado exato: 26)	13/11/2019
	montanhismo AND turismo (sem aspas)	Periódicos CAPES	13	13, sendo 09 periódicos por pares. Entre os anos de 2008 e 2018. 2 em espanhol, 7 em inglês e 8 em português	13/11/2019
	montanha AND turismo (sem aspas)	Periódicos CAPES	111	111 (entre 100 artigos, 10 livros e 1 recurso textual), sendo 67 periódicos por pares. Entre os anos de 2004 e 2019. 59 em espanhol, 44 em inglês e 51 em português.	13/11/2019

APÊNDICE 3 – IDENTIFICAÇÃO DE TEMAS E AUTORES

TEMA	TÍTULO	AUTORES	ANO	LOCAL	TPO
EXPERIÊNCIA NO TURISMO	Turismo de Experiência.	PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C.	2010	Editora Senac	Livro
	Customer experience in tourism - a review of definitions components and measurements.	GODOVYKH, M.; TASCJ, A. D. A.	2020	Tourism Management Perspectives	Artigo
	Turismo, turista e experiências: abordagens teóricas	MARUJO, N.	2016	Revista Turrydes: Turismo y Desarrollo	Artigo
	Uma Revisão sobre Estudos de Experiência Turística (2005-2016)	COELHO, M. de F.; GOSLING, M. de S.	2019	Caderno Virtual de Turismo	Artigo
	Conceptualizing the Visitor Experience: A Review of Literature and Development of a Multifaceted Model.	PACKER, J.; BALLANTYNE, R.	2016	VISITOR STUDIES	Artigo
	Towards a structural model of the tourist experience: an illustration from food experiences in tourism.	QUAN, S.; WANG, N.	2004	Tourism Management	Artigo
	Understanding and Meeting the Challenges of Consumer / Tourist Experience Research.	RITCHIE, J. R. B.; HUDSON, S.	2009	INTERNATIONAL JOURNAL OF TOURISM RESEARCH	Artigo
Conceptualizing Experience: A Tourist Based Approach.	VOLO, S.	2009	Journal of Hospitality Marketing & Management	Artigo	
EXPERIÊNCIA TURÍSTICA E FENOMENOLOGIA	A phenomenological view of the behavioral tourism research literature.	GNOTH, J.; MATTEUCCI, X.	2016	Internal Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research	Artigo
	A phenomenology of tourist experiences.	COHEN, E.	1979	LIVRO!	Artigo
EXPERIÊNCIA EMOCIONAL NO TURISMO	Measuring Tourists' Emotional Experiences toward Hedonic Holiday Destinations	HOSANY, S.; GILBERT, D.	2010	Journal of Travel Research	Artigo
	Appraisal Determinants of Tourist Emotional Responses.	HOSANY, S.	2012	Journal of Travel Research	Artigo
	Patterns of tourists' emotional responses, satisfaction, and intention to recommend.	HOSANY, S.; PRAYAG, G.	2013	Journal of Business Research	Artigo
	Measuring Tourists' Emotional Experiences: Further Validation of the Destination Emotion Scale.	HOSANY, S.; PRAYAG, G.; DEESILATHAM, S.; CAU-EVIC, S.; ODEH, K.	2015	Journal of Travel Research	Artigo
	A Psycholinguistic View of Tourists' Emotional Experiences.	RAHMANI, K.; GNOTH, J.; MATHER, D.	2019	Journal of Travel Research	Artigo
	Development of a Scale to Measure Memorable Tourism Experiences.	KIM, J.H.; FESENMAIER, D. R.;	2015	Journal of Travel Research	Artigo
	Current and potential methods for measuring emotion in tourism experiences: a review.	LI, S.; SCOTT, N.; WALTERS, G.	2015	Current Issues in Tourism	Artigo
TURISMO DE AVENTURA	Turismo de Aventura: conceitos e estudos de caso.	SWARBROOKE, J.; et. al.	2003	Editora Elsevier	Livro
	Turismo de Aventura: reflexões e tendências.	UVINHA, R. R. (org.)	2005	Editora Aleph	Livro
	Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza.	MARINHO, A. BRUHNS, H. T. (org.)	2006	Editora Manole	Livro
	Turismo, lazer e natureza.	MARINHO, A. BRUHNS, H. T. (org.)	2003	Editora Manole	Livro
	A tri-method approach to a review of adventure tourism literature: bibliometric analysis, content analysis, and a quantitative systematic literature review. Journal of Hospitality & Tourism Research, Vol. 42, No. 6, August 2018, p. 997-1020.	CHENG, M.; et al.	2018	Journal of Hospitality & Tourism Research	Artigo
	Is adventure tourism a coherent concept? A review os research approaches on adventure tourism.	RENTALA, O.; ROKENES, A.; VALKONEN, J.	2018	Annals of Leisure Research	Artigo
TURISMO DE MONTANHA E MONTANHISMO	Mountain Tourism: experiences, communities, environments and sustainable futures.	RICHINS, H.; HULL, J. (ed.)	2016	CABI Publishing	Livro
	Tourism and development in mountain regions.	GODDE, P. M.; PRICE, M. F.; ZIMMERMANN, F. M. (ed.)	1999	CABI Publishing	Livro
	The commodification of Mountaineering.	JOHNSTON, B.; EDWARDS, T.	1994	Annals of Tourism Research	Artigo
	Tourism in protected areas: the nepalese Himalaya	NEPAL, S.	2000	Annals of Tourism Research	Artigo
	Mountain Tourism: Toward a Conceptual Framework	NEPAL, S.; CHIPENIU, R.	2005	Tourism Geographies	Artigo
	Organisation and professional development of mountain guides and leaders in tourist regions: The Swiss case compared with the French experience	CLIVAZ, C.; LANGENBACH, M.	2020	Journal of Outdoor Recreation and Tourism	Artigo
	As montanhas do Marumbi.	ALVES, N. L. P.	2008	Edição do Autor	Livro
	Práticas de natureza: movimento e contemplação nas montanhas do Marumbi	CARVALHO, A. I. de	2014	Antíteses	Artigo
	Um conjunto de montanhas e de práticas culturais como escala de pesquisa em história ambiental	CARVALHO, A. I. de	2015	Revista de História Regional	Artigo
	Entre rochas e floresta, um lugar para os marumbinistas	CARVALHO, A. I. de	2011	Anais XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH	Artigo
	Determining Factors of Mountain Destination Innovativeness	KUSCER, K.	2011	Paper presented at the TTRA 2011 European chapter conference: Creativity and innovation in tourism, Archamps.	Artigo
	Because It Is There: The Challenge of Mountaineering... for Utility Theory	LOEWENSTEIN, G.	1999	KYKLOS	Artigo
	EXPERIÊNCIA EM MONTANHA	The development of tourism in the mountain environment: The Problem of Sustainability	SINGH, T. V.	1991	Tourism Recreation Research
Why People Climb: The Relationship of Participant Motives and Experience Level to Mountaineering		EWERT, A.	1985	Journal Leisure Research	Artigo
Mountain guiding and adventure tourism: reflections on the choreography of the experience		BEEDE, P.;	2003	Leisure Studies	Artigo
Personality, basic emotions, and satisfaction: Primary emotions in the mountaineering experience		FAULLANT, R.; MATZLER, R.; MOORADIAN, T. A.	2011	Tourism Management	Artigo
EXPERIÊNCIA NO TURISMO DE AVENTURA	High Mountain Adventure Tourism: Trekkers' Perceptions of Risk and Death in Mt. Everest Region, Nepal	MU, Y. NEPAL, S.	2016	Asia Pacific Journal of Tourism Research	Artigo
	The influence of the environment on adventure tourism: from motivations to experiences	GIDDY, J. R.; WEBB, N. L.	2018	Current Issues in Tourism	Artigo
	Can't we all just get along? Emotions and the team guiding experience in adventure tourism	MACKENZIE, S. H.; KERR, J. H.	2013	Journal of Destination Marketing & Management	Artigo
	Fear and adventure tourism in Brazil	CARNICELLI-FILHO, S.; SCHWARTZ, G. M.; TAHARA, A.	2010	Tourism Management	Artigo
POMFRET - MONTANHISMO E/OU EXPERIÊNCIA	Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura	SPINK, M. J.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P.	2005	Psicologia: reflexões e crítica	Artigo
	Exploring efficacy in personal constraint negotiation: An ethnography of mountaineering tourists	DORAN, A.; POMFRET, G.	2019	Tourist Studies	Artigo
	Personal emotional journeys associated with adventure activities on packaged mountaineering holidays	POMFRET, G.	2012	Tourism Management Perspectives	Artigo
	Package mountaineer tourists holidaying in the French Alps: An evaluation of key influences encouraging their participation	POMFRET, G.	2011	Tourism Management	Artigo
Mountaineering adventure tourists: a conceptual framework for research	POMFRET, G.	2006	Tourism Management	Artigo	
P. E. PICO PARANÁ	Geografia Física do Estado do Paraná.	MAACK, R.	2017	Editora UEPG	Livro
ÓRGÃOS OFICIAIS	ADVENTURE TRAVEL TRADE ASSOCIATION (ATTA). Disponível em: www.adventuretravel.biz				Site
	UIAA. Federação Internacional de Escalada e Montanhismo. Disponível em: www.theuiaa.org				Site
	ABETA. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Disponível em: www.abeta.tur.br				Site
	CBME. Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada. Disponível em: www.cbme.org.br				Site
	FEPAM. Federação Paranaense de Montanhismo. Disponível em: www.fepampr.org.br				Site
	CPM. CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO. Disponível em: www.cpm.org.br				Site
WORLD ADVENTURE SOCIETY. Disponível em: www.worldadventuresociety.org				Site	

APÊNDICE 4 - DEFINIÇÃO DAS EMOÇÕES SEGUNDO OS DICIONÁRIOS MICHAELIS E PRIBERAM

EMOÇÃO	MICHAELIS	PRIBERAM
Alegria	1 Estado de contentamento ou prazer moral; júbilo, regozijo. 2 Acontentamento agradável, feliz. Antônimo: tristeza.	1. Sentimento de grande contentamento, que geralmente se manifesta por sinais exteriores. 2. Acontentamento feliz. 3. Divertimento, festa. Sinônimos: felicidade, gáudio, júbilo, regozijo. Antônimo: tristeza.
Tristeza	1. Estado ou qualidade de triste. 2. Ausência do sentimento de alegria. 3. Manifestação característica de mágoa. 4 Profundo pesar, desgosto, enturvação. Sinônimo: tristeza.	1. Qualidade ou estado do que é ou está triste. 2. Mágoa. 3. Aflição. 4. Pena. 5. Angústia. 6. Inquietação. 7. Melancolia.
Expectativa	1 Situação de quem espera um acontecimento em tempo anunciado ou conhecido. 2 Esperança baseada em supostos direitos, probabilidades ou promessas. 3 Estado de quem espera um bem que se deseja e cuja realização se julga provável.	1. Ato ou efeito de esperar (sinônimo: espera). 2. Esperança baseada em supostos direitos, probabilidades, pressupostos ou promessas (ex.: o livro superou as expectativas). 3. Ação ou atitude de esperar por algo ou por alguém, observando (sinônimo: esperança). Sinônimo geral: expectativa.
Surpresa	1 Ação ou efeito de surpreender (-se). 2 Fato ou coisa que causa surpresa, admiração ou espanto. 3 Acontecimento imprevisto, repentino ou inesperado. 4 Alguma coisa que proporciona prazer inesperado; presente.	1. Ato ou efeito de surpreender ou de ser surpreendido. 2. Espanto (causado por algo inesperado). 3. Sobressalto; perturbação; pasmo. 4. Sucesso inesperado, fato ou incidente inopinado. 5. Prazer inesperado. 6. Que acontece ou surge de repente; que não está previsto. Como adjetivo, pode ser ligado por hífen ao substantivo que qualifica. Sinônimos: imprevisto, inesperado.
Raiva	1. Violento acesso de fúria; cólera, ira. 2. Estado ou sentimento de rancor causado por irritação, aborrecimento ou rejeição. 3 Apetite ávido. 4. Paixão ardente. 5. Grande aversão a algo ou alguém; ojeriza.	1. Sentimento de fúria intensa que pode manifestar-se através de agressividade física ou verbal (sinônimo: cólera, ira). 2. Grande irritação ou aversão em relação a algo ou alguém (sinônimo: horror, ódio, rancor).
Medo	1. Estado psíquico provocada pela consciência do perigo, real ou apenas imaginário, ou por ameaça. 2. Receio de ofensividade irracional; temor. 3. Receio de ofender, de causar mal ou de que ocorra algo desagradável.	1. Estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários (sinônimos: fobia, pavor, terror). 2. Ausência de coragem (sinônimos: receio, temor). 3. Preocupação com determinado .fato ou com determinada possibilidade (sinônimos: apreensão, receio).
Desgosto	1. Ausência de alegria ou prazer; desprazer. 2 Estado de espírito de quem se sente triste ou desgostoso; mágoa, melindre. 3 Grande infelicidade; mortificação, tribulação. 4. Privação de amor ou simpatia; desafeto. 5.s Sentimento de quem está pesaroso; pesar, tristeza	1. Desprazer. 2. Sentimento de mágoa. 3. Pesar. 4. Desagrado; aversão; repugnância; dissabor.
Preocupação	1 Ato ou efeito de preocupar (-se). 2 Estado de preocupado. 3 Estado de quem se encontra absorvido por uma ideia; ideia fixa; pensamento dominante. 4 Inquietação resultante dessa ideia. 5 Atitude gentil; atenção, cuidado, gentileza. 6 Ideia preconcebida; opinião desfavorável que se expressa antecipadamente.	1. Estado de um espírito ocupado por uma ideia fixa a ponto de não prestar atenção a nada mais. 2. Inquietação. 3. Desassossego. 4. Pressentimento triste.
Amor	1 Sentimento que leva uma pessoa a desejar o que se lhe afigura belo, digno ou grandioso. 2 Grande afeição que une uma pessoa a outra, ou a	1. Disposição dos afetos para querer ou fazer o bem a algo ou alguém. 2. Entusiasmo ou grande interesse por algo (sinônimo: paixão). 3. Aquilo que

	<p>uma coisa, e que, quando de natureza seletiva e eletiva, é frequentemente acompanhada pela amizade e por afetos positivos, como a solicitude, a ternura, o zelo etc.; afeto, devoção. 3. Apego a coisas ou a objetos inanimados e ideais que proporcionem prazer; entusiasmo, paixão.</p> <p>1 Estado ou condição de pessoa que se sente ou está só; isolamento. 2 Qualidade ou característica de local ermo ou solitário. 3. Local solitário e despovoado; retiro. 4 Sensação ou condição de pessoa que vive isolada do seu grupo.</p>	<p>é objeto desse entusiasmo ou interesse. 4. Qualidade do que é suave ou delicado (ex.: se faz isso mais amor. 5. Sinônimos: brandura, delicadeza, suavidade). 6. Ligação intensa de caráter filosófico, religioso ou transcendente (ex.: amor a montanha. Antônimo: desrespeito). Grande dedicação ou cuidado (sinônimo: zelo).</p>
Solidão		<p>1. Estado do que está só. 2. Lugar solitário (sinônimo: retiro). 3. Isolamento. 4. Lugar despovoado (sinônimo: ermo).</p>
Paz	<p>1. Tranquilidade e ausência de conflito entre as pessoas; calma, equilíbrio, serenidade. 2. Ausência de conflitos ou inquietações pessoais; tranquilidade da alma. 3. Ausência de ruído, agitação; quietude, remanso, sossego.</p>	<p>1. Quietação de ânimo. 2. Sossego, tranquilidade. 3. Boa harmonia. 4. Concórdia, reconciliação.</p>

FONTE: Organizado pela autora (2020) com base nos Modelos das Emoções de Izard (1977); Plutchick (1980) e Richins (1997) e definições para o português como fonte nos Dicionário Priberam (2020) e Michaelis (2020).

APÊNDICE 5 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO E UTILIZAÇÃO DOS REGISTROS DOS CADERNOS DE CUME DO PICO PARANÁ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO E UTILIZAÇÃO DOS REGISTROS DOS CADERNOS DE CUME DO PICO PARANÁ

Curitiba, 15 de abril de 2021.

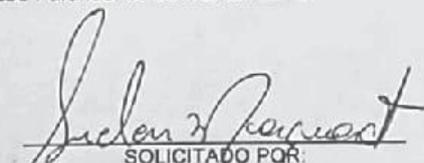
AO CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO (CPM)

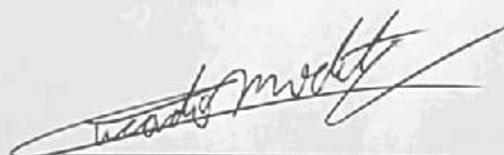
SENHOR PRESIDENTE RICARDO MODESTO,

Eu, **Suelen Marquardt**, CPF: 006.259.719-14, aluna da pós-graduação do Mestrado em Turismo, da Universidade Federal do Paraná (PPGTUR/UFPR), sob orientação inicial da Prof.^a Dr.^a Leticia Bartoszeck Nitsche (no período de março 2019 à dezembro de 2020) e atualmente orientada pelo Prof. Dr. Marcelo Chemin, solicito a autorização para acesso e utilização dos registros dos Cadernos de Cume do Pico Paraná (tanto os já disponíveis na internet¹, bem como os cadernos físicos sob responsabilidade do CPM), para fins de condução da pesquisa intitulada "Turismo de Montanha: experiência turística a partir da memória dos cadernos de Cume do Pico Paraná" sob minha responsabilidade, que tem por principal objetivo descrever a experiência de montanha do visitante no Pico Paraná, a partir dos relatos dos Cadernos de Cume. Para fins de utilização desses registros, comprometo-me aos seguintes itens:

- a. Confidencialidade e Sigilo:** A pesquisadora assegura que o caráter anônimo e a confidencialidade dos participantes que registraram esses depoimentos serão mantidos em estrita confidencialidade e que suas identidades, assim como qualquer outra forma de identificação, serão protegidas e resguardadas. Os registros que contenham dados dos participantes, não serão identificados pelo nome, mas por um código (por exemplo, participante A, B, e assim por diante). Será mantido o sigilo sobre nomes e dados pessoais e sua utilização estará restrita apenas à pesquisadora mencionada neste termo.
- b. Destino dos Resultados da Pesquisa:** essas informações serão utilizadas para a dissertação, e possivelmente, em publicações em revistas científicas, relacionadas à área estudada, ou apresentação em reuniões científicas, congressos, jornadas, etc, atendendo os itens A e C desse Termo.
- c. Referência do Material:** será referenciado na pesquisa que os Cadernos de Cume foram disponibilizados pelo Clube Paranaense de Montanhismo (CPM).
- d. Manipulação, guarda e devolução do material:** a manipulação, guarda e demais procedimentos de segurança são de inteira responsabilidade da pesquisadora e comprometo-me a devolver os Cadernos de Cume de forma íntegra ao Clube Paranaense de Montanhismo.
- e. Resultados da pesquisa:** os resultados da pesquisa serão apresentados (por escrito ou oralmente) para o Clube Paranaense de Montanhismo.
- f. Cadernos de Cume disponibilizados:** parte desse material já se encontra digitalizado e disponibilizado na internet¹ e outra parte, em material físico, para digitalização.

Este documento foi elaborado em duas (2) vias, uma ficará com a pesquisadora e outra com o Clube Paranaense de Montanhismo.


SOLICITADO POR:
SUELEN MARQUARDT
Pesquisadora Responsável (PPGTUR/UFPR)
Telefone p/ contato: (41) 9-9221-7070


AUTORIZADO POR:
RICARDO MODESTO
Presidente
Clube Paranaense de Montanhismo

¹ Disponível em: <https://www.cpm.org.br/memoriasdecume>

ANEXO 1 – CONTRIBUIÇÕES DE HENRIQUE PAULO SCHMIDLIN (VITAMINA) PARA A PESQUISA¹⁶

A autora Suelen Marquardt, em seu envolvimento nas lides profissionais ligadas ao meio ambiente, em especial com a floresta atlântica, perlustrando seus impérvios em todas suas dimensões, participando no restauro e revitalização do caminho Colonial do Itupava, a fez apaixonar-se pela História, Climatologia e as Ciências Naturais, e o rápido acesso as alturas para contemplar a paisagem, acelerou o passo para acrescentar ao seu curriculum: Montanhista!

Esse acesso as principais cumeadas, lhe proporcionou o contato direto com as chamadas CAIXAS DE CUME, que abrigam os cadernos de registros dos que o assomam o pico. Em reflexão para sua graduação acadêmica, a estimulou direcionar seu trabalho, para uma pesquisa brasileira inédita ou seja: trazer a lume todos esses (registros,) e a certeza que abrirá as portas para os mais variados ângulos do saber: Antropologia, Sociologia, Psicologia, Esporte, Estatística. História, Geografia, Geologia, Fauna, Botânica e Esportes.

Dentro dessa premissa inédita da Suelen, concomitantemente nos obriga referendar e acrescentar dois nomes intrinsicamente ligados a esses Registros: Rudolf Stamm e Adyr Kroland Pinto.

O primeiro foi responsável pelo neologismo “ marumbinismo”, em versão mais feliz do que a proposta por Romario Martins em 1936, sugerindo “marumbistas”. Fundou, ainda o Círculo de Marumbinistas de Curitiba no ano de 1942, que chegou a contar 400 sócios, com intensas ações sobre a orografia costeira paranaense, e contribuir decisivamente no Tombamento da Serra do Mar Paranaense, que aconteceu em 1986.

O grande fluxo de escaladores e a fragilidade do bioma rupestre observado pelo Stamm, fez com que idealiza-se o primeiro manejo sustentado em montanhas. Percebeu que o aumento do pisar humano, causava sério impacto da vegetação sobre as rochas, forçando o seu escalador a desviar sua marcha, ora à esquerda ou à direita, ampliando e acelerando a exposição ao granito. Para evitar essa natural tendência, iniciou a instalação de correntes e degraus, forçando ao usuário manter sua rota de subida. Sobre a cobertura virente no trânsito de aproximação, proporcionava numerosas perdas, além da acelerada degradação sobre a mata atlântica, solucionou através de farta sinalização, em especial nos cruzamentos e pontos das perdas. Por

¹⁶ Texto na íntegra de Henrique Paulo Schmidlin (Vitamina), repassado por e-mail no dia 12 ago. 2021. Vale destacar que ele sempre esteve presente em todos os momentos da pesquisa. Ao ser solicitado para escrever um breve texto histórico sobre os Cadernos de Cume do Pico Paraná, de uma maneira muito gentil e carinhosa concedeu esse relato rico em detalhes. Por sua valiosa contribuição, achei pertinente inserir na sua totalidade.

derradeiro, colocou em cada cume, informações pertinentes ao local: nome, altitude, conquistadores, e concomitantemente introduziu as Caixas de Registro, nos moldes europeu.

Lá, fabricadas exclusivamente em aço, inclusive nas capas protetoras dos cadernos. Com a abundância de madeira no Brasil, Stamm optou por caixas de madeira, com pesada tampa para proteger dos ventos, e para a guarda do caderno, copiou o sistema europeu das três capas. Recorreu ao zinco bem mais barato e fácil de trabalhar. Nesses cadernos m de registro, trazia os nomes dos visitantes, e normalmente acompanhado de inesperados comentários. Só a guiza de curiosidade, trazemos as dimensões da primeira capa: media 18 centímetros de comprimento, por 14 de largura e 2 de espessura A segunda capa servia de tampa para a primeira, por isso um pouco maior para o cobrir e, por último, a terceira, que protegia as duas anteriores. A medida que os cadernos eram preenchidos, Stamm de imediato os substituía, encadernava e arquivava no clube. Atitude que durou enquanto vivo. Com o seu ocaso existencial, cessaram essas substituições regulares, felizmente esses cadernos preenchidos eram recolhidos pelos os escaladores, que nos confiaram a guarda. De imediato, cedíamos aos clubes, para os xerocar e arquivar a cópia. Socializamos essas preciosidades!

Finalmente, o terceiro personagem: Adyr Kroland Pinto, fundador em 1949, do Clube Excursionista Tribo dos Chavantes, que pacientemente transcreveu todos os registros do Pico Paraná, desde sua conquista em 13 julho de 1941, até a escalada de número 134, que aconteceu em 01 e 02 de maio de 1971.

Fomos um dos privilegiados com uma cópia. Lembrar que até 1941, o pico Marumbi era considerado o ponto culminante do Paraná e Brasil sul, e com seus registros feitos desde 1879, e com forte carga de visitantes, cujo império foi destronado, quando das observações e análises altimétricas em 1940 e 1941 protagonizadas por Reinhard Maack, e descobrir a montanha mais alta: o Pico do Paraná, desbancando o vetusto Marumbi, e para onde ocorreram as novas incursões montanheiras. Para Suelen esses registros representaram preciosidade caída do céu!

Essas anotações dos livros de cume, são fatores decisivos para alimentar amplo leque analítico, em especial, nas áreas humanas, bem ao contrário dos registros obrigatórios exigidos na base para permitir o acesso. Os cadernos exibem PASSIONALIDADE!

Com esse trabalho, Suelen abriu um gama enorme de elementos para estudiosos, e contribui sobremaneira para o desenvolvimento e idealização de boas práticas montanheiras.

Congratulamos a autora deste aporte acadêmico, e face seu ineditismo, verdadeiro subsídio analítico desde o dealbar do montanhismo paranaense, iniciado em 1879!

Parabéns Suelen!